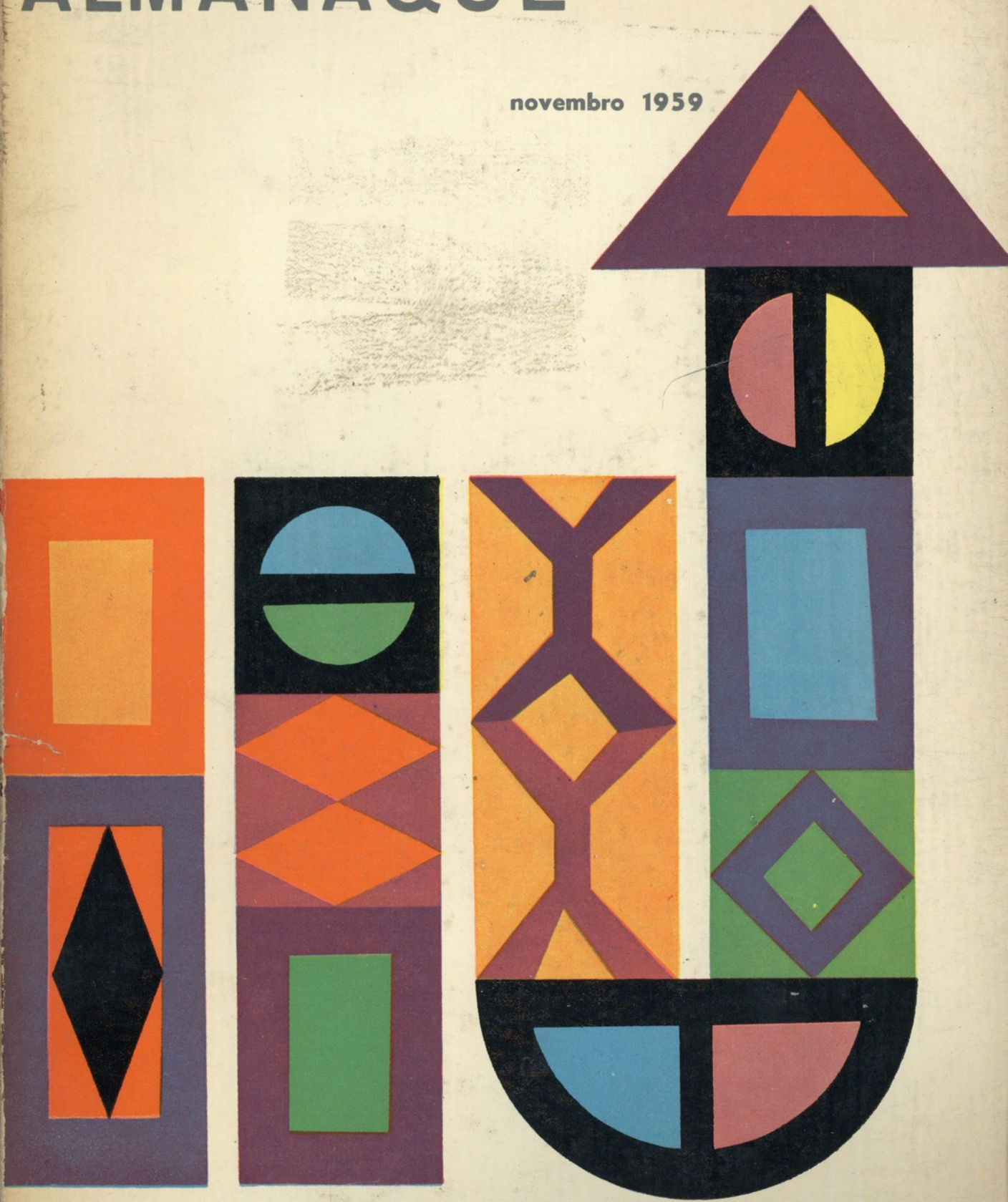
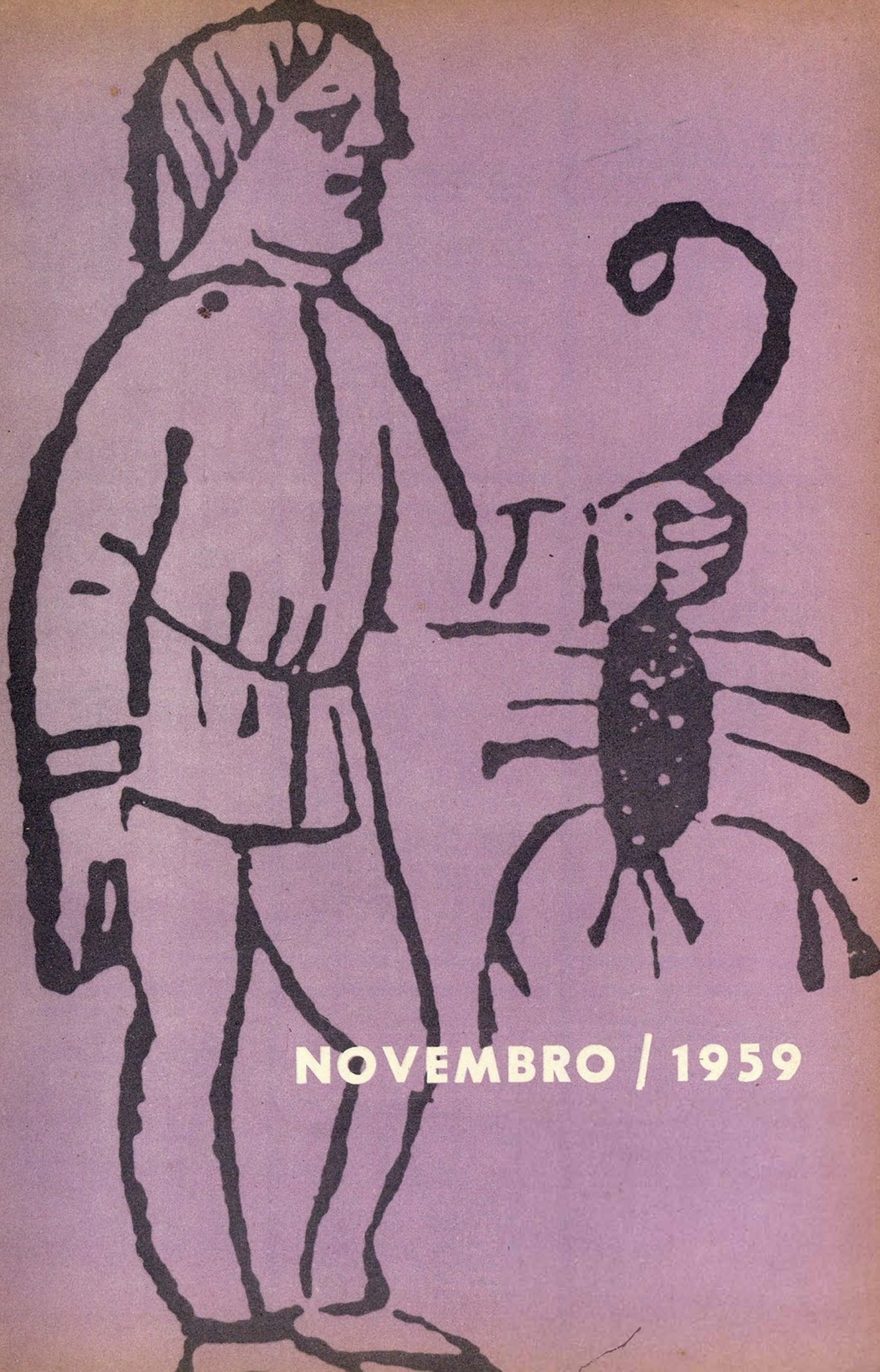


ALMANAQUE

novembro 1959







NOVEMBRO / 1959

Até ao dia 23 o Sol encontra-se sob o signo zodiacal do Escorpião. A 1 h e 28 m desse dia entra no signo de Sagitário. De 1 a 30 os dias descem 54 m.

O dia 30 tem 9 h e 36 m e a sua noite 14 h e 24 m. No dia 1 o Sol nasce às 7 h e 38 m.



1 — Domingo. — Festa de Todos-os-Santos. — Feiras de Alcains, Almargem de S. Quintino, Alvito, Bemposta, Borba, Caminha, Caria (Belmonte), Cartaxo, Cardal (Valença), Livramento (Mafra), Mação, Oleiros, Pinhel, S. Varão, Silves, Tentúgal, Sernancelhe.

MARÉS

PREIA - MAR
BAIXA - MAR
 HORA 3.14 | HORA 15.39
 ALT. 4.34 | ALT. 4.36

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 9.01 | HORA 21.22
 ALT. 0.63 | ALT. 0.63

2 — 2.ª-feira. — Dia de Finados.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 3.52 | HORA 16.20
 ALT. 4.39 | ALT. 4.36

MANHÃ | TARDE
MANHÃ | TARDE
 HORA 9.41 | HORA 22.00
 ALT. 0.61 | ALT. 0.69

3 — 3.ª-feira. — S. Malaquias.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 4.34 | HORA 17.01
 ALT. 4.34 | ALT. 4.20

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 10.20 | HORA 22.38
 ALT. 0.69 | ALT. 0.83

4 — 4.ª-feira. — S. Vital.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 5.21 | HORA 17.50
 ALT. 4.23 | ALT. 4.01

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 11.06 | HORA 23.22
 ALT. 0.83 | ALT. 1.05

5 — 5.ª-feira. — S. Zacarias e Santa Isabel (pai e mãe de S. João Baptista).

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 6.08 | HORA 18.42
 ALT. 4.06 | ALT. 3.79

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 11.55 | HORA —
 ALT. 1.05 | ALT. —

6 — 6.ª-feira. — S. Gregório. — Feiras de Atougia da Baleia, Lagoa (Faro), P. de Regalados.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 7.08 | HORA 19.44
 ALT. 3.87 | ALT. 3.59

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 0.10 | HORA 12.57
 ALT. 1.31 | ALT. 1.29

7 — Sábado. — S. Florêncio. — Quarto crescente às 13 h e 22 m.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 8.08 | HORA 20.50
 ALT. 3.70 | ALT. 3.45

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 1.18 | HORA 14.08
 ALT. 1.55 | ALT. 1.49

8 — Domingo. — S. Deodato.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 9.10 | HORA 22.00
 ALT. 3.59 | ALT. 3.40

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
 HORA 2.33 | HORA 15.30
 ALT. 1.72 | ALT. 1.59

9 — 2.^a-feira. — S. Teodoro.
— Feira da Golegã (prolonga-se até 11).

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 10.30 | HORA 23.17
ALT. 3.58 | ALT. 3.46

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 3.57 | HORA 16.49
ALT. 1.75 | ALT. 1.53

11 — 4.^a-feira. — S. Marti-
nho. — Feiras de Ega, Porti-
mão, Ranhados (Mede), Tábua,
Venda do Pinheiro.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 0.30 | HORA 12.50
ALT. 3.61 | ALT. 3.78

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 6.26 | HORA 18.51
ALT. 1.49 | ALT. 1.31

10 — 3.^a-feira. — Santo André.
— Feiras de Casteleiro, Penafiel
(prolonga-se até 20), Porteira
(prolonga-se até 17).

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 11.40 | HORA —
ALT. 3.65 | ALT. —

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 5.12 | HORA 17.50
ALT. 1.64 | ALT. 1.43

12 — 5.^a-feira. — S. Estanis-
lau.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 1.24 | HORA 13.40
ALT. 3.76 | ALT. 3.87

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 7.16 | HORA 19.38
ALT. 1.34 | ALT. 1.20

14 — Sábado. — S. Josafá.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 2.51 | HORA 15.06
ALT. 3.99 | ALT. 3.97

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 8.28 | HORA 20.42
ALT. 1.12 | ALT. 1.10

13 — 6.^a-feira. — S. Diogo
de Alcalá.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 2.09 | HORA 14.28
ALT. 3.89 | ALT. 3.95

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 7.56 | HORA 20.12
ALT. 1.21 | ALT. 1.14

15 — Domingo. — S. Alberto
Magno. — Feiras de Alcantari-
lha, Lagos, Celorico de Basto,
Vila Facaia. — Quarto crescente
às 9 h e 42 m.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 3.16 | HORA 15.26
ALT. 4.02 | ALT. 3.93

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 8.48 | HORA 21.02
ALT. 1.05 | ALT. 1.07

17 — 3.^a-feira. — S. Gregó-
rio.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 4.10 | HORA 16.34
ALT. 3.98 | ALT. 3.78

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 9.46 | HORA 22.01
ALT. 1.05 | ALT. 1.11

16 — 2.^a-feira. — S. Leo-
poldo.

MARÉS

PREIA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 3.37 | HORA 16.00
ALT. 4.03 | ALT. 3.87

BAIXA - MAR
MANHÃ | TARDE
HORA 9.10 | HORA 21.30
ALT. 1.05 | ALT. 1.07

18 — 4.ª-feira. — Santa Claudina.

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 4.43 | HORA 17.08 |
| ALT. 3.91 | ALT. 3.69 |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 10.22 | HORA 22.32 |
| ALT. 1.10 | ALT. 1.16 |

19 — 5.ª-feira. — Santa Isabel, rainha da Hungria.

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 5.16 | HORA 17.42 |
| ALT. 3.83 | ALT. 3.59 |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 10.58 | HORA 23.05 |
| ALT. 1.17 | ALT. 1.25 |

20 — 6.ª-feira. — S. Octávio.

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 5.49 | HORA 18.16 |
| ALT. 3.74 | ALT. 3.49 |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 11.34 | HORA 23.50 |
| ALT. 1.27 | ALT. 1.39 |

21 — Sábado. — Apresentação da Santa Virgem.

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 6.32 | HORA 19.02 |
| ALT. 3.65 | ALT. 3.41 |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA — | HORA 12.21 |
| ALT. — | ALT. 1.37 |

23 — 2.ª-feira. — S. Clemente. — Quarto minguante às 13 h e 3 m.

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 8.26 | HORA 21.10 |
| ALT. 3.50 | ALT. 3.33 |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 1.44 | HORA 14.32 |
| ALT. 1.63 | ALT. 1.54 |

22 — Domingo. — Santa Cecília.

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 7.20 | HORA 20.00 |
| ALT. 3.57 | ALT. 3.35 |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 0.41 | HORA 13.22 |
| ALT. 1.51 | ALT. 1.47 |

24 — 3.ª-feira. — S. João da Cruz.

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 9.37 | HORA 22.19 |
| ALT. 3.50 | ALT. 3.39 |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 3.00 | HORA 15.44 |
| ALT. 1.67 | ALT. 1.49 |

25 — 4.ª-feira. — Santa Catarina.

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 10.46 | HORA 23.27 |
| ALT. 3.56 | ALT. 3.55 |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 4.18 | HORA 16.59 |
| ALT. 1.59 | ALT. 1.37 |

26 — 5.ª-feira. — S. Gonçalo.

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|--------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 11.49 | HORA — |
| ALT. 3.71 | ALT. — |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 5.21 | HORA 17.59 |
| ALT. 1.41 | ALT. 1.18 |

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 0.20 | HORA 12.46 |
| ALT. 3.76 | ALT. 3.89 |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 6.14 | HORA 18.46 |
| ALT. 1.19 | ALT. 0.97 |

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 1.11 | HORA 13.40 |
| ALT. 3.98 | ALT. 4.06 |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 7.03 | HORA 19.29 |
| ALT. 0.95 | ALT. 0.81 |

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 2.00 | HORA 14.26 |
| ALT. 4.16 | ALT. 4.18 |

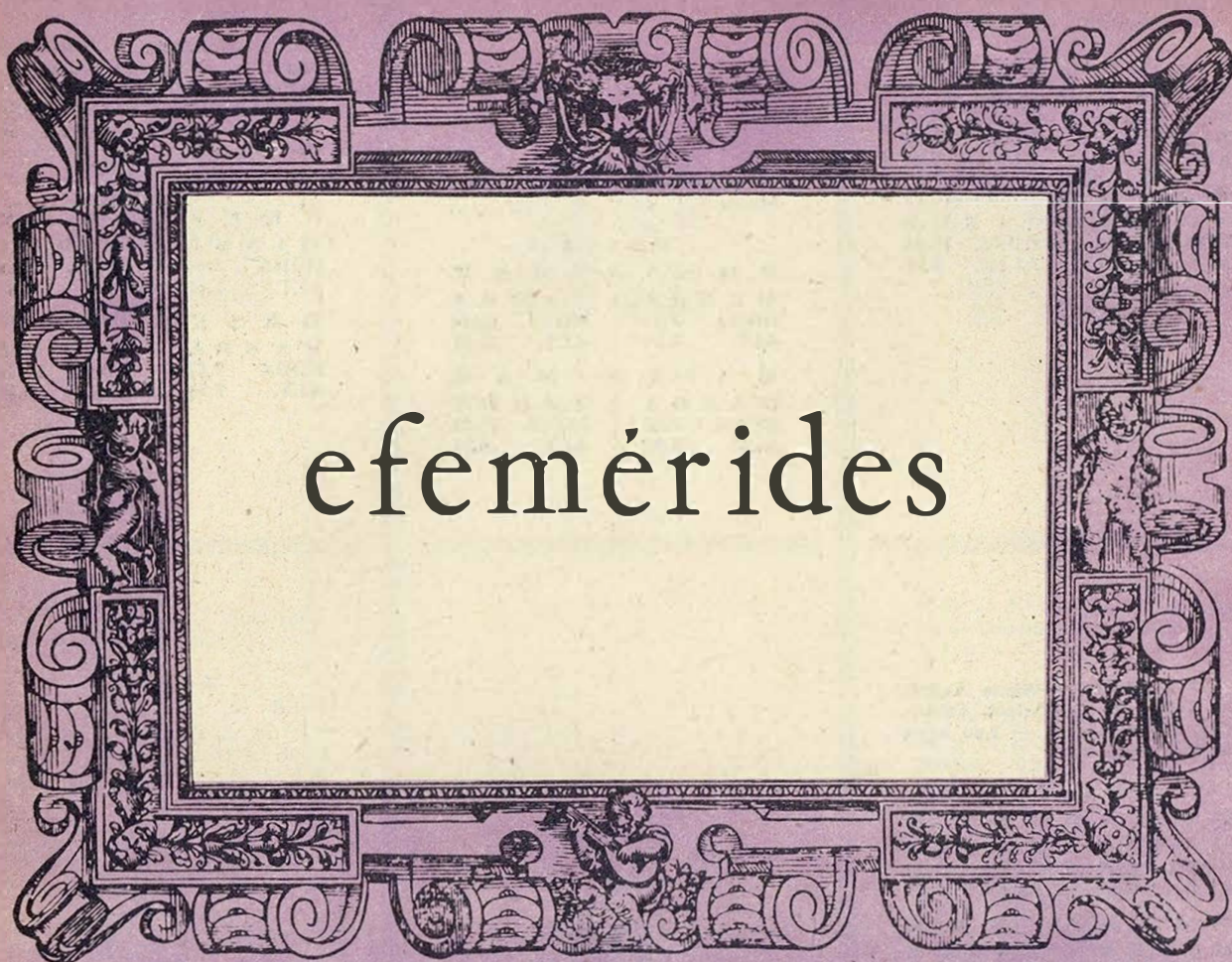
| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 7.52 | HORA 20.12 |
| ALT. 0.76 | ALT. 0.69 |

MARÉS

| PREIA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 2.49 | HORA 15.12 |
| ALT. 4.31 | ALT. 4.25 |

| BAIXA - MAR | |
|-------------|------------|
| MANHÃ | TARDE |
| HORA 8.41 | HORA 20.55 |
| ALT. 0.65 | ALT. 0.65 |





novembro através dos tempos



CASAMENTO DO PRÍNCIPE D. AFONSO

3 de Novembro de 1490. Celebra-se em Estremoz com festas brilhantíssimas que ficaram célebres o casamento do Príncipe D. Afonso (filho de D. João II) com D. Isabel (filha dos reis católicos Fernando e Isabel). Oito meses volvidos morria o Príncipe num desastre que é assim descrito num romance do Arquipélago da Madeira (coligido por Álvaro Rodrigues de Azevedo):

Já casada estava eu
Bem sete meses havia,
E passou um pombo negro
Que más novas me trazia.

— Novas, Senhora, vos trago
Más novas, de grande mal;
Que morre vosso marido,
Infante de Portugal!
Caindo com seu cavalo
Nas ribas do arenal.

... ..

E daí pus-me a chamar
Tendo ouvido o meu recado.
— Ide lá físico mestre,
Ide já aparelhado
Com vossa lanceta de ouro
Sua liga de brocado;
Dai-lhe sangria pequena
Não se sinta o coitado.

E lá me fui de carreira;
As damas me acompanharam;
Mas, por muito que corressem,
As damas não me avançaram.
Os meus ais, quando cheguei,
O meu infante acordaram.

— A que vindes cá infanta!
Estou aqui, 'stou a acabar;
Ficareis menina moça,
Cedo vireis a casar.

... ..

O meu infante morreu,
Infante de Portugal,

Ali perto das águas frias,
Nas ribas do arenal.

REVISÃO DO PROCESSO DREYFUS

7 de Novembro de 1898. Quando foi ordenada a revisão do processo Dreyfus em 1898 a questão estava neste pé: em 1894 verificara-se um desvio de informações no Ministério da Guerra e o oficial de artilharia Alfredo Dreyfus, cuja letra era muito parecida com a de um documento altamente comprometedor, foi considerado suspeito. Note-se que os peritos de grafologia não estiveram de acordo: um afirmou categoricamente que o manuscrito não era de Dreyfus, o outro admitiu que podia ser (a menos que se tratasse de uma imitação propositada e criminosa). Sob tais testemunhos contraditórios decidiu-se a captura do oficial suspeito.

Como o inquirido não conduziu a nada o Ministério da Guerra pôs a sua palavra na balança. No decurso de uma entrevista à Imprensa, o ministro declarou que a culpabilidade de Dreyfus era absolutamente certa, mas que, em obediência à segurança militar, as provas não podiam ser facultadas ao tribunal. Esta foi a **prova** que levou os juizes

a condená-lo, à porta fechada, algumas semanas depois.

Apesar de todas as boas-vontades de alguns homens que amavam a justiça e que por isso foram perseguidos (Zola foi condenado a um ano de cadeia e alguns oficiais que defenderam Dreyfus foram demitidos), só em 1906 foi anulada a sentença!

Porque fora Dreyfus condenado? Porque, sendo judeu, a honra do exército francês não ficava manchada!!!

Em todo o caso, o martírio de Dreyfus serviu para se avaliar de que lado estão, moralmente, os amantes da justiça. O que desonrava o exército francês não era, naturalmente, ter nas suas fileiras dois ou três espíões de sangue limpidamente gaulês. O que o manchava sim, era propor mera injustiça, condenar sem provar e à porta fechada, um inocente. O que o manchava era a falta de respeito pela dignidade e pela liberdade humana.

NASCIMENTO DE MAOMÉ

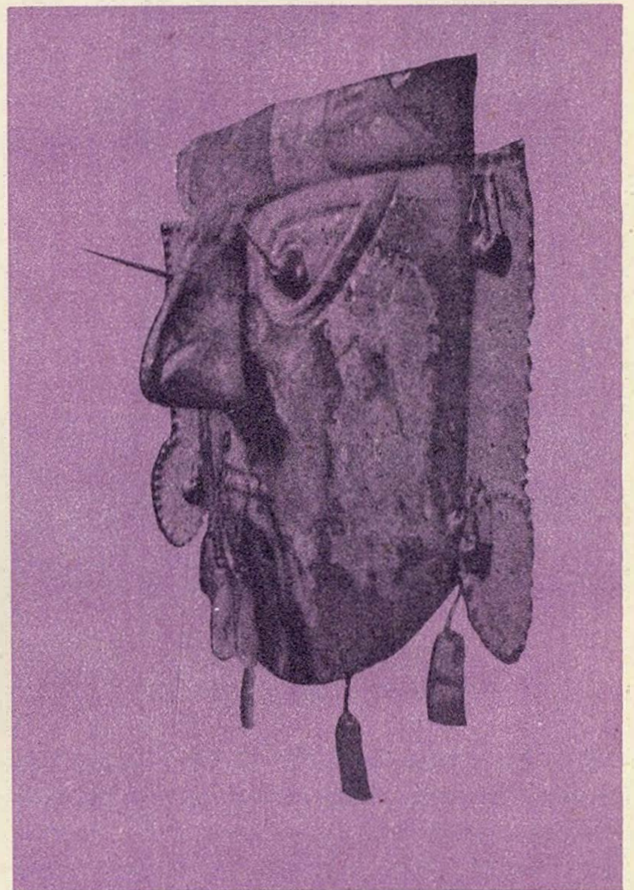
10 de Novembro de 571. Orfão de pai e mãe, muito cedo se habituou Maomé a meditar sobre a desgraça, a preocupar-se com a situação dos pobres, das viúvas, dos orfãos e dos escravos. Aos 25 anos casou-se com Khadidja. Permaneceu-lhe fiel durante 15 anos, demonstrando assim pelo exemplo — dizem os seus comentadores muçulmanos — que a monogamia deve ser a regra de vida no casamento. Com a morte de Khadidja o exemplo tornava-se desnecessário, ao que parece... Assim, Maomé casou-se numerosas vezes, quase sempre com as viúvas dos amigos (para as proteger e não porque fosse partidário da poligamia, ao que dizem os seus fiéis comentadores). Deve acrescentar-se, porém, que, apesar da sua grande e acumulada riqueza, nunca Maomé abandonou a vida simples: ele próprio acendia o lume em casa, varria o quarto e consertava a roupa. Eis algumas palavras extraídas do Corão:

«Mas afastai-vos daquele que vira as costas à nossa recordação e apenas deseja a vida deste mundo! O que eles sabem é isto! Mas, em verdade, o teu Senhor sabe melhor quem se afastou do seu caminho; Ele sabe melhor quem se deixou guiar!

«Ao Senhor pertence o que está nos céus e o que está na terra, para que possa pagar aos que fazem mal consoante o que fizeram,

para que possa recompensar com o bem os que bem procederam! Os que evitam grandes pecados e iniquidades, e só têm faltas ligeiras. Em verdade, é amplo o perdão do Senhor! Conhece-vos o melhor que é possível e desde que vos tirou da terra, desde o tempo em que éreis embriões nos ventres de vossas mães!

«Não vos atormenteis, portanto, para ser puros. Ele bem conhece o que teme!»»



O MAIS FABULOSO RESGATE DA HISTÓRIA

15 de Novembro de 1532. Dispondo embora de poucos homens, Pizarro resolvera conquistar o Peru, aproveitando-se da guerra civil existente entre os partidários de Atahualpa e de Huescar.

O primeiro entrou em negociações com os espanhóis mas estes aproveitaram a oportunidade para o prender (15 de Novembro) e chacinar milhares de índios. Atahualpa ofereceu como resgate o mais fabuloso tesouro da história. Apesar disso, e contra a opinião de Pizarro, o chefe inca foi acusado de traição e executado. Em 15 de Novembro de 1532 os espanhóis conquistavam Cuzco, a capital do Peru

NEFRETITE

18 de Novembro de 1375 a.C. Primeira crise depressiva da rainha Nefretite. Os progressos do país, a instabilidade provocada pelas alterações sociais e religiosas — que numa arte e literatura revolucionárias encontram a sua expressão mais forte — o temperamento impetuoso do marido, Parabb Amenófio IV, de quem se disse já ter sido o primeiro homem de mentalidade moderna, conjugaram-se para abalar um sistema nervoso já de si provavelmente frágil.

Recolheu-se então a uma pequena vila de província, onde à sombra das palmeiras, longe do bulício apocalíptico das grandes cidades, recuperou a paz de espírito perdida.

As insinuações que se fizeram sobre a sua possível ligação com o general Ta-Rah, misteriosamente assassinado, não pareceu encontrar confirmação à luz dos nossos conhecimentos actuais.

A MORTE DE FERNANDO PESSOA

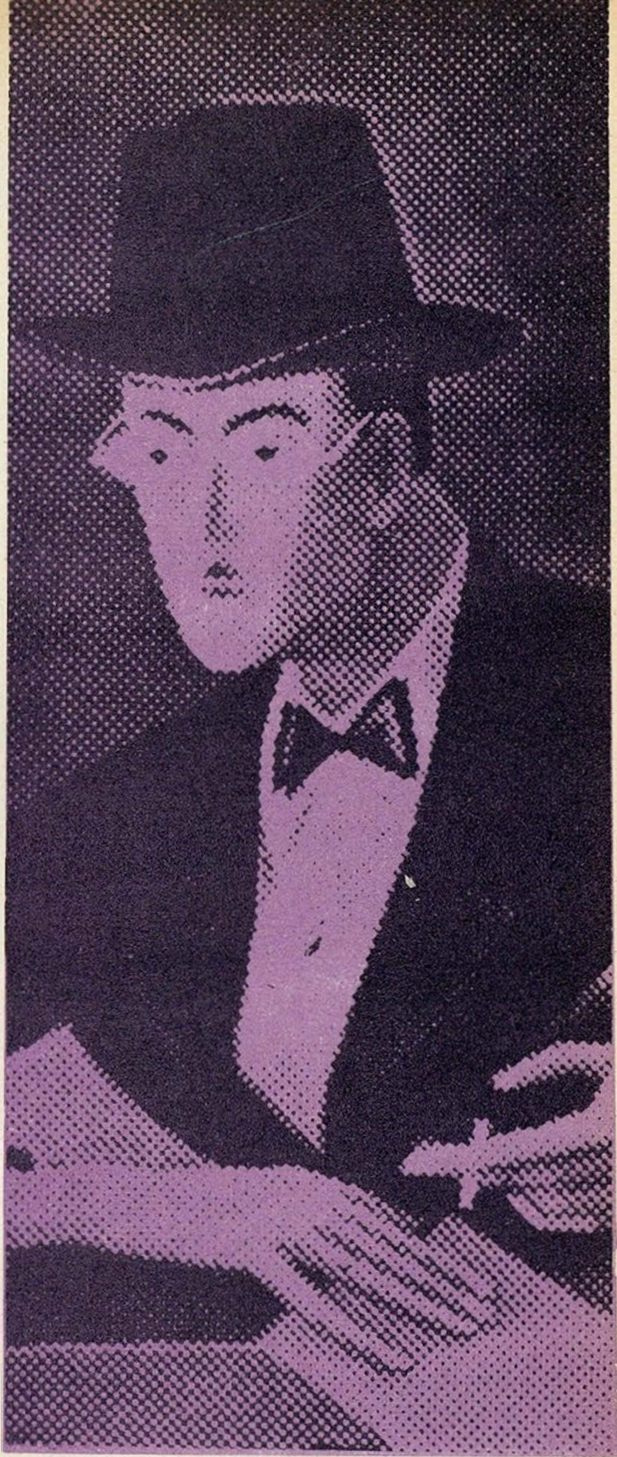
30 de Novembro de 1935. Morreu em Lisboa, Fernando Pessoa, guarda-livros — segundo noticiaram os jornais. — Este guarda-livros, cirrótico e discreto, que desaparecia aos 47 anos entre a indiferença dos seus concidadãos saudáveis, fora certamente, depois de Camões, o mais notável poeta português.

Nascido em Lisboa, em 1888, educado na África do Sul, fixado depois na sua cidade natal, Fernando Pessoa, pe'a originalidade da sua obra, que escreveu sob vários nomes cada um deles com personalidade poética própria (Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Fernando Pessoa) e pela clarificação que operou na linguagem poética portuguesa, exerceu sobre a sua geração e as seguintes (em Portugal e no Brasil) uma influência raramente encontrada na história da nossa literatura.

Praticante de ocultismo, astrólogo, racionalista nos processos, devem-se-lhe algumas das mais belas páginas da poesia mundial.

A sua «Arte Poética» pode sintetizar-se na famosa quadra:

«O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente».



Este homem genial viveu só. Os seus afectos foram sem dúvida mais intelectuais que sentimentais — a sua profunda descrença na felicidade e no progresso marcou de irremediável diletantismo grande parte da sua obra.

A lição que dele se recolhe pode ser utilíssima ou perniciosa e dele se pode dizer que viu tão bem como ninguém — o muito pouco que viu.

É dele, na boca de Alberto Caeiro, esta elucidativa frase:

«Ser poeta é a minha
maneira de estar sozinho».



a
mulher
do
mês

CLEÓPATRA

Lembram-se as guerras por amor no tempo das guerras por petróleo.

A batalha atingira o auge. Por toda a parte, tão longe quanto os olhos podiam abranger, o mar estava coalhado de galés que se enganchavam umas nas outras, de navios que mutuamente se procuravam destruir, de destroços, de cadáveres mutilados. Aqui e além ardia um barco e a tripulação atirava-se à água numa ânsia inútil de se salvar, mas logo os dardos das naus inimigas implacavelmente choviam sobre as ondas revoltas. E então, dobre de finados naquela batalha que ainda não estava perdida, uma galé de proa dourada desfraldou ao vento as velas purpurinas. Seria possível? Seguida pela frota egípcia que assim abandonava a luta, a nau de Cleópatra fazia rumo à Alexandria.

Marco António não acreditava no que os seus olhos viam. Pois não era verdade que aceitara o combate apenas porque ela o desejara? Pois não era verdade que, por ele, há muito tempo já que teria desistido da luta?

Ele bem sabia: Nos olhos meigos de Cleópatra escondia-se a traição. O amor para a rainha do Egipto não era um fim, um impulso profundo e desinteressado, mas um meio. Amara o filho de Pompeu quando Cé-

levava a taça à boca quando ela lha arrancou dos lábios sob os olhos de todos, a deu a um escravo. «Bebe», disse-lhe. Num instante o escravo caía no chão, torcendo-se de dor; segundos depois estava morto.

Simplez crueldade? Aviso? «De mim dependes — parecia querer significar. — Para ti eu sou a vida e a morte, sem mim não és nada».

Talvez Marco António ainda pudesse vencer a batalha e esmagar definitivamente o orgulho de Octávio. Mas que importava tudo isso? Cleópatra, mesmo traioeira, valia bem mais do que uma batalha vitoriosa. Embarcou numa lancha e mandou remar para a galé que se fazia ao largo.

Vendo que o almirante os abandonava, os tripulantes sentiram-se perdidos e a debandada começou. Os soldados atiravam-se à água e procuravam alcançar a terra próxima. Os últimos barcos de Marco António ardiam ou afundavam-se e o mar coalhava-se de destroços.

UM CORPO ÚTIL...

Para o **Imperator** o fim estava próximo, mas Cleópatra mantinha as suas ilusões:

um nariz que fez história

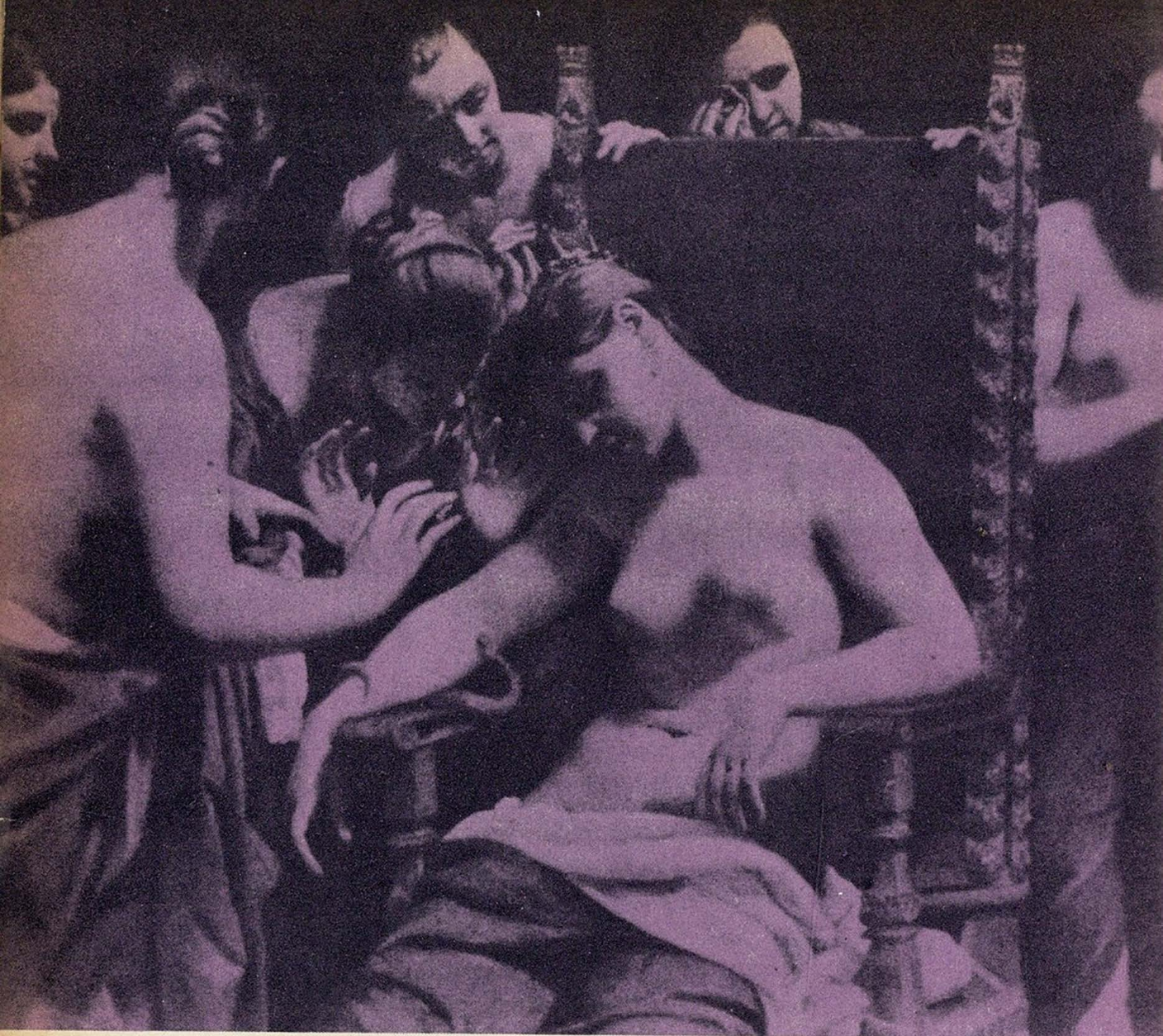
sar parecia derrotado, entregara-se a César quando César triunfara. Morto César, pertencera a António, como pertenceria agora a Octávio, se Octávio a quisesse.

Desiludido, humilhado no mais profundo da sua alma, Marco António poderia talvez lançar para as costas do passado o seu interesse por Cleópatra. Mas para ele o amor era o objectivo único da existência, como um filtro mágico circulava na intimidade das suas veias, roubava-lhe os antigos dotes de soldado, esmagava-lhe a vontade. Que importava a traição da rainha? Ocorreu-lhe ao espírito o que sucedera dias antes no quartel general de Patras. A rainha desfolhara-lhe sobre o vinho pétalas envenenadas. Já ele

triunfara sempre até ali, derrotara mesmo aqueles que haviam chegado vencedores a Alexandria. César, por exemplo.

Também nesses dias longínquos a vida lhe correria mal. O irmão mais velho — que conforme o uso entre os Ptolomeus era seu marido — tentara assassiná-la para governar sozinho, e Cleópatra havia fugido para Perusa. Com dezassete anos apenas, e os seus dias estavam contados!

Não. César chegara a Alexandria à frente das legiões romanas e instalara-se no palácio real. Quem sabe? Imediatamente Cleópatra intrevira uma possível salvação. Não conseguiria convencer César, — ela tão formosa, ela que os poetas de todo o Oriente cantavam,



ela cuja fama atraíra da longínqua Etiópia e das costas do mar vermelho príncipes de sangue que mais não ambicionavam do que vê-la por uns momentos?

Difícil, isso sim, era entrar no palácio. Centenas de punhais se erguiam por toda a parte, prontos a matá-la. Mas era preciso falar com César! Conseguiu entrar no porto de Alexandria acompanhada pelo fiel Apolodoro.

Depois escondeu-se dentro de um saco e o seu escravo pô-lo à cabeça, entrando no palácio como se levasse uma oferta a César. E então, quando este sentado no trono dava audiência, sucedeu uma coisa que a todos causou espanto. Cleópatra, saiu de dentro do saco e dirigiu-se a César.

Nessa noite César não dormiu só. O Oriente visionário e misterioso adornava-lhe o leito com a sua jóia mais preciosa.

Ptolomeu, irmão, marido e inimigo de Cleópatra, rei do Egito, quando no dia seguinte chegou e soube do que se passava, perdeu a cabeça. Fugiu para a rua e conseguiu amotinar a população que esteve prestes a assaltar o palácio. Só o sangue-frio de César conseguiu restabelecer a situação. Mas o que se seguiu foi uma luta de morte entre os partidários de um ou outro irmão. Viviam os dois no palácio como se nada houvesse, enquanto fora os homens lutavam. Nisto, Arsinoé — irmã de Cleópatra — intrometeu-se na luta, proclamando-se rainha com o argumento de que nem Ptolomeu nem a esposa eram livres. Triste destino o seu — não mais triste, de resto, do que o destino de toda essa família! Presa, acabou por fazer parte do cortejo da vitória em Roma. Presa, acabou por ser assassinada por ordem de Marco António, e

a pedido de Cleópatra! Entretanto Ptolomeu era apunhalado e o partido da rainha ficava vencedor.

Felizes os dias que se seguiram, nos braços de César, grande senhor do mundo! Foi com ele para Roma e em Roma vivia, quando soube do que se passara na Cúria. «Também tu, Bruto...?» dissera César e escondendo a cabeça, com a toga vermelha que trazia pelos ombros, caíra aos pés da estátua de Pompeu.

Nos ares surgira um cometa — César que voava para o céu!

César morto, surgira Marco António. Estava ele em Tarso quando escreveu à rainha — que entretanto regressara a Alexandria — a pedir-lhe que fosse visitá-lo. Por um instante as dúvidas haviam-na assaltado. Conheceu Marco António em Roma. Era um homem depravado, e Cleópatra nunca simpatizara com ele. Mas agora? Mandou aparelhar a sua frota e aceitou o convite, decidida a conquistar o novo **Imperator**.

«Apareceu a sua nau subindo o Cydno: o costado, a torre da popa e a proa erguida como um colo de cisne, eram de ouro, as velas de púrpura, de prata os remos cujo compasso uma orquestra de flautas e liras marcava. Num pavilhão de brocado de ouro encimado de flâmulas e galhardetes, reclinada em almofadas de penas, Cleópatra ou Vénus quase nua, cercada de rapazinhos gordos, Amores que agitavam o ar com ventarolas de penas de avestruz, sorria para o céu e para as águas cerúleas do Cydno onde os remos compassadamente levantavam pequenas ondas de espuma branca. Nereides e Graças iam aos lemes e à escota das velas; e da nau saía numa atmosfera de perfumes capitosos uma nuvem de incenso que ardia em caçoletas de ouro nas amuradas. Nas margens do rio apinhava-se a gente absorta e o tribunal de Baco-António estava deserto.

Quando a nau deitou ferro, Baco foi logo a bordo da nau de Vénus, e o soldado corou da própria rudeza. Bêbedo, perdido, lançou-se nos braços da deusa. Ela tinha uma sedução na voz, um encanto na face, um picante no amor! Soldados e povo aclamavam o consórcio dos deuses que numa orgia sem par esqueciam o tempo em caçadas, em banquetes, em jogos — ela rindo-se com amor das brutalidades de António, ele beijando-lhe as mãos coalhadas de anéis, os pés, os seios

sobre os quais um fio de pérolas pretas tonificava a pele trigueira. A uns endoidecera o desvairamento das grandezas: Baco perdia-se pelo cesarismo da luxúria. Esqueceu Fúlvia, esqueceu Roma, o seu rival Octávio e os parthos que tinha a combater; esqueceu tudo, e delirante, cercado pelos braços de Cleópatra que o prendiam, partiu numa rajada para Alexandria com a amante, perdido de amor por ela. Soltaram-se as velas de púrpura, bateram os remos de prata: vogava a nau direita ao Egipto levando a bordo os noivos olímpicos na lua-de-mel da **amimetobia** — a vida incomparável».

Naquele mundo de felicidade, uma única dúvida; Arsinoé, a irmã aprisionada por César e que acorrentada desfilara em Roma na marcha da Vitória, vivia ainda, era um perigo potencial para a rainha. E assim como conseguira que César mandasse matar o irmão mais velho, e assim como ela própria ao fugir de Roma matara o irmão mais novo, consegue que Marco António mande matar Arsinoé.

Mas a vida é uma luta constante. Cada vitória é apenas o início de uma nova batalha. A conquista de Marco António daria a Cleópatra alguns anos de poder e de felicidade, não lhe garantiria o triunfo definitivo. Mas será possível alguma vez o triunfo definitivo?

No horizonte erguia-se avançava e crescia a figura de Octávio. O mundo romano não comportava os dois senhores: a luta terminaria somente quando um deles estivesse morto. Ah, quem poderia adivinhar nas estrelas qual dos dois seria o vencedor! Octávio? António?

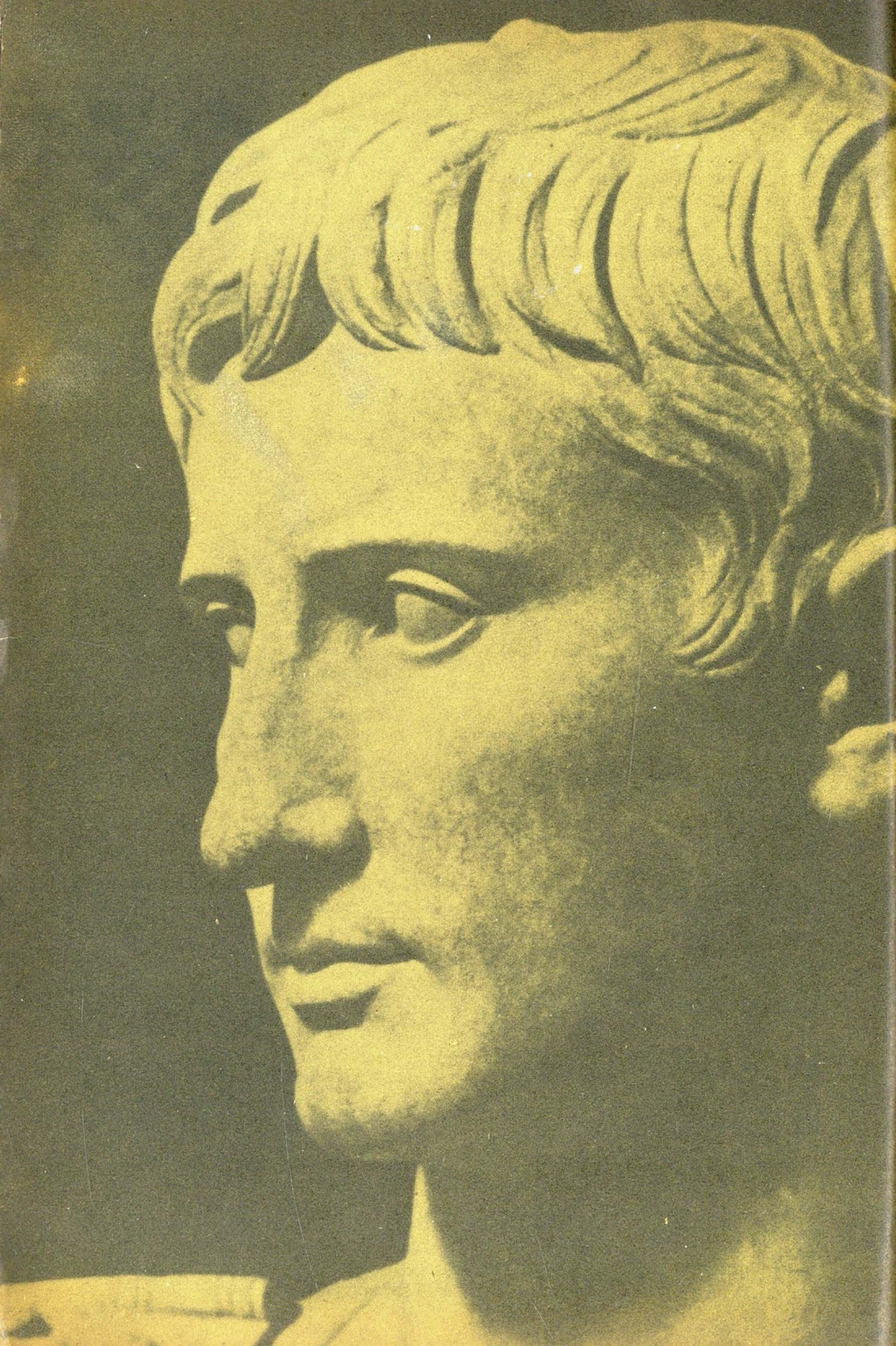
O tempo passara. Agora já não podia haver dúvidas. Antes da batalha, quando parecia que o exército e a armada de António eram superiores aos de Octávio, era ainda possível pensar que a vitória seria do primeiro. Haviam partido — Cleópatra e ele — para a Grécia com a confiança absoluta de que o futuro seria deles. E tão segura estava Cleópatra do seu triunfo que se permitia humilhar Octávio e até humilhar António.

— Pois quê? — dizia Octávio. — É possível que uma estrangeira humilhe um romano?

Os próprios partidários de António vacilaram. E Octávio insistiu:

— Não é contra Marco António que lutamos, mas contra o domínio dessa estrangeira.

De facto, tempos antes, como o Senado mandasse Geminius a Atenas para saber o



que se passava, Cleópatra tudo fizera para que António o não recebesse. De certa vez, durante um banquete, Cleópatra guardara para Geminius o lugar menos importante e proibira os convivas de lhe dirigirem a palavra.

—Qual o motivo da tua vinda? — perguntara súbitamente António, dirigindo-se a Geminius.

Geminius respondera:

— Mesmo um bêbedo poderá descobrir que tudo correrá melhor no dia em que a rainha do Egipto partir para a sua terra.

— Ainda bem que disseste a verdade sem que fosse necessário pedir ao carrasco que ta arrancasse — respondera Cleópatra.

— Pois quê? — insistirá Octávio — Cleópatra ousou falar assim a um representante do Senado?

AS NOZES E OS DENTES

Tudo isso ficara para trás. Agora a batalha estava perdida e Cleópatra mal chegou a Alexandria depois de ter abandonado o combate contra os navios de Octávio começou a desenvolver grande actividade no sentido de chegar a acordo com o Senhor de Roma, mesmo que para tal fosse necessário sacrificar António.

As negociações que a seguir se iniciaram entre os dois e Octávio demonstram bem a duplicidade da formosa rainha. Por um lado ela manda conjuntamente com Marco António uma mensagem em que se propunha abdicar no filho, enquanto o apaixonado pedia que o deixasse viver como simples cidadão em Atenas. Mas, ao mesmo tempo, traiçoeiramente, acrescentava às escondidas de António, uma mensagem pessoal. Poderia haver dúvidas? Estava disposta a sacrificar o amante...

Na sua resposta Octávio ignora o rival (como se no seu espírito António fosse já um homem morto) e pede a Cleópatra que deponha as armas e tenha confiança na sua justiça, o que na linguagem moderna significa:

rendição incondicional! E assim como Cleópatra escrevera uma carta secreta, assim também Octávio lhe manda uma mensagem particular a sugerir-lhe que a sua salvação estava apenas na morte do inimigo: Marco António, pois quem havia de ser?

Alimentava ainda Cleópatra a esperança de seduzir Octávio? Possivelmente. Sabe-se porém que é nessa época que se dedica ao estudo aprofundado dos venenos e dos seus efeitos. Escusado será dizer que o método utilizado por Cleópatra era o método experimental: à falta de cobaias autênticas, servia-se dos escravos. Ministrava-lhes o veneno e ficava a observar os resultados. Pôde então concluir que os venenos que davam morte mais rápida eram mais dolorosos; os venenos de acção lenta provocavam morte suave. O veneno da áspide — teria então concluído — oferecia uma doce morte.

Entretanto Octávio aproximava-se de Alexandria. Então a rainha encerra-se numa torre com os seus tesouros, as suas jóias e preciosidades, pronta a morrer — o veneno de áspide era o melhor — pronta a incendiar tudo para que nem ela nem os seus tesouros caíssem em poder do homem que não pudera seduzir. Era necessário porém que, se acaso ainda o vencesse — tinha ainda uma esperança! — as recriminações de António a não perseguissem. Mandou-lhe pois dizer que morrera... E António vendo-se perdido, matou-se. Agonizante, ainda soube que a rainha lhe mentira. Moribundo, levaram-no por sua ordem à torre de Cleópatra onde expirou rojando-se-lhe aos pés.

Já Octávio entrara em Alexandria. Pôs uma guarda ao palácio e vigias junto à torre onde Cleópatra estava com o cadáver de António. Tinha-o morto: queria-a a ela viva, queria-lhe os tesouros. Foi visitá-la sereno e grave, e quando Cleópatra viu perdidos os seus últimos esforços, raivosa disse que a não teria para o triunfo — **non triumphador!** — e curvando-se sobre o esquife onde jazia o cadáver de António coroou-o de flores, beijou-o e cravando a áspide sobre o seio cumpriu o juramento da **synapothanuménia**... O consórcio-da-morte coroava a vida incomparável!



**FLOS
SANCTORUM**

História da vida e martírio de Santa Catarina, virgem e mártir segundo Simeão Metafraste.

A ilustríssima virgem e mártir Santa Catarina, nasceu em Alexandria, no Egipto, de sangue real, e foi dotada de todas as prendas que mais se estimam nas mulheres. Era formosa em extremo e juntamente honestíssima. Era discreta e muito versada na filosofia e nas mais faculdades que naquele tempo floriam em Alexandria. O bispo Equilino diz que antes de ser baptizada tivera um sonho e revelação, em que lhe apparecera a Virgem Maria com o seu bendito Filho nos braços, e que oferecendo-a a Senhora ao menino, elle recusara a oferta, dizendo que em seus olhos não era formosa aquella donzela, porque não

indignação e na desgraça dos deuses, o pagaria com a vida. Publicando o édito, toda a Alexandria se encheu de gente, que de diversas partes concorria a oferecer sacrificios; pelo que todos os altares e templos estavam banhados em sangue dos animais que se matavam e sacrificavam aos demónios: do que o imperador ficou muito ufano e contente. Soube disto Santa Catarina, e movida do amor do seu doce Esposo, Jesus Cristo, determinou falar pessoalmente ao imperador e repreendê-lo daquelle desatino com que enganava a tanta gente cega, e a levava atrás de si para o inferno. Acompanhada pois de muitos criados foi ao templo onde estava o imperador, e com sua licença entrou nele e lhe fez aviso de que lhe queria falar. Todos ficaram admirados de ver a sua for-

SANTA CATARINA

era baptizada. Despertou Catarina e entendendo o que lhe faltava, e que não era digna de ver a formosa face de Cristo, se fez cristã recebendo o baptismo. Tornou-lhe a apparecer Cristo da mesma maneira que havemos dito, e regalando-a e fazendo-lhe muitos favores em presença de sua Sacratíssima Mãe e de muitos Anjos e Santos, se desposou com ella, e lhe deu o anel, como a verdadeira esposa sua; e despertando do sonho a Santa achou o anel no seu dedo. Tudo isto refere o bispo Equilino, e assim costumam alguns pintar a Santa Catarina com Cristo nos braços de sua sagrada Mãe metendo-lhe no dedo o anel, e recebendo-a por esposa. O resto da vida e martírio desta Santa Virgem escreve Metafraste, referem-no Lipomano e Surio desta maneira.

Imperando no Oriente o cruel Maximino, e residindo em Alexandria, fez publicar um édito em que ordenava que todos os seus vassallos viessem a Alexandria para em sua presença mostrarem por obra o amor e reverência que tinham os deuses, sob pena de que todo o que desobedecesse a este decreto e seguisse outra religião, além de incorrer na sua

acompanhada de tão peregrina honestidade e rara modéstia. Chegou-se a Maximino, e com grande liberdade lhe declarou a cegueira em que estava, por oferecer sacrificios a ídolos e levar atrás de si aquelle povo ignorante, a quem elle como príncipe estava obrigado a enganar e pôr em bom caminho; o que lhe convinha era conhecer e adorar ao verdadeiro Deus que o criara e lhe dera o império, o qual sendo Deus immortal se fez homem por amor de nós, e voluntariamente morreu em uma cruz para nos livrar da morte eterna merecida por nossos peccados. Turbou-se o imperador com as razões de Santa Catarina, e esteve um pouco sem poder responder, e por fim disse-lhe que lhe deixasse acabar o seu sacrificio, e que depois lhe responderia. Mandou-a levar ao seu palácio, e acabada a solenidade se recolheu a elle, e chamando-a à sua presença lhe disse: «Declara-nos quem és, e que palavras nos disseste». Respondeu a Santa: «Bem conhecida é nesta cidade a minha nobreza, chamo-me Catarina, e tenho gasto os meus anos no estudo da retórica e philosophia; porém do que mais me prezo é de ser cristã; e de ter

por Esposo a Jesus Cristo, verdadeiro homem, Continuou a dar-lhe razão de si e de sua fé com tão singular sabedoria, eloquência e graça, que o imperador ficou atônito e admirado, assim de ver a sua incomparável formosura, como de ouvir a força e peso de suas razões, às quais não soube responder; e entendendo que para convencer Catarina era necessário mais ciência do que a sua, mandou chamar os mais sábios e eloquentes varões do seu império, para que disputando com a Santa donzela a convencessem, e entretanto a mandou pôr em guarda no seu palácio.

(...) És tu a que injurias os nossos deuses com palavras livres e atrevidas? Eu sou, respondeu a Santa, ainda que não com palavras livres e atrevidas, como dizes, mas com razões sólidas e verdadeiras. Entrou o filósofo a propor os seus argumentos em favor dos seus deuses, fundados nos pomposos títulos e cognomes que os poetas lhe atribuíam; e a querer provar que Cristo não era Deus, porque o haviam crucificado, e porque nem os poetas nem os filósofos o tinham por tal, nem dele faziam menção em seus escritos; porém a sapientíssima virgem desfez todos os argumentos do filósofo, provando filosoficamente, e com a razão natural, que não pode haver mais que um Deus, artífice e autor de todo o criado; e que os deuses que adoravam o não podiam ser por haverem sido homens viciosos e abomináveis, de quem os seus mesmos poetas em muitos lugares dizem grandes maldades. E que ainda que os poetas, como homens vãos, não falavam de Cristo; contudo, as sibilas que eles mesmo reverenciavam como as mulheres ilustradas com o espírito do Céu, haviam falado dele altíssimamente; e que muito antes que acontecesse, haviam escrito que por inveja seria preso e morto às mãos do seu mesmo povo; e que depois de ressuscitar subiria ao Céu e viria no dia final a julgar os vivos e os mortos; citando o lugar de cada uma das sibilas com tanta prontidão e clareza, que o filósofo, dantes orgulhoso, ficou confuso e persuadido de tudo quanto a Santa virgem lhe dizia; porque ela falava com tanta majestade e com tanta eloquência, graça, cortesia e fervor de espírito, que bem se deixava ver que era de Deus o negócio que tratava, e que a sua sabedoria tinha mais de divina que de humana.

Ficou atônito o imperador: e como viu que o filósofo fraquejava, mandou aos outros que

o ajudassem; porém, eles o não quiseram fazer, assim porque aquele filósofo era o mais eminente entre eles, como porque as razões de Santa Catarina os haviam convencido de sorte que já não tinham que replicar; e assim responderam ao imperador que naquele seu companheiro haviam sido todos rendidos e convencidos; pelo que todos com ele confessavam ser verdade quanto dizia aquela donzela; e que eles até àquela hora haviam andado cegos em adorar por deuses aos que o não eram; porém, que caíam agora na conta do seu engano, e que só confessavam por seu Deus a Jesus Cristo, a quem Catarina adorava. Não se pode facilmente imaginar o furor e impaciência que o imperador recebeu de tal ouvir; e como era de condição arrebatada e colérica, mandou acender uma grande fogueira, e que logo fossem nela queimados os cinquenta filósofos. Assim que eles a viram acesa, se prostraram aos pés da Santa, rogando-lhe que intercedesse por eles ao Senhor, para que lhes perdoasse os pecados, que como cegos haviam cometido contra sua divina majestade; porque já alumiados com a sua luz estavam prontos para morrer por ele. Alegrou-se a gloriosa Santa em Deus quanto se pode imaginar, vendo que a verdade e a sabedoria cristã triunfavam da vã filosofia, e o único verdadeiro Deus da chusma dos falsos deuses; e que aqueles homens que dantes tinham nome de sábios e agora o eram de veras, se sujeitavam a Cristo, que é a eterna sabedoria do padre, e como bons soldados não duvidavam de entrar em batalha e dar a vida por ele; e assim com o rosto amoroso os consolou e animou, dizendo que tivessem por certo que Deus lhe perdoava, pois por seu amor atendiam mais ao Rei do Céu que ao da terra; e que o fogo lhes serviria de baptismo e purificaria as suas almas, para que limpas e puras fossem logo apresentadas diante do divino acatamento, onde receberiam o prémio daquele suplício e a coroa imortal de tão gloriosa vitória. Com estas palavras ficaram eles confortados; e fazendo muitas vezes sobre si o sinal da cruz, e nomeando a Jesus Cristo, foram postos, entre as chamas, e deram suas almas a Deus.

(...) Muito aflito e raivoso ficou com este sucesso o imperador Maximino, e desejando atrair à sua vontade a Santa donzela, e, ou por bem ou por mal fazê-la sacrificar aos deuses, intentou primeiro levá-la com brandura para ver se assim o podia conseguir.

Fez-lhe grandes promessas, e com carinhosas e artificiosas expressões pretendeu enganá-la; mas como nada bastasse para vencer a constância invencível do coração de Catarina, inflamado no divino amor do seu doce Esposo, converteu as carícias em ameaças, dizendo que lhe mandaria dar crudelíssimos tormentos ao que a Santa respondeu: Faze o que quiseres, porque os teus tormentos se acabarão, e o prêmio deles durará para sempre; e espero em Deus que muita gente da tua casa se há-de salvar por meu respeito. Isto disse a Santa, e Deus o confirmou, como veremos. Desconfiado o imperador do pouco que lhe valia a sua astúcia, a mandou despir e açoitar com nervos crus. Despiram a puríssima donzela, e foi isto para ela o tormento mais penoso, por ser o que mais ofendia a sua modéstia: começaram os algozes com diabólica fúria a descarregar golpes naquele delicado corpo, e continuaram por espaço de duas horas a ferir suas carnes, mais claras que o alabastro, deixando-as matizadas com seu sangue, com grande lástima dos circunstantes, que comovidos se desfaziam em lágrimas. Tolerava a Santa com tanto esforço este tormento, como se fora de pedra, ainda que os raios de sangue que o seu corpo derramava mostravam que era de carne. Seguiu-se a isto a prisão em escuro cárcere, onde foi metida com ordem de que lhe não dessem a comer coisa alguma; porém, em doze dias que ali esteve, o Senhor a socorreu, enviando-lhe os seus anjos para a curarem e regalarem, e uma pomba que lhe trouxesse todos os dias o sustento.


(...) No mesmo cárcere apareceu Cristo à Santa donzela, e lhe disse que não temesse porque ele seria sempre em seu socorro, e os tormentos lhe não fariam mal; e que depois de haver trazido a muitos com o seu exemplo ao caminho da verdade, lhe daria o eterno prêmio. Passados os doze dias, sabendo Maximino que a Santa ainda vivia, e que a falta de sustento em tantos dias a não havia consumido, a mandou outra vez trazer à sua presença, e vendo-a sã, resplandecente, e com a mesma beleza e graça que dantes tinha, ficou atônito; e pretendendo enganá-la, com muita brandura lhe disse que ele conhecia por suas grandes partes que ela era digna do império, e por sua singular formosura merecia ser rainha do mundo. Conhecendo logo a discreta donzela o laço de Satanaz, disse ao imperador que não fizesse caso da formosura



do corpo, que como flor se murcha e seca, mas só da alma que sempre floresce e dura, e é a que têm os Santos no Céu. Finalmente, depois de outras palavras que a gloriosa Santa e o imperador tiveram entre si, combatendo o tirano o peito da Santa com a sua astúcia, e ela resistindo com incrível valor e espírito, vendo que nada lhe aproveitava, mandou fazer uma máquina de quatro rodas, semeadas de cravos e agudas pontas, de tal modo encaixadas e travadas entre si, que posta a Santa em uma delas e movendo-se aquela roda, fosse todo o seu corpo despedaçado com aqueles horríveis instrumentos. Ataram a valorosa donzela à roda, e começaram os algozes a movê-la; porém não a desamparou o Senhor neste tormento, porque um Anjo súbitamente a soltou, quebrando as prisões com que estava atada, e desbaratou aquela máquina, desunindo umas rodas com tão grande ímpeto, que com o seu arrebatado movimento mataram a muitos dos gentios que haviam concorrido a ver aquele espectáculo; e os que ficaram livres, clamaram dizendo: Grande é o Deus dos cristãos. À vista deste milagre quem se não abrandaria, e que tigre se não amansaria? Porém, Maximino, mais feroz do que os tigres, e mais que as pedras, duro, não se comoveu, antes parecendo-lhe que o ser vencido de uma fraca donzela era desabono da sua autoridade, buscou outros novos e terríveis tormentos para lhe dar.

Soube disto a imperatriz e não podendo dissimular mais, a chama que ardia em seu peito, repreendeu o imperador da crueldade que usava com Santa Catarina, e outros cristãos, confessando que também ela o era, e estava aparelhada para dar a vida pela fé de Cristo. Saiu de si o tirano, e mandou tirar da sua presença a imperatriz, sua mulher e que a degolassem juntamente com Porfírio e com os duzentos soldados, porque soube que se haviam feito cristãos, cumprindo-se assim o que a Santa havia dito, que alguns da casa do imperador alcançariam a salvação eterna. Aceitou a imperatriz com alegria a sentença da sua morte, e falando com Santa Catarina, lhe pediu com grande devoção e ternura que rogasse a Deus por ela, para que naquele trânsito lhe não faltasse com o seu favor, e a Santa lhe disse: Não temas; que Deus é contigo, e reinarás com ele para sempre. Ouvindo estas palavras, se despediu a imperatriz, e se executou nela e em Porfírio

e seus soldados a sentença do tirano o qual ficou tão embravecido vendo derramado o sangue de sua mulher e criados, que mandou também degolar a Santa Catarina, vista a sua perseverança, e que não tinha já que esperar de suas astúcias, nem esperança de a persuadir ao que desejava. Logo que se publicou a cruel sentença contra a esclarecida donzela, concorreu toda a cidade, homens e mulheres, senhores e senhoras, moços e velhos ao lugar do suplício. Quando chegou a ele a Santa, e viram sua graça e compostura, muitos choravam compadecidos; mas ela estava muito alegre em sua alma, e no rosto parecia um Serafim, e levantando plácidamente os olhos e as mãos ao Céu, fez oração a Deus, rendendo-lhe as graças pelas misericórdias que sempre lhe havia feito, especialmente por se haver dignado de a receber em holocausto e sacrifício, oferecendo-lhe o sangue que por ele derramava, como prenda do seu fino e verdadeiro amor. Suplicou-lhe que recebesse puro e limpo o seu espírito, e que não permitisse que o seu corpo viesse às mãos daqueles algozes. Pediu-lhe que todos os seus devotos, e os mais que dela se lembrassem e a invocassem em suas necessidades, fossem dele favorecidos, e lhes concedesse o que pedissem, sendo conveniente à sua salvação, e que alumiasse a todo aquele povo, e o trouxesse ao seu conhecimento e amor. Dito isto, um dos algozes lhe cortou a cabeça, e em lugar de sangue correu da ferida leite. E para que o seu sagrado corpo não viesse às mãos daqueles algozes, como ela havia pedido ao Senhor, os Anjos o levaram ao monte Sinai, onde o sepultaram, e dele mana um licor suave e eficaz, para remédio de todas as enfermidades; e depois edificou ali o imperador Justino um sumptuoso templo e mosteiro, em que é agora venerado. Ó gloriosa Catarina, doce esposa de Cristo, discípula do Mestre celestial, mestra dos filósofos e doutores da terra, triunfadora do tirano, exemplo das virgens, esforço dos mártires, e em vida e morte regalada do Senhor! Justo foi que da vossa alma; e que os Anjos vos fizessem as exéquias, e sepultassem o vosso corpo no mesmo monte onde Deus havia aparecido e dado a sua lei. Já gozais dos castos abraços do vosso suavíssimo Esposo, e já possuís a coroa e prêmio do vosso triunfo. Lembrai-vos dos vossos devotos, para que, mediante a vossa intercessão, imitemos as vossas virtudes, e cheguemos a possuir a glória que vós gozais.



**amor
brasileiro**

BALADA DO AMOR ATRAVÉS
DAS IDADES

Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.
Saí do cavalo de pau
para matar seu irmão.
Matei, brigámos, morremos.

Virei soldado romano,
perseguidor de cristãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
caída na areia do circo
e o leão que vinha vindo,
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.

Depois fui pirata mouro
flagelo da Tripolitânia.
Toquei fogo na fragata
onde você se escondia
da fúria de meu bergantim.
Mas quando ia te pegar
p'ra te fazer minha escrava,
você fez o sinal da cruz
e rasgou o peito a punhal...
Me suicidei também.

Depois (tempos mais amenos)
fui cortesão de Versailles,
espituoso e devasso.
Você cismou ser freira...
Fiz tudo para impedir.
Pulei muro de convento
mas complicações políticas
nos levaram à guilhotina.

Hoje sou moço moderno,
remo, pulo, danço, boxo,
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loura notável,
boxa, dança, pula, rema.
Seu pai é que não faz gosto.
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.

Carlos Drumond de Andrade

ESSA NEGRA FULÔ

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no bangüê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vai forrar a minha cama
pentear os meus cabelos
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô!
ficou logo pra mucama
para vigiar a Sinhá
pra engomar pró Sinhô!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
Vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu corpo
que eu estou suada, Fulô!
Vem coçar minha coceira,
vem me catar cafuné,
vem balançar minha rede,
vem me contar uma história,
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

«Era um dia uma princesa
que vivia num castelo
que possuía um vestido
com os peixinhos do mar.
Entrou na perna dum pato
saiu na perna dum pinto
O Rei-Sinhô me mandou
que vos contasse mais cinco».

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Vai botar para dormir
esses meninos, Fulô!

«Minha mãe me penteou
minha madrasta me enterrou
pelos figos da figueira
que o Sabiá beliscou».

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Fulô? Ó Fulô?
Era a fala da Sinhá
chamando a negra Fulô).
Cadê meu frasco de cheiro
que teu Sinhô me mandou?

— Ah! Foi você que roubou!
Ah! Foi você que roubou!

O Sinhô foi ver a negra
levar couro de feitor.
A negra tirou a roupa.
O Sinhô disse: Fulô!
(A vista se escureceu
que nem a negra Fulô).

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê meu lenço de rendas,
cadê meu cinto, meu broche,
cadê meu terço de ouro
que teu Sinhô me mandou?
Ah! foi você que roubou.
Ah! foi você que roubou.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi açõitar
sòzinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou,
foi você, negra Fulô?

Essa negra Fulô!

Jorge de Lima



SONETO DE FIDELIDADE

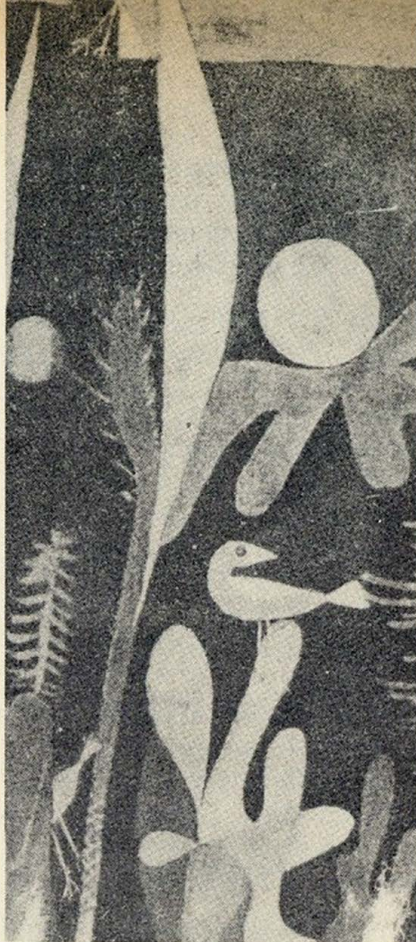
De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei-de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Vinicius de Moraes



POEMAZINHO COM ECO

SONETO INGLÊS N.º 1

Quando a morte cerrar meus olhos duros
— Duros de tantos vãos padecimentos,
Que pensarão teus peitos imaturos
Da minha dor de todos os momentos?

Vejo-te agora alheia, e tão distante:
Mais que distante — isenta. E bem prevejo,
Desde já bem prevejo o exacto instante
Em que de outro será, não teu desejo,

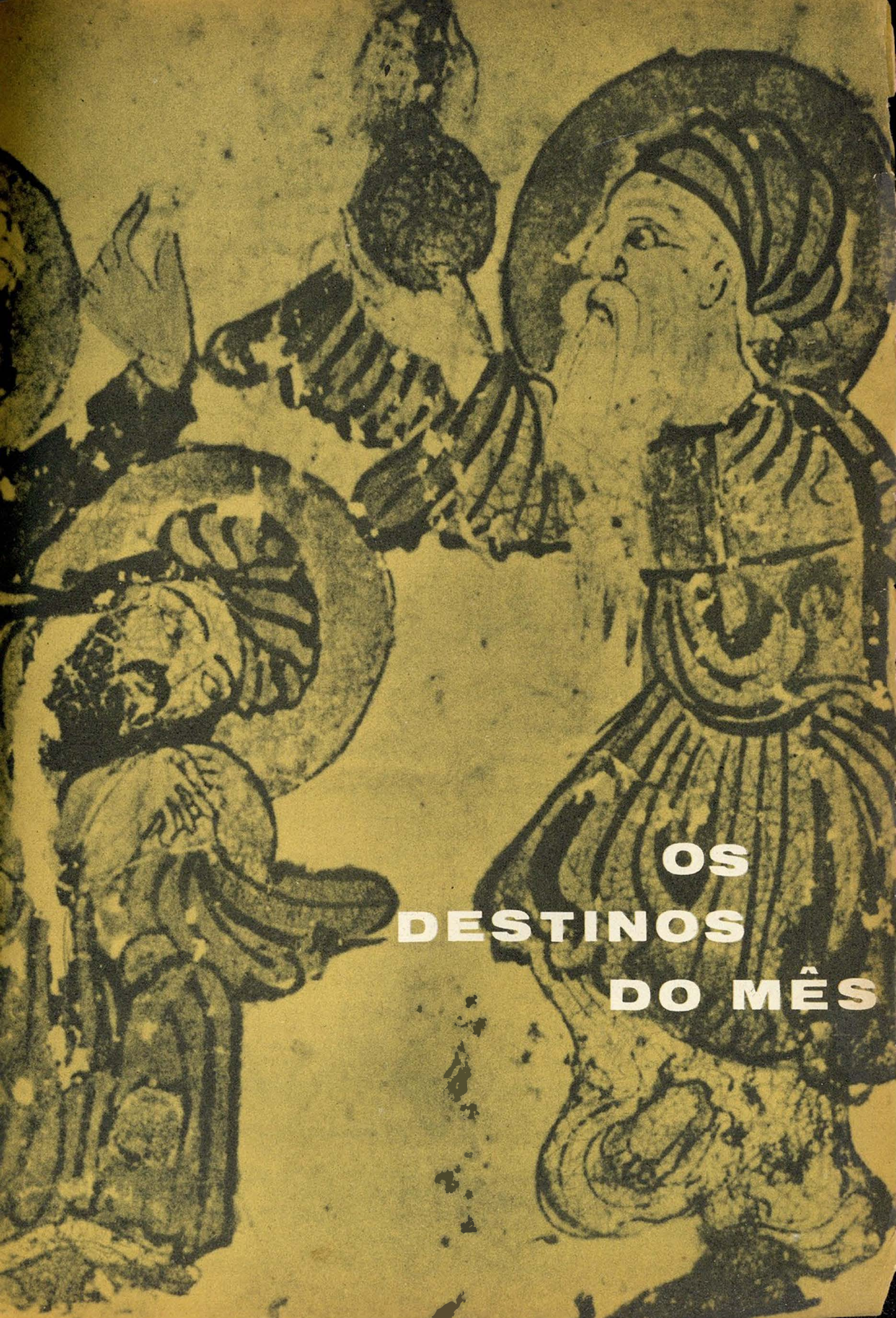
Que o não terás, porém, teu abandono,
Tua nudez! Um dia hei-de ir embora
Adormecer no derradeiro sono.

Um dia chorarás... Que importa? Chora.
Então eu sentirei muito mais perto
De mim feliz, teu coração incerto.

Manuel Bandeira

Fui chegando de mansinho
E colhi seu coração
— Tomilho e ervilha de cheiro —
Você não viu.
(Não viu)
Botei num copo bonito
(tinha um rachado de lado
que lhe dava um ar ladino)
Enchi de água afagada
pelo prisma das manhãs
E você nem viu.
(nem viu)
Não quis brisa nem mornaço
Não quis vento — sol esparso —
Não quis a carícia da ponta dos dedos
Nem beijo da beira de lábio
(oh afago efêmero)
Seu coração
(você não viu)
foi murchando devagarzinho
(seu coração)
— Tomilho e ervilha de cheiro —
Que colhi sem você sentir.

Lélia Coelho Frota



**OS
DESTINOS
DO MÊS**

ASTROLOGIA

AQUÁRIO, de 20 de Janeiro a 18 de Fevereiro:

1.º decanato, de 20 a 30 de Janeiro:

Os projectos podem realizar-se desde que se apoiem nas amizades. Saiba escolher as que lhe interessem.

2.º decanato, de 31 de Janeiro a 9 de Fevereiro:

As ideias poderão ser boas, mas confusas, o que poderá traduzir-se em complicações de ordem financeira. Evite questões. Aconselhe-se com os seus amigos.

3.º decanato, de 10 a 18 de Fevereiro:

Se evitar as suas tendências autoritárias terá alguma sorte nos empreendimentos. O aspecto sentimental mostra-se complicado. Atenção aos imprevistos.

PEIXES, de 19 de Fevereiro a 20 de Março:

1.º decanato, de 19 a 29 de Fevereiro:

As condições planetárias favorecem todos os assuntos de ordem intelectual. O ambiente sentimental mostra-se terno e sensível.

2.º decanato, de 1 a 10 de Março:

Trabalho fácil e agradável, mas algumas modificações na vida afectiva ou novas amizades.

3.º decanato, de 11 a 20 de Março:

Provável mudança de profissão ou até social.

Sentimentalmente o período é de relevo relativo, podendo indicar alegrias efémeras.

CARNEIRO, de 21 de Março a 19 de Abril:

1.º decanato, de 21 a 30 de Março:

Tendências para os excessos tanto no trabalho, como nos divertimentos.

A altura é propícia aos assuntos financeiros ou oficiais.

2.º decanato, de 31 de Março a 9 de Abril:

Éxitos de ordem profissional ou satisfações de amor-próprio. O equilíbrio e a sinceridade são os trunfos do mês.

3.º decanato, de 10 a 19 de Abril:

Resultados felizes nos empreendimentos que tenham sido bem pensados. Possíveis resultados de ordem financeira. O entusiasmo demasiado poderá anular estas boas predisposições.

TOURO, de 20 de Abril a 20 de Maio:

1.º decanato, de 20 a 29 de Abril:

Os problemas financeiros devem ser observados com critério. Os negócios podem apresentar-se de forma irregular. Não deixe influenciar-se pelos outros, nem se deixe dominar pela impaciência.

2.º decanato, de 30 de Abril a 9 de Maio:

Disposições de trabalho um pouco difíceis. As hesitações serão prejudiciais em todos os domínios, apesar de se aconselhar prudência nos empreendimentos. O momento não é dos mais favoráveis.

3.º decanato, de 10 a 20 de Maio:

A influência de Vénus no seu decanato poderá beneficiar alguns empreendimentos, em especial os assuntos que dependam de outras pessoas. É provável uma certa sorte ao jogo, embora de carácter ligeiro.

GÊMEOS, de 21 de Maio a 20 de Junho:

1.º decanato, de 21 a 31 de Maio:

Esteja atento à saúde. Cuidado com os excessos sentimentais.

O trabalho não o compensará inteiramente; procure conformar-se.

2.º decanato, de 1 a 10 de Junho:

As viagens, quer grandes quer pequenas, são favoráveis no decorrer do mês. O trabalho e os projectos têm boas perspectivas se souber controlar-se. Na vida afectiva é possível que haja modificações; os planetas indicam dispersão sentimental.

3.º decanato, de 11 a 20 de Junho:

Mesmo que tenha ideias engenhosas, o ambiente não o ajudará. Deve ter mais cuidado e atenção nos seus projectos e deixar-se de coisas que se apresentem utópicas.

CARANGUEJO, de 21 de Junho a 22 de Julho:

1.º decanato, de 21 de Junho a 1 de Julho:

Tendência acentuada para actuar irreflectidamente. Os assuntos que pretenda resolver devem ter a necessária ponderação e consistência.

Sentimentalmente são possíveis algumas decepções, mas por sua própria culpa.

2.º decanato, de 2 a 11 de Julho:

Alguns pequenos perigos de ordem social ou financeira, mas segura protecção. Sentimentalmente, é Plutão e Marte que regulam o seu mês. Estes planetas favorecem a inconstância.

3.º decanato, de 12 a 22 de Julho:

A versatilidade prejudica as não imediatas realizações. Com persistência e confiança poderá atingir os fins que pretende.

LEÃO, de 23 de Julho a 22 de Agosto:

1.º decanato, de 23 de Julho a 2 de Agosto:

Obterá triunfos devidos mais ao acaso e à sorte, do que propriamente ao mérito. Sobre tudo no domínio afectivo as condições são favorecidas...

2.º decanato, de 3 a 12 de Agosto:

Período favorável às iniciativas.. Atenção no entanto, à sua natural generosidade. No sector afectivo algumas alegrias estão previstas.

3.º decanato, de 13 a 22 de Agosto:

Muito embora possa apresentar-se alguma oportunidade, terá de pôr à prova a sua energia, coragem e determinação para resolver os problemas que se apresentarem.

Sentimentalmente o período é duvidoso.

VIRGEM, de 23 de Agosto a 22 de Setembro:

1.º decanato, de 23 de Agosto a 2 de Setembro:

Apoios importantes ou úteis ajudarão os resultados. Deve porém actuar numa direcção precisa. As relações de amizade deverão ser aproveitadas.

2.º decanato, de 3 a 12 de Setembro:

Alguns contratempos ou entraves virão prejudicar o seguimento das suas ideias ou dos seus esforços. Seja ponderado e aguarde confiante nos resultados finais.

No domínio afectivo algumas satisfações se apresentarão. Novas amizades e reuniões agradáveis.

3.º decanato, de 13 a 22 de Setembro:

Se souber orientar-se numa direcção precisa, a sorte ajudará a permitir boas realizações.

É necessário usar de grande compreensão para com as amizades, pois que, no sector sentimental, os aspectos astrológicos são irregulares.

BALANÇA, de 23 de Setembro a 22 de Outubro:

1.º decanato, de 23 de Setembro a 2 de Outubro:

Todas as iniciativas de carácter financeiro devem ser muito bem ponderadas.

Sentimentalmente as alegrias são fugitivas. É provável que se lhe apresentem modificações na vida afectiva.

2.º decanato, de 3 a 12 de Outubro:

No sector profissional são de prever algumas surpresas. Não deve confiar demasiado nas aparências. A vida afectiva terá preponderância durante o mês. As relações sentimentais podem apresentar-se duvidosas.

3.º decanato, de 13 a 22 de Outubro:

Projectos em evolução, porém retardados por imprevistos. Nenhuma modificação importante. Sentimentalmente deve evitar irritabilidades e desconfianças, para não sofrer desgostos.

ESCORPIÃO, de 23 de Outubro a 21 de Novembro:

1.º decanato, de 23 de Outubro a 1 de Novembro:

A vitalidade e a persistência ajudá-lo-ão sob o ponto de vista profissional. O mês favorece-lhe o livre-arbítrio. Terá uma vida sentimental calma.

2.º decanato, de 2 a 11 de Novembro:

Pequenas dificuldades ou alterações na vida profissional. Os assuntos demorarão algum tempo a atingir uma conclusão. Seja calmo e persistente. Evite impor a sua vontade. Use de diplomacia.

3.º decanato, de 12 a 21 de Novembro:

Uma certa instabilidade fará perder o ritmo indispensável para manter o valor dos seus esforços. A sua livre vontade ditar-lhe-á o comportamento a tomar. Sentimentalmente, Neptuno que rege a sua vida afectiva, apresenta inconstância.

SAGITÁRIO, de 22 de Novembro a 21 de Dezembro:

1.º decanato, de 22 de Novembro a 1 de Dezembro:

As diferentes configurações planetárias favorecem aqueles que nascem nesta década; não devem, contudo, ter demasiada personalidade. Sentimentalmente: Compreensão e indulgência.

2.º decanato, de 2 a 11 de Dezembro:

Não deve desencorajar-se se os assuntos não lhe correrem como esperava. O mês favorece a energia e a coragem.

3.º decanato, de 12 a 21 de Dezembro:

A intuição apresenta-se excelente pelo que a deve aproveitar e, desta forma, a sorte beneficiá-lo-á. Não seja negligente e utilize todo o seu dinamismo. A recompensa virá.

CAPRICÓRNIO, de 22 de Dezembro a 19 de Janeiro:

1.º decanato, de 22 a 31 de Dezembro:

Todos os seus assuntos profissionais encontram um clima astrológico bastante favorável. Os negócios bem ponderados poderão resultar. Sob o aspecto afectivo as condições planetárias não são muito claras.

2.º decanato, de 1 a 10 de Janeiro:

Não deve contar consigo próprio, e mostre-se prudente nas decisões para evitar complicações.

Uma crise sentimental, talvez de ordem moral, é provável.

3.º decanato, de 11 a 19 de Janeiro:

A falta de confiança em si mesmo e nos outros, prejudicará a realização dos seus desejos.

Os esforços para compreensão sentimental não encontram um ambiente totalmente favorável.

Praticamente os temperamentos podem observar-se através das mãos, pelas seguintes características:

LINFÁTICO

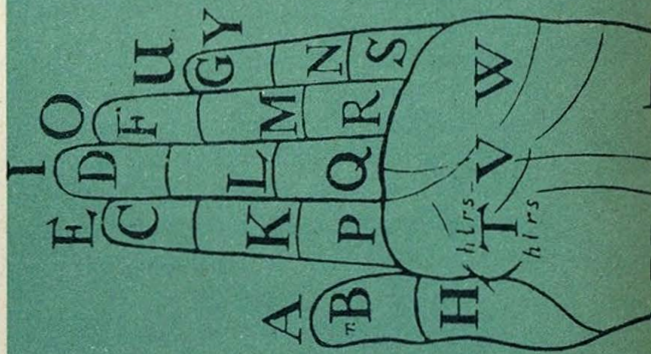
(Instintivo ou tranquilo). Dedos curtos, grossos ou nodosos, espatulados ou quadrados. As linhas da mão são esbranquiçadas, largas e pouco numerosas. As mãos apresentam-se húmidas e moles, ou moles e quentes, embora húmidas, moles e secas, e também moles e frias.

SANGUINEO

(Anímico ou activo). Dedos finos, curtos e nodosos, de extremidade quadrada. As mãos mostram-se firmes e quentes. As linhas da mão são avermelhadas, profundas e raras.

NERVOSO

(Intelectual ou pessimista). Dedos finos, longos e lisos, de extremidade ponteaguda. As linhas da mão são finas, estreitas e numerosas. Mãos ossudas e secas.



QUIROLOGIA

BILIOSO

(Voluntarioso). Dedos grossos, longos e lisos, de extremidade quadrada ou ponteaguda. As mãos são duras e frias. As linhas da mão são finas, mas profundas e numerosas.

A IDADE E O FUTURO

Sem aprofundarmos as diferentes causas de qualquer indivíduo, homem ou mulher, que determinam a idade provável e o futuro, observamos a linha da vida em primeiro lugar, depois a linha do coração, seguindo-se a linha da cabeça e por último os braceletes.

Calculando-se os seus términos nas idades indicadas na gravura, somamos essas idades e dividimos pelo número de linhas que contarmos encontrando a média que, de uma maneira geral, e por aproximação, dão a idade limite das faculdades psíquicas e físicas, sem

Pelo Prof. Carlos Radini

que de forma alguma indique o «poto morte» na acepção geral deste substantivo. O indivíduo pode estar física ou intelectualmente impossibilitado mas viver; isto é: respirar, comer e dormir.

Um indivíduo inicia a vida tal como um comboio ao começo de uma saída da estação principal, e que pelo caminho tem os indispensáveis cruzamentos, os quais comportam outras linhas e desvios.

Voltando ao limite de vida, pode compul-sar-se do seguinte modo: Supomos um indivíduo de 20 anos com uma linha de vida sem interrupção, (99 anos); uma linha de coração, indicando 17 anos; de cabeça marcando 50 anos e braceletes completos e certos que representam numa primeira análise grande resistência física de 30 anos.

A sua soma dá:

$$\begin{array}{r} 99 \\ 17 \\ 50 \\ 30 \\ \hline 196 \quad | \quad 4 \\ 36 \quad 49 \\ 0 \end{array}$$

Nesta mão concluiríamos que a base da vida seria de 49 anos, ou seja a média, abstraindo-nos, claro, dos acidentes, ou de doenças contraídas pela vontade própria, o que daria com certeza uma duração menor de ordem física ou psíquica.

O DESTINO

Qualquer jovem tem possibilidade de modificar o seu destino. A escolha de uma profissão é, na verdade, um dos principais factores para resolver melhor ou pior a situação futura.

Um erro na profissão altera na vida prática as condições dadas no nascimento. A evolução do Destino está de acordo com as predisposições do nascimento e com alguns factores de ordem atávica.

A escolha de uma profissão é uma das bifurcações da vida, seguindo o exemplo que apresentámos sobre o comboio que saindo da estação pode ter uma série de desvios e bifurcações antes de chegar ao local indicado. Se porventura entrar em qualquer desvio, por deficiência do «agulheiro», por atraso, ou por

outro motivo, o destino é alterado, podendo mesmo não atingir o seu objectivo.

O casamento é outra das bifurcações que transformam a vida.

Os acontecimentos, físicos ou mentais, podem provocar o «descarrilamento» antes da chegada à estação final.

A influência do meio social, outro factor, embora de menor importância.

A inteligência e a vontade podem alterar as consequências de um nascimento obscuro.

Ora tudo isto está indicado nas mãos e, por uma dedução lógica se podem prever os acontecimentos sobre o futuro.

Em resumo: para conhecer o futuro provável de um ser humano é necessário saber os seus desejos, as seus tendências e o seu temperamento.

Todos nós temos as faculdades daquilo que tenhamos capacidade de executar. Desta forma pode-se com antecipação transformar uma possibilidade imaginária numa realidade desde que o nosso desejo primitivo possa ter a sequência precisa.

Dos estudos de Fauds, Galton, Vucetich e Henry, provavelmente baseados em Purkinge, que defendeu tese sobre este assunto na Faculdade de Medicina de Breslau, em 1823, depreende-se que a mão é a imagem psicofísica do indivíduo. De resto, a própria Bíblia dá indicações expressas no livro de Job.

De uma atenta e criteriosa observação se classificam as tendências individuais sem esquecer que as linhas da mão **não podem prever o futuro com exactidão**, mas podem dar uma análise detalhada sobre o carácter e outras conclusões que permitem obter as predisposições sobre o futuro.

A forma da mão condensa o verdadeiro segredo da vida, assim como todas as pequenas indicações nela expressas.

Um rio largo, representado pela palma da mão, em direcção ao deita, os dedos. Cinco dedos; cada um com vida e características próprias. Quatro dedos delgados, **aristocráticos**, e um polegar grosseiro, **plebeu**, um parente bastardo nascendo na própria raiz junto ao pulso.

Um parente distante, enfeitado dos quatro outros irmãos. Todos têm uma extremidade sensível protegida pela unha, que por si própria é um tratado.

Verifica-se em resumo que **o homem pode viver das mãos, pelas suas mãos e graças às suas mãos**.



portugueses

autores

ulisseia



Castro Soromenho
VIRAGEM



Faure da Rosa
DE PROFUNDIS



José Cardoso Pires
O ANJO ANCORADO



Manuel da Fonseca
SEARA DO VENTO

David Mourão Ferreira

Carlos de Oliveira

No que já se apresentou, pode encontrar-se a idade provável da existência e, de uma maneira geral como se pode incluir para que as observações sobre o futuro se aproximem.

Entremos agora nos pormenores técnicos. Sem pretendermos historiar damos algumas indicações:

Desde o livro de Job, que às Sagradas Escrituras indicam através do capítulo 37, versículos 5 e 7 (V=Deus faz grandes coisas que nós não compreendemos. VII=Ele sela as mãos de todos os homens a fim de que todos os homens conheçam a sua obra), ao filósofo Anaxagoras, que viveu no 5.º século a. C., e às personalidades das mais ilustres da história, como Júlio César e Aristóteles e outros, diversos estudiosos observaram a veracidade das revelações que se atribuem às linhas das mãos.

Devemos esclarecer que o quirólogo (honesto), **não vê nada**. Nada mais faz do que interpretar a revelação dos sinais que o Criador imprimiu.

Como proceder à leitura das mãos

Pessoalmente procuramos observar os sinais que se repetem nas duas mãos. Depois observamos as revelações particulares de cada linha, controlando os montes, os dedos e as unhas.

É errado observar-se uma das mãos somente e não comparar os sinais que ambas indicam.

Preocupamo-nos em particular em anular as características que não dêem significação correcta ou que possam ocasionar dúvidas.

Verificada a personalidade e o temperamento teremos de contrabalançar as revelações benéficas e maléficas, as qualidades e os defeitos instintivos. Depois segue-se a interpretação.

Partindo do princípio de que sabemos o temperamento do indivíduo através da observação quirológica preliminar, entramos no estudo.

Os gestos

Sob certa classificação entendemos os gestos das mãos e dos dedos, a forma, as dimensões, a consistência, a cor, a flexibilidade e rigidez.

Estas particularidades têm capital interesse para o estudo, porém, não devemos perder de vista que ao examinar-se qualquer mão se vai encontrar um monstro ou santo, pois todas as modificações são relativas aos seres terrestres e também não se devem dar afirmações sem que todos os factores confirmem.

Aspecto geral das mãos

a) No decorrer de uma conversação, se o nosso «observado» gesticular de forma exagerada revela um temperamento nervoso, ou um indivíduo sem cerimónia. Por outro lado, é pessoa capaz de tomar decisões inesperadas, podendo ainda ter mudanças frequentes de opinião.

b) Se os gestos são mais ou menos medidos ou formalizados, adoptará dificilmente uma nova ideia, uma nova forma de trabalhar.

Dificilmente toma decisões importantes, sendo por isso relativamente estável.

MORFO-FISIONOMIA

Pelo Prof. Carlos Radini

Platão e Aristóteles verificaram as semelhanças entre os animais e os indivíduos.

O princípio desta comparação parte da base já apresentada sobre dimensões do rosto.

O total normal é de 215 a 225 mm, dividido da seguinte forma:

- Desde o cimo à raiz dos cabelos: 36 mm.
- Da raiz dos cabelos às sobrancelhas: 60 mm.
- Das sobrancelhas à base do nariz: 56 a 58 mm.
- Da parte inferior do nariz à ponta do queixo: 63 mm.

A zona superior (fronte) representa a INTELECTUALIDADE.

A zona mediana (região nasal) representa a SENTIMENTALIDADE ou a ESPIRITUALIDADE.

A zona inferior (o queixo) representa o MATERIALISMO.

OS ATRIBUTOS DO ROSTO

Os complementos dum rosto são: nariz, olhos, boca, orelhas. Aumentam as qualidades e os defeitos reconhecidos, nuns casos, noutros diminuem.

Por exemplo: **Um rosto quadrado**, possuidor de grande nariz, que é o símbolo da masculinidade e da vontade, exprimirá tendências para o autoritarismo.

Se a boca for fina, o que é significado de severidade, malícia ou maldade, acentuará os defeitos.

Se a fronte for curta, simbolizando a obstinação e a teimosia — característica geral do rosto quadrado — confirma o que se observou, aumentando os defeitos, porém, se a testa for larga diminui-os grandemente.

Se os olhos em vez de serem redondos, coloridos de cinzento-azul se mostrarem rasgados em amêndoa e acastanhados ou escuros; a boca, de lábios espessos e bem marcados, o

seu temperamento de chefia está praticamente anulado.

Um rosto rectangular, de fronte alta, sobrancelhas enrugadas, denuncia uma certa prudência e sensibilidade.

Diminuindo a fronte até à ruga transversal, os olhos afastados, boca fina, maxilares fortes, este rosto terá as características do quadrado, mas mais enérgico e severo para os outros e para si próprio.

O CASAMENTO, DE ACORDO COM OS TIPOS BASE:

Dois indivíduos de **rosto quadrado** não fazem um bom lar. São autoritários e não abdicam.

A união de dois ovais: O equilíbrio existirá se o dinheiro não faltar, estando também dependente das relações exteriores.

A união de dois redondos dá chocarrice, a menos que um deles seja sujeito a arrebatamentos.

Triangular: Se forem intelectuais, unirão os seus esforços, porém, serão um pouco extremistas, podendo até ter rivalidades no seu trabalho.

Rectangular, com um longo, pode dar bom acordo.

OS OLHOS

Os olhos são o espelho da alma, o periscópio do pensamento.

Os olhos revelam a impressão do momento. O seu estudo denomina-se IRIDOLOGIA, que é feito à base da íris.

A íris divide-se em quatro zonas que se referem às quatro partes do corpo:

A forma dos olhos modifica o tipo-base. **Os olhos de bordo exterior descendente** são tristes. **De bordos exteriores remontantes**, são frios e cruéis. **Os redondos**, pequenos e móveis, são maus. São pouco sentimentais. **Os olhos onde se vê o branco sobre a íris**, refletem infidelidade. Esta característica agrava

os rostos de tipo oval. **Os olhos em amêndoa**, são doces ou passionais.

As olheiras são, em geral, índice de um estado de saúde mais ou menos deficiente. A idade algumas vezes é a causa.

Cor dos olhos:

Os olhos azuis são mais frios do que os negros.

Os olhos azuis-acinzentados e os azuis indicam severidade. São correntes nos nórdicos.

Os olhos verdes são enigmáticos.

Sobrancelhas:

Espessas — quase juntas ao centro — tenacidade ou ciúme.

Ponteagudas ao centro — inquisidoras. Um acento circunflexo nos olhos.

Mefistofélicas — diabólicas — irreverência ou impulsividade.

Ralas — o sistema endócrino está em causa.

As qualidades e defeitos indicados pela forma dos olhos podem ser alterados pela configuração dos lábios e expressão da boca.

Antes de aprofundarmos o estudo morfo-

fisionómico, entramos nas buscas preliminares e propomo-nos as perguntas:

O rosto é **redondo**, oval, comprido, quadrado ou rectangular?

Sabemos que cada um destes tipos tem as suas características.

O **redondo** e o **oval** são influenciáveis. O **quadrado** demonstra energia. O **comprido** sensibilidade. O **triangular** exaltação psíquica, no bom ou mau sentido.

O rosto é dividido em três zonas conforme se disse: **Alta**: Zona da frente. **Mediana**: Zona do nariz. **Baixa**: Zona do queixo.

Verifica-se primeiro qual é a zona que domina o rosto. Se é a da frente, **intelectualismo**; se é a mediania, **afectividade** ou **sentimentalidade**; se é a base, o **materialismo**.

O nariz:

Este apêndice tem uma importância considerável desde a antiguidade. Na Bíblia aprendemos que aquele que não possui um nariz desenvolvido não tem condições para assumir as funções de chefe.

O nariz divide-se em diferentes tipos, a saber:

Saliente, pequeno, ponteagudo, fino e largo.



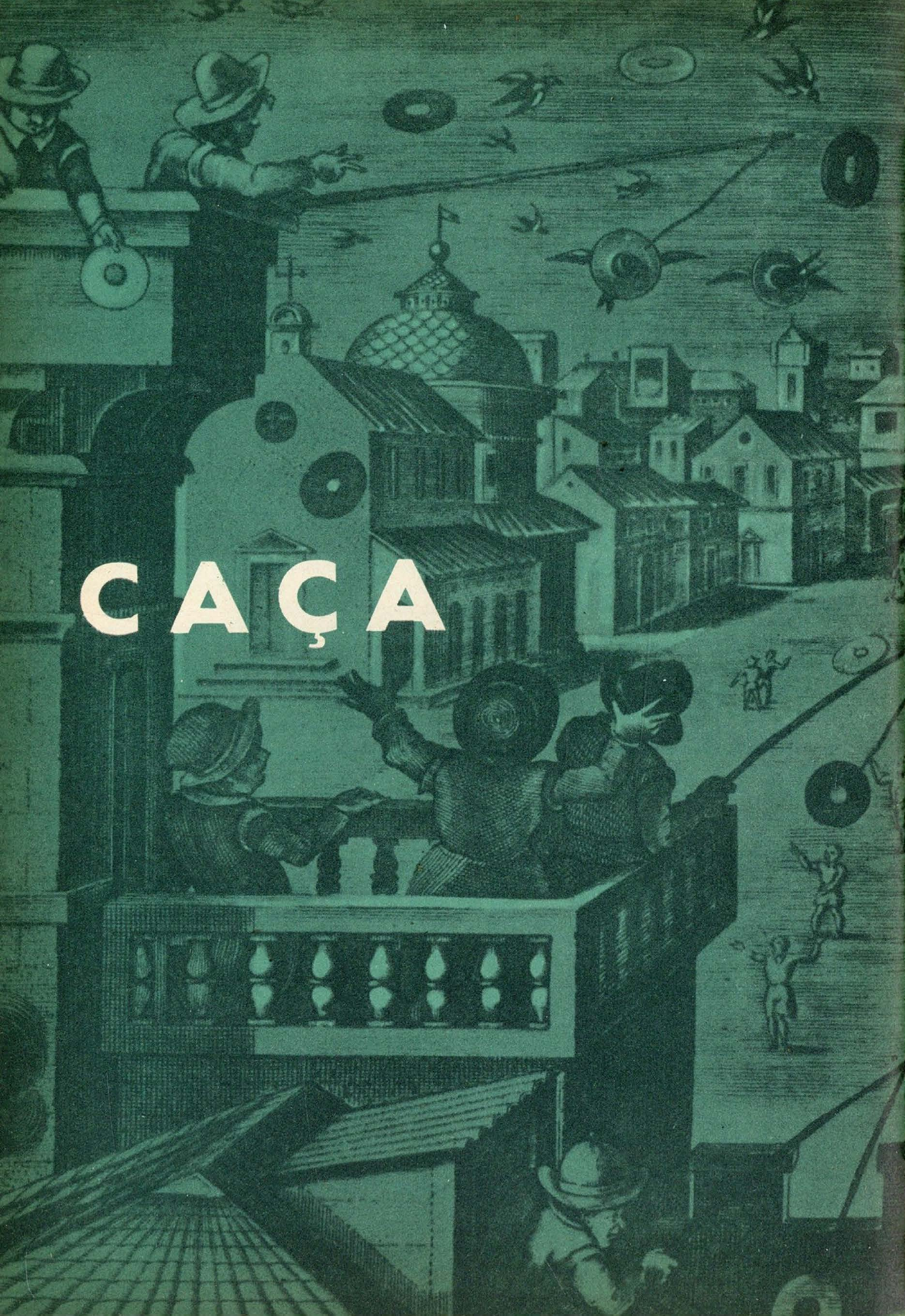
use
GAZCIDLA
uma chama viva onde quer que viva

o melhor
combustível
doméstico



GAZCIDLA

CAÇA



Com o dia de «Todos os Santos» tão particularmente caro aos devotos, inicia-se um mês que, para os caçadores, começa também com «todos os atractivos».

— Um feriado e a chegada das primeiras galinhas.

— Que mais poderiam eles desejar?

Em boa verdade vos digo que estes dois brindes seriam mais que suficientes para satisfazer plenamente ao mais exigente venador.

Mas o certo é que Novembro não fica por aí. E abrindo de par em par a tampa da sua «caixinha de surpresas cinegéticas» oferecelhes a chegada das narcejas, o engrossamento das hostes aquáticas com abundantes aparições de cabeças ruivas, assobiadeiras e frontinas, e, ó alegria das alegrias para os comodistas e reformados das andanças do salto, as batidas à perdiz que começando a 15 se estenderão até 31 de Dezembro.

gítimos, muito embora à vossa sensibilidade de civilizados tornados primevos, repugne estabelecer destrinças.

Se bem que por caçar se entenda o exercício de quaisquer meios que possam conduzir ao abate ou à apreensão dos animais bravios, a sua escassez cada vez mais alarmante determinou que se limitassem ao mínimo suficiente os processos de caçar, pondo fora da lei aqueles que a ética dos adeptos de Santo Huberto considera menos desportivos.

Assim, devemos saber que é proibido:

1.º — Caçar de espera ou de emboscada. Este preceito não é no entanto ostensivo às aves de arribação que podem ser caçadas de espera, com ou sem abrigo, na sua passagem, na dormida, na comida ou nos bebedouros.

É igualmente permitida toda a caça de batida a todas as espécies, apenas com algumas limitações no que se refere à perdiz, para a qual a lei prescreve:

o mês das vacas gordas

Para complemento deste já de si tão maravilhoso quadro, cumpre-nos dizer, ainda, que as pombas são às nuvens caindo como tordos sob o fero tiroteio, principalmente dos caçadores à negaça.

Para não deixar dúvidas no espírito de ninguém, pensamos ser prudente, antes de nos alargarmos em outros considerandos, esclarecer que, quando atrás dissemos que Novembro começa com um feriado e a chegada das primeiras galinhas, não quisemos, no tocante à chegada dos passarocos colocá-la precisamente no princípio do mês como obrigatoriedade, pois ela depende muito principalmente da maneira como o ano vai correndo no que se refere a temperaturas.

No entanto, regra geral, se bem que com bastantes excepções, é nos começos de Novembro que de facto a chegada das primeiras galinhas mais frequentemente se assinala.

Mas não percam a cabeça com tanta fatura, amigos caçadores. Não percam a cabeça nem esqueçam que para matar toda esta caça nem todos os meios são considerados le-

«Em terreno livre as batidas não podem ser feitas com mais de oito batedores, nem com mais de «oito esperas ou portas». (Esta limitação é comum a todas as espécies).

As batidas às perdizes só se podem realizar de 15 de Novembro a 31 de Dezembro em terrenos coutados, sendo proibidas nas zonas livres, com excepção das situadas nas zonas designadas e delimitadas por edital publicado com antecedência mínima de 15 dias, em que a Comissão Venatória Regional do Sul tiver autorizado esta modalidade;

2.º — Caçar de avião ou de dentro de qualquer veículo de tracção animal ou mecânico.

É permitido no entanto caçar de barco as espécies aquáticas e as pombas bravas das rochas, com ou sem a ajuda de cão;

3.º — Perseguir perdizes a cavalo ou caçá-las sem espingarda a corricão;

4.º — Usar na caça redes, ratoeiras, laços, armadilhas de qualquer espécie, reclamos animais ou artificiais, e bem assim quaisquer outros meios considerados traiçoeiros tais como: marachas ou abrigos volantes para permitir a aproximação de caça.

Constitui excepção a este princípio, o emprego de reclamos tanto animais como artificiais, e negaças, na caça das rolas, patas e pombas bravas. Este princípio não tem igualmente aplicação no que se refere à destruição das nocivas e à captura de espécies destinadas a repovoamento ou a estudo, desde que esta destruição ou captura tenham sido legalmente autorizadas;

5.º — Caçar ao candeio ou com o auxílio de faróis;

6.º — Caçar no terreno livre, com matilhas de mais de 12 cães, embora pertencentes a diversos caçadores;

7.º — Formar em terreno livre, linhas ou grupos de mais de 6 caçadores, salvo quando se trate de batidas à raposa ou a caça grossa. Excepcionalmente de 1 de Novembro a 15 de Janeiro estas linhas poderão ter 8 caçadores;

8.º — Na caça à lebre a cavalo, em terreno livre formar linhas com mais de 10 caçadores, e soltar mais de 2 cães a cada lebre;

9.º — O uso do furão, sem auxílio de rede, bem entendido, é limitado aos concelhos cujas Comissões Venatórias o autorizem, ou porque a abundância de coelhos seja prejudicial à lavoura, ou por impossibilidade de os caçar de outra maneira.

E pronto, amigos caçadores, fora disto poderão caçar como melhor lhes aprouver.

A GALINHOLA

Entre as espécies que se caçam, neste mês de «vacas gordas», a galinhola merece sem dúvida um lugar de destaque.

De mediocre aspecto e peso se a comprarmos com uma abetarda, um faisão, um cisão, qualquer palmípede ou até mesmo com uma perdiz, no entanto a todos supera, pela delicada qualidade da sua carne, pelas dificuldades que a sua caça oferece e pela grande variedade de tiros que permite.

Durante largos anos bem pouco se soube acerca da grande viajeira. Um véu de mistério envolvia as suas tão curiosas migrações, desafiando a argúcia dos estudiosos e chamando a terreiro uma larga falange de investigadores.

Pouco a pouco esse véu foi-se levantando, e se bem que com algumas breves limitações, já quase tudo se sabe acerca de tão singular passaroco.

Fisicamente a galinhola é uma ave cuja estatura se aproxima da da perdiz.

Quase sem pescoço, tem uma cabeça comprida no sentido lateral, a fronte elevada, um bico forte e comprido com a mandíbula superior cobrindo a inferior.

Os olhos são grandes e vivos, as pernas, grossas e cobertas de penas até aos tarsos

A característica mais saliente dos seus pés é o grande comprimento do dedo médio.

A cauda é arredondada nas pontas, larga e formada por 12 rectrizes.

As asas, de tamanho mediano, são sub-obturadas, fortes, nelas se destacando a pena primária, pequena e rija, que o vulgo designa por «pena de pintar», nome que lhe ficou da sua utilização noutros tempos na confecção de pincéis.

O colorido das suas penas à base do pardo e do ruivo distribui-se da seguinte maneira.

A região frontal é parda, e a parte superior do corpo, ruiva e escura às riscas transversais.

O peito e o ventre são malhados de pardo amarelado e trigueiro, a garganta é esbranquiçada e as rectrizes e remiges malhadas de castanho muito carregado, num fundo escuro.

Finalmente, os olhos são escuros e o bico e os pés, amarelados.

Tal como sucede com vários outros passarocos a fêmea e o macho não têm por assim dizer nada de especial que nos permita diferenciá-los à primeira vista.

Durante muito tempo a sua origem foi mais ou menos misteriosa. Hoje, porém, sabe-se que se cria numa vasta região que abrange todo o Norte da Europa e da Ásia desde as costas da Islândia até à montanhosa e vulcânica península de Kamtchatka entre o mar de Bering e de Okhotsk.

Quando começam os grandes frios, descem aos países temperados do Sul da Europa e do Norte de África, entrando em Portugal em dois bandos migratórios:

Um, originário da Rússia, atravessando a Europa Central, transpostos os Pirenéus, cruza a Espanha e entra no luso torrão «por terra».

O outro, vindo da Islândia e seguindo a orla marítima do Continente Europeu, depois de contornar as costas da França e da Espanha entra em Portugal «vindo do mar».

É pois em Novembro, em pleno Outono, quando os primeiros frios rigorosos se fazem sentir nas regiões do Norte, que o magnífico

emigrante vem fixar-se, temporariamente no nosso país.

E caso curioso de assinalar: a sua abundância é sempre proporcional à intensidade dos frios nas regiões de onde é originária.

Se bem que seja difícil observar-se uma galinhola, pois esta ave passa a maior parte do dia escondida, disfarçando-se com o terreno numa prodigiosa manifestação de mimetismo, sabe-se que a sua vida activa começa pouco antes do crepúsculo, alturas em que, correndo por prados, caminhos ou terrenos pantanosos, procura os vermes, larvas, insectos e resíduos de que se alimenta, só deixando estes lugares um pouco antes do romper do dia.

Os seus locais predilectos são sempre os mesmos não só durante uma emigração, como de ano para ano.

Geralmente fixa-se num terreno abrigado dos ventos do quadrante Norte, com o chão atapetado de musgo, folhas mortas ou agulhas de pinheiro, que lhe ofereça as condições ideais de segurança e suficiência alimentar.

Esses terrenos quadram-se a matar com a sua índole prudente e astuciosa.

Agachada e imóvel, confunde-se de tal maneira com a folhagem, que o observador mais perspicaz é incapaz de a localizar.

Quando levanta voo, fá-lo precipitadamente com um ruído característico que um caçador medianamente prático poderá assinalar com relativa facilidade.

Como mãe de família, a galinhola é verdadeiramente exemplar.

Após as lutas ferozes que os machos travam entre si na quadra do cio, constrói o seu ninho nas florestas desertas e sossegadas, atrás de qualquer moita, entre as raízes ou entre as ervas, aproveitando com frequência as naturais depressões do terreno.

Nesses ninhos rudimentares põe 3 a 4 ovos de 25 a 40 milímetros de diâmetro, coloridos de rosa mosqueado.

A incubação dura de 16 a 18 dias, finda a qual nascem os desajeitados filhotes que, ao cabo de três semanas, já esvoaçam diligentemente.

Na previsão de qualquer perigo que se lhe afigure iminente, a mamã galinhola pega nas crias com o bico e leva-as para outro lugar que lhe pareça mais seguro.

A galinhola é uma ave difícil de abater. Caça-se de salto com cão de parar, de batida e de passagem.

A primeira modalidade é, quanto a nós, a mais interessante e aquela que mais adeptos conta, pois além de todos os muitos motivos de interesse que tem, serve ainda para pôr à prova as qualidades do cão, que deve estar particularmente bem ensinado, ser senhor de um bom nariz e trazer à mão.

Os terrenos de caça são geralmente pinhais que se batem entre as 10 horas da manhã e as 4 da tarde, contra o vento, para facilitar o trabalho do cão, pois a galinhola sendo um animal que se mantém largo tempo imóvel, apesar do seu forte odor, torna-se por isso, bastante difícil de assinalar pelo olfacto.

O seu levantar é muito característico, elevando-se rapidamente acima dos pequenos arbustos batendo as asas uma contra a outra e voando em ziguezagues pronunciados que dificultam extraordinariamente o tiro.

A primeira curva feita em direcção à parte mais aberta do horizonte é um indicativo para os caçadores, que deverão atirar com rapidez pensando sempre que sendo a galinhola uma ave imensamente frágil e vulnerável, basta por vezes um único chumbo numa asa para a abater.

Quando errada faz um voo de 100 a 300 metros quase sempre muito difícil de seguir com a vista.

Quando aparecem em batidas, normalmente organizadas para as perdizes, passam rapidamente rasando as esperas aos ziguezagues sempre que avistam a linha dos caçadores.

O tiro nestas condições deverá ser feito antes que elas dêem pela presença de estranhos, pois de contrário é deveras problemático o seu abate.

A caça de passagem também tem os seus encantos e é sempre feita ao escurecer quando a galinhola abandona o seu poiso diurno e se dirige para os habituais lugares de comedia.

Dadas as condições de visibilidade e a rapidez de voo da nossa amiga de bico comprido torna-se necessário ser-se dotado de excelente vista para levar a melhor neste despique.

É pronto, leitor amigo, por este mês não falamos mais de galinholas, se bem que neste capítulo apenas tivéssemos tocado pela rama nos considerandos sobre uma ave que tantos e tantos litros de tinta tem feito correr.

PESCA



a pesca em novembro

Excelente em certas regiões, apenas regular noutras, e mau em bastantes, Novembro é para a pesca costeira um mês bastante incerto.

No Algarve torna-se num verdadeiro paraíso em que os mais variados peixes parecem disputar a glória de morrer combatendo na ponta de uma linha.

No Outono, principalmente nas costas de mar mais brando ao norte do estuário do Tejo, quando os ventos sopram do sul, travam-se renhidas lutas com a gorda sargaria que parece apreciar bastante essas turísticas paragens.

No resto da costa, engodadas com ouriço ou com sardinha, mas principalmente com ouriço, pescando à bóia ao sentir, e acidentalmente ao fundo é sempre possível, desde que as condições climatéricas nos sejam propícias, enforçar alguns belos exemplares de sargas, robalos ou fataças. É mesmo nestas alturas que mais frequentemente se capturam os grandes exemplares das referidas espécies.

Quanto à pesca ao largo teremos que momentâneamente renunciar a ela, pois só episódicamente poderemos sair em boas condições, sendo sempre as pescarias mais que problemáticas.

No rio o panorama também não é excepcional.

As trutas, com o defeso à porta, estão a despedir-se a todo o vapor.

As águas turvas, de enxurrada, feias e lamacentas, apenas poderão interessar aos pescadores de enguias e aos «saca-nabos». No entanto, convém não nos descuidarmos, pois que passadas as turvações, quando as águas sem se tornarem demasiadamente abertas têm, todavia, a «cor própria» que convida a pescar, é quase certo que poderemos realizar as mais emocionantes fainas da luta contra os ciprinídeos, que com o apetite estimulado pelas abundantes comedorias a que as correntes fortes as habituaram, não se farão rogadas às nossas solicitações.

E nos outros dias, pescadores amigos, naqueles dias frios em que nem mesmo com o «vício todo» vos apeteça pescar, entretenham-se a rever o material, a preparar os empates e a sonhar com as futuras pescarias, o que, verdade seja dita, é por vezes quase tão agradável como pescar.

Desde o começo dos tempos que a tendência para o exagero é conhecida como uma das mais salientes características de quase todos os adeptos de S. Pedro.

Se bem que à data o patrono de pescas e pescarias não fosse ainda o venerando santo, pela simples razão de ser apenas uma simples e hebraica criança sem vislumbres de santidade, o certo é que Marco António, o ardente admirador da tão esfíngica quão nariguda Cleópatra, já rendia um razoável culto aos deuses da mentira.

Contariam os cronistas da época, se na época os houvesse, que um belo dia, querendo o galante Triunviro deslumbrar a sua bela, a convidou para uma pescaria em pleno Nilo Azul.

Não confiando em demasia nos seus apregoados dotes desportivos, nem na condescendente colaboração dos peixes, o bravo António contratou uma dúzia de hábeis

Acabada a pesca, a rainha tratou logo de subornar a peso de ouro um dos mergulhadores de Marco António e foi com grande alegria que o ouviu propor-lhe na manhã seguinte:

— Os teus servos disseram-me que consumiram todo o peixe que ontem pesquei. Se não vires nisso inconveniente muito gostaria de te fornecer para algum tempo.

— Com todo o gosto, meu amigo. Estou sempre ansiosa por aplaudir a tua divina perícia.

Com efeito nessa mesma tarde o emproado António, depois de meia dúzia de poses a puxar para a teatrada, lançou a linha à água e, ferrando um valente peixe, gritou:

— Este eu to dedico, ó maravilhosa senhora da terra dos lótus! — E dando um sacão fez-lhe tombar a presa aos pés.

Mas ao fitá-la, toda a sua magnífica pose se desmoronou como um castelo de cartas.

a pescaria de marco antónio

mergulhadores que alternadamente lhe iam enfiando no anzol os mais variados peixes que para o efeito extraíam de um viveiro dissimulado mesmo à beira do pesqueiro em que galhardamente se exhibia.

Como não podia deixar de ser, a pescaria foi um sucesso.

— Olha para este, Cleópatra! Repara como puxa — exclamava o general fingindo lutar com um semimorto goraz.

— Mas que beleza de cachucho, meu amor! — condescendia a meiga rainha. — Parece que Marte guia o teu braço em tão magníficos cometimentos.

E durante horas, fingindo engolir a trapaça, gastou toda a adjectivação mais ou menos conhecida no vale dos Faraós.

«Deixa estar, meu Triunviro de má raça, que não perdes pela demora», murmurava entre dentes a coleante descendente da severa Isis, enquanto se ia gastando em admirativas.

«Pelo boi Apis te juro que amanhã terei a minha desforra.»

E, sucumbido, murmurou: «Por Júpiter! Como foi possível semelhante disparate?»

Aquele peixe que sem luta tão breve se rendera, sem um estremecimento, sem a mais leve contracção de vida era... nem mais nem menos que um peixe cozinhado.

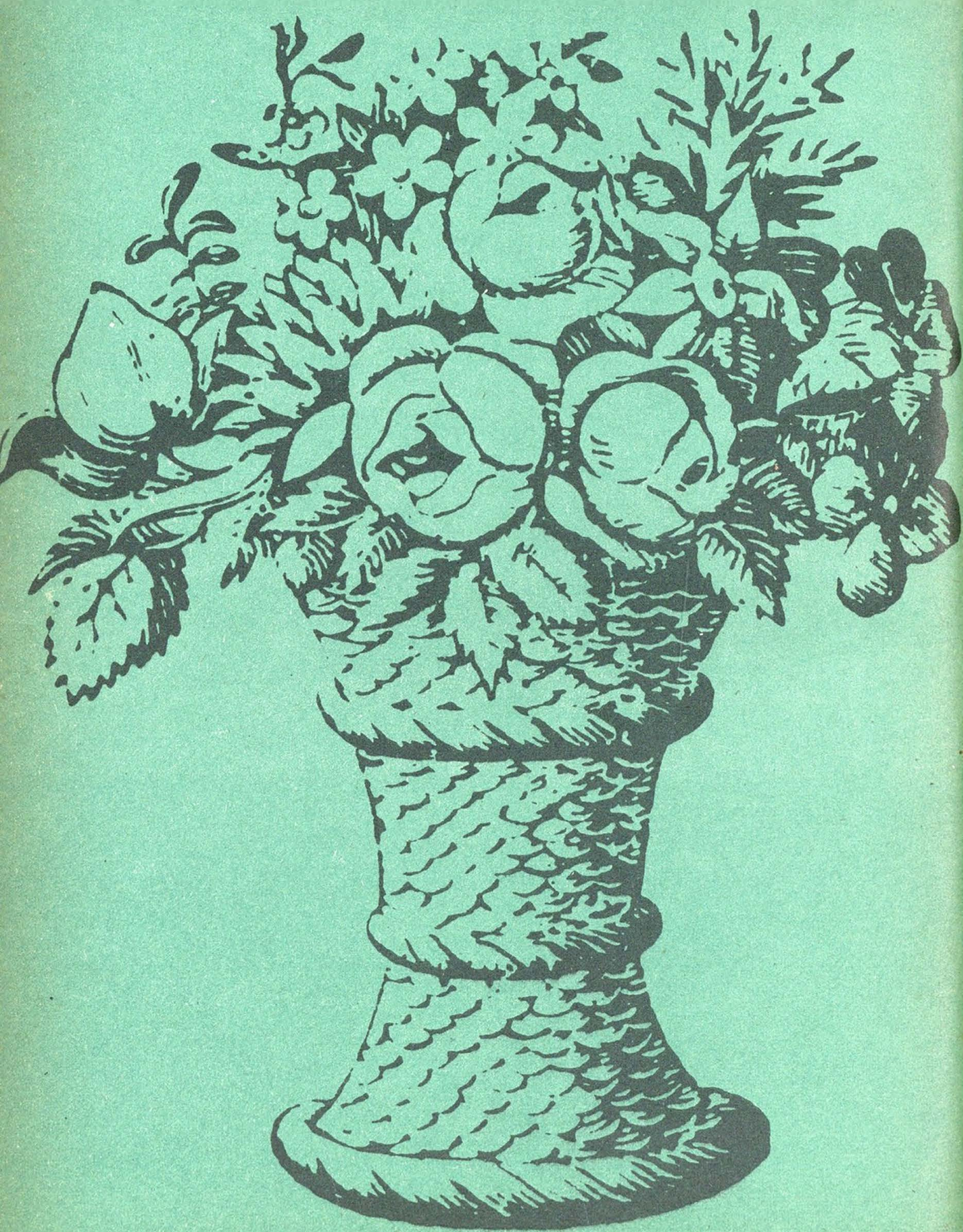
Um apetitoso cherne recheado de trufas e toucinho, e rescendendo a aromáticas especiarias.

Que vexame! E já a espada saía da bainha para lavar com o próprio sangue a negrura da humilhação, quando a cristalina voz da doce Cleópatra se fez ouvir num chilrear de passarinho.

— Que beleza, meu César! Agora sim, vejo que tu não és apenas o mais valente dos guerreiros. És também, sem sombra de dúvida, o mais hábil dos pescadores.

«Só um filho dilecto dos deuses como tu seria capaz de fisgar um peixe já pronto para ser servido à mesa.»

E dizem as más línguas que tudo acabou em bem, entre beijos e suspiros, sob as palmas das palmeiras do vale dos Faraós.



Novembro em Portugal não é ainda um mês extremamente frio e é vulgar diversas plantas aparecerem com um revestimento esbranquiçado devido à proliferação de alguns fungos do género oídio. As condições de temperatura e humidade das estufas favorecem-nos, mas eles também atacam algumas plantas de exterior, particularmente as roseiras.

Para debelar este mal realiza-se um tratamento curativo que consta geralmente de polvilhações de enxofre; quando, porém, se trate de plantas ornamentais cujo aspecto estético ficaria prejudicado pelo pó, deve fazer-se o tratamento com pulverizações de permanganato de potássio em soluto aquoso a 1 g por litro.

Pode também acontecer que os órgãos visíveis de uma planta vão murchando; geralmente a causa vem da raiz, podendo ser provocada por certos fungos que lhe dão um aspecto bolorento.

Quando a doença vai já muito avançada, ou em culturas de pequena duração, deve arrançar-se imediatamente o exemplar atacado e

de terreno. Em casos especiais pode ir-se aos 10 ou 12 quilogramas.

Valores úteis do estrume de cavalo:

| | |
|-----------------------|--------|
| Azoto | 0,58 % |
| Ácido fosfórico | 0,28 % |
| Potassa | 0,54 % |
| Cal | 0,25 % |

Além do estrume de cavalo emprega-se um outro adubo orgânico: o sangue seco. Aplica-se quer em cobertura quer dissolvido na água. Emprega-se sobretudo nas culturas em vaso e usa-se na quantidade de 50 g por metro quadrado ou 1 quilograma por metro cúbico de terra. Nos terrenos muito ácidos terá de fazer-se previamente um tratamento com cal ou nitrato de sódio.

Valores úteis do sangue seco:

| | |
|-----------------------|--------|
| Azoto | 0,58 % |
| Ácido fosfórico | 0,28 % |
| Potassa | 0,54 % |
| Cal | 0,25 % |

FLORICULTURA

desinfectar o terreno (com formalina em solução aquosa a 4 g por litro) antes de proceder-se a nova cultura.

A adubação, fundamental para enriquecimento das terras, pode também levar-se a efeito em Novembro.

Os adubos utilizados podem ser orgânicos ou minerais, mas contêm sempre um ou mais dos quatro factores indispensáveis ao completo desenvolvimento das plantas: azoto, ácido fosfórico, potássio e cálcio, de que nem sempre os solos são suficientemente ricos. O adubo que contenha estes quatro factores diz-se completo. Cada um dos factores tem acção mais destacada nalgum ponto em especial. Assim o azoto favorece as folhas; o ácido fosfórico as flores, os frutos e as sementes; o potássio as raízes e a coloração das flores; o cálcio torna mais resistentes os tecidos vegetais.

Entre os adubos que se empregam é muito comum o estrume de cavalo.

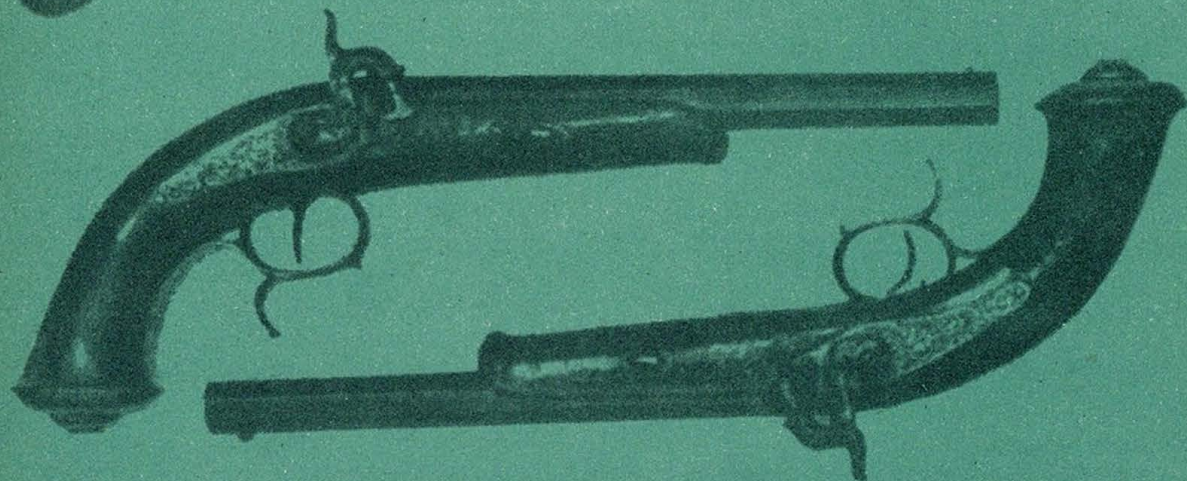
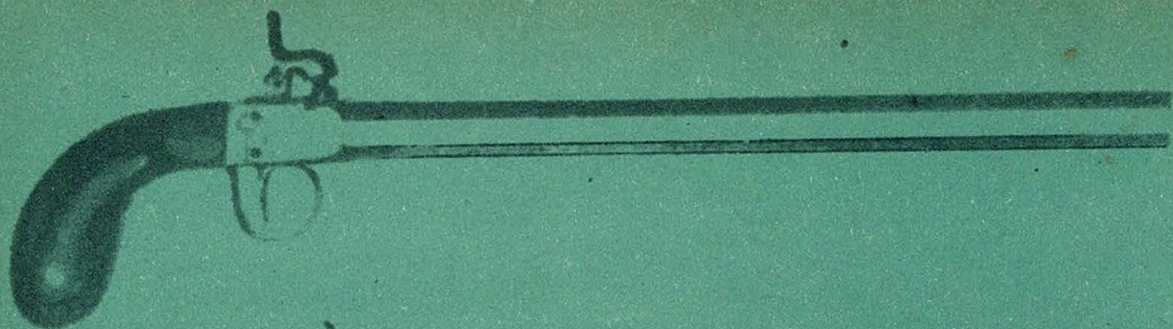
Usam-se geralmente 4 a 6 quilogramas de estrume de cavalo por cada metro quadrado

Usam-se também adubos minerais: nitrato de sódio, sulfato de amónio, superfosfatos, cloreto de potássio e cal.

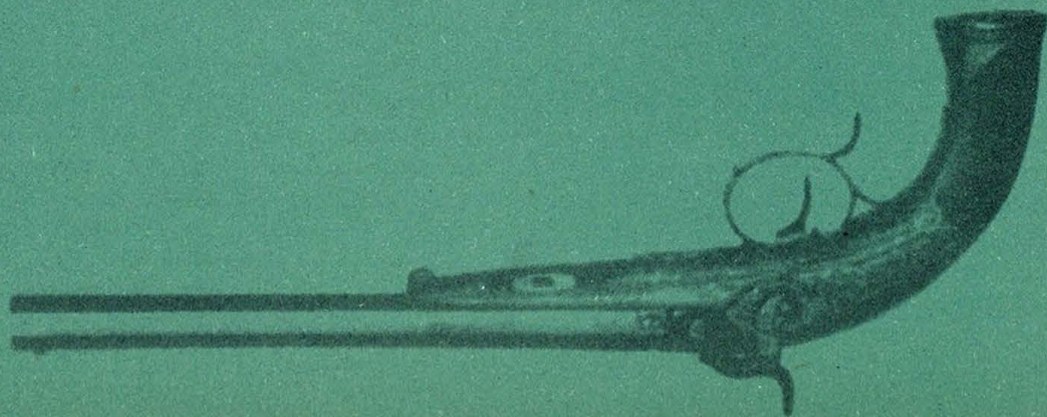
Empregam-se em quantidades variáveis quase sempre como adjuvantes dos adubos orgânicos. Para plantas ornamentais é por vezes mais prático empregar apenas adubos minerais. Podemos, para este efeito, estipular as seguintes quantidades médias:

| Plantas de folhagem | Flores | |
|---------------------|--------|---------------------|
| 400 g | 250 g | Sulfato de amónio |
| 300 g | 350 g | Sulfato de potássio |
| 300 g | 400 g | Superfosfato |

Durante o mês de Novembro podem semear-se estrelas do Egipto, papagaios e girasóis, canários, cebolas e raízes de todas as flores; e plantar-se mangeronas, jasmineiros, belas-noivas, angélicas, perpétuas, saudades, alfazemas, alecrins, buxos, murtas, chorões e escarlates. Podem pôr-se estacas de baunilha e de grinaldas.



ANTIQUARIUM



O convívio com uma colecção de armas é sempre interessante tanto pelo que significam como documentos históricos ilustrativos do progresso técnico e dos acontecimentos que lhe foram contemporâneos, como ainda pelo interesse artístico que quase sempre as acompanham.

Concebidas com uma finalidade imediatamente utilitária, mas destinadas também a preencher, por vezes, outras, como a decoração, houve, quase sempre, a preocupação de cuidar-lhes a forma e enriquecer-lhes o pormenor.

A indústria perde-se no tempo e os tipos de armas e as suas variantes são naturalmente tantas que o assunto é quase inesgotável.

Apresentamos neste número alguns exemplares das armas de fogo das chamadas ligeiras.

As condições em que foram criadas, quer

choso tratamento dos pormenores e a delicada decoração que as reveste. Esta separação entre forma e decoração é bem pouco legítima, principalmente neste caso, em que uma e outra se afirmam em contradição. A decoração reforça e enriquece a forma, mas não a disfarça.

A técnica de construção sofreu uma longa evolução desde as primitivas armas até aos modernos sistemas de percussão.

O antepassado comum das armas ligeiras é o arcabuz. O vocábulo deriva do alemão «Hakenbuchse» que originalmente significava «arma de fogo com a faia».

O arcabuz era uma arma muito primitiva, de difícil manejo e bastante perigosa para quem a disparava.

Para fazer explodir era necessário inflamá-lo com um morrão que o atirador aproximava do ouvido da arma. O sistema de dis-

considerações sobre algumas armas de fogo

históricas quer materiais são garantia da sua autenticidade como obras de arte, tornam fácil, mesmo para um leigo, atribuir-lhes uma época e uma civilização.

Algumas são peças únicas e outras foram fabricadas em série. As primeiras obedecem a concepções mais requintadas, mas, nem por isso o desenho das segundas é menos cuidado, ou menos inteligente. Antes pelo contrário, são padrões cuidadosamente concebidos, destinados a ser muitas vezes repetidos e ainda não foram esquecidas nem traídas as condições em que deveriam ser fabricadas.

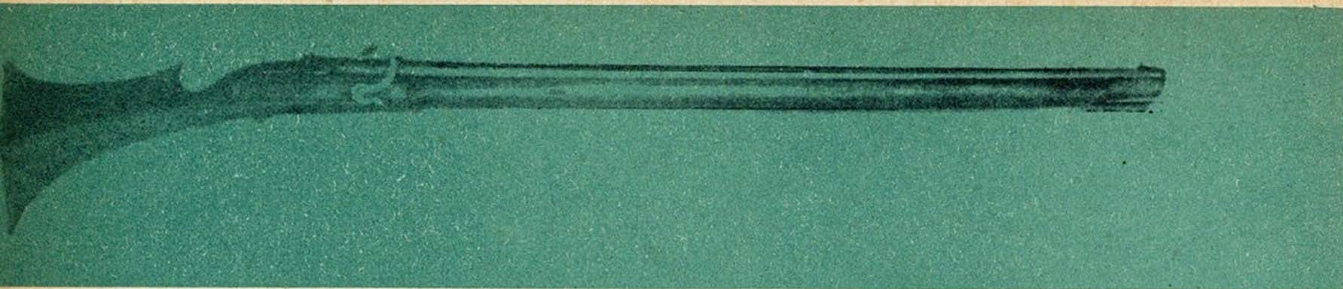
Numas e noutras não se traiu nem a beleza nem as suas características de instrumento com uma utilidade determinada. O desenho é uma sublimação, fosse a técnica da forma que se julgou mais adaptada a sua finalidade prática, e limitando-se a afirmá-los mas nunca a esquecê-los ou negá-los. Para além destes aspectos que dizem respeito à sua forma, é notável, nalgumas delas o capri-

paro por inflamação foi-se aperfeiçoando, até que cerca de 1460 se inventou um sistema de «serpentina». Consistia na adaptação à arma de uma haste em forma de S que transportava na extremidade uma mecha que ardia sem chama e cuja outra extremidade era manobrada pelo atirador. Só mais tarde se completou este sistema por um mecanismo de molas que mantinha a mecha afastada do ouvido até se desfechar por meio de um gatilho.

Mais tarde inventou-se o sistema de pederneira que se popularizou durante os princípios do século XVII.

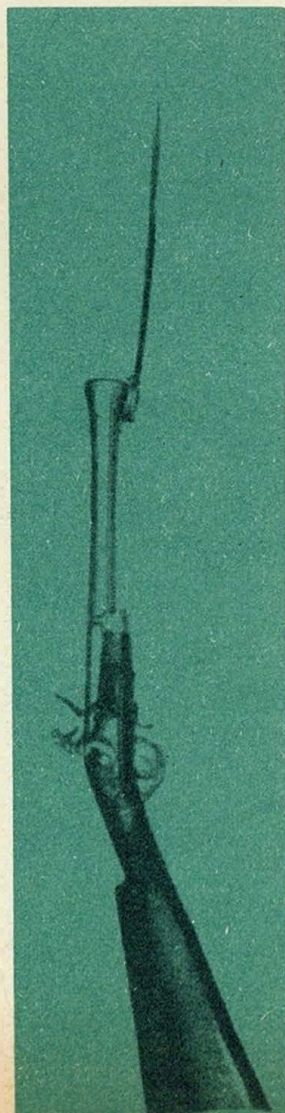
Estas armas dispunham de um cão com duas frinchas, onde por meio de um parafuso se apertava a uma pederneira.

Premido o gatilho, disparava o cão e a pederneira ia percutir numa superfície estriada. Deste choque resultava simultaneamente a abertura do ouvido da arma e uma faísca que inflamava a carga.

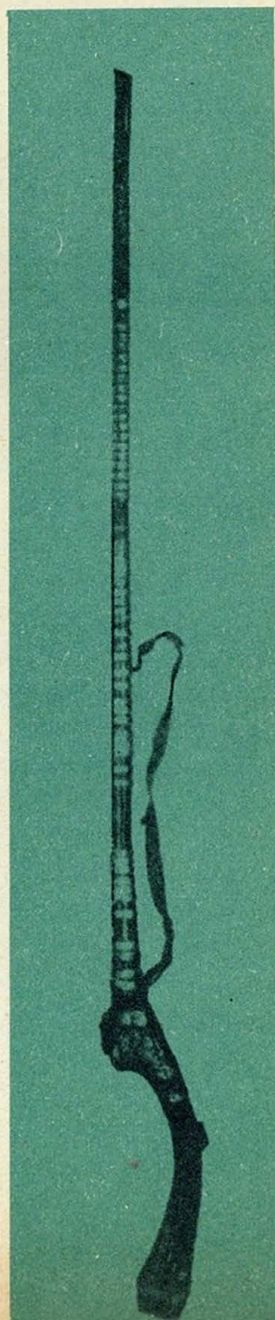


Mosquete europeu
de pedreira
do século XVII
calibre 76

Mosquete indiano
de pedreira
calibre 58



Bacamarte inglês
fabricado por
Dodson & Backer





ENCRUZILHADA por ROSE BOUCHER

Meu pai tocou-me no ombro e apontou para a janela. Um jovem sem gravata e com o à-vontade de quem ignora que o observam, encostou a *Scooter* a um passeio, fechou-a e olhou em volta antes de se dirigir para nossa casa.

Desta vez eu não tinha ficado desiludida: Michel era exactamente como a minha imaginação o havia suposto; mais belo ainda, quem sabe?

Meu pai apresentou-nos. Eu disse-lhe uma frase estúpida, qualquer coisa como: «admiro muito o seu talento...». Ele ficou perturbado, senti perfeitamente que as minhas palavras o desiludiram. Olhou-me profundamente, engelhou a testa e virou-se para o meu pai. «Quem sabe? — Pensei. — Também ele tinha deixado trabalhar a imaginação, também ele esperava que este nosso encontro, tivesse alguma importância, que eu fosse bem diferente do que era.»

Michel conversava com o meu pai. A contat com os meus pensamentos eu não ouvia quase nada. Uma ou outra frase apenas. Meu pai dizia-lhe que era preferível esperar por Outubro para publicar o livro, Michel concordava.

Sabia ele que era graças a mim que as suas poesias iam ser publicadas? Provavelmente nunca o saberia, a menos que fosse eu a dizer-lhe e não era provável que surgisse outra oportunidade assim. Meu pai seria incapaz de lhe declarar a verdade. Geralmente era eu que lia os originais que os jovens escritores enviavam às «Éditions du Midi», mas era o meu pai que se gabava das descobertas...

Michel voltou-se de repente para mim:

— Não posso deixar de agradecer...

— Agradecer...?

— Não foi a Flora que leu o meu livro?

Olhei para o meu pai. Custava-me a crer que ele tivesse dito a verdade.

— Porque havia de ser eu? — perguntei.

Michel não respondeu. Olhou de novo para o meu pai e de novo me ignorou.

Encontrei-o dias depois. Seguia eu no meu automóvel quando o vi numa bicha de autocarros. Onde fui descobrir tanta coragem? Parei mesmo em frente dele.

— Quer que o leve a algum sítio? — disse-lhe.

Começou por recusar, mas acabou por subir. Dirigia-se à gare de l'Est aonde tomaria o comboio para Tousan, nos arredores de Paris. Viagem curta. Que poderíamos nós di-

zer em tão pouco tempo? E ainda desta vez não pudemos ir além de tristes banalidades. Frases assim:

— Tem algum outro livro em preparação?

— Tenho.

Depois sucedia-se um grande silêncio.

— Mora sempre em Tousan, ou está a passar as férias?

— Vivo lá todo o ano.

E no entanto eu tinha a certeza de que havia muitíssimas coisas que nos ligavam um ao outro. Na voz de Michel, nos seus olhos, havia um calor, uma simpatia que não me podiam enganar. À despedida ele apertou com força a minha mão. «Não te vás embora Michel. Porque não esperas pelo próximo comboio?», estive quase a dizer-lhe. Mas não fui além de um simples: «Até à vista...».

— Amanhã? — disse ele de repente, com os olhos muito brilhantes.

— Amanhã — respondi, quase sem voz.

Ficara combinado que me telefonaria no dia seguinte. Mas não. Passei o dia inteiro perto do telefone e de cada vez que o ouvia a minha amargura aumentava. Não era ele!

Três dias depois, quando já desesperava, Michel ligou para minha casa.

— Estou admirada — confessei-lhe. — Nunca acreditei que me telefonasse.

Demos um passeio e ele mostrou-se simultaneamente afectuoso e ríspido, apaixonado e frio.

Quantas vezes pegou na minha mão? Quantas vezes o seu olhar me iluminou o rosto? Por vezes após um longo silêncio dizia-me:

— És bela Flora...

Mas as palavras desejadas, essas palavras que eram então o objectivo preciso de todos os meus pensamentos, oh! essas palavras nunca ele as dizia!

Passara-se um mês, um mês de sofrimento e de alegria, eu amava Michel, amava-o cada vez mais, mas, ao mesmo tempo, surpreendia-me muitas vezes a odiá-lo. Porque não conseguia eu esquecê-lo nesses longos períodos em que me ignorava?

Acabei por decidir. Era preciso saber exactamente o que ele pensava, o que ele procurava no meu convívio!

Um dia peguei na mão de Michel e disse-lhe:

— Às vezes penso que há qualquer coisa de muito estranho nestes nossos encontros!

Falamos disto ou daquilo, mas não falamos de nós... Não, não é verdade. Muitas vezes eu tenho falado de mim. Mas o Michel..., que sei eu de si...?

— Sabe-se lá! — disse ele, dando uma gargalhada. — Não é a primeira vez que a Flora faz essa pergunta. Quer saber? Talvez eu seja um criminoso, talvez seja um foragido...

— Michel! Porque não fala a sério? Não sei o que pensará de mim, mas eu já não posso mais... Esta incerteza...

Ele interrompeu-me.

— Silêncio, Flora. Sempre receei este momento, procurei sempre evitá-lo...

— Porquê, Michel?

— Porque... — Olhou muito para mim e calou-se.

— Uma pergunta, Michel...

— Não, Flora, não falemos mais...

— Uma pergunta, Michel: gosta de mim?

Lançou-me um olhar desesperado e acabou por dizer em voz surda:

— Não esperava? Fiz mal...?

— Mas é isso — protestei — julguei que se tivesse esquecido...

Depois de um instante de silêncio Michel perguntou com timidez:

— A Flora está livre amanhã? Se soubesse como eu gostaria de a ver, de estar consigo...

Num instante a minha voz ganhou todo o calor que eu reprimira até ali.

— Eu também, Michel: Não esperava o seu telefonema, precisamente porque o desejava... Vou buscá-lo amanhã à estação, quer?

Quase não dormi nessa noite. Pensava e repensava em todas as hipóteses possíveis: imaginava cenas várias. Numa delas, Michel declarava-me o seu amor, noutra tomava-me inesperadamente nos braços, noutra ainda recitava-me a sua última poesia.

A realidade foi diferente, mas nem por isso menos bela. Michel levou-me até ao campo. Sabia o nome de todas as flores.

— Não gosta? — perguntou-me. — Repare que não há duas rosas com a mesma cor. Dir-se-ia que cada flor tem uma vida que se esconde aos olhares profanos. As cores são para distrair os homens, para os afastar da sua intimidade. Para mim cada flor é uma personagem misteriosa que nasce, vive, sofre, morre e que se exprime pelo perfume...

— A Flora conhece a linguagem das flores?

Pegara no meu braço, conduzia-me, ajudava-me a evitar os buracos e as pedras que enchiam o caminho. Também sabia o nome

dos pássaros que cantavam sobre as nossas cabeças.

— Como é possível que saiba tudo isso? — perguntava-lhe.

Michel sorria, virava-se para mim com os seus olhos muito escuros.

— Sabe-se lá, Flora! Quem lhe disse que eu sei o nome das flores e dos pássaros? Quem lhe garante que eu não estou a mentir, que não estou a valer-me da sua ignorância?

— Não acredito que o Michel seja capaz de me enganar.

— Porquê?

— Não sei...

— Nunca se sabe, Flora.

— Um poeta como Michel seria incapaz de mentir.

— Que é a vida do poeta senão uma mentira constante?

Sentámo-nos à beira de um regato. Apeteceu-me súbitamente descalçar-me e mergulhar os pés na frescura doce daquelas águas sussurrantes. Estavam frias, muito frias, e a coragem faltou-me. Acabei por desistir.

Michel estava sentado atrás de mim, para o ver teria de me voltar. Mas sabia que ele me observava e, de repente, não pude mais:

— Não olhe para mim — pedi-lhe em voz muito baixa.

Apoiou as mãos no meu ombro e não respondeu.

Uma nova tentativa: de novo mergulhei os pés na água gelada.

— Está fresca, está boa — descobri. Continuava a sentir nos ombros as mãos de Michel. — Está fresca, está boa — apeteceu-me repetir. Virei-me para ele: — Continua a olhar para mim?

— É proibido olhar para si, Flora?

Não respondi directamente. Limitei-me a dizer:

— Conte-me a sua vida...

— Nada há no mundo que me seja tão agradável como falar de mim mesmo... Desejaria falar-lhe de mim, Flora. Sobre quê? Não, não tenho nada que contar, a minha vida não tem interesse.

— Talvez eu lhe encontre o interesse — respondi.

Michel atirou uma pedrinha para a água e fiquei a ver os círculos que se ampliavam na superfície luminosa e instável do regato.

«Agora ele dirá: amo-te!», pensei. Não disse. Levantou-se e eu levantei-me também.

Quando nos despedimos, perguntei-lhe:

— Até quando?

— Um dia destes muito próximo... Poderá ser?

Tinha que ser, era preciso que fosse.

Voltei a vê-lo três ou quatro vezes. Sucedia sempre a mesma coisa. Passavam-se dias e dias sem que me desse notícias e depois, bruscamente, telefonava-me e combinávamos um encontro.

— Gosta de mim? — perguntei-lhe certa vez.

— Gosto..., e tanto, Flora! Um amor insensato... — Não continuou.

Apertei-lhe a mão com mais força, aproximei-me dele.

— Mas então, porquê este silêncio? Porquê estas reticências? Porque razão tive que ser eu a primeira?

Michel impacientou-se:

— Porque é impossível, porque eu não tenho o direito...!

— Impossível, Michel?

— Sim. A Flora é filha de um grande editor...

— Michel! Bem sabe que o meu pai não tem preconceitos.

— Que sabe a Flora de mim? — limitou-se ele a dizer.

Olhei-o sem compreender. Que haveria por trás daquelas palavras?

— Apenas sei que nos amamos. Michel.

Ele ainda quis falar mas eu não deixei. Aproximei-me mais. «Porque não me abraça Michel?». Ele hesitou; de súbito, brutalmente, com violência, apertou-me nos braços. A sua boca procurou a minha e o tempo passou, imperceptível e breve, silencioso e perfeito.

Nem à noite, nem no dia seguinte, nem depois...

A semana passou e Michel não deu qualquer sinal de si, não escreveu uma carta, não me telefonou... Nada, absolutamente nada.

Se ao menos eu soubesse onde morava!

Agarrava-me à possibilidade de uma doença, à possibilidade mesmo de um desastre. Qualquer coisa que explicasse o silêncio, mas que deixasse intacto o amor que Michel me dedicava.

De repente tudo se esclareceu. Encontrei Jean-Louis num cinema aonde fora para me distrair.

— Quando sai o livro de Michel? — perguntou. Sairá antes do casamento?

— Antes do casamento? — repeti.

Dias depois telefonei a Jean-Louis e perguntei-lhe se me dava a morada de Michel. O livro ia para a máquina — disse-lhe — e havia um pormenor a discutir. «Não queres acompanhar-me?», perguntei-lhe.

Jean-Louis aceitou o convite. Durante muito tempo ficámos em silêncio.

Angustiada eu olhava-o atentamente e perguntava a mim mesma se o amor que Jean-Louis me declarara, havia mais de seis meses, ainda não morrera. E recordava-me com toda a clareza desse dia: do olhar de Jean-Louis, das lágrimas que por um momento lhe cintilaram nos olhos... Depois, Jean-Louis partira para Inglaterra sem me dizer nada.

Procurava esquecer-me.

Não sei porque foi. Jean-Louis, parou o automóvel e virou-se para mim.

— Gostas de Michel, Flora?

Não respondi. Ele insistiu:

— Porque não respondes? — Olhou-me tristemente.

Que voz falou por mim? Súbitamente achei-me a dizer estas palavras:

— Voltamos para trás...

Jean-Louis ligou o motor.

— Já o esqueceste Flora? — perguntou.

Apeteceu-me dizer: «não te esqueci a ti, Jean-Louis».

Mas deixei essas palavras guardadas para a outra vez.

leia

o
FALCÃO



como
se
diverte
TÓQUIO

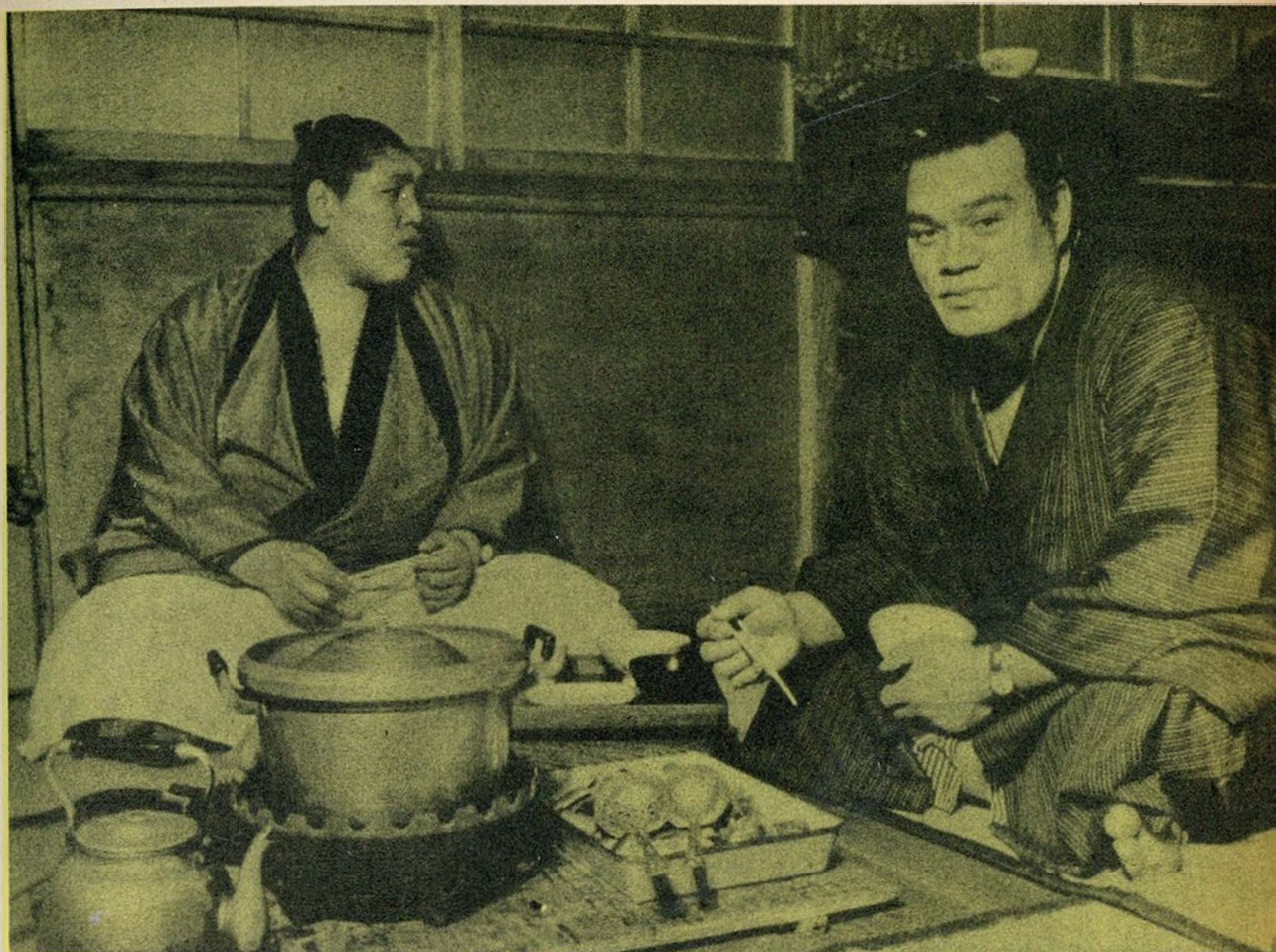


*As luzes são mais violentas
que na Broadway
os espectáculos
mais audazes que em Paris*

Comem pouco mas divertem-se muito

Os habitantes de Tóquio gastam em divertimentos quarenta por cento dos ordenados. Dependem diariamente quinze escudos mas não pensam duas vezes para dar cinquenta pelo bilhete de um teatro ou cem pelo ingresso num **night-club**. Tóquio é uma cidade imensa; tem um diâmetro de oitenta quilómetros que, de automóvel, demoram três horas a percorrer e uma população que se aproxima dos dez milhões. Os bairros de diversões são, naturalmente, vários, e espalhados pela cidade. Ginza é o mais elegante de todos os bairros





Um dos divertimentos tradicionais dos japoneses é o espectáculo do **sumo**, uma luta muito antiga e, originariamente, com carácter religioso. Chiyonoyama, o campeão nacional mede 1 m e 90 cm e pesa 123 quilos. Come todos os dias 1 quilo de arroz, 2 de peixe cru, 1 de carne, 500 g de legumes, 5 litros de cerveja e 2 de licor!

e conta cerca de cinco mil **night-clubs**; Asakusa e Shinbashi são os bairros populares, Shinjur-Ku é um bairro miserável e extremamente perigoso para o turista (pode lá deixar a bolsa ou a vida e mesmo as duas coisas). Uma lei recente encerrou a zona de Yoshiwara onde viviam cerca de meio milhão de mulheres matriculadas. A maior parte delas transformaram-se em criadas, alcoviteiras, bailarinas; mudaram de nome, mas — num país em que o amor é o principal divertimento — continuaram a viver como viviam.

Outras distrações: a leitura, o cinema, o teatro, as variedades, o desporto. Mas a população deita-se cedo em Tóquio. O trabalho acaba por volta das cinco horas da tarde; depois até à meia-noite procura atordoar-se com toda a espécie de maneiras de passar o tempo.

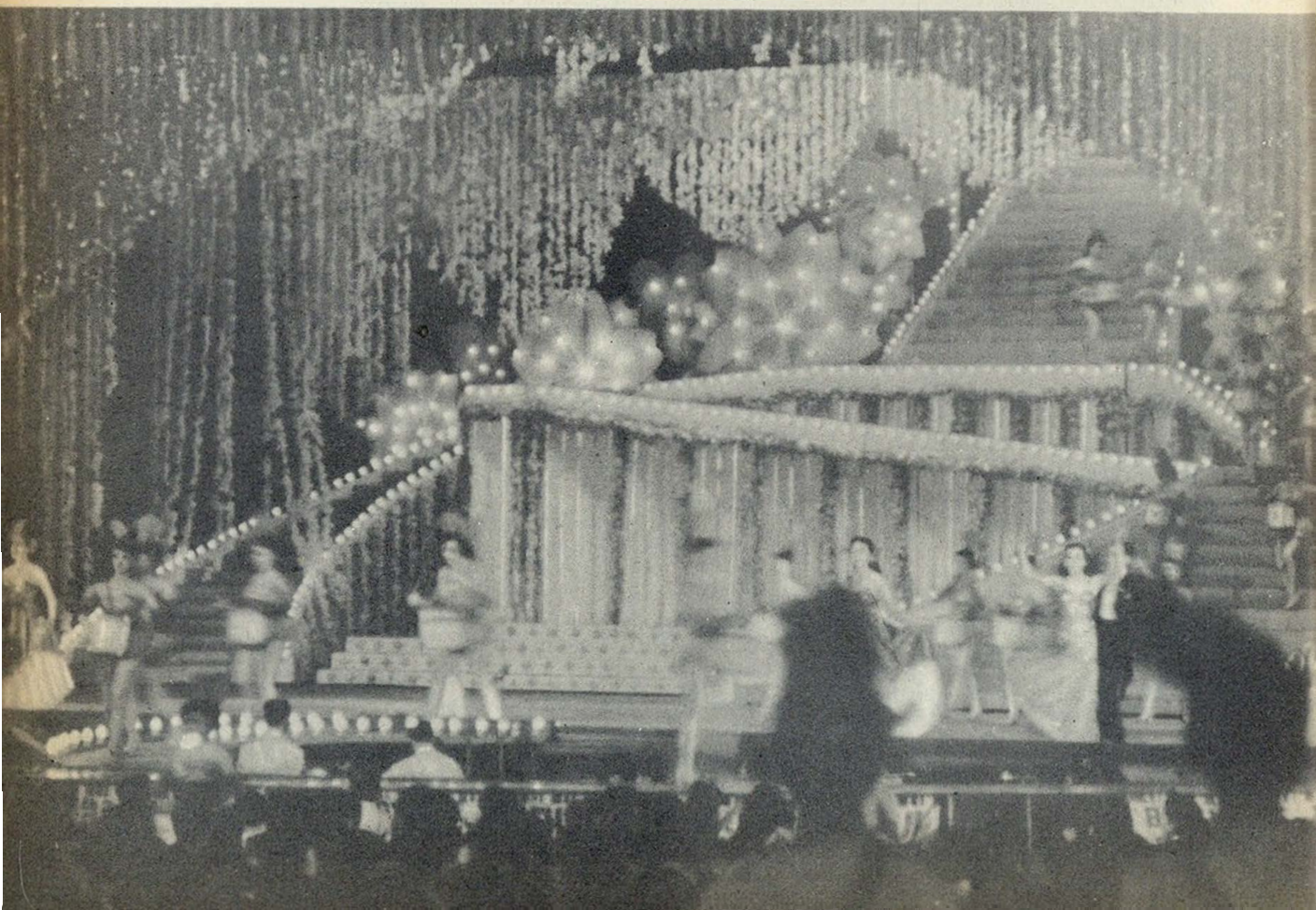
Revistas cheias de audácia

Ninguém contesta: os japoneses são imitadores insuperáveis. Há cem anos ainda eles ignoravam o Ocidente, fechados como estavam num isolacionismo feudal; depois em meia dúzia de anos imitaram o que de melhor e de pior nele havia. Mas não ficaram por aqui. Os seus espectáculos acabaram por ultrapassar os espectáculos europeus, de tal modo que um frequentador do **Folies-Bergère** ficaria envergonhado se a eles assistisse! A nudez é a regra, nessas revistas. Mas é preciso não esquecer que a formação religiosa dos japoneses nunca identificou a nudez com o pecado e que o pudor é um comportamento mental totalmente desconhecido pela civilização japonesa. Os espectáculos de revista, de variedades, de comédia, contam-se às centenas. Há quatro

Há em Tóquio cinco mil **night-clubs**, que funcionam depois dos cinemas e os teatros fecharem as portas. Como os japoneses têm o pavor da solidão, sendo incapazes de se sentar sôzinhos a uma mesa, são sempre recebidos por raparigas que os acompanham e conversam durante os momentos que estão a beber. São cerca de setenta mil hospedeiras!



Os japoneses são espantosos imitadores. Mas as suas imitações ultrapassam por vezes o objecto copiado. As revistas são audaciosas, incomparavelmente mais audaciosas do que tudo quanto se representa no **Folies-Bergère**. Ao contrário do que sucede no Teatro Tradicional, os intérpretes das revistas são sempre mulheres. Eis uma cena da revista **Aromas de Tóquio** que está em cena há cinco anos. Número de actrizes nessa revista: cem!



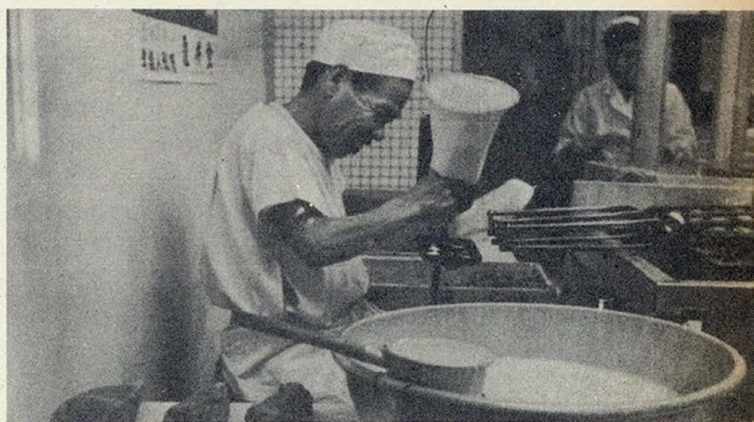
As lojas, os escritórios e as fábricas, fecham às 5 horas da tarde. Os empregados lavam-se em seguida e põem os seus fatos novos. As raparigas vão ao cinema. Assim, depois das empresas fecharem, Tóquio enche-se de bichas, quase exclusivamente femininas à porta dos cinemas.



O Pachinko é o divertimento mais popular, o único acessível aos pobres. Consiste numa máquina em que por meio de uma alavanca se procura colocar uma bola de chumbo em balizas cada vez mais pequenas. O barulho que os japoneses fazem enquanto jogam é infernal.

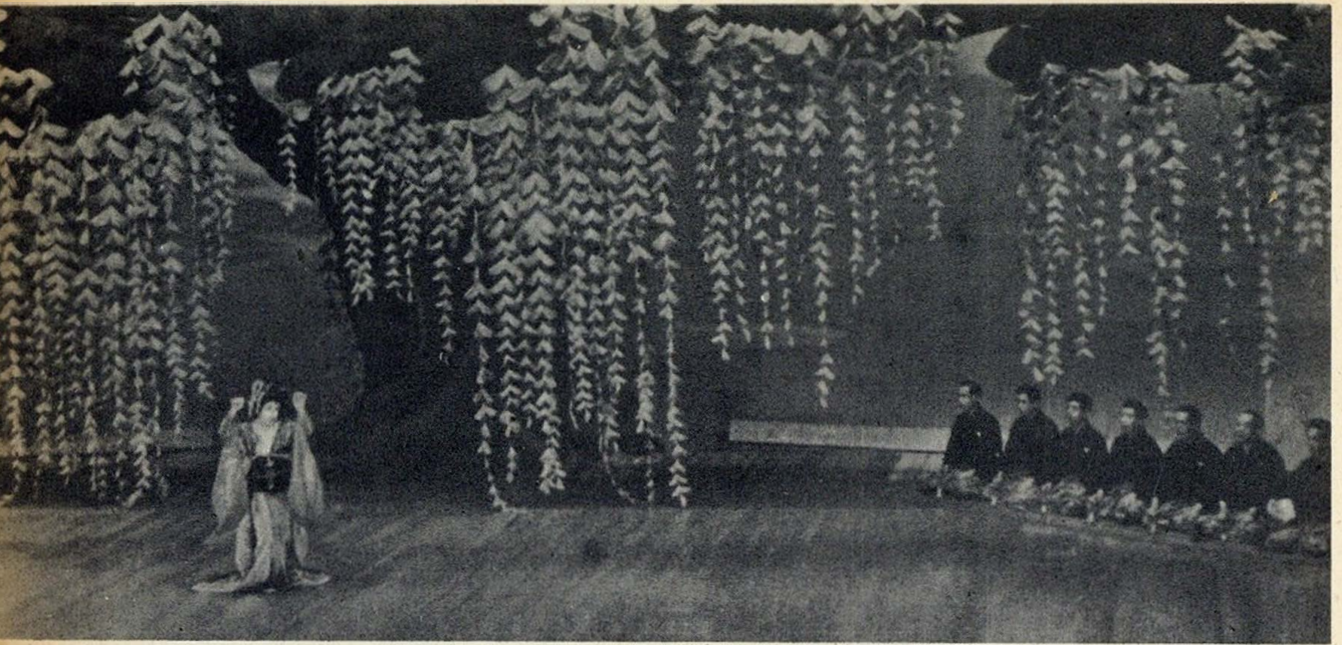


Os japoneses são muito gulosos. Por toda a parte se vêem os vendedores de guloseimas. Deste modo, Tóquio cheira a um misto de biscoito, de peixe cru, de pimenta e de água estagnada!



Os japoneses têm a paixão da leitura. Por outras palavras: a leitura é para eles um divertimento... Aproveitam todos os momentos para ler, permitindo assim que as 2800 livrarias de Tóquio não tenham mãos a medir.





sessões por dia, sessões contínuas de três horas cada uma — como nos cinemas do Ocidente. Deste modo as bailarinas trabalham doze horas diárias! No maior teatro de Asakusa todos os papéis são interpretados por mulheres.

Bailados antigos

Tóquio é uma cidade de contrastes. O mesmo público que exprime o seu entusiasmo pelas bailarinas que se despem segundo uma antiga arte de sedução (num teatro de Shinjiu-Ku as bailarinas despem-se sentadas nos joelhos dos espectadores) enche em silêncio as vastas salas onde se representam ainda os antiquíssimos dramas japoneses. Esses espectáculos que se repetem há quinhentos anos são dificilmente compreensíveis para os Ocidentais: a acção é muito lenta, as recitações são enigmáticas, os gestos têm sempre um significado misterioso, as expressões da face um sentido, um sentido oculto. Para os japoneses tudo isso é claro como a água... As lendas que se representam nos palcos narram aventuras heróicas que são conhecidas pelos japoneses desde os bancos da escola e que exprimem o amor pela pátria e a coragem dos velhos antepassados. Qualquer coisa como se em dois ou três teatros de Lisboa esti-

vessem em cena ao mesmo tempo longas peças em que fossem exaltados os feitos de Viriato, de D. Afonso Henriques ou de Gonçalo Mendes da Maia. Só os homens interpretam esta espécie de espectáculos e os mais famosos deles gozam de uma popularidade que ultrapassa a das grandes actrizes de cinema.

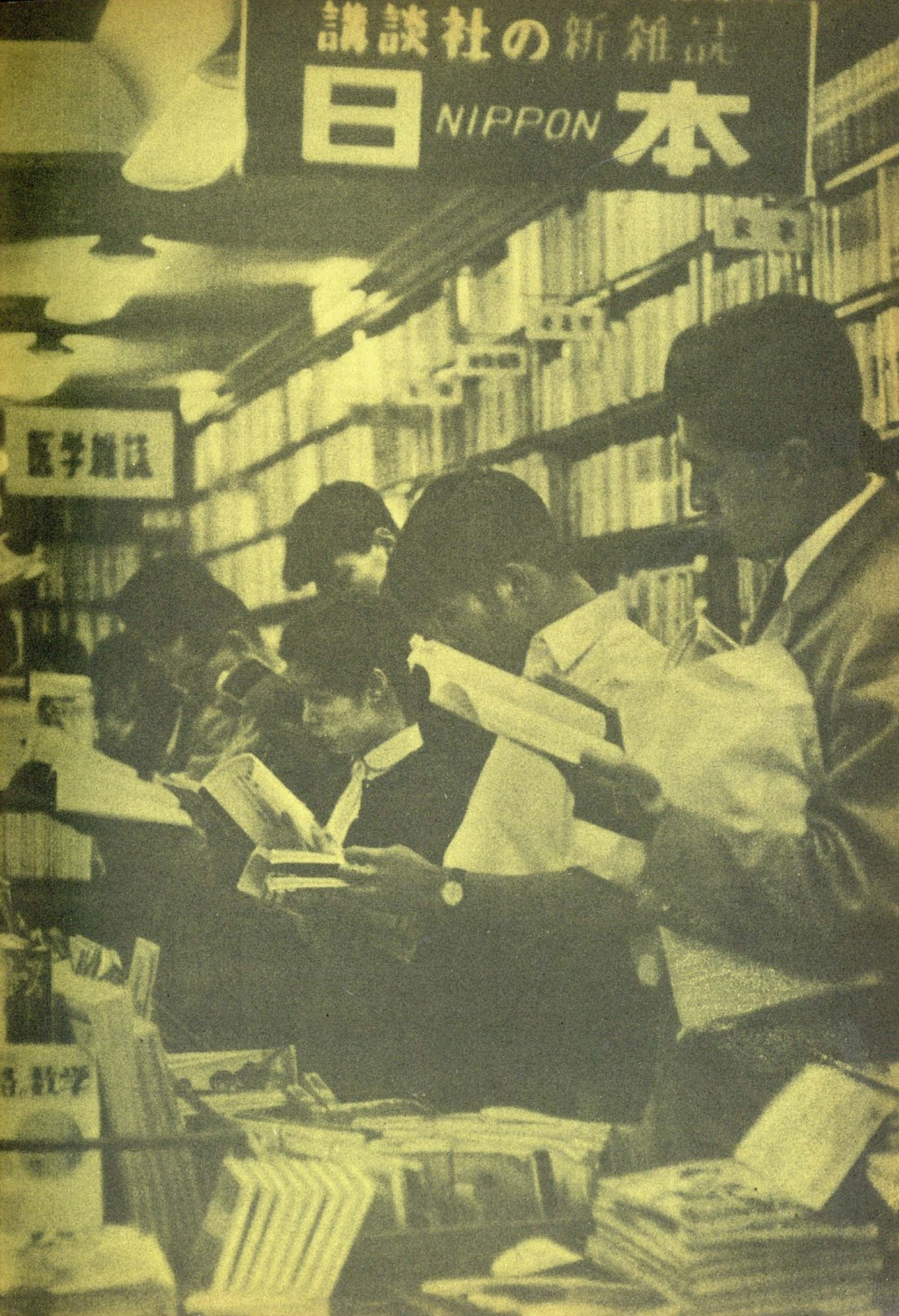
O amor da leitura

Ninguém se espante: o japonês ultrapassa os Ocidentais no seu amor pela leitura. Em Tóquio há 2.800 livrarias de certa importância, sem contar com os numerosos postos de venda de livros e de jornais espalhados pela cidade. Três diários chegam a imprimir cada um entre quatro e oito milhões de exemplares! Além disso publicam-se milhares e milhares de revistas, de semanários, de livros. As estatísticas dizem-nos que cada japonês (incluindo os recém-nascidos...) lê em média um jornal e meio por dia... E no entanto ler os caracteres japoneses é tarefa bem difícil, mesmo para eles! Quem pretende divertir-se vai até ao cinema, ao teatro, aos recintos nocturnos, aos campos de jogos. Mas ninguém, nunca por nunca ser, a menos que tenha as algibeiras vazias, se esquece de comprar um livro ou uma revista para ler durante as viagens de autocarro ou no metropolitano.

講談社の新雑誌

日 NIPPON 本

医学雑誌



3. 社会学

BOÊMIA

DE OUTROS TEMPOS

Por

Lourenço Rodrigues



O velho Passeio Público que cedeu cavalleirescamente o seu lugar à actual Avenida da Liberdade, há pouco esventrada pelas exigências do próximo Metropolitano, tinha forçosamente de figurar em lugar de destaque nestes apontamentos sobre a boémia de outros tempos.

É que na verdade ali se namorou, ali se projectaram raptos célebres e alguns pequeninos escândalos tiveram como palco esse frondoso recinto fechado que foi a delícia dos nossos avós.

O Marquês de Pombal ordenou a fase primitiva da sua construção, adquirindo uns terrenos que eram propriedade do Marquês de Castelo Melhor.

É curioso verificar que a história está sempre a repetir-se. É do conhecimento de todos, a grande celeuma que ultimamente provocou o derrubar de algumas árvores da nossa primeira avenida, dando ao lado esquerdo desta popular artéria, um aspecto diferente do que ainda se conserva ao lado direito, poupada aos sacrifícios do futuro transporte subterrâneo.

Pois em 1861 em plena aura de glória do romântico Passeio Público, os lisboetas também se revoltaram com o corte das ramadas das árvores que assim diminuiam a sombra.

O actor Taborda, nesse tempo ídolo das nossas plateias, referiu-se com grande êxito ao caso em uns versos com o sabor da época.

Mas comecemos pelo princípio que vem de longe. Uns dez anos depois do terrível terremoto que destruiu meia Lisboa, o reedificador da Cidade, quis dar ao público um recinto ao ar livre onde se divertisse e esquecesse as amarguras do passado. Mas por motivos difíceis de explicar, o successo não foi grande em matéria de concorrência. O lisboeta começou a frequentá-lo com limitado interesse e ainda em 1822, já passadas poucos dezenas de anos, um jornal dizia: «Se quisermos falar a verdade e ser sinceros, diremos que há em Lisboa umas poucas de árvores plantadas à linha, que a elas se chama o Passeio Público onde não vai ninguém e que a isto se reduzem todos os lugares de passeios em Portugal, Brasil e Algarves.»

Finalmente, os alfacinhas cujo passeio predilecto era dar uma volta em noites quentes pelo Terreiro do Paço mirando as tranquilas águas do Tejo, começaram a olhar carinhosamente para o seu Passeio Público e em 1840,

aos domingos, o recinto abarrotava de gente de todas as classes.

Depois da célebre missa da Uma no Loreto, as senhoras elegantes ali vinham mostrar os seus sorrisos discretos e as suas «toilettes» da última moda. Começou a ser chique frequentar o Passeio e então começa a época brilhante desta iniciativa que vem desde Sebastião de Carvalho e Melo até à data em que o audacioso Rosa Araújo quis substituir o acanhado Passeio pela Avenida de hoje, esartejada de automóveis, autocarros, camionetas e sinaleiros, mas que é indiscutivelmente a sala de visitas de Lisboa.

O passeio era cercado por um muro relativamente alto com janelas gradeadas. Homens de jaqueta não os deixavam os guardas lá entrar e mulheres de capote muito menos. Mas um dia um governador civil aboliu a disposição e democraticamente o Passeio passou a ser de quem o quisesse frequentar. Como nota curiosa diremos que as primeiras árvores que ali existiram, foram dadas por um francês, grande amigo de Portugal, que as deu dos seus opulentos viveiros. Do lado ocidental, ficava o majestoso palácio do Castelo Melhor e também o palácio dos condes de Lumiares cujos lindíssimos jardins eram dos mais famosos da nossa velha cidade. De maneira que o Passeio Público começava onde está actualmente o palácio Foz e estendia-se até às alturas da Rua das Pretas e da Praça da Alegria.

À roda de 1840, já com farta concorrência de público, o Passeio começou a alindar-se. Estátuas que haviam pertencido aos jardins da Inquisição, para lá foram aformosear o que era já o ponto de recreio de toda a Lisboa. Aos domingos havia música das duas às quatro da tarde e quando apareceu o gás, o acontecimento teve foros sensacionais.

As iluminações com o seu aspecto novo, muito afastado dos civilizados tempos em que Edison descobriu a prodigiosa electricidade, deixou os ingénuos alfacinhas do tempo, positivamente boquiabertos e espantados de tanta beleza...

O Passeio não chegava a ter mais de meio quilómetro de comprimento... Era portanto fácil de percorrer e de se encher. Com a sua crescente popularidade sucediam-se as festas. Durante muito tempo se falou com entusiasmo de um garrido fogo de artifício que uma senhora francesa trouxe à nossa capital. A peça final apresentava serpentes irisdadas

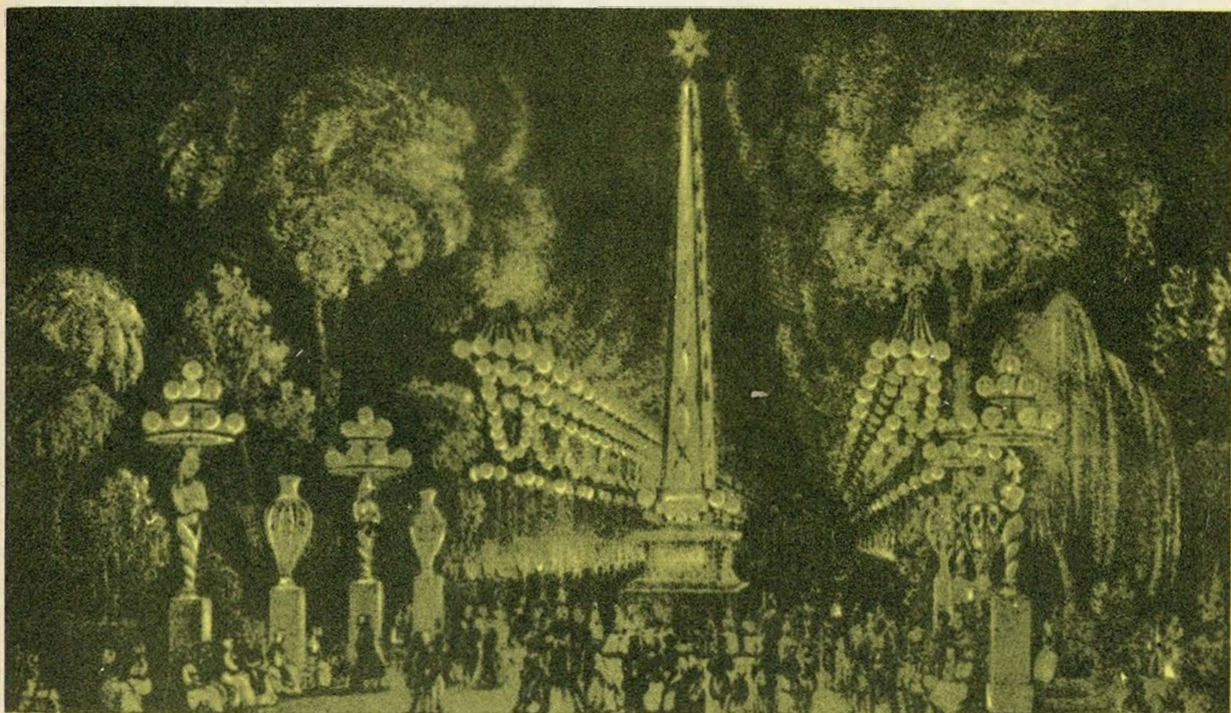
perseguido borboletas de mil cores e o público aplaudia freneticamente esta fantasia pirotécnica.

A certa altura, as damas de bom tom começaram a dar ali *rendez-vous* às quintas-feiras. O genial Rafael Bordalo Pinheiro, caricaturou com o seu pitoresco lápis em duas *trouvailles* saborosas, a tendência das pessoas elegantes em serem escravas da moda. Assim, em noites quentes que não eram noites da Moda, os frequentadores eram raros. Mas às quintas-feiras, mesmo que chovesse, o Passeio enchia-se. Lá iam todos assinar o ponto para serem vistos pelos outros...

A entrada do lado norte que reproduzimos de um desenho da coleção Barcia, tinha

Apesar disso, o consagrado humorista, bastantes vezes lá foi... Júlio César Machado, outro folhetinista de renome da Lisboa do século passado descreveu-o assim: «O Passeio Público representa por si mesmo Lisboa na rua. A Lisboa que sai, a Lisboa que se mostra, a Lisboa que se vê e quer ser vista, a Lisboa que se arrasta, a Lisboa que boceja, a Lisboa que namora, a Lisboa que esmói — encontra-se no Passeio Público».

Júlio Castilho, paciente investigador olisiponense, era mais generoso e considerava o discutido parque «um dos filhos dilectos do Marquês de Pombal, um dos instrumentos mais eficazes que teve o grande pecador para amalgamar as classes.»



uma grande escadaria com uma cascata que foi construída no ano em que se montou o gradeamento. Tinha uma certa elegância com os seus três arcos ao meio dos quais se erguia uma estátua deitando água de um vaso. Sobre os arcos alargava-se um amplo terraço olhando a Praça da Alegria ali perto.

O português, sempre dado à chacota, nunca deixou em paz o seu único divertimento ao ar livre, apesar de o frequentar assiduamente. Por exemplo: Gervásio Lobato, escritor cem por cento alfacinha, chamou-lhe «poço gradeado onde a sensaboria crescia muito mais que as árvores e onde as pneumonias passeavam de braço dado com os janotas da Baixa».

Por meio tostão, clero, nobreza e povo ali distraíam os seus ócios. A multidão contemplava os lagos onde nadavam belíssimos peixes vermelhos e dourados. Quando foi resolvido erguer o monumento dos Restauradores, houve necessidade de sacrificar o lago da entrada. Um dos guardas do Jardim conseguiu ser um tipo popular de Lisboa e o próprio escritor Alfredo Gallis o desenhou em meia dúzia de linhas:

«Era um tipo baixo, um pouco curvado, bigode farto e negro, olhar estúpido e bondoso, vestindo no pino do calor ou no mais rigoroso frio um enorme casacão azul-ferrete que lhe chegava aos tornozelos.»

Cumprimentava afavelmente os frequenta-



dores mais assíduos e era de uma cortesia que lhe granjeou merecida fama.

Em 1851 ali se realizou uma iluminação que ficou célebre. Ainda da inesgotável coleção Barcia, reproduzimos uma gravura por onde se pode apreciar o esmero das decorações. Finalmente em 1862 começou a demolição das vezações do Passeio. Ia surgir a Avenida da Liberdade. Quatro anos depois inaugurava-se o monumento aos Restauradores. Era a agonia da obra que Pombal iniciou. A vereação recebeu imensos protestos, entre eles um com mil e seiscentas assinaturas, mas o Passeio Público tinha os seus dias contados.

O povo ia deixar de cantar uns versos ingénuos que terminavam assim:

Fui ao Passeio ver o repuxo
Fiquei admirado de ver tanto luxo.

E assim terminou a vida acidentada desse jardim que muitas vezes dava mais o aspecto de um salão.

Lá, Justino Soares, professor em cujos braços aprenderam a dançar algumas das figuras mais notáveis, presidiu a diversos bailes infantis onde aparecia amiudadas vezes uma criança que mais tarde foi um dos grandes nomes da dramaturgia nacional: Adelina Abranches.

Defronte do Passeio, em frente da Praça da Alegria, existiu uma taberna que teve aura pela frequência que a celebrou. Ali abancava bastante o lendário Diogo Alves que ficou na história do crime.

Do outro lado havia o Café das Pretas que deu o nome à rua. Na parede exterior, duas enormes pretas pintadas reclamavam o estabelecimento. Na época de maior prestígio do simpático recinto, dois nomes andavam na boca de Lisboa inteira pelas suas diabruras e façanhas. O conde de Farrobo e o marquês de Nisa, figuras gradas da sociedade que se divertiu e deixou fama. O primeiro, milionário, artista, boémio inconfundível, cortesão do amor, desbaratou uma fortuna colossal, acabando numa relativa penúria. Várias vezes o acolhedor Passeio Público o viu cortejando solteiras, casadas e viúvas.

O segundo, da mais lídima fidalguia portuguesa, por lá também estadeou as suas estroinices. Em matéria de ditos de espírito,

conta-se que uma tarde, um amigo do marquês lamentava-se da esposa, dizendo:

«Não sei como corrigir minha mulher do defeito de exagerar tudo.»

— É fácil, respondeu o fidalgo. — Obrigá-a a dizer a sua idade a toda a gente...

Não têm conta os episódios engraçados que se passaram naquele aprazível refúgio lisboeta. Em 1865, realizou-se um concerto de músicos cegos, ex-alunos da Casa Pia. Um cartaz sofismado anunciou um «spectáculo de alunos ex-cegos da Casa Pia.»

Certo dia, um francês de apelido Bouillon, fez uma proposta à Câmara Municipal no intuito de realizar um concerto monstro. Figurariam nesse concerto quatrocentos executantes e seis peças de artilharia que tocariam uma marcha guerreira. Parece porém que o projecto, disso não passou porque não encontramos referências nos jornais a esse facto.

Também teve larga concorrência um café-concerto que ali se estabeleceu com artistas pertencentes a uma companhia que trabalhara com êxito no teatro D. Fernando da Rua dos Fanqueiros e que por cá ficaram.

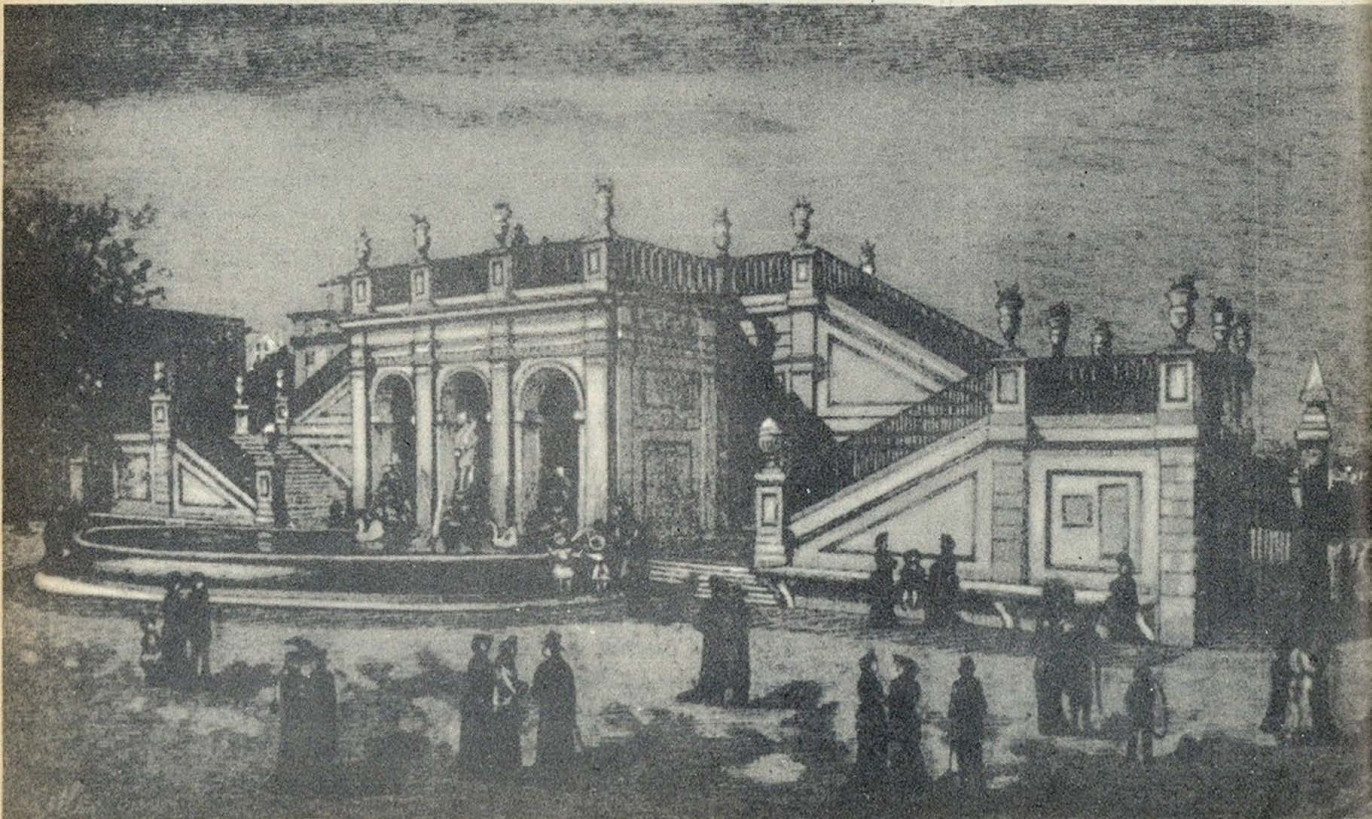
Igualmente ali se realizou um bazar promovido pela viúva de D. Pedro IV a favor

de um Asilo de Infância Desvalida. Claro que a melhor sociedade deu a sua colaboração à **quermesse** e o resultado financeiro foi óptimo. Apareceu nessa ocasião, uma novidade apresentada pelo reitor do Colégio dos Inglesinhos que consistia em um caminho de ferro em miniatura. Toda a cidade se extasiou perante aquele **assombro**, e velhos e crianças deliraram de entusiasmo.

Como nota curioso, diremos que em 1857, a Câmara aprovou o levantamento no Passeio Público, das estátuas do Infante D. Henrique, D. João de Castro, Afonso de Albuquerque e Luís de Camões. Como sabem, só as duas últimas se ergueram, mas não no sítio indicado.

De uma forma geral, pouco mais há a acrescentar à história resumida desse recinto fechado que um dia o architecto Reinaldo Manuel delineou e que durou apesar de tudo, cento e dezoito anos. Com altos e baixos como tudo na vida, duas ou três gerações por lá passaram.

Hoje, graças ao progresso, viaja-se pelo ar e por debaixo do solo, mas os tempos calmos do Passeio Público, com o seu romantismo, acabaram para sempre. Paz à sua alma!



Um animal por mês

O LEÃO

ANIMAL SEM ESPÍRITO DESPORTIVO,
INIMIGO DOS LONGOS DISCURSOS...

Rei dos animais, saberá ele que o é? Rei dos animais por obra e graça do bicho-homem, o leão tem atravessado as idades com um ceptro nas garras e uma coroa na cabeça — mas ignora tudo isso. E se alguma vez viu aquela figura esculpida em mármore ou em basalto, que lhe dizem ser ele, com esse ar imponente e dominador de grande senhor da selva, não foi certamente para reconhecer, surpreendido, a sua própria imagem; foi antes para chorar uma tão grande miséria.

Rei dos animais, bem sabe ele que o é, não porque tenha conquistado aos homens o seu reino, e muito menos porque eles tenham abdicado nele, mas pura e simplesmente porque não se consideram animais.

E que não são animais provam-no com a melhor das armas: a carabina! Tiro aqui, tiro acolá, por um pouco não ficava vivo um único leão e, degradação suprema, os homens acabaram por fixar-lhe residência nas reservas de caça, nos jardins zoológicos, nas jaulas dos circos...

É certo que uma ou outra vez fecha a dentuça no momento menos oportuno, cortando o pescoço do domador imprudente, mas, de um modo geral, caracteriza-se pela brandura dos costumes.

Por exemplo: em Junho passado, em Varsóvia, uma leoa fugiu da jaula e foi passear para a rua. Não fez mal a ninguém, é claro, e acabou por entrar num parque infantil, onde — sob o olhar horrorizado das mães — começou a brincar com as crianças. Será preciso dizer que elas lhe puxaram o rabo e as orelhas e se puseram às cavalitas nela, como se fosse um cão manso e condescendente? Será preciso acrescentar que a leoa tudo suportou e tudo fez para os divertir?

Nem sempre os homens confiaram nos bons costumes do rei dos animais. Quando Francisco I, rei de França, entrou em Milão, fo-



ram celebradas festas imponentes. De certa vez em que o rei estava sentado no seu trono, abriram-se as portas e, perante a surpresa geral, entrou um grande leão que se dirigiu para Sua Majestade. Ajoelhou-se, abriu o focinho e depositou aos pés do rei uma grinalda de flores de lis. Mas não era um leão a sério (livra!), tratava-se de um autómato construído por Leonardo da Vinci...

Hannon, cartaginês ilustre, foi o primeiro homem — ao que se diz — a domesticar um leão, e com tanta habilidade, que por ele era sempre seguido, fosse para onde fosse. Os cartagineses que, pelos vistos, tinham em conta excessiva a ferocidade do rei dos animais, exilaram Hannon da sua terra. Diziam eles: «Homem tão hábil que até as feras faz mansas, é fatalmente perigoso para nós e para as nossas liberdades.»

Falar de Cartago é pensar em Roma. Toda a gente sabe a história de Androcles e o leão, mas muita gente ignora as palavras, com que o arguto Androcles aplacou a ira da fera: «Tu podes comer-me se quiseres; mas não te esqueças que depois do banquete vêm sempre os discursos». Como toda a gente, o leão detestava os discursos.

Deixou Androcles em paz.

Habitados a ver os leões do jardim zoológico aconchegados todo o santo dia nos braços de Morfeu, quem poderia adivinhar que tem um grande sentido das responsabilidades? Aliás era de prever esse sentido das respon-

sabilidades: o leão nasce com os olhos abertos... Ora ouçam:

Havia um mosteiro não muito longe do Jordão, que era dirigido pelo monge Jerósimo. Estava este à beira do rio quando lhe apareceu, de certa vez, um enorme leão que soltava rugidos atroadores. Antes mesmo que Jerósimo terminasse a primeira frase da oração, já o bicho estava ao pé dele. Mas não o comia. Apresentava-lhe com um ar súplice a pata direita, onde um caniço se havia incrustado. Que fez o bom do monge? Arrancou-lhe o caniço e tratou-o carinhosamente. Depois disse-lhe que se fosse embora.

Tão agradecido ficou o rei dos animais que abdicou da sua realeza e livremente escolheu a escravatura.

Havia no mosteiro um burro cuja função era ir todos os dias ao rio buscar água. De que se havia de lembrar o bom do monge? Ensinou o leão a acompanhar o burro ao pasto, para o guardar.

Mas aconteceu uma coisa terrível. Demasiado confiante na bondade humana, convencido de que nenhum perigo espreitava o pobre asno, o leão aproveitava o momento e dormia uma soneca.

Um condutor de camelos que por acaso ali passava, vendo o burro sôzinho fez-lhe mão baixa e levou-o consigo. Com o focinho baixo, com um ar envergonhado, apresentou-se o leão no mosteiro.

Que havia o monge de supor?

— Grande malandro, não tens vergonha? — Convencera-se de que o leão comera o burro. E para o castigar obrigou-o a fazer o trabalho do animal que devia ter guardado. Todas as manhãs lá ia o pobre buscar a água!

Causava tanto dó vê-lo naquela tarefa que um soldado, descobrindo-o com os odres às costas, teve pena e deu dinheiro ao monge para comprar um novo burro que substituisse o rei escravo.

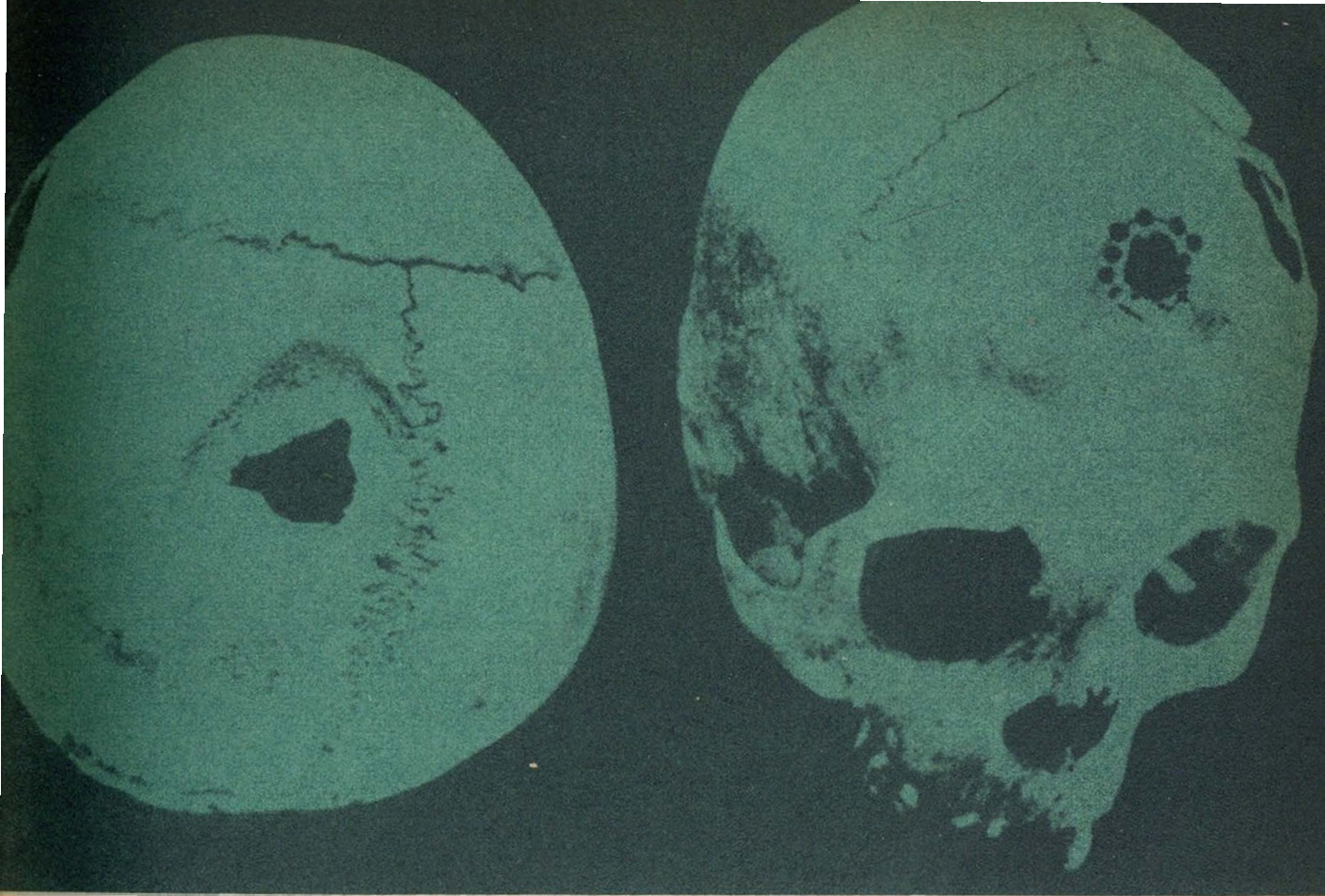
Poucos dias depois passou por ali o ladrão a cavalo no burro. Visto e feito. O leão deu-lhe uma corrida, chamou o burro, roubou-lhe os camelos e foram todos em procissão ter com o monge — o leão à frente, as alimárias atrás.

Chorou o santo monge por ter levantado falsos testemunhos e daí para o futuro o leão passou a viver como um príncipe.

Quando, em 475, Jerósimo veio a falecer, o leão andava por fora. Chegando e não vendo o seu amigo foi tomado de tamanho desgosto que logo ali morreu, trespassado pela dor.

Ao que parece, o leão não tem espírito desportivo. Mata gente apenas quando tem fome. Quão superior é o homem que mata leões sem que a necessidade o obrigue, que os mata por simples desporto, por simples jogo, espiritualmente alheio às mesquinhas servidões da prática e do interesse!





DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

história dos oceanos

a trepanação
através dos séculos

Uma das vantagens que nos oferece o facto de não sermos imortais consiste nisto: é que não temos de nos preocupar com um certo número de graves acontecimentos que estão reservados ao nosso planeta. Por exemplo: presentemente o nível das águas do mar sobe 6 cms por século. Já pensou, o alfacinha confiado, no que será a nossa Baixa dentro de dois mil anos? Já pensou que Lisboa, a não querer abandonar o Rossio, se transformará numa nova Veneza, e que Veneza essa, será uma cidade submarina? Um pouco de imaginação: descemos o elevador de Santa Justa e lá em baixo uma gôndola (se formos ricos), um **vaporetto** (se formos remediados) estará à nossa espera para nos levar ao Teatro Nacional, que por essa altura será, com toda a certeza, um salão de **bowling** ou coisa que o valha.

Pois é verdade: o mar cresce, o nível das águas sobe... Porquê? Apenas para pregar uma partida a todos os portos do mundo? Talvez não...

Como o leitor sabe existe na terra muitíssima água. Total da massa líquida terrestre: 1.500 milhões de km³. A maior parte desse volume de águas é constituída por Oceanos. Por outro lado a atmosfera guarda no estado de vapor e de nuvens qualquer coisa como 15.000 kms³. Os rios e os lagos superficiais absorvem, por sua conta, cerca de 230.000 kms³ de água.

Os rios e os reservatórios subterrâneos contêm de água talvez uns 80 milhões de kms³. Pois bem: uma parte elevada dessa água encontra-se sob a forma de gelo nos glaciares das montanhas e nas calotes glaciares da Gronelândia e do Antártico. Números? Entre 10 e 25 milhões de kms³ de volume...

E é aí que as coisas se complicam. Se essa massa gelada fosse estável, não tínhamos que nos preocuparmos. Mas suponha-se que todo esse gelo se fundia. Então o nível das águas do mar elevar-se-ia de 20 a 60 metros. Todos os portos ficariam submersos e era uma vez Lisboa... Em todo o caso, o perigo não é imediato. É bem possível que o homem venha a morrer de morte macaca (uma guerrazinha atômica, ou biológica, para variar) muito antes da data prevista para tal acontecimento (caso ele venha a dar-se, não há a certeza): lá para o ano de 12.000 ou 20.000...

Descansemos. São tantas as preocupações presentes!

Recue o leitor um milhão de anos... Ao que se supõe não havia gelo nessa época (como ainda não havia esquimós; o gelo não fazia muita falta). Posteriormente surgiram quatro grandes períodos glaciares e os gelos ocuparam 3 milhões de kms³, não só na Europa como na Sibéria e na América do Norte. Essas glaciações tiveram como consequência a descida do nível das marés (cem metros, aproximadamente). Em compensação, aí por volta do ano 3.000 a. C. o clima aqueceu, houve uma grande fusão de gelos e o nível do mar subiu ficando uns dois metros acima do actual. Até ao século XVIII houve um novo recuo das águas do mar. A partir de então, as águas começaram de novo a subir — o que significa que grandes massas geladas começaram de novo a fundir-se.

Por outras palavras: consoante as variações da temperatura terrestre, assim os glaciares avançam ou recuam e o nível do mar desce ou sobe.

A TREPANAÇÃO ATRAVÉS DOS SÉCULOS

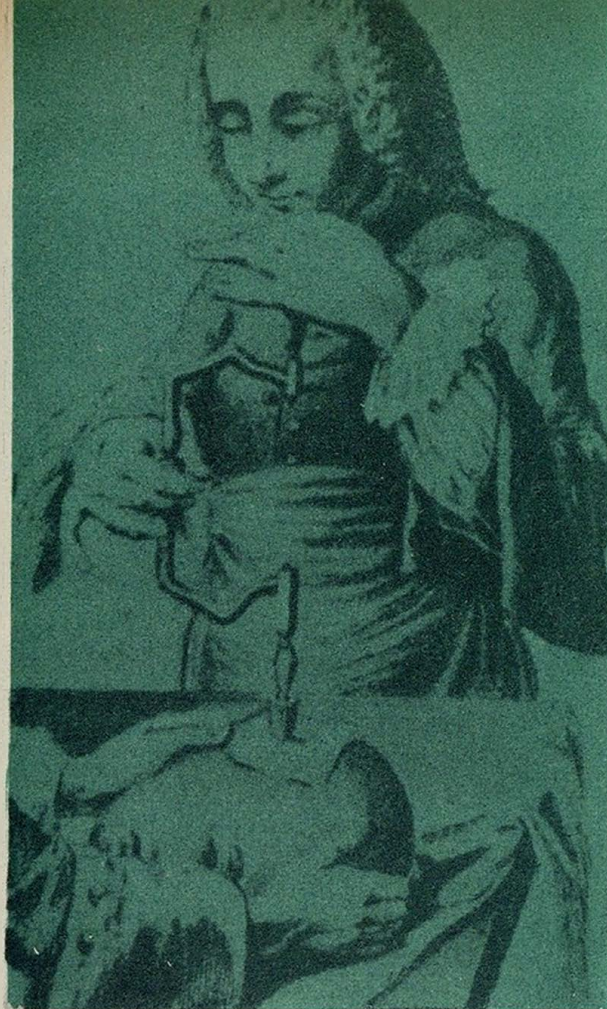
Por muito estranho que pareça, a trepanação craniana efectuava-se já em épocas recuadas da pré-história. É pelo achado de crânios remontando a esses tempos, que o facto inequivocamente se demonstra. O número de peças já actualmente retiradas em várias pesquisas é tão elevado que não permite dúvidas a esse respeito. A trepanação era efectuada em vida, nos crânios dos homens pré-históricos.

Em que consiste a trepanação? Consiste na remoção de uma porção da calote craniana que modernamente se efectua com fins terapêuticos, já para permitir o acesso ao encéfalo, já para aliviar qualquer pressão intracraniana de origem meníngea ou perióstica, já para remover pedaços de ossos destruídos por fracturas.

Operação melindrosa, é efectuada com o auxílio de um instrumento especial, o trépano, encontrando-se o doente nas melhores condições de assésia, sob a acção da anestesia e assistido por médicos aptos a intervir no caso de sobrevir qualquer complicação.

Esta técnica usada hoje em dia tem as suas origens, como sabemos, na pré-história, mas através do curso da medicina histórica, a tradição, se não se perdeu, debilitou-se extraordinariamente. Os antigos gregos recomendavam a trepanação em quase todos os traumatismos, mas já Celso, médico romano, considerava a trepanação como último recurso quando todas as demais medidas terapêuticas, como cataplasmas, compressas, etc. tivessem falhado. Entre os árabes quase não se trepanou e os grandes cirurgiões franceses da Idade Média: Lanfranchi, Mondeville, Chauliac, são contra o abuso da trepanação e prescrevem regras para a sua efectuação com um máximo de segurança.

Nos séculos XVI e XVII observamos sobretudo grandes progressos técnicos: numerosos aparelhos foram modificados ou inventados e o estojo do cirurgião, que ia abordar a trepanação, aperfeiçoou-se extremamente.



Trepanação no séc. XVIII.

As gravuras que apresentamos mostram vários desses estojos. Esta melhoria técnica trouxe como consequência um aumento considerável do número de trepanações. Ambroise Paré recomendava-a mais tarde; o séc. XVIII veio a conhecer uma verdadeira loucura das trepanações, quer em Inglaterra quer na França, onde encontramos casos como um de Delatouche, trepanado 52 vezes em dois meses. As operações, aliás, tinham pouco sucesso: a Mary, durante 60 anos da sua actividade no hotel de Dieu em Paris morreram-lhe todos os doentes trepanados e nem mesmo assim desistiu da operação.

A reacção contra este abuso não se fez esperar também e durante o séc. XIX usou-se a trepanação com mais critério. Com o advento da anestesia, da assépsia e das modernas técnicas cirúrgicas a trepanação passou a fornecer resultados muito mais seguros e todo um ramo da cirurgia — a neurocirurgia — veio a ocupar-se dos transtornos intracranianos cirurgicamente abordáveis.

É a trepanação na pré-história que, todavia, mais nos impressiona. Os factos são inequívocos: as trepanações eram efectuadas; crânios há em que se pode admitir tratar-se

de eventuais traumatismos, noutros, porém, o traço da fractura é tão nítido e certo que não se pode pôr em dúvida tratar-se de intervenção voluntária. Mas, pergunta-se, não seriam essas trepanações feitas «post mortem» com fins mágicos ou apenas para extracção de rodelas de osso destinadas a adereços? Também a isto se responde: crânios há em que são nítidos os vestígios de cicatrização óssea post-operatória, atestando a sobrevivência de alguns anos após a intervenção.

Foi o médico francês Prussières quem fez, em 1873, no vale de Lozère, os primeiros achados que nos deram a conhecer a trepanação da nova Idade da Pedra. Depois destes, numerosos outros investigadores por quase todo o mundo vieram acrescentar material e considerações e encontraram-se também em Portugal crânios trepanados, sobre os quais existem trabalhos do Prof. Barbosa Sueiro.

É difícil, mesmo para aqueles que mais se especializaram neste assunto, interpretar completamente o sentido da trepanação. As primeiras hipóteses explicativas, nitidamente fantasistas, viam na trepanação uma cerimónia mágica de iniciação que conferia ao indivíduo uma posição de maior importância dentro da tribo. Mais tarde, os dados fornecidos pela etnologia vieram mostrar inequivocamente a finalidade terapêutica da trepanação.

Esta efectuava-se particularmente nas regiões em que se usava a clava de pedra como arma. Parece ter sido levada a efeito para tratamento de fracturas, para as dores de cabeça insistentes, para o grande mal epiléptico. Como é que em tempos tão recuados se chegou a idealizar e efectuar uma operação destas é um enigma difícil de decifrar. Os estudos sobre o assunto baseiam-se em material antigo da Europa, da Ásia e da América do Sul e também dos dados recentes das civilizações primitivas da Polinésia.

O que mais impressão faz é a capacidade do paciente em resistir à dor, ao choque, e às possíveis injecções futuras. Isso só pode ser compreendido se nos lembrarmos que o homem primitivo, quando chega à idade adulta, aos 18, 20 anos, resistiu já a um tão grande número de traumatismos, sobreviveu ou escapou imune a tantas e tão variadas doenças, que a sua resistência natural é mais dificilmente vencida que a nossa, sedentários burgueses, pouco ginasticados, sobrevividos à custa de alimentações racionais e de anti-bióticos e educados obrigatoriamente.

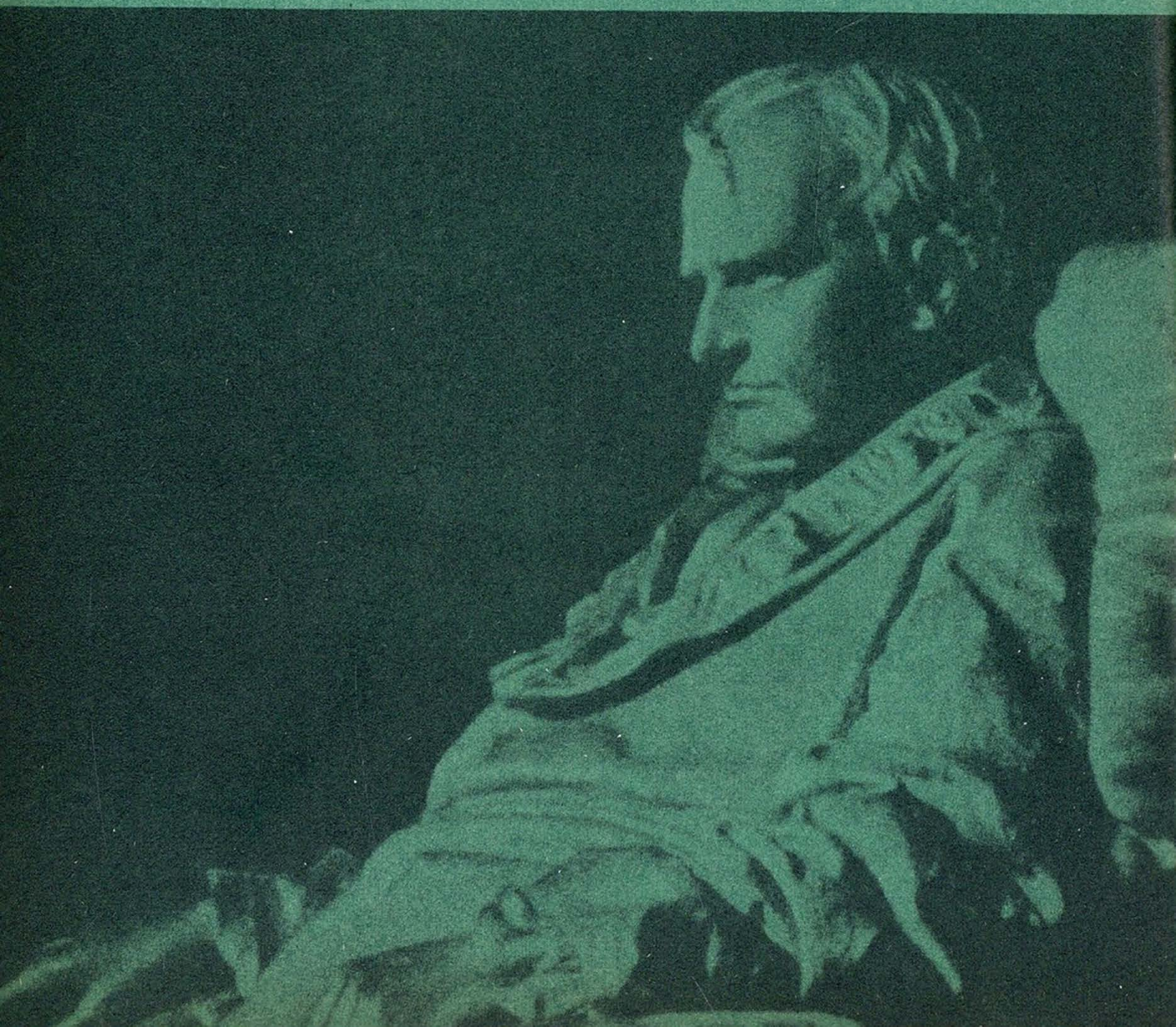
cartas de amor célebres

NAPOLEÃO A JOSEFINA

**«com estas cartas
nasceu o romantismo»**

BERNARD TOISET

«todas as cartas de amor são ridículas»



A correspondência de Napoleão e Josefina situa-se entre 1795, aquando da campanha de Itália, e 1814, alguns dias depois da abdicação, no momento em que o ex-imperador preparava já as malas para se dirigir à ilha de Elba.

Entre a primeira carta aqui publicada e a última não se passaram muitos anos, mas voltou-se uma das páginas mais dramáticas da história da França. Durante esse período, Bonaparte alcançou o consulado, sagrou-se imperador, dominou a Europa e perdeu-a. Durante esse período, divorciou-se de Josefina (porque não lhe dera um filho) para se casar com Maria Luisa, mas nunca deixou de se corresponder com a primeira.

Quanto ao resto, falam por si mesmas. O homem que dominava a Europa não conseguia alcançar o amor da mulher amada.

Paris, 28 de Outubro de 1795

Acordo cheio de ti. O teu retrato e a lembrança do enebriante serão de ontem não deixaram em paz os meus sentidos.

Doce e incomparável Josefina, que extraordinário efeito causas em meu coração! Zangas-te? Vejo-te triste? Apareces inquieta? A minha alma estala de dor, e não há repouso para o teu amigo... Mas será diferente a minha situação quando, entregando-me ao sentimento profundo que me domina, colho nos teus lábios, no teu coração, uma chama que queima?

Ah! Foi esta noite que notei que o teu retrato não te reflecte.

Vais partir ao meio-dia, ver-te-ei dentro de três horas.

Esquecendo espero, *mio dolce amore*, recebe um milhão de beijos, mas não mos retribuas, que os teus beijos incendiam-me o sangue.

Bonaparte

Nice, 30 de Março de 1796

Não se passou um único dia que te não amasse. Não passei uma noite sem te apertar nos meus braços. Não levei aos lábios uma única chícara de chá sem maldizer a glória e a ambição que me conservam afastado da alma da minha vida.

No meio das ocupações, à frente das tropas, percorrendo os campos, a minha adorá-

vel Josefina permanece sòzinha no meu coração, ocupa o meu espírito, absorve os meus pensamentos.

Se me afasto de ti com a rapidez da torrente do Ródano é para voltar a ver-te mais depressa. Se, a meio da noite, me levanto para trabalhar, é porque isso pode antecipar alguns dias a chegada da minha doce amiga.

E, no entanto, na tua carta de 23 a 26 Ventôse (12 a 16 de Março de 1796) trata-me por você! Você, dito por ti!

Má! Como pudeste escrever esta carta! Quão fria ela é! E depois, de 23 a 26 decorreram quatro dias. Que fizeste, visto que não escreveste ao teu marido?...

Ah! Minha amiga, esse você e aqueles quatro dias fazem-me ter pena da minha antiga indiferença. Maldição para o causador! Que ele sofra como pena de suplício, o que a convicção e a evidência — no espírito do teu amigo — me fariam sofrer! O Inferno não tem suplícios! Nem as Fúrias serpentes! Tu!, Tu! Ah! Que vai ser, dentro de quinze dias?...

A minha alma está triste, o meu espírito escravizado, e a minha imaginação aterra-me... Já me não amas tanto. Hás-de consolar-te. E um dia deixarás de amar-me. Confessa-mo. Poderei ao menos mecerer a desdita...

Adeus mulher, tormenta, felicidade, esperança e alma da minha vida, que amo, que receio, que me inspira ternos sentimentos — como os da Natureza carinhosa — e movimentos impetuosos tão vulcânicos como o trovão.

Não te peço um amor eterno, nem felicidade, mas apenas verdade, franqueza sem limites. No dia em que disseres «amo-te menos», esse será o último do meu amor ou o último da minha vida.

Se o meu coração fosse tão ignóbil que te amasse sem retribuição, arrancá-lo-ia para o morder.

Josefina, Josefina, lembra-te do que mais de uma vez te disse! A Natureza deu-me uma alma forte e decidida. A ti fez-te de rendas e de gase. Terás deixado de me amar?

Perdoá, alma da minha vida, a minha alma está lançada ao encontro de vastas ambições. O meu coração, inteiramente ocupado contigo, tem receios que me tornam infeliz...

Adeus! Ah! Se me amasses menos é porque nunca me terias amado! E eu seria então bem digno de dó.

Dalbengo, 5 de Abril de 1796

É uma hora da noite. Trazem-me uma carta. É triste. Sinto a alma perturbada. Morreu Chauvet. Era chefe dos serviços de Intendência do Exército. Encontrei-lo algumas vezes na casa de Barras.

Sinto, minha amiga, necessidade de consolação. É escrevendo-te, somente a ti — (pensando em quem tanto a vibração moral das minhas ideias é influenciada) — que se me torna necessário desabafar as minhas mágoas.

Que é o futuro? Que é o passado? Que somos nós? Que mágico fluído nos envolve e nos oculta as coisas que mais importaria conhecermos?

Passamos, vivemos, morremos no meio do maravilhoso. É pois de admirar que os astrólogos e os charlatães se tenham aproveitado desta tendência, desta circunstância singular para encaminharem as nossas ideias e as dirigirem ao sabor das suas paixões?

Morreu Chauvert. Era-me dedicado. Teria prestado à pátria serviços essenciais. As suas últimas palavras foram para dizer que partia para me encontrar. Sibila nos ares. A sua alma vagueia nas núbens. Será propício ao meu destino.

Mas, que insensatez, derramo lágrimas sobre a amizade. E quem me diz que, neste momento, não tenho de derramá-las de forma irreparável? Alma da minha vida, escreve-me por todos os correios. Não poderei viver de outro modo.

Adeus, adeus, adeus. Vou dormir, já que o sono me serve de consolação. Ele coloca-te a meu lado, aperto-te nos meus braços. Mas ao acordar, aí de mim! Encontro-me tristemente longe de ti.

Muitas lembranças a Barras, a Talien e à mulher.

Cherasco, 29 de Abril de 1796

Murat, que te entregará esta carta, te há-de explicar, minha adorável amiga, o que tenho feito, o que farei, o que desejo. Concluí uma trégua com o rei da Sardenha. Expedi Junot, há três dias, com meu irmão. Mas eles chegarão depois de Murat, que passa por Turim...

A tua habitação está pronta, tanto em Mondovi como em Tortone. De Mondovi poderás ir a Nice e a Génova e, de lá, ao resto da Itália, se te der prazer.

A minha felicidade é que sejas feliz, a minha alegria que estejas alegre e o meu prazer que também tu o tenhas. Nunca mulher alguma foi amada com mais devoção, ardor e ternura. Nunca mais será possível a alguém ser tão inteiramente senhor do seu coração, ditar-lhe os gostos, as tendências e formar com eles os desejos.

Se da tua parte isso não se dá, deploro a minha cegueira. Entrego-me aos remorsos da tua alma. E se não morrer de dor por isso, ferido para toda a vida, não mais meu coração se abrirá inteiramente ao sentimento de prazer e de doçura. A minha vida passaria a ser toda física. Porque eu teria, perdendo o teu amor, o teu coração, a tua adorável pessoa, perdido tudo o que me torna a vida amável e querida...

Como queres tu, minha vida, que eu não esteja triste? Não tenho cartas tuas. Só as recebo de quatro em quatro dias. Quando é certo que, se me amasses, me escreverias duas vezes por dia.

Mas torna-se necessário tagarelar com os pequenos senhores visitantes desde as dez horas da manhã, e escutar as bagatelas e as tolices de cem tontinhos até à uma hora da noite.

Nos países onde há costumes estabelecidos a partir das 10 horas, toda a gente está em sua casa. Mas nesses países escreve-se a seu marido, pensa-se nele, vive-se para ele.

Adeus Josefina, tu és para mim um monstro que não consigo explicar.

De dia para dia te amo mais. A ausência apaga as pequenas paixões e atea as grandes.

Ah! Se não vieres!!!

Traz contigo a tua criada de quarto, a tua cozinheira, o teu cocheiro. Tenho cavalos de trela para o teu serviço, e uma bela carruagem. Traz apenas o que for absolutamente necessário. Tenho serviços de prata e de porcelana que te convirão.

Adeus, o trabalho manda.

Não posso largar a pena... Ah! Se esta tarde não receber cartas ficarei desesperado. Pensa em mim, ou diz-me com desdém que não me amas. E então, encontrarei, talvez, no meu espírito, razão para ser menos digno de dó.

Envio-te por Murat duzentos luízes de que te servirás se precisares ou que empregará para mobilar os aposentos que me destinares. Se puderes pôr o teu retrato por toda a parte!... mas não, é tão belo, um que tenho no

meu coração que, por mais bela que sejas e por mais hábeis que sejam os pintores, só terias a perder.

Vai ser um dia muito feliz... esse em que atravessarás os Alpes. Será a mais bela recompensa das minhas penas e das vitórias que alcancei.

Modène, 17 de Outubro de 1796

Anteontem, passei o dia inteiro em marcha. Ontem, fiquei de cama. Febre e fortes dores de cabeça, tudo isso me impediu de escrever à minha adorável amiga. Mas recebi cartas tuas. Apertei-as de encontro ao coração e aos lábios, e a dor da ausência pelas cem milhas de afastamento passaram. Nesse momento vi-te junto de mim, não caprichosa e amuada mas doce, terna, com essa unção de bondade que é um dom exclusivo da minha Josefina. Foi um sonho. Imagina, só isso consegui fazer-me passar a febre.

As tuas cartas são frias como cinquenta anos. Têm o aspecto de quinze anos de casamento. Vê-se nelas a amizade e os sentimentos deste inverno da vida. Oh! Josefina!... É muita maldade, muita traição da tua parte. Que mais farás para me tornares digno de dó? Deixar de amar-me? Oh! Já é um facto. Odiar-me? Pois bem, faço votos por isso. Tudo o mais avilta, excepto o ódio. Mas a indiferença de pulsos de mármore, de olhar fixo, de caminhar monótono!...

Mil, mil beijos muito ternos, como o meu coração.

Vou passando um pouco melhor. Parto amanhã. Os ingleses abandonam o Mediterrâneo. A Córsega pertence-nos. Boas novas para a França e para o exército.

Fontainebleau, 16 de Abril de 1814

Escrevi-te no dia 8 deste mês (uma sexta-feira) e é provável que não tenhas recebido a minha carta; travava-se luta ainda e podem tê-la interceptado. Agora as comunicações devem estar restabelecidas. Tomei as minhas decisões. Tenho a certeza de que esta carta te chegará às mãos.

Não te repetirei o que te dizia. Lamentava eu a minha situação, mas hoje felicito-te por ela. Tenho a cabeça e o espírito aliviado de um enorme peso. A minha queda é grande mas pelo menos é útil, ao que me dizem.





A CONTRA- MISSÃO

por marcel brion

Marcel Brion é o pseudónimo de Jean-Jacques de La Rosière, professor do Colégio de França e antigo professor da Universidade Francesa de Banguécoque.

Nascido em Arras, no Norte da França, em 1892, fez os seus estudos em Louvain e Paris, onde se doutorou em Filosofia com uma tese intitulada «Sen les différentes versions des Provinciales» que é ainda hoje o elemento de consulta básico para uma compreensão lúcida da obra pascaliana.

Colocado nos quadros do Ultramar correu sucessivamente Brazaville, Alger e Bangkok. A guerra surpreendeu-o aí. Abandonou esse lugar distante de Paris e veio juntar-se no Tchad ao general Leclerc de cujo estado fez parte e com quem entrou em Paris.

Este gosto pela aventura é que o levou a, sob o pseudónimo de Marcel Brion publicar alguns volumes de contos policiais. Das obras publicadas sob o seu próprio nome deve destacar-se o excelente estudo «Stendhal ou la difficulté d'ôtre français».

Bombaim durante a monção é uma cidade triste. Enorme, lançando tentáculos de miseráveis barracas para o interior, alonga-se à beira de um oceano cor de chumbo, pesada da vida buliçosa e escura dos seus milhões de habitantes. Um calor pesado e húmido, envolve tudo e os gestos são lentos, viscosos, difíceis.

Do aeroporto à cidade, pela janela da camioneta da companhia de aviação. Petersen ia mentalmente registando o que via. Mesmo agora, numa pausa das suas por vezes arriscadas missões, não perdera o hábito de observar, inferir, catalogar mentalmente tudo quanto à sua volta se passava. Vendedores de fruta, vendedores de bugingangas, velhos na varanda de hotéis imundos, lavando os dentes para a rua, saris, bicicletas, militares de «kaki», alguns ingleses de branco, direitos e vermelhos, passeando-se junto do Arco de Vitória e Alberto.

O hotel Taj-Mal, o maior da Ásia. — À porta um letreiro «Proibida a entrada a sul-

-africanos». Peterson sorriu. No registo entregou o passaporte.

Dois «coolies» miseráveis lançaram-se-lhe sobre a mala. Escusou-se e levou-a ele.

A janela do quarto viu fazer-se noite. Tomou um duche vestiu o roupão e consultou a agenda. A 18, Bombaim, a 20, Nova Deli, a 22, Peshwara, tudo de avião. Depois, de carrinha ou camioneta, por terra, até Kabul. A sua missão era urgente.

Já assistira muitas vezes ao crepúsculo dos trópicos. Como se explica nas selectas, ele é breve e súbito — mas nunca como naquela tarde o angustiara tanto o pequeno momento quase imperceptível, ainda não nocturno, que precede a escuridão total.

**«De um momento para outro desce a noite
Assim a Morte te descera as pálpebras»**

Dissera Brouchs, ou Keats?

Peshawara situa-se na província fronteira e, sem dispor das belezas naturais da sua rival Sunagar, no Cachemira, em cujos lagos se alugam barcos, autênticos «bungalows» flutuantes, servidos por impecáveis criados, onde os amorosos ricos da Índia vão extasiar-se em luas-de-mel comparáveis às de Veneza; mantém uma amenidade de clima e de paisagem própria a permitir alguma tranquilidade aos espíritos, mesmo agora, durante a guerra, era sensível um efeito calmante e relaxante. Todos o sentiam: os muçulmanos e os hindus, os europeus e os asiáticos, os patriotas e os traidores, os que tinham nacionalidade definida e os insuspeitados apátridas.

Um agente alemão provavelmente fora enviado ao Afeganistão — noticiavam os telegramas dos jornais.

O cavalheiro louro e alto que se sentara ao seu lado, no avião de Nova Deli para Peshawara, começara por incomodá-lo.

Peterson, com a vida que tinha, não podia perder muito tempo com mulheres mas preferia uma rapariga bonita a seu lado. Além disso, o cavalheiro tinha um ar germânico que estranhara na altura. Mas não era conversador, não cheirava mal (perigo existente nos aviões orientais) e Petersen esqueceu-se dele até aos poços de ar. Nos poços de ar quase ficou ao colo do companheiro de viagem. Desculpou-se, o outro sorriu e respondeu num inglês que lhe pareceu perfeito.

Em Rawalpindi, onde o avião fazia escala,

desceram para desenferujar as pernas. O outro (Wilson, **Mr. John A. Wilson**, via-lhe na mala) conversou por momentos com um dos muçulmanos empregados no aeroporto. Mas como na região havia certa simpatia pela Alemanha, a conversa poderia ser eventual, e Peterson, atento, perguntou ao chefe da alfândega:

— Conhecido aqui, **Mr. Wilson**?

— Nunca o vimos, **Mr. Petersen** — respondeu o funcionário.

Mas a guerra não estava ainda decidida, e os fios estavam tensos de ambos os lados e cada actor da grande tragédia tinha um papel a cumprir que exigia rigorosa minúcia e escrúpulo.

No hotel de Peshawara, os criados enigmáticamente escuros e silenciosos eram provavelmente também pedras pequenas do jogo. Peterson sabia a quem se dirigia — mas reparou que Wilson falara tempo de mais (ou seria impressão sua?) com um dos criados de mesa.

Todas as coisas que se passavam à sua volta vinham pesadas de um significado que talvez apenas ele lhes atribuísse.

De resto, as notícias dos jornais sobre o agente alemão contavam certamente para o pôr de sobreaviso.

— A esse respeito, alguma coisa suspeita por aqui?

— Nada **Mr. Petersen**.

Ninguém sabia nada, Wilson todavia, tinha a certeza, demorara-se de mais na conversa com o criado.

As noites em Peshawara são estreladas e límpidas. No Deans's Hotel (By appointment to his Royal Highness the Prince of Wales) longe do bazar, agradáveis buxos recortam «pelouses» de relva, onde os visitantes deitados em cadeiras de lona respiram o ar puro, ouvem a música plangente que distantemente lhes chega ou conversam da guerra.

Peterson sentara-se havia cerca de dez minutos, quando Wilson se aproximou. Cumprimentaram-se sorrindo.

— Vai ficar aqui muito tempo? — perguntou Wilson. Peterson mediu-o um instante com os olhos antes de responder.

— Parto amanhã para Kabul.

O outro sorriu.

— Oxford?

— Cambridge.

— Eu estive em Oxford, fiz parte da tripulação que ganhou a regata de 35, — Peter-

sen pensou — muita sociabilidade, para um inglês.

O outro sorriu.

— Também sigo amanhã para Kabul. Tem carro?

— Uma carrinha.

— Eu também.

(Quem lhe arranjará a carrinha? pensou Petersen, é tão difícil arranjar carrinhas... a menos que...).

A manhã estava clara e fria.

Petersen através da estrada pedregosa e enlameada ia acertando todos os detalhes dos últimos dias. Tinha quase a certeza e toda-via...

O Khiberg fora passado ainda em território indiano. A estrada penosamente abria a sua serpentina cinzenta entre as rochas amareladas e abruptas. Alguns carros de assalto dispunham-se luzidios e negros em pontos estratégicos.

Na fronteira, a vistoria dos passaportes fora demorada e, enquanto esperava, Peterson soube que a carrinha de Wilson passara uma hora antes.

E a dura viagem recomeçara sob um preságio que a chuva que começara a cair tornava mais escuro.

A 100 quilómetros da fronteira, no deserto montanhoso e árido, uma carrinha estava parada e um homem alto e louro (mais germânico que anglo-saxónico) fazia sorrindo um gesto de paragem.

Petersen travou, deitou a cabeça fora do vidro.

— Ajuda?

— Inútil, disse o outro. Estes mecânicos indianos... Leva-me até Kabul?

Petersen enquanto abria a porta pensou:

— Talvez o assunto se resolva agora...

Ao seu lado o outro desdobrou o **Times of India** — «Agente alemão enviado a Kabul?» dizia na primeira página.

Percorreu o jornal com os olhos, tornou a dobrá-lo. — Nada de novo, disse.

Nada? — Petersen ao volante procurava mesmo assim escrutar-lhe o rosto. Tinha agora a certeza, a certeza absoluta.

— Acha que o agente alemão chegará a Kabul?

O carro deslizou lentamente na lama viscosa e, quase sem ruído, travou por fim. Os faróis cruzaram por instantes a rua deserta àquela hora, depois, o jacto de luz cessou como sugado pelas lâmpadas ao apagam-se.

Na escuridão da noite, lentamente, o homem que vinha ao volante saiu e fechou o carro à chave, esticou as pernas para as desentorpecer e olhou para o relógio. Chegara à hora exacta.

O secretário da embaixada inglesa abriu a porta.

— Pensei que não vinha. Houve dificuldade?

— O agente alemão veio de carro comigo desde perto de Jalalabad. Quando parámos para ver uma roda, quase agora à chegada, liquidei-o com uma bala na nuca e apanhei-lhe os papéis; trago o corpo no carro. É preciso fazê-lo desaparecer.

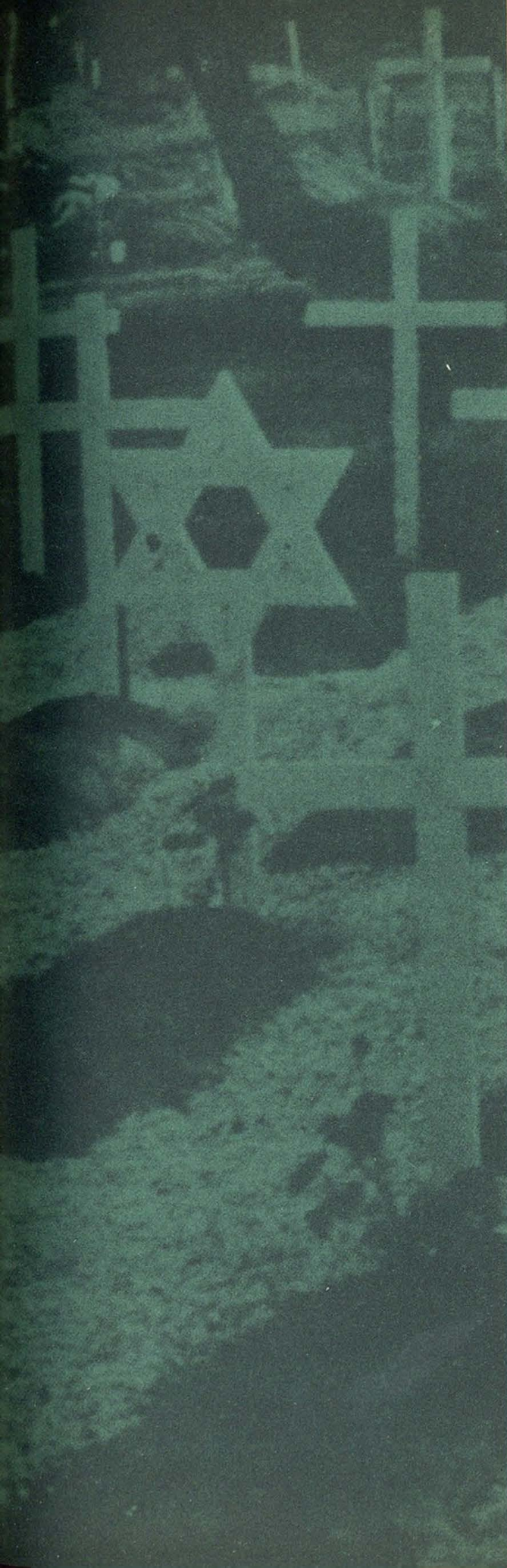
— Desagradável, Kendall, desagradável mas necessário. De qualquer maneira os meus parabéns meu velho. Como o localizou?

O outro limpou o suor da testa...

— Viajava comigo desde Nova Deli, estivemos no mesmo hotel em Peshawara. Parecia bom tipo, falava um excelente inglês. Esteve em Cambridge. Um Hans ou um Fritz qualquer rico, educado em Inglaterra. Chamava-se no passaporte, Peter. P. Peterson.

leia

O
FALCÃO



Deus fez o Mundo e os judeus

ISRAEL

SESSENTA SÉCULOS EM VIAGEM

Israel é um dos mais novos países do mundo — e é simultâneamente um dos mais antigos.

Os velhos Deuses do Egipto estão perdidos no pó dos museus ou nas páginas dos compêndios de história. A mais antiga codificação de lei que se conhece «O código de Amurabi», gravado em tijolo em Babilónia, dorme o sono merecido das realidades arqueológicas. Os barcos fenícios que durante séculos dominaram os mares seriam hoje preferidos por um pequeno cacilheiro e, mesmo em tempo mais próximo do nosso, — de Sócrates e do Divino Platão ficaram-nos como descendentes, representando o espírito Helénico no mundo contemporâneo, os armadores Onassis e Niarchos.

Jerusalém permanece no local onde Salomão lhe edificou o templo, o hebreu mais do que nunca se fala agora, a Bíblia e o Talmud continuam a orientar o espírito de milhões de homens dentro e fora da terra prometida. Os judeus tentam recomeçar a sua incerta aventura. E enquanto as velhas características da raça se mantêm, outras, inesperadas para os próprios israelitas, surgem com a geração mais recente, aquela para quem a mudança de «pátria» por perseguições oficiais ou oficiosas é já uma recordação distante, aqueles cuja verdadeira pátria é o Estado de Israel. Perdido no Médio-Oriente, abandonado à hostilidade dos árabes, sem condições naturais, sem nada na sua paisagem, a não ser meia dúzia de locais bíblicos e o ponto mais baixo da crosta terrestre nas margens do Mar Morto, com um território que por vezes não chega a ter 15 quilómetros de largo e em cujas fronteiras provocadores sírios e egípcios diàriamente estabelecem escaramuças, Israel é aos olhos do mundo, um centro de suspeitas e antipatias e, de qual-

quer maneira uma das coisas notáveis do nosso tempo.

Abraão deixou Ur na Caldeia e partiu para Canaan, a Terra Prometida, em 2.000 a.C.; de 1.700 a 1.300 os filhos de Jacob são escravos no Egípto, o primeiro cativo de Babilónia começa em 970, quarenta anos depois do reinado de Salomão; o segundo dura de 587 a 536; depois de várias vicissitudes sob gregos e bizantinos, o reino da Judeia desapareceu dos mapas e, através da denominação árabe, das cruzadas, das perseguições através de toda a Europa, começa a história do judeu errante.

A primeira matança organizada de judeus, fora da sua terra, deu-se em Kiev, na Rússia, em 1113; pela primeira vez, em 1144, foram acusados de crimes rituais, invenção que as conveniências fizeram durar muitos séculos. Depois os massacres, as expulsões, as conversões forçadas sucederam-se. Em 1148, massacre em Espanha sob os almohadas, em 1182-1198, expulsão de França por Filipe-Augusto; em 1189, massacre em Inglaterra; em 1330-1338, massacre na Alemanha; em 1348, a morte negra provocou matanças de judeus em toda a Europa; em 1391, massacres e baptismos forçados em Sevilha; em 1394, banidos pela última vez de França; em 1421, expulsos de Viena, em 1492, de Espanha; em 1495, da Lituânia, em 1498, de Portugal. O primeiro «ghetto», bairro especial para judeus é fundado em 1516 em Viena, de 1563 a 1656 sucedem-se os massacres na Ucrânia, Alemanha, Polónia e Áustria.

É precisamente no século XVII que os judeus começam a emigrar para a Palestina. Autorizados por Cromwell a regressar à Inglaterra, são ainda vítimas de massacres em várias cidades da Europa, mas, finalmente, uma compreensão a que o espírito da Revolução Francesa não foi alheio beneficiou o povo judeu. São emancipados em 1787 nos Estados Unidos, em 1791 em França, em 1796 na Holanda.

A partir de então os episódios sucedem-se pró e contra o judeu. O caso Dreyfus, em 1894, faz aquecer de novo os ânimos. inflama os anti-semitas, esclarece, quando resolvido, aquilo a que se convencionou chamar a consciência dos homens.

O século XX assiste à mais furiosa vaga de anti-semitismo dos tempos modernos. Sob o domínio de Hitler e dos seus aliados, são exterminados na Europa seis milhões de ju-

deus, as emigrações recomeçam, o judeu continua a sua existência errante e atribulada.

Mas agora a situação era diferente. Desde há quase um século, a noção de um Estado judeu ganhava forma. Havia um sítio próprio para os judeus do mundo.

O sionismo internacional organizara-se: importantes financeiros judeus, entre os quais se destaca o barão de Rotschild, fornecem contribuições económicas. E, concomitantemente, a cruzada da pátria perdida encontrara o seu apóstolo.

O novo Moisés habita Viena. É alto, magro, moreno, de barba negra. É jornalista mas o melhor do seu esforço orienta-o no sentido de conseguir a união dos judeus do Mundo e obter o retorno à terra prometida. Organiza congressos, promove reuniões, viaja.

Já antes a ideia ganhara corpo. No século XVII um comerciante dinamarquês, Holiger Pauli, tinha proposto o estabelecimento do povo eleito na Palestina, por acção conjugada de todos os reis da Europa. Maurice de Saxe e o príncipe de Ligne elaboram projecto semelhante. O próprio Napoleão chegou a pensar na criação do Estado Judeu da Palestina.

Herzl, porém, veio dar ânimo novo a esta causa antiga. Os seus dois livros «Terra Antiga», «Terra Moderna» e «O Estado Judeu» encarados na época como obras de visionário, foram de principal importância para a génese actual do Estado Israel.

O primeiro Congresso Sionista teve lugar em 1897. Em 1901 a Grã-Bretanha propõe oferecer o território da Uganda para nele se instalar o Estado Judeu. A proposta é recusada e no ano seguinte Herzl morre.

Durante a primeira guerra mundial o «Zion Mule Corps», (Corpo de Voluntários Judeus) combate ao lado dos aliados. Em 1917, o gabinete inglês de Balfour declara encarar com muita simpatia o estabelecimento de um estado judeu na Palestina. Depois de episódios vários, a Grã-Bretanha recebe da Sociedade das Nações mandatos sobre a Palestina. Em 1925, inaugura-se no Monte Scopus uma universidade hebraica.

A NOVA INQUISIÇÃO

Nos anos de 30 e 40 muitas coisas graves se passam no mundo que vão afectar extremamente o povo judeu. Fundam-se na Pales-

tina os portos de Haifa e Tel-Aviv. Hitler, no poder, faz estender a legislação anti-semita a todos os países seus aliados e começa em 1933 a imigração dos judeus alemães para a Palestina.

Em 1939, simultâneamente com a publicação de um livro branco sobre a Palestina limitando a imigração dos judeus e as suas compras de propriedades, a segunda guerra mundial estala. Na Europa Central os massacres tornam-se cada vez mais intensos e em 1940 começa a emigração clandestina dos judeus para a Palestina. Os ingleses opõem-se a essa infracção e encontramos graças a essa atitude inglesa, esta situação paradoxal desde 1941 ao fim da guerra: enquanto formações judias, primeiro pequenos comandos, depois a Brigada Judia Internacional combatem ao lado dos aliados, na Palestina a resistência contra os ingleses organiza-se chegando aos actos de terrorismo, enquanto a emigração clandestina prossegue.

Formam-se grupos de resistência constituídos principalmente por jovens e de que os mais conhecidos são os grupos Stern e Irgun.

Entretanto a guerra acaba. Uma comissão de inquérito anglo-americana recomenda a entrada de 1.000.000 de judeus na Palestina, mas Bevin, o ministro trabalhista inglês dos Negócios Estrangeiros, não a autoriza.

Um ano depois a Grã-Bretanha não consegue mais manter a ordem na Palestina e a questão é posta às Nações Unidas que enviam a sua própria comissão de inquérito. Sob proposta desta a Assembleia Geral vota a partilha da Palestina entre judeus e árabes mas a liga árabe, fundada em 1945, opõe-se ao projecto e a guerra estala.

Em 1948, David Ben Gourion proclama o Estado de Israel e as suas tropas desenvolvem campanhas vitoriosas contra o Egipto, a Jordânia, o Iraque, a Síria, o Líbano, a Arábia Saudita e o Iemen. Melhor apetrechados técnica e tãcticamente os israelitas superam a deficiência numérica e conseguem garantir a integridade do seu Estado. No ano seguinte, na conferência de Rodes, o acordo de armistício é assinado. A afluência de judeus de todo o mundo é cada vez mais intensa. Contido entre as potências árabes, vivendo em perpétuo e tenso sobressalto, Israel entra na história das nações modernas.

BECKETT, PICASSO, SOCIOLOGIA, PISTOLAS-METRALHADORAS... E A BIBLIA

O criado que serve à mesa do pequeno café de bairro, ou o canalizador que vem a casa consertar a válvula da banheira podem ter sido ministros do gabinete anterior ou estarão, nas horas vagas, a traduzir Platão directamente do grego. A jovem que, de metralhadora em punho, patrulha a fronteira, pode ser estudante de medicina ou arquitectura.

Nos Kibutz, centros de vida em comum fundados pelos primeiros pioneiros, vive-se em comunidade.

O trabalho, a vida e os lucros são comuns. O dinheiro desapareceu das relações entre os homens que vivem no Kibutz. Cada um trabalha para a comunidade e a comunidade em troca assegura-lhe tudo quanto necessita para viver.

No Kibutz não existem lojas nem actividades comerciais privadas, ninguém vende nem compra.

A propriedade pertence ao Kibutz, não aos seus habitantes individualmente.

As casas são iguais, ainda que cada um as arranje depois conforme as suas predilecções. O nível económico que revelam é, porém, igual para cada Kibutz. Há refeitórios, creches, salas de leitura, garages, capoeiras e

Rua velha em Jerusalém.



oficinas comuns. De vez em quando um sacerdote hebreu, porque a religião, pelo menos nos seus aspectos formais, conserva ainda importância, vem celebrar casamentos. A vida em comum corre alegremente com os problemas que surgem sempre que pessoas são forçadas ou escolhem viver juntas. Mas foi afastado de entre os habitantes do Kibutz um pomo tradicional de discórdia: o dinheiro, a maldição antiga, a exploração do homem pelo homem, a causa verdadeira das perseguições que através dos séculos, aos judeus foram sistematicamente movidas.

O ambiente de libertação que se respira nos Kibutz é, precisamente, devido ao desejo de fugir ao «ghetto» físico e moral da Europa, de encontrar de facto na Palestina a Terra da Promissão.

Todavia em relação aos Kibutz mais antigos uma coisa se começa a passar que preocupa os governantes — e David Ben Gurion já uma vez os atacou violentamente por isso. A sua posição privilegiada de pioneiros acarretou-lhes luxos inesperados: em alguns Kibutz os habitantes começam a individualizar-se mais. Alguns deixam de comer nos refeitórios preferindo as suas casas particulares; os duches comuns são substituídos por instalações privadas; os fatos são muitas vezes mandados

fazer fora; o sentimento da propriedade privada vem de novo ao de cima; dá-se um emburguesamento dos antigos pioneiros. E por isso, muitas vezes, os mais jovens abandonam o Kibutz, e vão fundar outras colónias cooperativistas mais de acordo com a pureza de princípios que os anima.

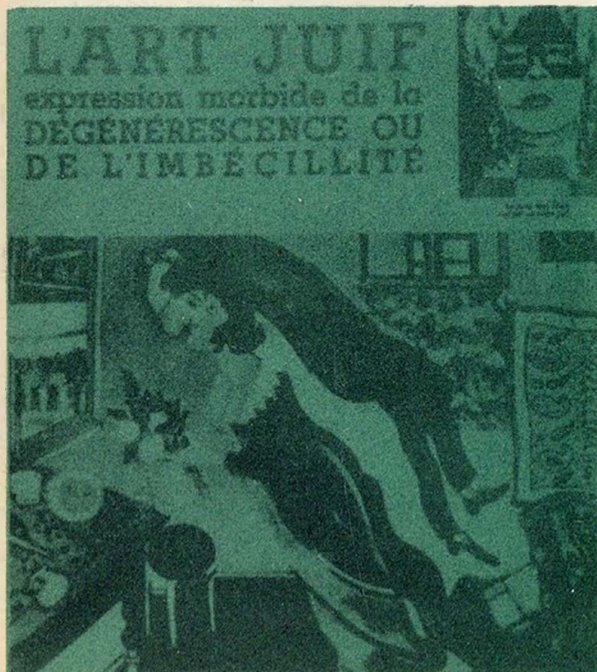
Todavia o trabalho no Kibutz é duro, constante, difícil. E, paralelamente, erguem-se nas cidades e nos portos hotéis de luxo, cinemas, cafés, esplanadas, locais de repouso e recreio. Porque o Israel que se está criando com o país industrial no meio das mais obscuras circunstâncias está também procurando ser um centro internacional de turismo. Talvez por vezes isso não seja bem compreendido por parte quer dos trabalhadores, os que enriquecem o território, os que o defendem dos árabes e do clima, quer dos místicos que passam ainda a vida mergulhados na leitura da Bíblia e do Talmud, esperam o Moisés, não aceitam a emancipação da mulher e olham com desconfiança para qualquer forma de progresso.

Mas de mês a mês, de dia a dia, de hora a hora, o Israel progride.

E não são só os judeus os beneficiados por esse progresso. A minoria árabe que, aquando da guerra da independência não imigrou, encontra na organização estatal israelita muito melhores condições no que diz respeito a regime de trabalho, educação e saúde pública do que nos vizinhos Estados árabes. O que é um espinho cravado no coração do panarabismo.

Sob esta organização, que a conveniência e a razão unificam, decorrem os mais variados comportamentos humanos, falam-se numerosas línguas, fundem-se diferentes culturas. O hebreu começa a ser adoptado como língua oficial e um espírito cívico muito desenvolvido perante o progresso das indústrias, da agricultura nacional, da construção. O comércio com o estrangeiro intensifica-se. Mas uma grande parte das vêrbas de Estado e do tempo dos habitantes válidos têm ainda infelizmente que ser dedicados à defesa do território. O exército israelita, de que é comandante chefe Moshe Dayan, que dirigiu as operações do Sinai e perdeu um olho durante a guerra quando, à cabeça de um pequeno comando israelita conseguiu conquistar heróicamente uma fortaleza alemã na Síria, é um dos mais bem apetrechados e treinados do mundo.

Os ataques aos judeus não pouparam nenhum campo: este cartaz condena a arte judia «expressão de degenerescência e imbecilidade». E na gravura, um quadro do judeu Chagall, um dos maiores pintores do nosso tempo.



OS AMIGOS SÃO PARA AS OCASIÕES

Para defender a sua atribulada existência tudo pode ser necessário ao Estado de Israel como o atestam as linhas seguintes, tão saborosas de actualidade.

Quando os acontecimentos chamados «do Sinai» estavam no seu momento mais agudo, o jornal «Jerusalem Post» publicou, assinado por Ephraim Kishon a seguinte nota que, por nos parecer reveladora de muitas facetas por vezes ignoradas ou esquecidas da vida internacional, publicamos em seguida.

«Nessa noite o primeiro-ministro Ben Gourion estava só no seu escritório com o olhar fixo no vago, o ar abatido. Senhor, murmurava, confesso que não sei o que hei-de fazer mais. Discutimos dia e noite para tentar provar ao mundo que nada mais desejamos senão a paz, que o nosso único objectivo é conseguir que o camponês israelita possa ir e vir do trabalho em sossego, que as nossas estradas, à noite, não sejam perigosas, que não metam os nossos navios a pique. O mundo inteiro sabe que o direito está do nosso lado e, todavia, o mundo inteiro vota contra nós.

Porquê? Não representará a virtude nada, no mundo de hoje? Durante meses defendemos a causa da justiça e recuamos diante de um futuro ameaçador. Estamos no fim. Senhor, faz qualquer coisa pelo teu povo...».

A formidável explosão que abalou toda a região, fez tremer o edifício do ministério de que quase todos os vidros se quebraram. A deslocação do ar arrancou o primeiro-ministro da sua poltrona e atirou-o contra o «mapa-mundi» que cobria a parede em frente.

Nessa noite os sismógrafos de Moscovo avariaram-se.

Os técnicos russos debruçaram-se estupefactos sobre os instrumentos e concluíram que uma explosão cuja violência ultrapassava a capacidade de registo dos sismógrafos, ocorrera no Médio-Oriente. Os sábios do mundo inteiro confirmaram esta dedução. Na Itália, na Grécia, desencadeou-se pânico nas povoações costeiras. No dia seguinte o «Pentágono» publicava um comunicado tranquilizador indicando «que um tremor de terra de violência sem precedentes tivera lugar algures a sul do Néguev». Mas o Ministério dos Negócios Estrangeiros Israelita publicou nesse dia mesmo um desmentido lacónico precisando que «nenhum tremor de terra tivera lugar no Médio-Oriente»

A opinião pública acolheu estas informações contraditórias com compreensível angústia. Como sempre, não houve nenhuma indiscrição do lado israelita.

Mas o silêncio foi rompido pelo correspondente do «Observer» no Médio-Oriente que escreveu de Beirute. Encaremos francamente as coisas: Israel possui uma bomba atómica de potência assombrosa. Esta informação confirmava os rumores que circulavam havia algum tempo, mas a primeira confirmação oficial foi dada às Nações Unidas pelo embaixador Abba Eban, precisamente no dia em que o prazo do «ultimatum» afro-asiático para evacuação incondicional do Suez acabara de expirar.

Numa atmosfera particularmente tensa o embaixador tomou a palavra:

«Meus senhores, disse, tenho a honra de anunciar à Assembleia Geral que o Israel possui um engenho atómico, a «bomba de fosfato» cuja potência é 190 vezes superior à dos mais potentes engenhos até hoje conhecidos. A bomba de fosfato pode ser transportada para qualquer parte do mundo por foguetes teleguiados ou por quaisquer outros meios. Muito obrigado pela vossa atenção».

E voltou para o seu lugar sem dizer uma única palavra sobre a evacuação do Sinai. Os delegados ficaram de tal maneira estupefactos que passou um minuto de completo silêncio até o delegado francês se levantar para aplaudir efusivamente. Após alguns segundos de hesitação os delegados australiano e neozelandês juntaram-se a esta manifestação de simpatia, depois os diplomatas da América Latina e dos pequenos Estados Europeus.

O Presidente dos Estados Unidos enviou um longo telegrama de felicitações ao governo do Israel «pelos brilhantes resultados obtidos no domínio da investigação científica», exprimindo a esperança de que a desintegração do fósforo pudesse ser utilizada «para fins pacíficos». O Presidente convidava também o governo israelita a participar «numa futura troca de informações entre as duas potências amigas, a fim de levar mais longe os seus trabalhos de investigação». A proposta foi recebida friamente.

Um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros precisou «que era pouco possível que ela fosse aceite de momento».

Quando o «plano Eisenhower» foi tornado

económico a Israel «bastião da democracia, da liberdade e do progresso, no Médio-Oriente». O Paquistão foi o primeiro a propor um encontro dos três grandes: Eisenhower, Kruchtchef, Ben Gourion. O primeiro-ministro israelita deu o seu acordo, mas declarou que o encontro se devia realizar mais tarde e em Chicago. Durante a visita da sr.^a Golda Meir

Casa Branca a Imprensa mundial lançou uma campanha para a assinatura rápida de tratados de paz entre os diferentes Estados do Médio-Oriente.

A Enciclopédia Soviética dirigiu a todos os seus assinantes um apêndice contendo novo capítulo sobre Israel, a colar sobre o texto antigo, «vestigio criminoso da era de Béria». Num discurso radiodifundido Nuri Said declarou que o Iraque nunca tinha estado realmente em guerra com Israel e anunciou que o «pipe-line» de Haifa estava intacto.

Assim a fé, a esperança e a justiça triunfaram e ninguém desde então duvida do direito moral de Israel a existir como Estado. Duas perguntas, todavia, ficaram sem resposta: quem foi o imbecil irresponsável do estado-maior que juntou todos os explosivos e todas as munições capturadas durante a campanha do Sinai num único posto do Néguev-Sul e porque é que esses explosivos e essas munições explodiram?

Posição geográfica:

Entre 29° 30' e 33° 15' de Lat. N.
34° 17' e 35° 41' de Long. E.

Superfície:

Terras: 20.406 K².
Águas: 444 K².

Lagos e mares interiores:

| | |
|-----------------------|----------------------|
| Lago de Ulé | 14 K ² |
| Mar de Balileia | 165 K ² |
| Mar Morto | 1.050 K ² |

Ponto mais elevado:

Monte Atzamon 1.208 m.

Ponto mais baixo:

Sodoma 392 m, o mais baixo ponto da crosta terrestre.

Comprimento máximo do país:

450 Kms.

Máxima largura:

108,5 Kms.

Mínima largura:

14,5 Kms.

População:

Em 1948: 879.000 habitantes (758.702 judeus).

Em 1956: 1.816.819 habitantes (1.596.000 judeus).

Matança de judeus numa cidade alemã no séc. XV...





cartão de identidade da rapariga inglesa

Proporções perfeitas

Segundo as estatísticas oficiais a rapariga inglesa tem as proporções perfeitas entre as diversas partes do corpo. Mede de altura 1,65 metros, pesa 59 quilos e entre a circunferência do peito (88 cm) e das ancas (89,5 cm) há a diferença necessária para a perfeita beleza.

Estudos

Quando a rapariga sueca já obteve um diploma e um emprego, a inglesa estuda ainda, mesmo que não queira. O ensino obrigatório vai até aos 16 anos: nessa altura escolhe entre uma orientação mais prática ou mais cultural. A rapariga inglesa prefere muitas vezes a puericultura ou ciências domésticas. Nos estudos superiores, medicina ou matemática.

Independência

Um inquérito recente mostrou que em Inglaterra 15% das raparigas de 14 anos podem voltar para casa até à meia-noite e têm as chaves. Aos 17, 38% das raparigas deixam as famílias e vão viver por sua conta geralmente com uma amiga, tentando manter o corpo e a alma de maneira por vezes complicadas. Geralmente aos 20 deixam definitivamente a família.

Casamento, divórcio e filhos ilegítimos

A idade em que geralmente os homens e as mulheres se casam na Inglaterra é a dos 27 anos.

Mas ultimamente tem-se verificado um aumento de casamentos de gente muito nova com gente mais velha, o que, mantendo a média altera a situação. O ano passado 33% das mulheres que casaram, tinham menos de 20 anos.

Segundo as últimas estatísticas, nos últimos cinco anos, os casamentos em Inglaterra atingem cerca de trezentos e cinquenta mil por ano.

O número de divórcios é mais ou menos regular: 27.858 pedidos de divórcio dos quais 23.785 se tornam realmente efectivos. O total de filhos ilegítimos anda à volta dos 5% do número total de nascimentos.

Amor e moderação

Também na Inglaterra, como em outros países do norte, se é discreto em palavras de amor.

Em teoria dizem «adoro-te», porém, mais frequentemente «amo-te», ou ainda mais frequentemente «gosto de ti». Só nos romances falam em **adultério**; na linguagem corrente falam antes em **infidelidade**.

Maridos

As raparigas inglesas admitem gostar de estrangeiros, especialmente de latinos: mas só nas férias. Para o casamento preferem certamente compatriotas.

as
atitudes
da
felicidade

INGLATERRA:



Inglaterra

«Não sei, «diz Alexandra Alexander», se terei dinheiro para jantar esta noite mas sou livre».

«Mãe, não faça a minha cama — saio hoje de casa».

Londres, Julho.

«Mãe, não vale a pena arranjar o meu quarto; saio esta noite de casa. Vou viver com a Susana». Depois destas palavras Alexandra Alexander deixou a sua casa de Sussex, no terceiro domingo de Maio. Estupefacta a Sr.^a Alexander não disse nem fez nada para reter a filha.

Esperou apenas que até à noite, ela mudasse de opinião. Mas não mudou. E desde então vive com a sua amiga Susana Piene num quarto pequeno, escuro como a cabina de submarino. Sofre mais ou menos de fome. «Mas somos livres», diz-me Alexandra. Não temos que ouvir descomposturas ou recriminações dos pais; podemos fazer e dizer o que realmente nos apetece. Todas as raparigas da **Geração Rebelde**, da **Geração Negra**, pensam como Alexandra.

Raparigas nascidas depois da invasão da Polónia, depois da queda da França, depois dos bombardeamentos de Londres. Começaram a palrar no ano em que se travou a batalha de El Alamein. Para os professores e sociologisas ingleses, para todos os adultos as «filhas de guerra» são um enigma. Aparece escrito nos jornais: «São cruéis, amorais e egoístas. Não acreditam em nada». Estas críticas são superficiais e estúpidas. Procuram esconder um facto importante: hoje é mais fácil conhecer os mistérios da Lua do que a psicologia da **Geração Negra**.

Podemos pensar nesta altura que já a memória e as bibliotecas dos nossos avós estiveram cheias de raparigas que abandonaram a casa paterna. Mas o que me parece estranho na jovem inglesa de hoje e a maneira como a deixam e as razões por que o fazem. Na idade em que as raparigas de Braga ou de Évora levam uma bofetada do pai se chegaram a casa depois do noticiário das nove. Alexandra diz à mãe que «está farta de recriminações».

É a razão por que saiu de casa. Precisa falar, conhecer mais gente. Nos romances do

século passado e em muitos deste século, quando uma menor deixa a casa, a razão é sempre o amor; as raparigas, em Londres, fogem com os seus apaixonados. Mas já não é isso que se passa com Alexandra, Susana e as suas amigas. Deixaram «a vida doce e fácil» porque se desinteressaram da família. Os seus actos não obedecem a nenhuma paixão. Fazem as malas e partem como artistas em «tournée». São metódicas, calmas e até cautelosas na anarquia, não pensam no casamento, preferem ao amor a amizade.

Conheci muitas e muitas raparigas entre os dezassete e os dezanove anos. Ouvi-as, interroguei-as, nas escolas de dança, de teatro, de música, de belas-arts. Fui com elas aos «meetings» políticos, aos parques e aos cafés. do Soho. O seu mais ardente desejo é serem

independentes, terem o seu quarto longe da curiosidade da família; poderem vir para casa à uma da noite sem serem interrogadas pelos pais em pijama. «Os nossos pais estão convencidos» diz Mary Clark de «que só se pode pecar à noite. Basta estarmos em casa a uma certa hora para ficarem satisfeitos. Mas não sabem, pobres queridos, o que pode acontecer, entre as quatro e as oito da tarde, entre o chá e o jantar».

Um terço das raparigas inglesas casam-se antes dos vinte e um anos. Pertencem na maioria aos meios rural-pobre e operário ou à chamada alta sociedade onde os grandes dotes são frequentes. Mas as raparigas da classe média, que constituem a mais importante parte da **Geração Negra**, casam-se geralmente por volta dos vinte e cinco anos.

Regresso a casa: nem todos podem sentir-se felizes. E então quando as garrafas já estão vazias!



depois de múltiplas e intensas experiências; depois de terem mudado várias vezes de emprego e de quartos mobilados; depois de terem percebido que a independência, como a linha saco, acaba por fatigar.

Se, para simplificar, temos de escolher o protótipo da rapariga inglesa que «leva vida independente» escolhemos Alexandra Alexander. Conhecia-a por acaso, uma tarde numa das pequenas ruas de Piccadilly Circus. Estava parada com a sua amiga Susana, vendo a montra de uma loja de instrumentos de música. Estava um dia cinzento. Alexandra, de gabardina e sapatos à italiana, leva o cabelo louro enrolado numa trança atrás da cabeça. A face tem certa nobreza, um toque triste. A colega inglesa que me acompanhou durante o inquérito perguntou-lhe se estavam realmente interessadas em instrumentos musicais, porque tinha um tio, em Hampstead, que vendia instrumentos variados, quase novos e muito baratos.

«Não queremos comprar instrumentos de música» responde amavelmente Alexandra. Paramos aqui porque me dóem os pés».

«Vamos então tomar chá. Estamos a fazer um inquérito sobre as raparigas de Londres, as raparigas felizes de Londres».

«Nesse caso» respondeu Alexandra com um sorriso pálido. «Receio não sermos nós as raparigas que pensa. Andamos todo o dia à procura de emprego, mas até agora não arranjamos nada».

De qualquer maneira fomos tomar, à inglesa, o nosso chá. Alexandra começou a contar-nos, sem tristeza, mas com dignidade, a sua história. O pai, irlandês, é funcionário de uma grande fábrica de artigos electrónicos. A mãe que pertence a uma família muito boa, é «uma querida», extremamente bem educada e com uma rara sensibilidade de pianista.

«Mas, a certa altura» continua Alexandra na sua voz doce «não havia já nada em que estivessemos de acordo. Não tenho irmãos. Frequentei uma excelente escola. Li muitos livros, ouvi conferências, vi bons filmes e peças de teatro. Mas é exactamente disso que eles não gostam em mim. Dizem que a cultura me «estragou»; querem que não goste das coisas que estudei e aprendi a amar. Desde os quinze anos que me interessei por questões sociais, li muito sobre o assunto. Que mal tem isso? Faço mal se quero um



O que é a felicidade? Ah, a melancolia que subitamente desce sobre os espíritos, a imensa tristeza, a imensa solidão que se apossa das almas...

Por vezes aparece a polícia para acalmar os espíritos. Mas que pode o ar sério dos agentes perante a boa disposição da mocidade?



mundo sem preconceitos, baseado numa boa e mútua compreensão humana?

No pequeno café do Soho, à mesa do fundo, Alexandra sentara-se graciosamente. Alguns sul-americanos que tinham entrado no café começaram a jogar o bilhar e a olhar para as raparigas. Alexandra ignorou esses olhares, mas sem afectação.

«Deve ter custado à sua mãe», disse eu, «a sua saída de casa».

«Com certeza». «De qualquer maneira» acrescentei «não lhe interessa voltar para casa? Não tem saudades de casa, de tudo quanto lá deixou e era seu?».

«Não» responde. «Nenhuma saudade». Admito que estou sem dinheiro. Admito que não sei como e onde irei comer esta noite. Mas este é o preço que tenho que pagar para ser livre — para me dar com quem gosto e com quem gosta de mim.

«Quando nos encontrámos disse-lhe que não era feliz porque não tinha arranjado emprego. Mas não é verdade. **Sou** feliz. Não de maneira a gritar de alegria. Isso nunca acontece em Londres. Mas estou satisfeita. **Estou** segura de que tenho razão, que não faço nada que me possa envergonhar, que a experiência destes dias me será útil no futuro».

«E que é que vai fazer» — perguntei-lhe —

«quando o impermeável começar a ficar velho ou a romper-se? Quando os sapatos estiverem no fim?».

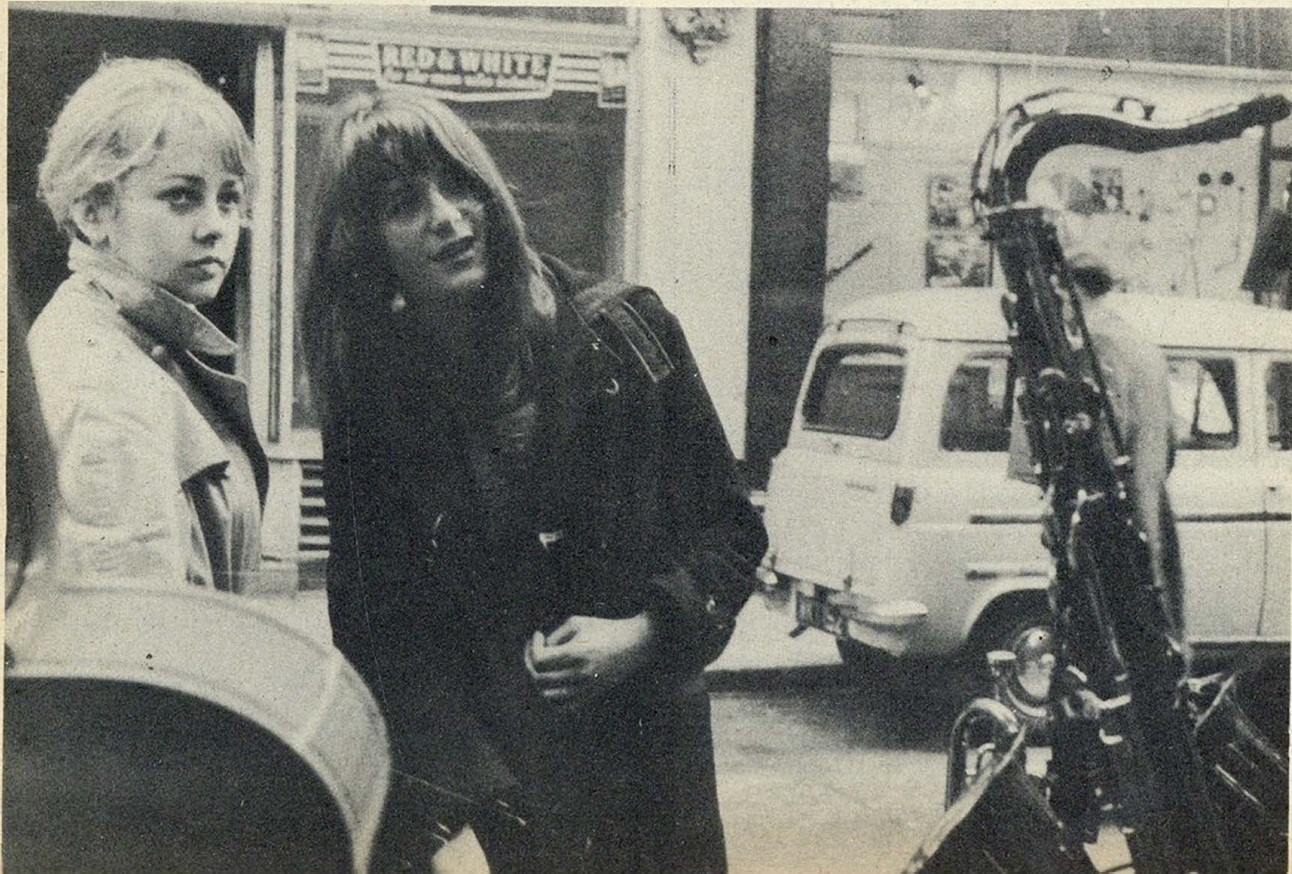
«Espero já ter arranjado emprego nessa altura», respondeu. «Ter já algum dinheiro; então poderei comprar o meu impermeável, os **meus** livros, os **meus** sapatos!».

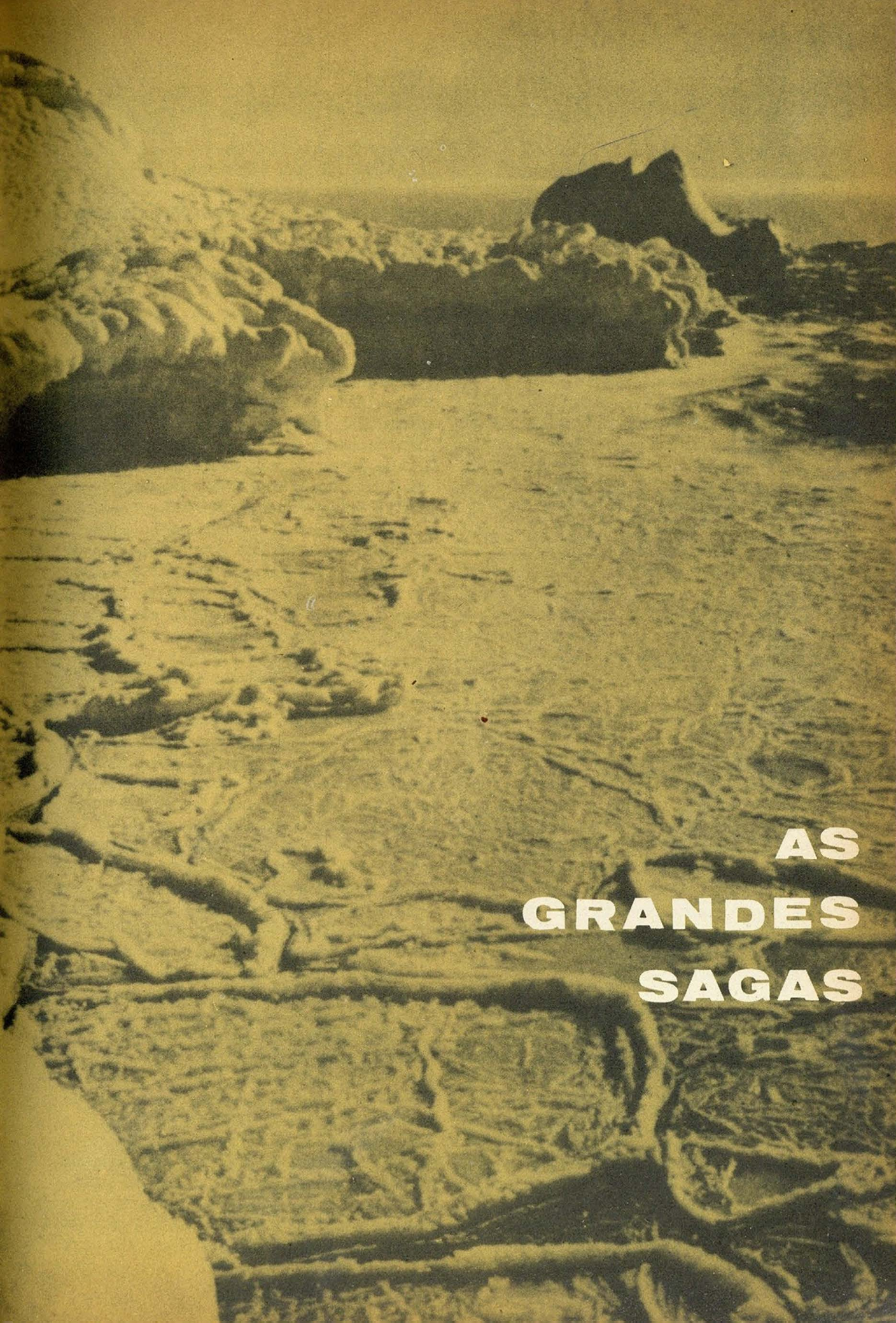
Alexandra hesitou um momento, sorriu pàlidamente para a amiga. E acrescentou:

«Não pense que desprezo o dinheiro. Pelo contrário, respeito-o muito. Mas se tenho que escolher entre o dinheiro e a liberdade, entre o conforto num meio estúpido e hipócrita e a miséria num meio inteligente, não hesito um momento».

Alexandra tem em comum com as outras raparigas inglesas o desejo de independência moral e económica em relação à família. Aos vinte anos e às vezes antes deixam a casa paterna e vão viajar para o Canadá, a Europa, a África, a Austrália. É um destino um desejo comuns. Das ricas e das pobres, das que se dão bem com a família e das que se dão mal. A filha de uns amigos meus, gente rica, bonita e elegante, foi para o Kénia uma semana depois de ter completado vinte anos. E não o fez por nenhuma razão sentimental. Não. Queria simplesmente viver a sua vida sem estar sempre protegida pela mãe.

Alexandra Alexander e uma amiga, vistas através da montra de uma loja de instrumentos musicais





**AS
GRANDES
SAGAS**

Três Homens no Polo sem falar nos Pinguins

UMA FAMÍLIA FELIZ

Cherry Garrard resolveu reformar-se da sua aventureira vida de explorador do Ártico. Ainda chegara a pensar numa última viagem (Scott iniciara os preparativos para uma nova e, ao que supunha, definitiva arrancada para a conquista do Pólo Sul), mas desta vez a esposa convencera-o a ficar.

Convencera-o de facto? Não. Cherry Garrard desistira de acompanhar Scott porque Mary assim lhe pedia. Que argumento havia ele de invocar? Dizer que lhe faltava alguma coisa, dizer que não era feliz?

«Os mais pequenos gestos de Mary — escreveu nas suas *Memórias*, volume I, página 123 — tinham por objectivo único a minha felicidade. Quantas vezes essa felicidade que Mary me destinava, enchia de impaciência o meu coração? Quantas vezes desejava eu a liberdade de não me sentir constantemente amparado, a liberdade de me achar em pleno pólo sob a noite negra e o vento agreste? Quantas vezes eu — o homem feliz, o homem que amava e era amado — desejava fugir, desejava ter a carne retalhada pelo vento gélido do paraíso austral?».

O amor de uma mulher tem olhos e adivinha os pensamentos mais recônditos. «Porque não vais também?», disse-lhe um dia. Os segredos do coração! Cherry Garrard sofreu, só de pensar que Mary ficaria sòzinha. Não, não poderia partir — pensava — ele que desejava partir! Se ao menos tivesse argumento sólido, qualquer coisa que sem sombra de dúvida o obrigasse a acompanhar Scott!

E esse argumento surgiu...

AS PENAS DOS PINGUINS

Tudo começou com uma história plena de erudição. Não exactamente o problema de saber o que apareceu primeiro — o ovo ou a galinha — mas qual a origem das penas das aves. Pergunta aparentemente simples à qual nenhuma investigação laboratorial podia responder...

Parece doutrina assente que as primeiras aves provieram de certas espécies de répteis existentes há muitos milhões de anos; os mais

antigos exemplares de aves fossilizadas que chegaram até nós caracterizam-se por terem dentes e uma cauda muito semelhante à dos lagartos; uma diferença: a cauda tinha penas...

Mas como teriam surgido? Qual a origem delas? A hipótese natural — mas era apenas uma hipótese sem qualquer verificação experimental — era que essas penas seriam consequência da transformação das escamas dos répteis. Mas como ter a certeza?

Ora acontece que a evolução embrionária de cada ser copia mais ou menos toda a milenária história da espécie a que esse ser pertence. Sendo o pinguim imperial a mais primitiva de todas as aves que ainda hoje vivem, impunha-se o estudo do desenvolvimento do seu embrião. Problema fácil, portanto. Bastava ir buscar os ovos de um desses cerimoniais pinguins, tão acolhedores, de resto, a receber os exploradores polares.

OS PINGUINS DESAFIAM OS HOMENS

Mas parecia feito de propósito! O pinguim imperial punha os ovos numa região que embora facilmente acessível no Estio era praticamente inacessível no Inverno. Escusado será dizer que o pinguim (pelos vistos irreductível adversário dos cientistas) considerou o Inverno como a época ideal para tal tarefa...

A verdade é que os pinguins escolheram mal os seus adversários: jogar às escondidas com o bicho-homem é sempre uma empresa difícil, mesmo para um pinguim. Três ingleses aceitaram o desafio e procuraram alcançar esse refúgio longínquo: o Dr. Wilson, John Bowers (estes dois nunca mais regressaram à Inglaterra, morreriam com o capitão Scott) e o nosso conhecido Garrard.

Mary estava para ser mãe. Num gesto supremo de sacrifício nada disse a Garrard — não fosse ele sentir-se obrigado a desistir da aventura.

Os nossos homens aproveitaram a expedição do capitão Scott (a trágica expedição de 1910) para alcançarem o Cabo Evans. Depois tinham de atingir pelos seus próprios meios o Cabo Crozier, através dos gelos que cobriam o mar adjacente à ilha de Ross, sob uma

noite polar que mal permitia ver dois palmos adiante do nariz.

Levavam dois trenós. Mas cedo compreenderam que não tinham forças para os puxar de uma só vez. Assim, levavam primeiro um e depois voltavam atrás para ir buscar o outro. Tarefa difícilíssima a de encontrar o outro trenó! Salvo durante quatro horas em que havia alguma claridade, o resto do dia mergulhava-os na mais profunda das noites. Acendiam uma vela e caminhavam com a chama rente ao chão à procura das pegadas; mas o vento e a neve que não cessava de cair cobriam-nas e, por várias vezes, estiveram para perder um dos trenós: o que ficara para trás ou que já estava adiante. Para vencer essa dificuldade só havia uma solução: nunca os perder de vista. Mas essas constantes viagens de avanço e de recuo demoravam-nos para além do tempo previsto e roubavam-lhes as forças.

— Não há remédio — dizia Wilson. — Metemo-nos nela, agora é aguentar! — Palavras ditas com um sorriso que tinha o condão de animar!

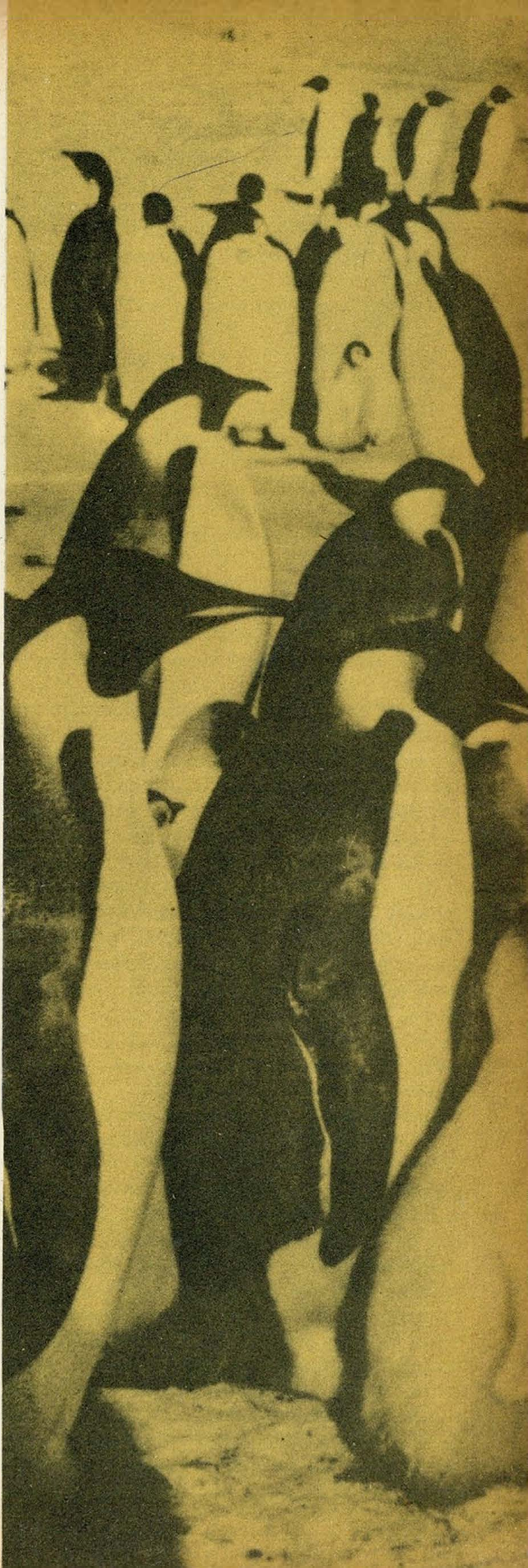
A temperatura oscilava entre — 20° e 31°. Armar a tenda para descansar ao abrigo do vento e da neve não era tarefa fácil pois as luvas que calçavam lhes impediam a necessária mobilidade dos dedos. Mas se as tiravam, a pele das mãos enchia-se-lhes de empolas; e tal era a temperatura que o líquido das empo'as gelava causando-lhes dores terríveis.

Só com muita dificuldade conseguiam dormir. Transpiravam com o mais pequeno gesto e depois o suor gelava, cobrindo o corpo de uma carapaça que acabava por derreter-se quando se metiam nos sacos de dormir. Mergulhados nessa humidade assim ficavam e não conseguiam conciliar o sono. O próprio bafo da respiração gelava e quando conseguiam enfim dormir debatiam-se com terríveis pesadelos.

DOIS QUILOMETROS POR DIA

As dificuldades da marcha eram tais que em certos dias não conseguiram avançar mais do que dois quilómetros. Por vezes sentiam-se desesperados. Que loucura os tinha levado àquelas paragens? Que demónio habitava neles que os havia cansado da vida sem preocupações na velha Inglaterra, que os havia impelido para aquela terrível solidão?

Agora, sem dormir, silenciosos, encharca-



dos e doridos, naquela frágil tenda, ouvindo lá fora o vento que soprava o gelo como se fosse um enviado da morte, um primeiro sinal da morte próxima, eles não queriam acreditar no que lhes sucedera. Porque tinham escolhido a morte no deserto gelado, porque não lhes tinha bastado a vida? Não queriam acreditar: sim; que ódio obscuro os movera contra a vida?

Então, adivinhando por si que os outros não dormiam, adivinhando por si as dúvidas sombrias que torturavam os amigos, Wilson começava a cantar. Estranha coisa essa de uma voz humana e profunda a erguer-se solitária em plena noite austral! Timidamente primeiro, ousadamente depois, Garrard e Bowers erguiam também as suas vozes. Por um momento esqueciam o frio, a humidade e as empolas que lhes torturavam as mãos. Ganhavam assim um pouco mais de coragem, à semelhança do que costumam fazer as crianças que atravessam, cheias de medo, um quarto escuro.

E que era aquele imenso deserto senão um quarto escuro?

De novo um dia de marcha: os pés gelados, tão gelados que nem chegavam a doer, avançavam lentamente com uma temperatura que teimava em descer e que chegava a atingir — 30°

A noite voltava. A noite que marcam os relógios: uma noite dentro da própria noite. Horas inteiras gastas a armar a barraca! As cordas estavam geladas e desatá-las era bem mais difícil do que desembrulhar arame farpado.

Outro problema os torturava: tinham de chegar a tempo de encontrar os ovos. Os ovos e não já os pequeninos pinguins...

E avançavam, avançavam... Acabaram por ter a companhia do luar; um luar pálido que tinha a virtude de lhes iluminar os passos e de lhes facilitar a procura dos trenós.

De longe erguiam-se as altas fragas da ilha de Ross. E ao sul os montes vulcânicos de Erebus e do Terror. Caminhavam sobre as ondas geladas do oceano. Por vezes fendas intransponíveis obrigavam-nos a longos desvios, sempre guiados pelo brilho longínquo do planeta Júpiter (pelo qual faziam o rumo). Nunca poderiam ter a certeza de que se não rachasse o gelo sobre o qual punham os pés! E quando o vento ciclónico se levantava, que remédio senão abrigarem-se? Ao menos descansavam... Mas como poderiam

descansar esses homens, se sabiam que cada novo dia era um dia a mais no desenvolvimento dos embriões? Seria então inútil todo aquele sacrifício?

AS AMENAS TEMPERATURAS DA INGLATERRA!

Às vezes, para se animarem, pensavam na felicidade que os esperava quando regressassem. Imaginavam as conversas que haviam de ter em Londres com as pessoas de família e com os amigos. As perguntas, as respostas. Mas pensar no regresso era para eles, afinal, um motivo de sofrimento. Pois se nem sequer estavam a meio da viagem!

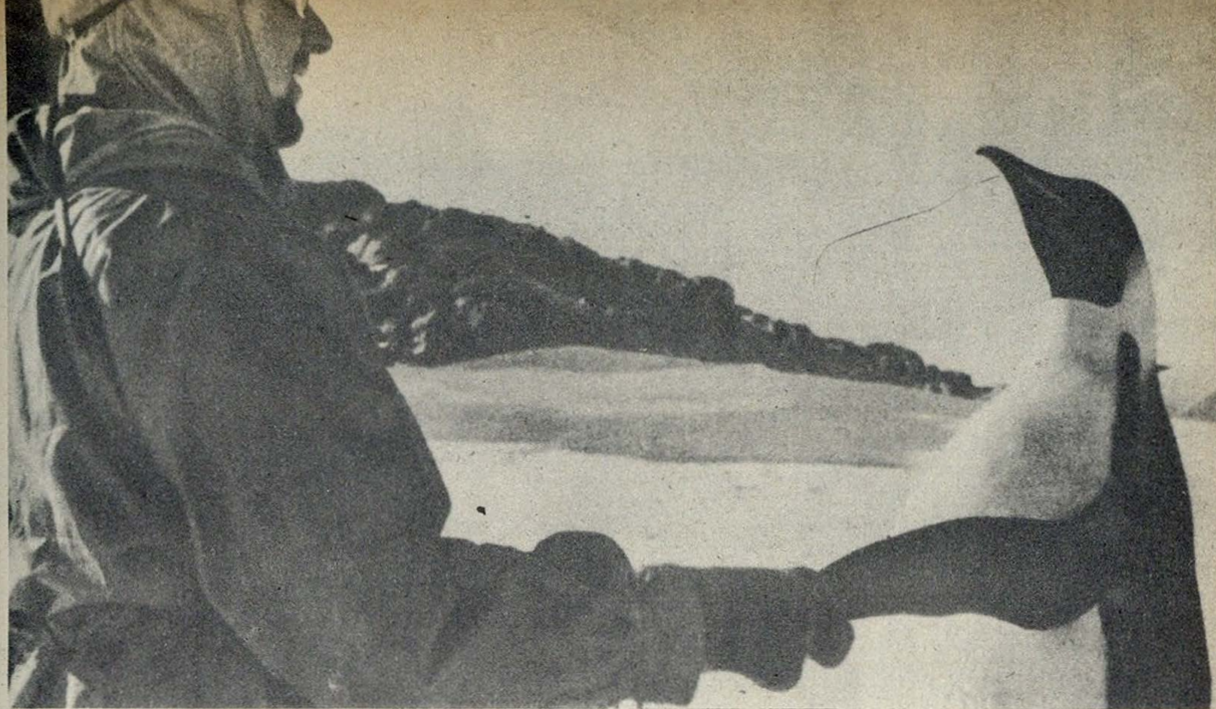
Entretanto o tempo aquecia. Como estivessem perto, resolveram estabelecer um campo-base. Construíram um abrigo com grandes blocos de gelo e de pedras; isolaram-no do exterior e acenderam o fogão, lembrando assim as velhas e amenas temperaturas de Inglaterra!

Fizeram a 20 de Julho uma exploração pelos arredores. Podiam ouvir os gritos dos pinguins, decerto a pouco mais de um quilómetro de distância. Mas uma enorme barreira de seiscentos quilómetros de extensão fechava-lhes a passagem, mesmo no último momento!

«Não pode ser!» diziam uns para os outros. «Não pode ser!». Com redobrada energia procuraram uma passagem. Era muito improvável a existência dela, mas estes homens não podiam acreditar numa tal injustiça do destino. Ainda pensaram na possibilidade de trepar pela barreira. Impossível! Ela chegava a ter 60 metros de altura!

Como Magalhães, eles procuravam uma passagem. E então sucedeu o milagre. Wilson descobriu um túnel através dessa barreira. Curvados, com o coração em sobressalto, na iminência constante de serem esmagados, foram correndo sempre. E quando chegaram ao fim, quase não acreditaram no que viram: não muito longe, uns cem pinguins chocavam os seus ovos.

Não tinham tempo a perder. A escuridão aumentava, o vento começava a soprar com força; era a tempestade que se aproximava. Talharam no gelo quinze degraus e aproximaram-se dos pinguins. Assustados embora, não abandonavam os ovos. Deste modo foi fácil matar três (para obter uma provisão de óleo) e recolher cinco ovos.



Iniciaram a marcha de regresso ao abrigo. Garrard caiu e partiu dois ovos. Mas tinham de se contentar com eles, não era mais possível voltar atrás.

DOIS DIAS DE TEMPESTADE

Pouco depois de chegarem ao abrigo a tempestade começou. Durante mais de 24 horas lutaram contra o vendaval. Por fim a tenda em que se abrigavam voou pelos ares. A temperatura era de -25° . O mais que puderam fazer foi abrigarem-se dentro dos sacos. Mas depois?

Era o fim; aquela tempestade poderia durar dez dias; dez dias em que nada poderiam fazer, enfiados nos seus sacos, em que nem mesmo poderiam comer. Mesmo que conseguissem resistir, como haviam eles de alcançar de novo o cabo Evans, se não tinham uma tenda onde se abrigar durante a viagem?

Dois dias depois o temporal amainou. Conseguiram então pôr um tapete por cima das cabeças; depois acenderam o fogão portátil, puseram neve dentro de uma vasilha, aqueceram-na, deitaram-lhe dentro a comida (uma mistura de chá, pêlos de sacos, penas de pinguim, etc.). Mas acharam-na magnífica...

Quando o temporal passou completamente foram à procura da tenda. Encontrá-la significava para eles a salvação. Mas com uma tal tempestade onde não estaria ela? A quantos quilómetros de distância?

Afinal a sorte estava sempre com eles, mesmo quando parecia virar-lhes as costas. A tenda ficara ali muito perto, presa num buraco.

Iniciaram o regresso. Já tinham caminhado dois quilómetros quando o vento voltou. Bowers atou-se à tenda. Se ela voasse ele iria com ela e era preferível morrer desse modo do que de outro! Ainda desta vez tiveram sorte. É certo que a morte estava à espera de Bowers e de Wilson, mas só depois de terem cumprido esta missão.

Quando avistaram a base separaram-se bastante uns dos outros para que se visse bem de longe que haviam escapado. Mas só deram por eles quando finalmente bateram à porta da barraca!

— Santo Deus! Os de Crozier! — disseram os companheiros, admirados.

— Seria então verdade? — pensava o professor Assheton, antes de começar a estudá-los. — Confirmar-se-ia a hipótese de que as penas provinham das escamas?

A ironia do destino! Dias depois o Prof. Assheton morria, antes que pudesse descobrir qua'quer coisa! Continuou os estudos um seu discípulo, Cossard Ewart. A sua conclusão foi esta: a hipótese em que tanta fé punham não se confirmava! Não, as penas não provinham de uma modificação das escamas, pois que eram anteriores ao aparecimento das escamas das patas. Sua origem seria outra. Quai? — eis aquilo que ninguém poderia responder.

Assim, aquela maravilhosa aventura terminava com uma dúvida, mas outra dúvida subsistia.

«Valeu a pena», pensava Cherry Garrard. «Antes uma dúvida do que uma certeza sem fundamento».



**AS
GRANDES
REPORTAGENS
DO
PASSADO**

VISITA AO REI DO SENEGAL

«O rei Budomel tinha nesta aldeia nove mulheres»

Nascido em Itália, Cadamosto, que chegou a assumir em Veneza o comando das galés armadas para o comércio de Alexandria, viajou por duas vezes na costa de África com a permissão do Infante D. Henrique, e fez publicar em 1507 uma relação sobre essas viagens.

Budomel, o chefe negro a que se faz referência nesta reportagem, reinava numa terra situada a oitenta milhas pela costa do sul do rio Senegal. Cadamosto confessa que se o acompanhou «não foi menos para ver e ouvir coisas novas do que para receber o meu pagamento».

O que eu pude ver daquele senhor e seus costumes foi o seguinte:

Primeiramente advirto que estes que têm o nome de senhores não têm castelos nem cidades como acima acenei; o rei deste reino não tem senão aldeias de casas de colmo, e Budomel era senhor de uma parte deste reino, que era coisa pequena. Não são senhores porque tenham tesouros, nem dinheiros, porque os não têm, nem eles gastam moeda alguma, mas pelo cerimonial e séquito de gentes é que se podem chamar senhores, porque sempre são acompanhados por muitos e muito mais reverenciados e temidos pelos seus súbditos, de que o são entre nós os nossos grandes. As suas casas não são de paredes, nem de palácios, mas segundo a forma do seu viver têm algumas casas de campo para a habitação dos senhores e das suas mulheres, e de toda a família, porque nunca se demoram muito em um lugar. Nesta aldeia onde estive, a qual era casa sua, pode haver de quarenta a cinquenta choupanas de palha, todas juntas ao redor umas das outras e cercadas de sebes e tapumes de árvores grossas, deixando só uma ou duas aberturas para onde se entra e cada uma destas choupanas tem um pátio, também cercado com sebe, e assim se vai de pátio em pátio e de choupana em choupana.

Budomel tinha nesta aldeia (salvo a verdade) nove mulheres e assim tem nos outros lugares mais ou menos, segundo lhe parece

ou lhe agrada. Cada uma destas mulheres tem cinco ou seis moças negras que a servem, e é lícito ao senhor, dormir tanto com as escravas, como com as mulheres as quais o não tomam em afronta por ser este o costume; por esta razão varia quantas vezes lhe apraz. Estes negros e negras são muito luxuriosos, porque uma das coisas principais que me pediu Budomel foi, que tendo ouvido que os cristãos sabiam muitas coisas, me rogava se por ventura sabia dar-lhe o modo de poder contentar as muitas mulheres; em paga de que me faria grandes mercês; por aqui se pode entender quanto prezam este vício. São muito ciosos e não consentem que ninguém entre nas casas onde habitam as suas mulheres, e não se fiam nos próprios filhos.

Este Budomel tem sempre em casa duzentas negras pelo menos que continuamente o seguem.

É bem certo que uns vão e outros vêm, e além destes nunca falta bastante gente, que vem procurá-lo em diversos lugares, e ao sentar-se na casa, antes que chegue aonde ele está e dorme há sete pátios grandes e fechados, que têm serventia de um para o outro, e, no meio de cada um, há uma grande árvore, para estarem à sombra aqueles que esperam. Nestes pátios está repartida a sua família miúda, mais adiante estão os homens mais principais e quanto mais se avizinham à distância do Budomel, tanto maior é a dignidade daqueles que ali habitam, e, assim, de grau em grau, até que se chega à porta de Budomel, à qual pouquíssimos homens se atrevem a chegar, excepto os cristãos que aí se deixam andar livremente e ainda os azenegues; pelo que estas duas nações têm maior liberdade de que as negras naturais.

Mostrava este Budomel grande altivez e gravidade, por isso que não se deixava ver salvo uma hora de manhã e outro pouco de tarde, saindo a este tempo ao seu primeiro pátio junto à porta da primeira habitação na qual como disse, não estavam senão homens de monta e ainda estes mesmos senhores eram de grandes cerimónias quando se lhe dá audiência, porque quando chegam adiante de Budomel para falar-lhe, alguns por maiores homens que fossem ou seus parentes, ao entrar na porta do pátio punham ambos os

joelhos no chão, inclinando a cabeça até ao pavimento, e lançavam a areia com ambas as mãos para trás das costas e sobre a cabeça, estando totalmente nus porque este é o modo com que saúdam o seu senhor. Nem homem algum teria atrevimento de vir falar-lhe senão que o primeiro se tivesse despido todo, salvo as bragas de cor, que conservavam, estando daquela maneira um bom espaço de tempo, deitando areia para cima de si; depois não se tornavam a levantar, mas, arrastando-se com os joelhos e pernas pelo chão, se iam avizinando ao senhor, e, quando estavam a coisa de dois passos de distância paravam para falar e dizer o seu negócio, não cessando entretanto de deitar areia para trás, com a cabeça baixa em sinal de grandíssimo acatamento. O senhor mostrava que não o vira senão escassamente, não deixando de falar com outras pessoas, e, depois, quando o vasalo tinha acabado de dizer, com aspecto arrogante lhe respondia em duas palavras e mostrava neste acto tanta altivez e grandeza, e era tão reverenciado, que, ainda que Deus mesmo estivesse na terra, não creio que se lhe pudesse fazer mais honra e reverência do que a que lhe faziam os negros. Tudo isto me parece que procede do grande temor e receio que dele têm aqueles povos, pois que por qualquer pequena falta lhes faz prender a mulher e os filhos e os vende. De sorte que nestas duas coisas têm aparência de senhores, em mostrarem estado, isto é: séquito de gente, e sem se deixarem ver poucas vezes e serem muito reverenciados pelos seus súbditos.

Pela grande familiaridade que este Budomel me mostrava, deixava-me entrar na sua mesquita onde fazia oração e por volta da tarde chamava aqueles seus azenegues, ou árabes, que tem continuamente em casa (quase como nós, os nossos padres) que são aqueles que lhe ensinam a lei de Mafoma, e entrava com alguns negros principais em um pátio grande onde era a mesquita, e aí

orava por esta forma: estando em pé e olhando para o céu dava dois passos adiante e dizia algumas palavras em voz baixa; depois atirava consigo ao comprido a terra e beijava-a; e o mesmo faziam os azenegues e todos os outros; depois levantando-se novamente em pé tornava a fazer os sobreditos actos, e isto de dez até doze vezes e gastava o espaço de meia hora a fazer oração. Depois de a ter acabado perguntava-me o que me parecia; e, porque tinha grande prazer em ouvir as coisas da nossa religião, me dizia, muitas vezes, que lhe contasse algumas; de modo que eu lhe dizia, que a sua era falsa, e os que tais coisas lhe ensinavam, eram ignorantes de verdade; e, estando aqueles seus árabes presentes, eu lhe reprovava a lei de Mafoma, como má e falsa, por muitas razões, lhe mostrava ser a nossa religião verdadeira e santa; tanto assim que fazia desesperar aqueles seus mestres da lei, com o que aquele senhor ria e dizia, que tinha para si que a nossa crença era boa, e que não podia ser, que Deus que nos tinha dado tantas coisas boas e ricas e tanto engenho e saber, nos não tivesse também dado uma boa lei, mas que também eles não menos a tinham boa, e que era bem fundado a persuadir-se que os seus negros se podiam salvar melhor que nós os cristãos, porque Deus era justo e tinha-nos dado neste mundo tantos bens e tão diversos, e a eles negros tão poucos em comparação de nós, que tendo-nos feito senhores do paraíso de cá e'les deviam ter o de lá.

E com estas e semelhantes razões mostravam ter bom senso e muito entendimento. Agradavam-lhe muito as coisas dos cristãos, estou certo, que mui levemente se poderia converter à Fé de Cristo, se o medo de perder os seus Estados o não tivessem embaraçado, porque seu neto, em cuja casa estava alojado mo disse bastantes vezes, e ele mesmo tinha grandíssimo prazer em que eu lhe falasse na nossa religião e dizia que era boa coisa ouvir a palavra de Deus.

**O
FALCÃO**

**UMA REVISTA
PARA OS JOVENS
DOS 8 AOS 80 ANOS**



CURT JURGENS

ORSON WELLES

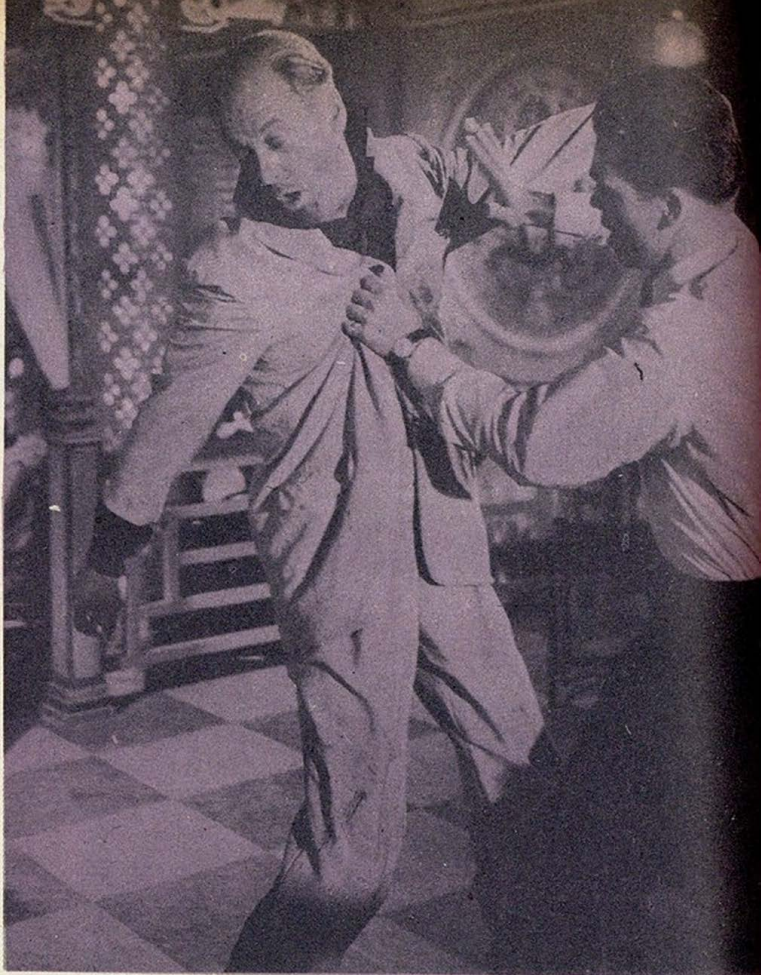
SYLVIA SYMS

O FILME DO MÊS

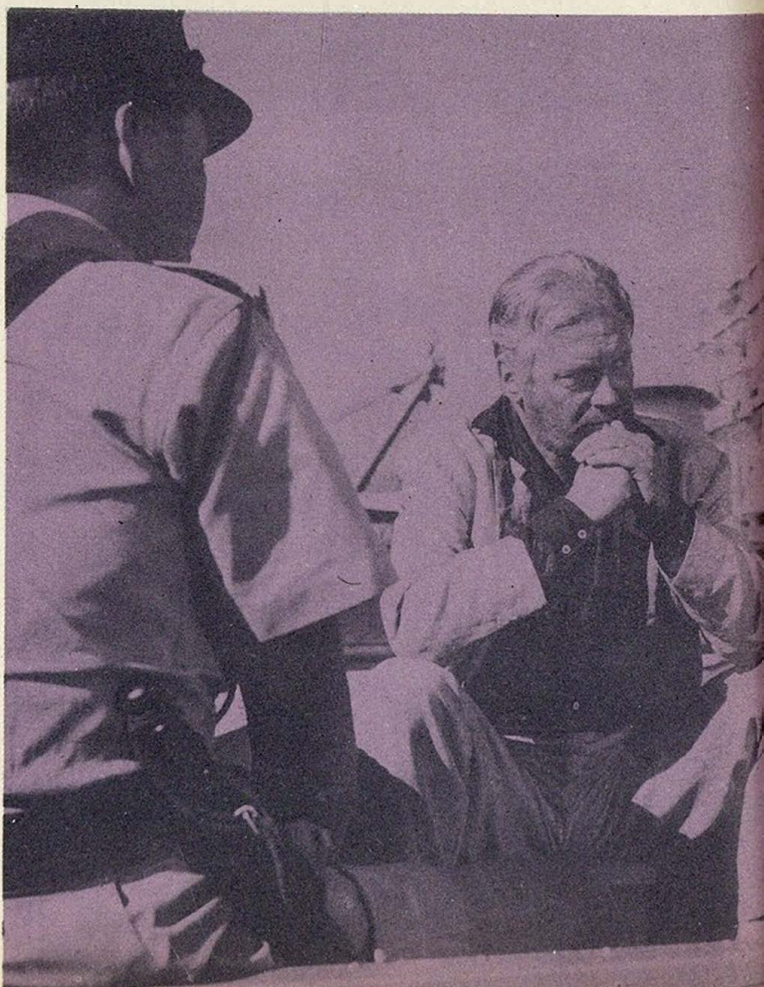
«PASSAGEM PARA HONG-KONG» é a história de um aventureiro (CURT JURGENS) que, expulso de Hong-Kong não é recebido na província portuguesa de Macau e fica portanto a bordo do barco que faz a ligação entre as duas cidades. O capitão deste (ORSON WELLES) não vê com bons olhos esta estadia e é uma jovem professora (SYLVIA SYNS) que lhe dá apoio. O filme, realizado por Lewis Gilbert e produzido por George Maynard para a Organização Rank, foi executado em Cinemascope e Eastman Colour e inteiramente rodado em Hong-Kong.

Ferry to HONG KONG

Mark Conrad,
completamente
desclassificado,
por uma vida
aventuosa, mete-se
em mais uma
zaragata. A polícia
de Hong-Kong
resolve mandar
deportá-lo.
No «cabarett»
onde a cena tivera
lugar encontrava-se
Hart, capitão do
navio Fa Tsan,
com quem Conrad
se intromete.

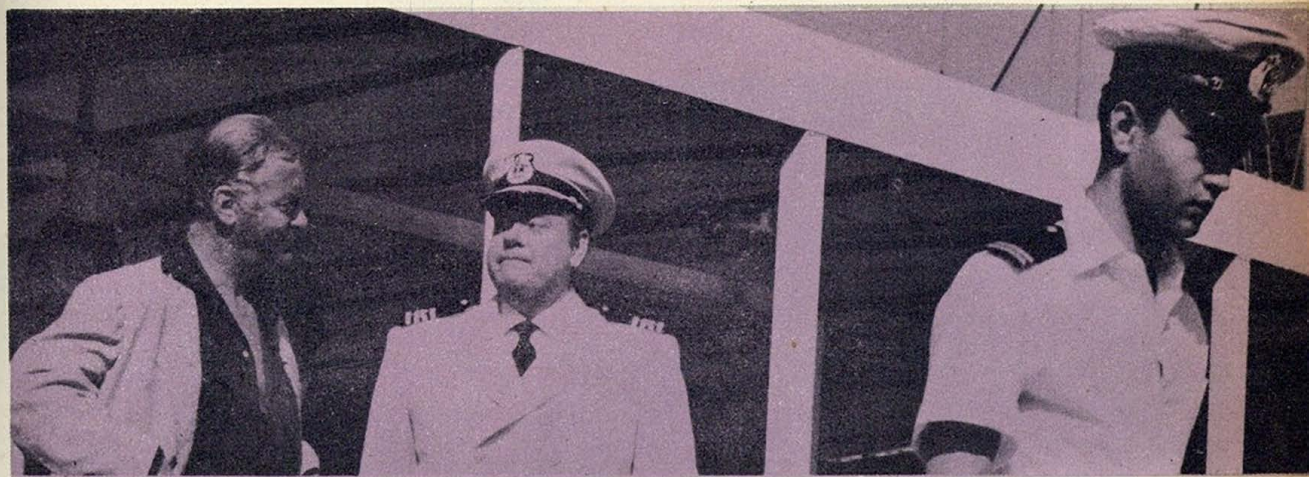


Conrad é conduzido
para bordo do
Fa Tsan que faz
carreira entre
Hong-Kong
e Macau.





Enquanto Conrad é conduzido para bordo do Fa Tsan, a professora Liz Ferrers leva ao cais as suas alunas. E não sabe ainda que se vai ver envolvida na aventurosa vida de Conrad.



Em Macau a polícia portuguesa recusa-se a deixar desembarcar Conrad. Hart, horrorizado por ter a bordo o homem que o insultara no cabaret, resolve devolvê-lo à polícia de Hong-Kong.



Mas em Hong-Kong
a polícia inglesa
não cancela
a ordem
de deportação.
Conrad não pode
portanto
vir para terra.
E como o Fa Tsan
faz carreira
entre Macau
e Hong-Kong,
Hart percebe que
tem que suportar
o indesejável
companheiro
por um longuíssimo
prazo e isso
enfurece-o.

Liz Ferrer procura
estender a Conrad
uma mão
compreensiva.
Este aceitará
mais tarde
essa amizade
mas de entrada
a sua atitude
é de cínico
desprezo.





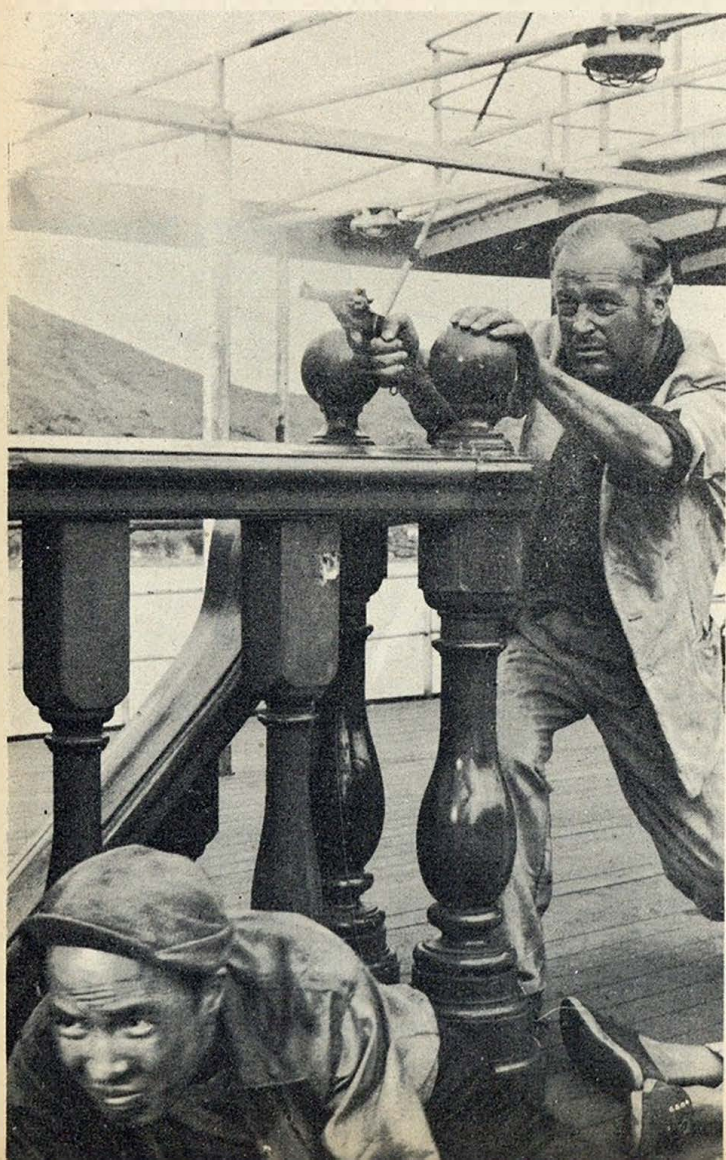
Hart fez várias tentativas para convencer Conrad a abandonar o navio. Mas este recusa-se porque, diz, encontra no navio uma tranquilidade de que já desistira. Jogam às cartas a saída ou não de Conrad; Hart ganha — mas descobre-se que fez batota e Conrad fica.

Numa das muitas viagens entre Hong-Kong e Macau, avista-se um junco naufragado. Hart resolve abandonar os sobreviventes à sua sorte mas Conrad verbera-lhe o procedimento em público e convence-o a recolher os náufragos. Quando os dois barcos chegam a contacto o junco explode e deixa seriamente avariado o Fa Tsan. Hart grita: «Este maldito Conrad só me trouxe azar».



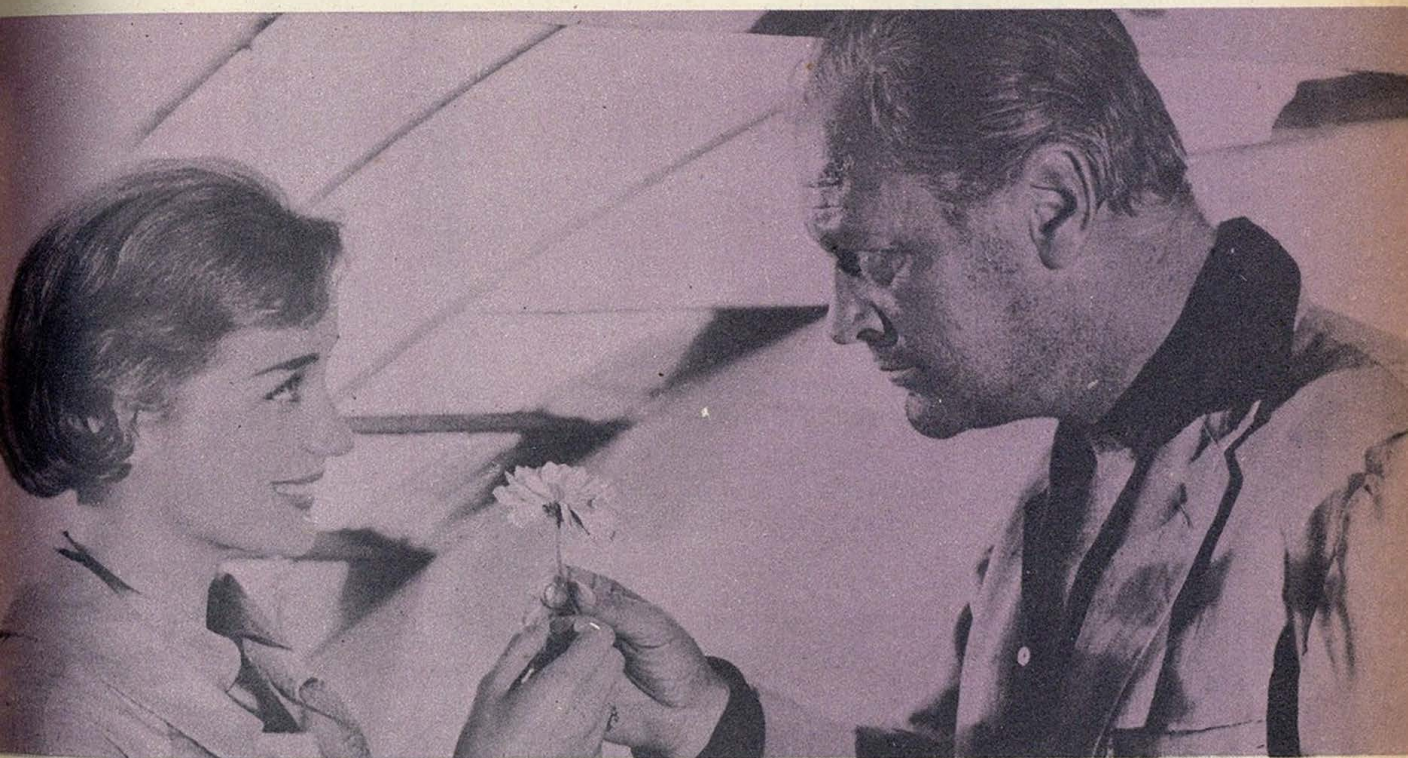


Durante uma tempestade Hart fica ferido e é Conrad que tem que tomar o comando do navio. Este avaria-se e enquanto se procurava repará-lo, os piratas assaltam-no.



É Hart quem bravamente acaba por repeli-los quando tentavam raptar uma das alunas de Liz Ferrers. Com risco da própria vida, abate mesmo o chefe dos piratas.

Os piratas
foram vencidos
e o navio reparado.
A caminho
de Hong-Kong,
porém, o Fa Tsan
não aguenta
e naufraga.
No «sampam»
que os leva
para terra
Hart e Conrad
vão caindo
insensivelmente
numa amizade
firme.



Uma vez em terra
Liz Ferrers
e Mark Conrad
despedem-se.
Durante
a última viagem
deram-se bastante
e há mesmo
da parte de Conrad
uma certa ternura.
O cinismo
já desapareceu —
e uma vida melhor
parece esperá-lo
agora.

**O SNOBISMO
AO ALCANCE
DE TODOS**



Disse um escritor inglês, mas já me não lembro qual, que ser-se «gentleman» era um luxo reservado a quem tinha um rendimento anual superior a £ 500. Se é verdade que desde então a moeda se desvalorizou muito, é igualmente verdade que os «gentlemen» acompanharam a desvalorização da moeda: hoje qualquer pessoa pode ser um «gentleman» desde que assim o queira e que cumpra um certo número de regras fundamentais que, na realidade, são acessíveis a todos.

Em Portugal estas regras, são, mesmo, de uma simplicidade tal que quase não vale a pena fazer-lhes referência. É claro que o problema dos neo-«gentleman» consiste em dar a conhecer aos outros que ascenderam a essa posição social dado que, bem vistas as coisas, de que servirá a um cidadão ser «gentleman» desde que os outros o não saibam?

Consegue-se este objectivo, aliás, com certa facilidade. A coisa essencial é ser-se «snob». Não interessa aqui explicar a origem do vocábulo «snob», origem que todos conhecem, até porque todos lêem o «Reader's Digest».

Ora ninguém, actualmente, tem motivo para desesperos. Qualquer pessoa pode ser «snob». Esta é, mesmo, uma das características da nossa época. O «snobismo» está ao alcance de todos, tal como o «Volkswagen», o «Diário de Notícias» e o «Gazcidla». Pode ser adquirido a pronto ou a prestações, sem que o comprador tenha necessidade de aceitar letras ou de recorrer aos serviços daqueles indivíduos que antigamente eram designados por usurários (antipáticos) e que actualmente se designam a si próprios por administradores de propriedades, agentes de crédito, etc.

O primeiro problema que o candidato a «snob» tem de enfrentar consiste em determinar o tipo de «snobismo» a que aspira ou que lhe fica bem.

É que há muitas espécies de «snobismos». O próprio Dr. Kinsey teria dificuldade em catalogá-las, tantas e tão variadas elas são.

O candidato a «snob» deve começar por se ver ao espelho. Deve examinar-se bem, de frente, de perfil e a três quartos. Se concluir que tem uma cara inteligente e boa figura, deve adoptar um «snobismo» intelectual ou artístico, um tipo de «snobismo» que é barato, prático, rápido de adquirir e muito eficaz nos tempos que vão correndo.

Se, porém, o candidato a «snob» concluir que tem aquilo a que normalmente se chama «cara de asno», ou uma cara sem grande per-

sonalidade ou ainda uma pele que bronzeia facilmente, não terá outro remédio senão tornar-se um «snob» social ou de sociedade. Este tipo de «snobismo» é mais difícil de adquirir, porque implica o conhecimento de numerosas regras e atitudes que exigem muita prática antes do candidato se poder apresentar em público.

Não há, porém, motivos para desespero. Repetimos que qualquer pessoa se pode tornar «snob» em meia dúzia de dias desde que seja medianamente inteligente, e em meia dúzia de horas se for medianamente estúpido.

Admitindo que o candidato a «snob» tomou a sua decisão, isto é, que escolheu o tipo de «snobismo» que lhe fica melhor, deve imediatamente passar a estudar o problema da sua origem. Este problema é fundamental.

O candidato deve dedicar-lhe algumas horas de estudo porque o seu futuro de «snob» consciente e activo depende, em grande parte, da solução que tiver dado a este problema.

Se tiver optado pelo «snobismo» social, deve escolher cuidadosamente a sua família. Durante muitos anos, só aos indivíduos de famílias muito antigas e muito boas era possível o ingresso à chamada sociedade e este ingresso deve ser o objectivo que deve estar sempre presente na mente do candidato a «snob». Actualmente, como já se disse, este acesso é possível a todos. Querirá isto dizer que o problema da origem já não tem interesse?

De forma nenhuma. As portas da chamada sociedade abriram-se mas não se abriram de par em par. Julgo que pertencer a uma família de longas tradições já não tem o interesse que tinha, por exemplo há dez anos. Vou, mesmo, mais longe: creio que provir de uma velha família «de bone fide» será mesmo um entrave.

Já não está na moda pertencer-se a uma família deste tipo. Provoca, até, certas desconfianças.

É claro que não se fala abertamente neste assunto. Não se fazem referências à família de cada um. Sabe-se, todavia, que uma família é aceitável ou que o não é.

Felizmente, em Portugal, o problema tem fácil solução. Existe uma instituição, já com tradições, que todos podem adoptar. Refiro-me àquilo a que se chama em sociedade «uma boa família do Norte».

O candidato a «snob» deve, portanto, escolher para sua origem, uma «boa família do

Norte». A solução é ótima. Em primeiro lugar, todos sabem que no Norte há muito boas famílias. Em segundo lugar, a expressão «uma boa família do norte» provoca logo uma série de imagens mentais e de associações de ideias que são extremamente úteis: uma velha casa situada numa antiga quinta, um tanque enorme onde os primos e as primas tomam banho, uma vida antiga e patriarcal, etc.

Julgo que o candidato fará bem em fazer esta escolha e o elevado número de indivíduos que a fizeram e que têm sido bem sucedidos é garantia de êxito.

É claro que o candidato a «snob» deve ter muito cuidado em nunca dar a entender que está ligado ao Norte ou à casa ou à família. Tal atitude seria desastrosa. Em primeiro lugar, estar de qualquer forma ligado ao Norte local preciso donde provém e, em segundo lugar, estar de qualquer forma ligado ao norte revela um provincianismo inaceitável.

É evidente que um indivíduo que tem como palmarés umas pândegas em Espinho e na Póvoa não pode ser tomado a sério na linha do Estoril.

Convém, portanto, ter vindo para Lisboa muito novo ainda.

A forma de tornar esta origem conhecida não é difícil mas implica uma certa subtilidade. O candidato a «snob» nunca deverá dizer a ninguém, concretamente, que provém de uma «boa família do Norte». Antes pelo contrário, deve criar esta impressão de forma a que ninguém lha possa atribuir. A coisa deve ficar na região do «sabe-se», do «toda a gente sabe».

Há um certo número de frases, que preferidas na devida altura, obtêm o efeito desejado.

Julgo que as seguintes frases são aconselháveis, tanto mais que as tenho ouvido proferir com bons resultados.

À mesa do café ou do restaurante, onde só haja homens:

— Que maçada, tenho de ir a casa para a semana. Se vocês quiserem, trago-lhes umas garrafas de vinho do Porto. (Ou, já que o vinho do Porto se não usa em sociedade, um presunto de Chaves).

Numa sala onde haja senhoras de idade:
— Disse-me a minha tia Adelaide. (Pausa. O candidato deve tomar o ar de quem disse mais do que o que queria e continuar com o tom de voz de quem confessa um pecadilho

elegante) é que eu tenho uma tia Adelaide... O que é que querem? Naquele tempo, no Norte, as pessoas chamavam-se Adelaides, Amélias, Mécias...

Num jantar misto:

— Querem alguma coisa do Norte? Vou a casa para a semana.

Entre amigos e em tom de confiança:

— Estou preocupado com uma carta que recebi hoje do meu caseiro. Diz-me ele que há inquietação política. (Com um ar preocupado:) No norte a propriedade é muito dividida. (Com ar de quem faz uma confissão pessoal:) É claro que não é tão dividida como isso tudo, senão eu não estava aqui...

Numa casa de fados, entre amigos, ao escolher o jantar:

— Eu quero alheiras de Mirandela. Façam-me lembrar quando eu era miúdo. Vocês não imaginam como se come bem no Norte...

Estas e outras frases do mesmo género, proferidas nas ocasiões próprias e tomando sempre em consideração as pessoas que as escutam, são mais do que suficientes para localizar no Norte a origem do candidato a «snob». Julgo ter chegado a ocasião para um conselho utilíssimo: o candidato a «snob» deverá dominar a sua impaciência e andar devagar. Deve, mesmo, como os oficiais do exército, dividir em dois períodos a sua marcha destinada ao ingresso na sociedade. No primeiro período deve apenas considerar-se aspirante. Durante esse período deve começar a olhar de cima para baixo os restantes mortais mas não deve, ainda, falar de igual para igual com aqueles que, um dia, serão os seus iguais.

De entrada convém, até, ser excessivamente bem educado. Ninguém lhe levará a mal o exagero de certas fórmulas de boa educação que atribuirão ao facto de ser do Norte. Com o decorrer do tempo deverá ir substituindo a boa educação por uma má educação deliberada e estudada que não deverá exceder certos limites mas que, dentro da medida usual e entre os membros da confraria, mostrar que está à vontade, que não faz cerimónia, que «pertence».

Uma vez que a sua origem se tornou conhecida, o candidato a «snob» deve passar a preocupar-se com outros problemas.

O segundo problema que se apresenta é o do nome. O nome de família não tem muito interesse. Se o candidato se chamar, por

exemplo, Silva, deverá insinuar, muito vagamente e sem insistir, que é um dos Silvas do Norte:

O assunto fica, assim, resolvido.

Quanto ao primeiro nome, o caso é outro. Há indivíduos que se chamam Leonardos, Ezequiéis, Ericos, etc. Devo desde já dizer que os nomes, como as palavras, têm sons que exprimem ambientes, significados que os autores dos dicionários desconhecem. A vida de sociedade desenvolve-se em torno destas pequenas diferenciações de sentidos. Lourenço ou Gonçalo, por exemplo, cheiram a solar no Minho; Carlos Manuel e Emídio a grandes propriedades no Alentejo; Paulo e Raul cheiram francamente a Faculdade de Direito; José e João cheiram a Caixa de Previdência; Nuno e Paulo Maria cheiram a chalé no Alto do Estoril; Ezequiel e Wenceslau cheiram a Bairro da Encarnação.

Se o candidato a «snob» tiver a infelicidade de se chamar Wenceslau, deve explicar que o seu nome foi escolhido pe'o bispo de Braga, que foi ao seu baptisado ou que se trata de uma velha tradição de família.

Não vejo outra solução para um Wenceslau, muito embora isto não queira dizer que os Wenceslaus devam perder as esperanças. De forma nenhuma: julgo que, apesar de tudo, ainda será mais fácil a um Wenceslau entrar na sociedade do que a um rico entrar no reino dos céus.

Quem tiver nomes ridículos deverá rir-se deles e aceitá-los francamente.

Esta frase, por exemplo, poderá ser usada para ajudar a salvar a situação:

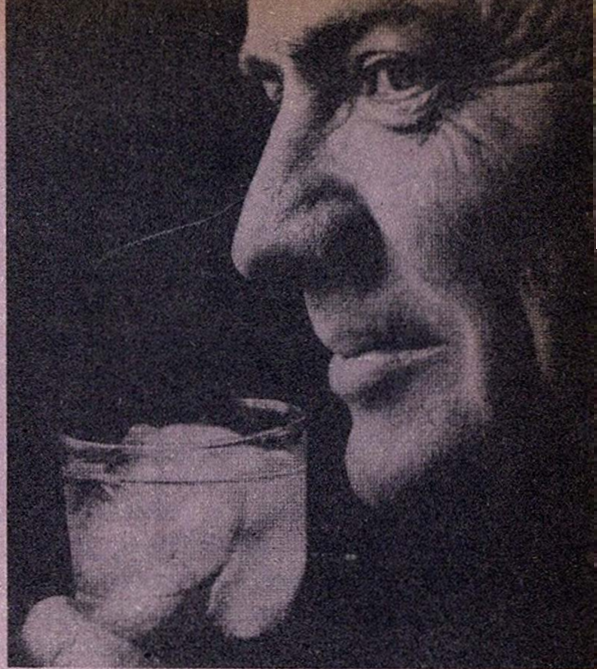
— É verdade, minha senhora... Julga que não ouviu bem, mas é verdade. Chamo-me Wenceslau. Como deve calcular ninguém me consultou...

Uma vez que o candidato tenha conseguido que o seu nome seja aceito, deve escolher um modelo QUE POSSA imitar durante o decorrer da vida.

Sem isto não conseguirá nunca entrar na chamada sociedade. A escolha do modelo dependerá da inteligência do candidato, dos seus gostos pessoais e, até certo ponto, da sua situação económica.

Está muito em voga o modelo fundador, isto é, a imitação do tipo de homem que, ao morrer, deixa atrás de si uma fundação.

A escolha deste tipo ou modelo implica despesas extraordinárias. Só os candidatos muito ricos e dotados de uma personalidade extra-



ordinária poderão ter a pretensão de adoptar este modelo. É preciso nascer-se príncipe do Renascimento e ter tido um pai com mais habilidade comercial do que pròpriamente artística.

É claro que há um meio termo.

Quem não pode ser «Grand-seigneur» pode, pelo menos, ser «Petit-seigneur».

Este último tipo abunda e é geralmente aceito.

Recomendamos o «Petit-seigneur» como modelo para o candidato a «snob».

Se este conselho for aceito, e julgo que deverá sê-lo porque é muito sensato, o candidato a «snob» deverá alugar um prédio antigo e mobilá-lo com mobília de estilo indefinido, o mais «House and Garden» possível, com duas ou três gravuras ou «bibelots» muito modernos para darem a nota da tolerância artística.

Esta nota é essencial.

O candidato a «snob» to tipo «Petit-seigneur» deverá escolher cuidadosamente um interesse, uma actividade que o interesse e que o personalize.

Esta actividade deve ser o mais especializada possível. Não basta, por exemplo, gostar de livros. O candidato deverá coleccionar livros do século XIV. O facto de gostar de livros dar-lhe-há um arzinho intelectual, o facto de coleccionar livros do século XIV dar-lhe-á uma patine social de grande interesse e, ainda por cima, as encadernações, por vezes, são lindas e dois ou três livros com muitos dourados, não ficam mal numa mesa, ao pé de uma garrafa de «whisky».

É claro que poderia escolher outros interesses. Um que o pode beneficiar consiste na descoberta de um pintor qualquer de segunda classe do século XVIII. As obras de tais pintores compram-se por preços muito acessíveis nos bricabraques estrangeiros e, depois de descobertos, atingem certo valor. Os pintores de tipo Pillement são ideais para o efeito.

Em sua casa o candidato a «Petit seigneur» deverá ser o mais simples possível. Deverá receber os seus amigos fazendo inúmeras referências à simplicidade da sua maneira de viver. Deve, todavia, haver abundante «whisky» e, numa das estantes que contêm os livros do século XIV, deverá estar assimetricamente colocada para dar o aspecto de que foi posta ali de propósito, uma garrafa de Henessy.

Uma coisa que o candidato a «snob» deve compreender é que o «snobismo» é um fato que se veste mas que, a partir de certa altura, passa a ser uma couraça. O candidato, desde que frise bem a sua simplicidade, poderá mesmo servir Brande Constantino dentro da garrafa de Henessy que ninguém dará pela diferença. Usa-se, até, muito.

Na rua, o candidato a «Petit seigneur» deverá proceder com o maior cuidado.

Deverá falar o mais familiarmente possível aos seus amigos e à gente do povo. Convém estabelecer relações bastante íntimas com um vendedor de jornais ou de violetas, convém conhecer os criados dos restaurantes e todos aqueles que, à vista, se não possam tomar como membros da classe média.



Esta distinção é essencial. O candidato a «Petit-seigneur» deverá parar na rua sempre que encontre um homem do povo que conheça. Deverá mesmo falar-lhe como um homem do povo: dirão que e'e é democrático. (No bom sentido, isto é, no sentido cristão e não no sentido político).

Os indivíduos da classe média, normalmente reconhecíveis pelas gabardinas, devem ser cuidadosamente evitados. Quem veja o candidato a «Petit-seigneur» falando com um indivíduo da classe média pode, mentalmente, estabelecer uma associação muito prejudicial para o candidato.

Outro modelo que o candidato a «snob» pode adoptar é o modelo «Rubirosa», um modelo muito em voga durante o Verão e que começa a atingir certa popularidade mesmo no Inverno.

Para este modelo o candidato deverá estudar cuidadosamente um mapa de Paris e decorar os nomes de algumas ruas. Se o candidato tiver boa memória pode, mesmo, decorar os nomes de duas ou três ruas de Londres e de Roma.

No decorrer da conversa o candidato dirá, por exemplo: «Esta gravata? Comprei-a numa loja que fica no cruzamento do Boulevard San Michel com a Avenue Kleber». O facto destas duas artérias se não cruzarem não tem o menor interesse, até porque as pessoas que escutarem a frase só estiveram em Paris 15 dias e já se não lembram das ruas. Mais: terão de se lembrar da loja para mostrarem que também lá foram. Tudo isto faz parte do jogo.

O candidato a «snob» do modelo «Rubirosa da Bénard» deverá rodear-se de uma atmosfera cosmopolita e internacional. No princípio do Verão deverá ir queimar-se numa praia isolada ou à Caparica, em segredo, tomando o maior cuidado em que o não vejam. Uma vez bronzado deverá aparecer no Tamariz, de «shorts», com uma toalha muito branca na mão (por causa do contraste com o bronzado da pele) e dizer aos amigos:

— Que tal está isto este ano? Em Cap d'Antibes estava óptimo, filho, não podes imaginar.

Uma maneira fácil, prática e económica de obter esta auréola cosmopolita consiste em contratar dois ou três indivíduos que trabalhem numa companhia de aviação e, através deles, conhecer algumas *hostesses* estrangeiras que, depois, se levam a sítios onde haja quem possa ver o candidato.

Este processo é muito seguido e dá um certo tom.

É claro que uma viagemzinha ao estrangeiro, de vez em quando, convém.

Muita gente julga que viajar é uma actividade caríssima mas não o é necessariamente. O candidato poderá seguir a tradição dos portugueses que vão a Paris no Verão, durante as férias, quando não está ninguém em Paris e os teatros apresentam peças de segunda ordem. Sai baratíssimo, até porque não é caro passar as tardes sentado num café a ler o «Diário de Notícias» que se vai buscar à Casa de Portugal. Convém evitar Londres, porque nessa cidade o café é mais caro.

É claro que o candidato a «snob» encontrará com certeza outros portugueses igualmente sentados em cafés e igualmente ocupa-

dos com a leitura do «Diário de Notícias». Nessas circunstâncias é necessário meter imediatamente o jornal no bolso, parar, cumprimentar o amigo e, depois duns minutos de conversa, dizer-lhe que tem de se ir embora porque vai beber uns «drinks» com umas amigas. Esta atitude produz o efeito desejado e o candidato pode ir para outro café ler o «Diário de Notícias».

Uma coisa é essencial. No estrangeiro o candidato deverá evitar cuidadosamente tudo o que represente monumentos nacionais. Nada há de mais humilhante que entrar no Louvre e ser visto por portugueses. Os monumentos nacionais viram-se em criança e, de qualquer forma, o candidato deve sempre dar a entender que tem uma vida social muito intensa



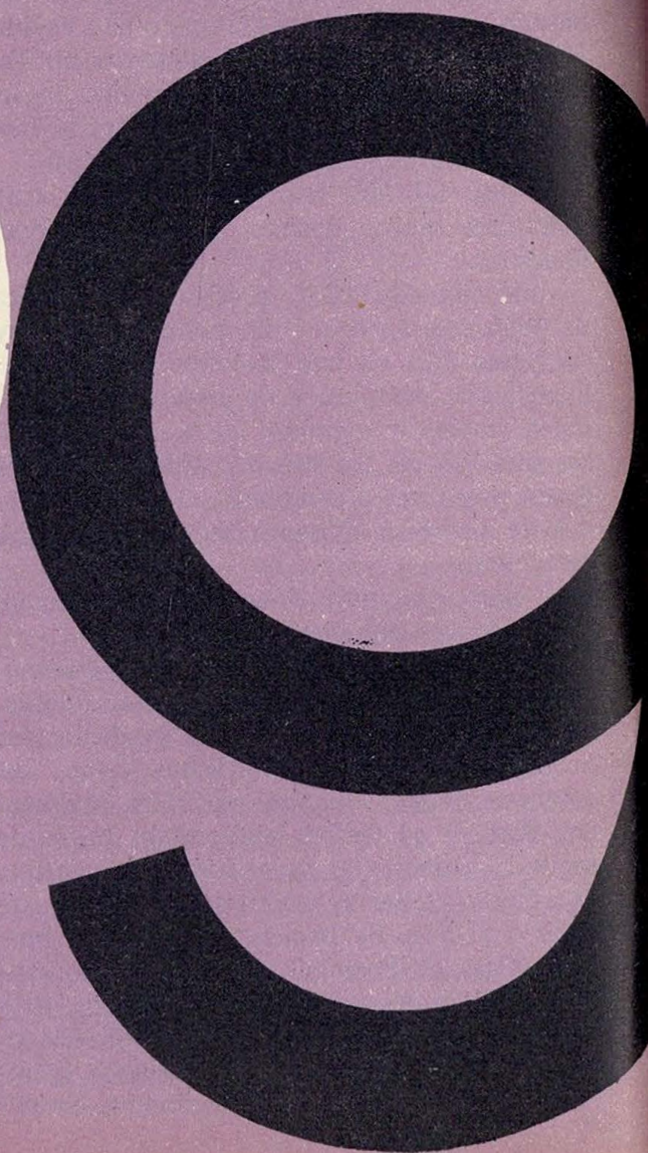
e que não tem tempo para nada. Se, porventura, tiver curiosidade de ver os quadros do Louvre ou de examinar o interior do Pantheon pode fazê-lo sem arriscar a sua posição de candidato a «Rubirosa da Bénard» através da leitura duns livrinhos que para esse efeito se vendem nas tabacarias da Rua do Ouro.

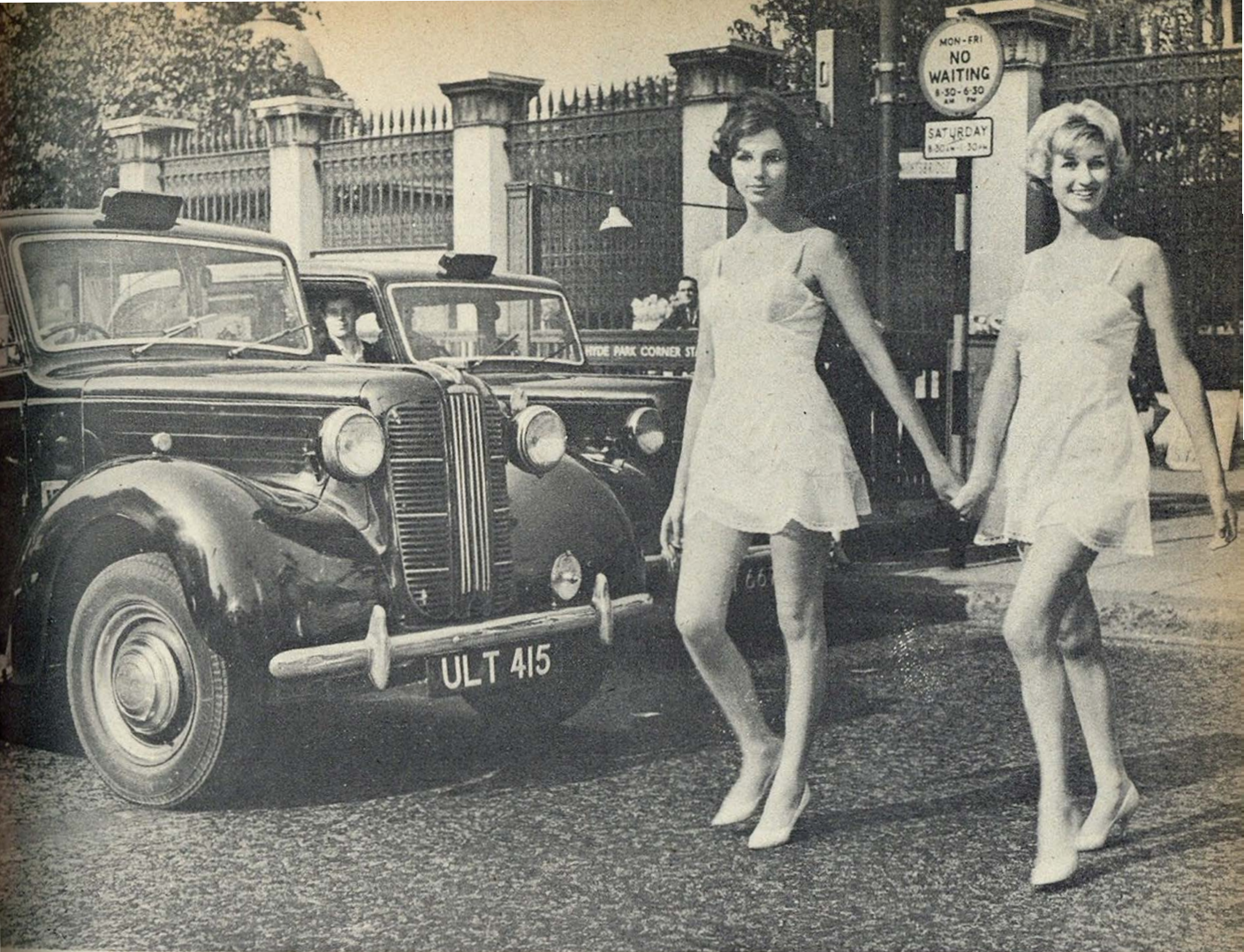
Uma vez em Portugal, o candidato deverá dar a entender que vem muito cansado e que necessita de descansar porque teve em Paris uma vida infernal.

Convém comprar em Paris, em qualquer «Uniprix», dois ou três discos que ninguém conheça e que depois se apresentam em Lisboa como sendo os últimos sucessos franceses. Escolher, para este efeito, cançonetistas com voz rouca.

Nada disto, como se vê, é difícil. Actualmente, repetimos, o «snobismo» está ao alcance de todos.

JORNAL DE ACTUALIDADES
NOVEMBRO





Este Outubro apresenta-se em Londres, fresco e ameno. E as casas de roupas de senhora, passeiam por Hyde Park os seus modelos. Doces sítios...

O público precisa de sangue.
Nos países humanitários,
porém; em que as corridas de touros
foram proibidas, os divertimentos
tornaram-se mais pacatos
— Florian Camathias, campeão suíço
e H. Cecco, durante uma prova
em Inglaterra.





Maurice Chevalier dando mais um beijo de cumprimentos: desta vez a Sophia Loren. Ossos do ofício...



O aeroporto de Bourget, em Paris foi invadido por doze vikings, como a gravura mostra, prontos para as maiores violências. Trata-se de um grupo de dinamarqueses que veio a Paris tomar parte na exposição: «Os Vikings e os seus Antepassados», levada a efeito pela casa da Dinamarca.



O cavaleiro andante parece ter encontrado (após duas saídas em falso) o Palácio da Ventura. Peter Townsend e sua noiva, a jovem belga Marie Luce Jamagne.



Ingrid Bergman, com o terceiro marido, o produtor Lars Schmidt e um filho do segundo, Robertino, escapa-se aos fotógrafos no aeroporto de Orly, em Paris.



Ambos salvaram a Inglaterra. Nelson, contra Napoleão, no começo do séc. XIX; o Spitfire, contra Hitler durante a última guerra mundial. Ambos são hoje gloriosas relíquias do passado.

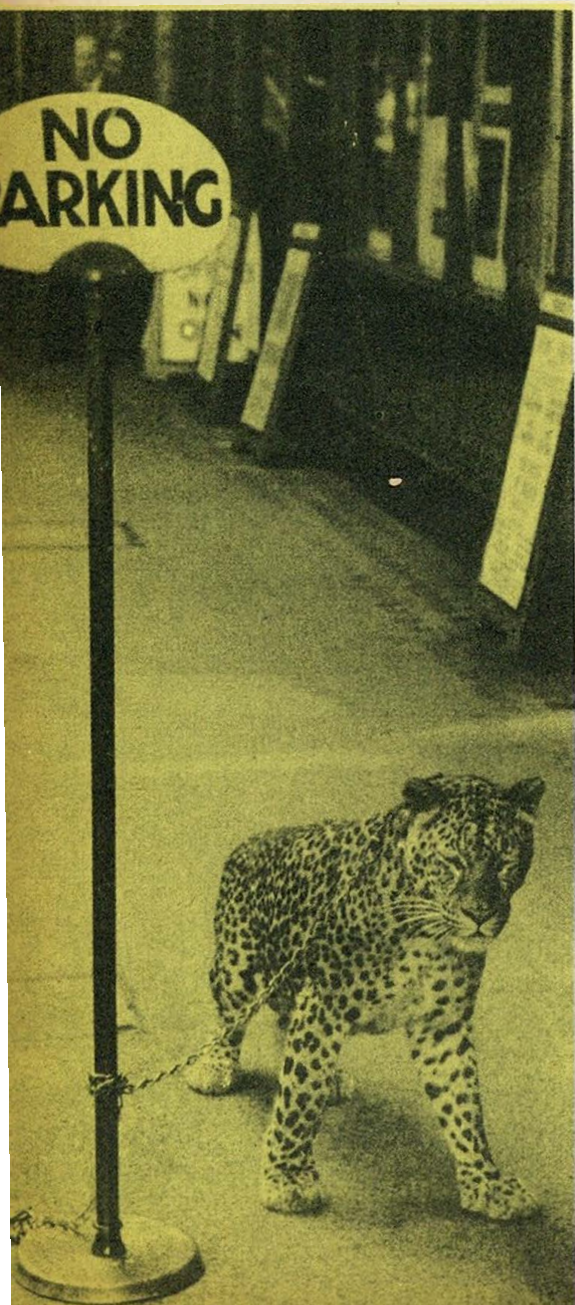


O pintor japonês Foujita converteu-se ao catolicismo. Ei-lo na catedral de Reims, recebendo o batismo ministrado por Monsenhor Bejot, bispo auxiliar.



Em Tananarive celebrou-se o cincoentenário dos caminhos de ferro locais.

E nas comemorações foi incluída uma pequena cerimónia retrospectiva de que a fotografia apresenta um pitoresco aspecto.



Chieffy, leopardo excelente, que entrou em filmes de Tarzan, espera pacientemente junto a um sinal de estacionamento proibido, que o seu dono regressa de uma festa de caridade no Savoy Hotel, em Londres. A ele, não o deixaram entrar.

teddy boys



EXEMPLOS ALARMANTES DA CRISE DUMA JUVENTUDE...

Apareceram finalmente em Portugal os «teddy-boys». Começávamos todos a ficar inquietos: já tínhamos tido a «Pepsicola», o «Hulla-Hoop», o «Rock'n roll», os livros da Françoise Sagan, a Televisão e o «Self-service».

Faltavam, manifestamente, para que de vez nos modernizássemos, os «teddy-boys».

Exemplos alarmantes da crise de uma juventude, os «teddy-boys» encontram-se em quase todos os países civilizados do Ocidente. Vindos ao mundo no fim da guerra, tendo sofrido na primeira infância os traumas que à insegurança dessa época acarretara, órfãos muitas vezes ou filhos de pais divorciados, criados no ambiente de tensão internacional que não se desanuviou ainda, e no ambiente quotidiano de estímulos exóticos e agressivos constantemente lançados pelas publicidades e as propagandas aos sentidos de quem sobrevive, os «teddy-boys» começaram talvez por achar equívocas as parábolas dos livros de primeira classe e duvidaram de que os bons fossem sempre recompensados, os sapos amigos dos homens e os meninos e as meninas casassem, tivessem filhos e vivessem sempre muito felizes.

Daqui pouco mais passaram, porque os «teddy-boys» não são filósofos, nem sociólogos — são apenas adolescentes mal educados que sofrem as consequências da má educação que lhes deram. E a sua reacção, primística e estúpida, dá os resultados que nós sabemos.

Recentemente, em Estocolmo o advogado de um deles disse em tribunal que era mais grave para o mundo haver quem mantivesse fábricas de armamentos e fizesse especulação económica sobre os resultados de uma guerra possível do que quem esfaqueasse esporadicamente pneus de automóveis, ou incendiasse de vez em quando uma escola primária. E citou dois conhecidos versos de Prévert:

Os que dão canhões às crianças
Os que dão crianças aos canhões

O «teddy-boy» em questão foi evidentemente condenado e nós achamos bem. Achamos mesmo que umas chibatadas na altura lhe não fariam mal desde que fossem extensivas aos costados confortáveis dos outros «teddy-boys» mais crescidos.

Em Portugal, as coisas são todavia um pouco diferentes. Os nossos «teddy-boys» são como os licores nacionais — imitados do estrangeiro ou pior.

Com a diferença de que os licores ao menos imitam coisas boas e os «teddy-bos» imitam coisas más.

Felizmente a polícia, numa nota de excepcional dureza, denunciou claramente o bom nascimento e os teres dos «teddy-boys» nacionais, avisando-os ao mesmo tempo de que, presos por delitos tão graves, seriam tratados como se pobres fossem.

Bem haja, pois. A Justiça é, tradicionalmente, cega mas exige, para a servir, funcionários de olho bem vivo.

OS BLUSAS NEGRAS

«Les Blousons Noirs»

Idade: De dezasseis a vinte anos.

Vestuário: Botins de estilo italiano ou à «cow-boy», imitando couro, fabricados em cabedal, segundo um modelo americano, e vendidos nos grandes armazéns dos «boule-

vards» de Paris. Calças muito estreitas de fazenda azul, branca ou negra, com a forma dos «blue-jeans» originais. Às vezes também calças de riscas, estilo 1900.

Camisas de cor e blusas justas — os «T-shirts» do exército americano — coladas à pele. Várias camisolas, postas umas sobre as outras. Blusões de couro negro. Mas como o cabedal autêntico é muito caro, estes são de plástico ou de camurcina.

Pais: Pequena burguesia, empregados, pequenos comerciantes, operários. O pai e a mãe trabalham fora de casa.

Ocupações: Aprendiz, servente, auxiliar-mecânico, operário.

Onde vive?! Nos arredores e nos bairros periféricos de Paris.

De que vive?! Do que ganha. Ninguém lhe dá dinheiro para os «alfinetes». É o seu salário na fábrica ou na oficina que lhe permite viver. Uma média de 30.000 francos (1.800\$00).

A semana: Trabalha até às 18.30 h. A seguir junta-se aos outros membros do seu grupo com quem está até às 10 ou 11 h. Nunca mais tarde, porque precisa de se levantar cedo.

Domingo: A piscina municipal no Verão, o cinema, bailes nos arredores. Chega barulhento, de «scooter», acompanhado por amigos.

Que lê?: Nada. Nem livros nem jornais.

Que ouve?: As «juke-boxes», caixas de música nos cafés, fornecem-lhe as suas árias favoritas: o «Rock 'n roll» violento, de estilo Elvis Presley, Bill Halley, barulhento e sacudido.

Que vê?: Três filmes por semana. Sempre filmes de violência: de guerra, policiais ou westerns. O cinema americano é por excelência o seu espectáculo favorito. Diz: «Ao menos os filmes americanos mostram a vida como ela é».

Religião: Não tem.

Amizades: Não as tem fora do «grupo». Prefere os amigos às raparigas. Para ele, a força de um chefe, de um camarada, importa mais do que a presença de uma moça.

Heróis: Todos são «duros», gente que luta. Muitas vezes confunde-os com actores de cinema: Marlon Brando, Eddie Constantine.

Heroínas: No quarto, tem, frequentemente pregados à parede, retratos de «pin-ups»: Diana Dors, Jayne Mansfield.

O Grupo: Fora dele é um rapaz como os



outros. Sòmente, fora dele, não saberia que fazer. O grupo é constituído por dez ou trinta rapazes como ele, e reúne-se nos cafés, nas praças, às esquinas. Passeiam nas «scooters» respectivas. Se encontram outro grupo, brigam frequentemente. À tarde vão, ajuizados, a casa de pessoas de família. Organizam festas em casa da irmã de um amigo, ou em casas suspeitas do bairro.

O que diz da família: Lamenta os «velhotes» mas não os detesta. Em geral não tem conflitos com eles: partilham todas as despesas da casa. Simplesmente, raras vezes vê os pais.

França: Não lhe interessa.

Política: Não lhe interessa.

Amor: Acredita no amor livre.

Que vai acontecer-lhe?: Como não é estudante, aos vinte anos parte para o serviço militar. Quando volta, o grupo desapareceu, os camaradas desagregaram-se. O exército «fê-lo crescer». Procura uma ocupação estável e pensa em casar-se. A revolta, deixou-o adormecido, anestesiado. Muitas vezes não consegue dar solução à vida e torna-se então um semi-gangster, o chefe de um grupo mais vicioso, mais adulto.

A maior parte das vezes, porém, abandona o blusão negro — engordou de mais e já não lhe serve...

claro, violeta, malva, laranja-claro, azul-celeste. Troca-os muitas vezes com os amigos para não pôr sempre o mesmo.

Pais: «Classe média superior». O que quer dizer em termos sociológicos: burguesia rica. Profissões liberais. Grandes comerciantes.

Ocupações: Liceu. Perde muitas vezes os últimos anos e tem explicadores em casa. Às vezes nem sequer frequenta o liceu: é sustentado pela família, à espera que aconteça qualquer coisa, que alguém tome uma decisão.

Onde vive?: Nos bairros elegantes. O XVI° e o XVII° também em Neully e Boulogne.

De que vive?: Do dinheiro que lhe dão os pais, a mãe, mais frequentemente. A soma varia de 10.000 a 50.000 francos por mês. Se não lhe chega rouba muitas vezes da carteira da mãe, ou pede emprestado. Tem permanentemente dívidas.

A semana: Vai às aulas, mas não a todas. Falta uma vez em duas. Pelo meio-dia e pelas cinco da tarde encontra-se com os amigos nos cafés da praça Muette do Trocadero, da rua Washington, que dá para os Campos Elísios. A quinta-feira à tarde passa-a nos «snack-bars», esperando a notícia de uma festa, aonde vai em grupo, convidado ou não.

Domingo: Levanta-se ao meio-dia. Encontra-se com os amigos com quem esteve na véspera à noite e acaba o que ficou dos bolos e do «whisky». E o que ficou também dos «flirts» esboçados.

Muitas vezes, de «scooter», ou em carros emprestados pelos pais, visita as raparigas que foram passar o fim-de-semana ao campo.

Que lê?: Alguns livros policiais, magazines.

Que ouve?: Nas «Juke-box» e nos «pick-ups»: «rock» lento, estilo Paul Anka. Do «jazz» moderno: o Modern Jazz Quartet. Faz um grande consumo de discos, cuja troca, juntamente com a dos «pull-overs», constitui a sua maior ocupação.

Que vê?: Dois filmes por semana. Como vive nos arredores dos Campos Elísios tem grandes possibilidades de escolha. Prefere os filmes americanos.

Religião: Não tem.

Amizades: O «grupo». As raparigas: «passa-as» aos amigos. Algumas são fáceis, outras «aprenderam a fazer-se respeitar».

Heróis: James Dean, Charles Aznavour, todos o jovens que conseguiram sucesso e cujo talento deixa supor que o êxito é fácil.

○ «TRICHEUR»

Idade: De dezasseis a vinte e quatro anos.

Vestuário: Sapatos italianos. Calças de flanela cinzenta-claro muito estreitas, feitas por medida. Camisas «sport»: de alpaca, de algodão, «chantung», caxemira, «pull-overs» de todos os tons, principalmente verde-oliva



Heroínas: Brigitte Bardot.

O Grupo: Muitas vezes o grupo obriga-o a roubar, a traficar, a cometer actos de violência. É esta, muitas vezes, a única maneira de o «aceitarem». Para que os outros olhem para ele, lhe concedam direito de existir, rouba uma «scooter», aceita participar no tráfico em pequena escala de cigarros e de «whisky» — comprados ou roubados nos «stocks» do exército americano. Não tem verdadeiramente problemas: sabe que o pai está por trás.

O que diz da família: Despreza completamente os pais. Com o pai tem conflitos, mas lisonjeia a mãe e explora-a. Diz dela: «A mãe é terna de mais». Como os pais gostaram demasiado dele quando era pequeno, vingam-se agora.

França: Não lhe interessa.

Política: Não lhe interessa.

Amor: Acredita no amor livre.

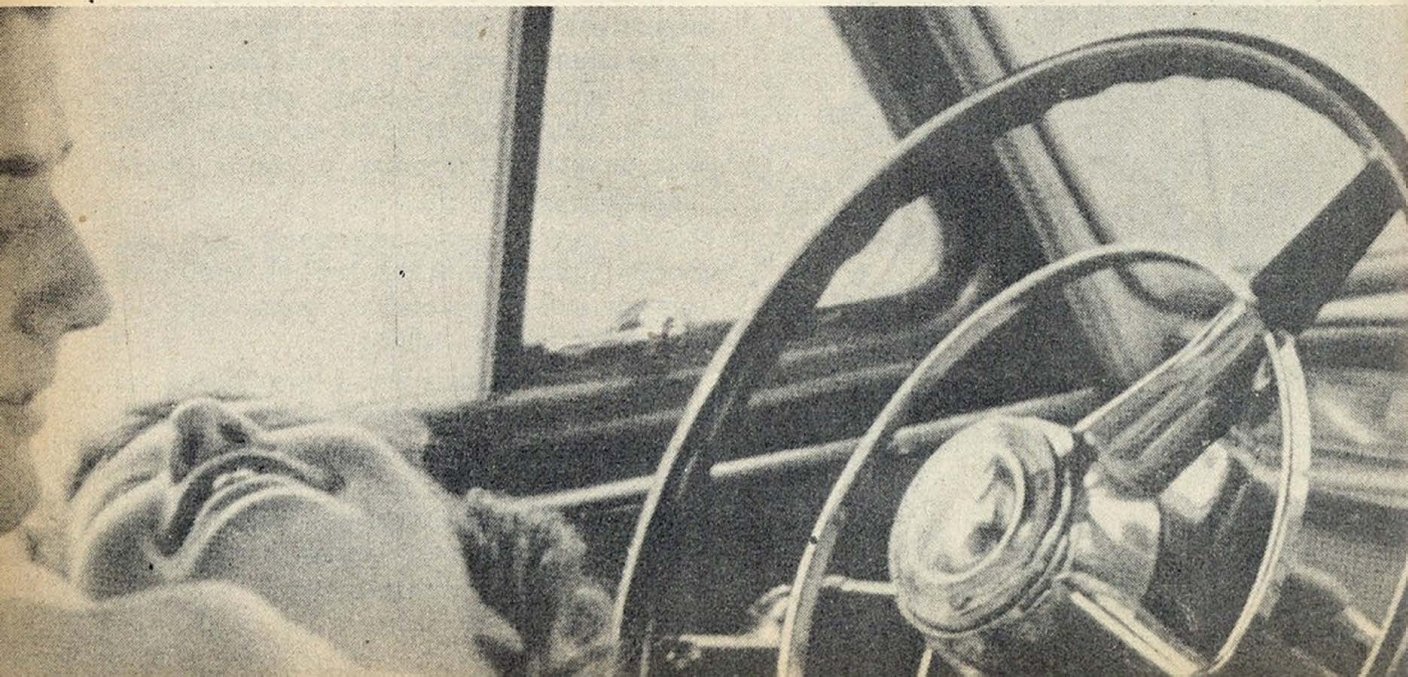
Que vai acontecer-lhe?: Os pais mandam-no para Inglaterra passar seis meses, depois de ter «chumbado» pela terceira vez. À volta, como ficou a saber inglês, metem-no num negócio ou deixam-no continuar os estudos: Direito, Económicas. Pode acontecer que chegue assim a adquirir uma posição, responsabilidades. Pode acontecer também que continue um «falhado», um «menino mimado», até que o casamento, uma morte na família, um acidente sério lhe abram súbitamente os olhos fatigados pela preguiça.

No momento pois em que os «teddy-boys» surgem em Portugal, lembramo-nos de, num rápido resumo, evocar o que são eles noutros países. E, para Novembro, ocorreu-nos a França, país amigo e latino em que as coisas estão de qualquer maneira, próximas de nós.

Apresentamos 3 tipos de «teddy-boys»: os «blusas negras», as «tricheuses» e os «tricheurs» (termos intraduzíveis que significam, mais ou menos, batoteiros, trapaceiros, que não levam a vida a sério).

Os jornais franceses têm-se preocupado largamente com estes problemas e é deles que tiramos agora a súmula apresentada aos nossos leitores.

Que estes façam a analogia com o que cá se passa — sempre que a isso, infelizmente, se dê azo.



Tratar as mulheres com dureza,
com superioridade...
Ah, mas hoje em dia, essa técnica
nem sempre dá resultado!
Quantas vezes as raparigas
ficam a rir-se?

A «TRICHEUSE»

Idade: De catorze a vinte anos.

Vestuário: Sapatos rasos, cor-de-rosa e brancos, ou sapatos de salto muito alto.

Saia curta, colada às ancas e às coxas, outras vezes de larga roda com seis ou sete saias de baixo. «Sweater» de mangas curtas em caxemira ou «orlon», que lhe molda o peito. Muitas vezes usa «soutiens» especiais que melhor lhe marcam as formas.

Pais: Podem pertencer a uma classe elevada ou não: Funcionários e professores, pequenos comerciantes e empregados, advogados e médicos.

Ocupações: Frequenta cursos de arte dramática, de estenodactilografia ou nos Institutos de beleza.

Às vezes anda no liceu. Nunca se dedica mais de três meses a cada assunto.

Onde vive?: Em Paris. Raramente nos arredores.

De que vive?: Do dinheiro que lhe dão os pais (10.000 ou 20.000 francos por mês, nos melhores casos) ou daquele que lhe emprestam os camaradas. Muitas vezes, nas festas, rouba discos que revende depois. Revende também as camisolas compradas com o dinheiro da mãe.

A semana: Como as aulas não são obrigatórias, tem, afinal, os dias inteiramente vazios e livres. Passa-os no cinema, em casa de uma amiga, nos cafés com amigos.

O seu horário depende do do rapaz com quem fizer «flirt».

O domingo: Prolongamento da festa da véspera: Passou a noite com um rapaz de-

Em carros emprestados pelos pais
(e quantas vezes sem
a autorização deles?) dá um
passeio com a namorada...



pois de ter bebido, dançado e feito «flirt». Assistiu às questões dos rapazes entre eles: com pequenas matracas de borracha, batem nas caras uns dos outros para verem qual é o mais forte. À tarde reencontra as amigas: conversam acerca do que fizeram na véspera, do que viram, de como eram os rapazes.

Que lê?: Todas as revistas de modas e de cinema.

Que ouve?: O «rock» suave: Ricky Nelson, Tommy Sands, Pat Boone, Paul Anka. Ouve Frank Sinatra e Sacha Distel.

Que vê? Se as finanças lho permitem vê um filme por dia. Não importa qual.

Religião: Não tem.

Amizades: Por vezes anda um pouco à margem dos grupos de «tricheurs» e de «blusas negras».

Só entra neles quando se torna a «moça» de um dos seus membros.

Sai com ele, empresta-lhe dinheiro, pede-lho emprestado, anda na «scooter» dele. Interessa-se frequentemente por aquele que, no grupo, está «motorizado».

Heróis: James Dean. Porquê? «Porque vivia, como nós todos desejamos viver, completamente livre». Alain Delan é o actor francês favorito.

Heroínas: Pascale Petit, Brigitte Bardot.

O que diz da família: «O meu pai não compreende nada de nada. De resto, já nem falamos um com o outro». Mas há nela uma espécie de inveja, em relação à mãe, quando a vê feliz, ocupada, responsável. Aproxima-se dela sempre que tem um desgosto (quando um rapaz «a deixou» por exemplo).

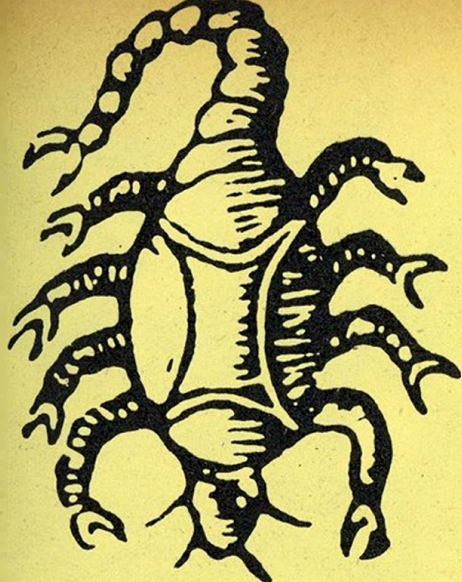
França: Não lhe interessa.

Política: Não lhe interessa.

Amor: Não acredita em «namoros». De vez em quando torna-se a «moça» de um rapaz. Perdeu a virgindade entre os quinze e os dezassete anos.

Que vai acontecer-lhe?: Muitas vezes acaba mal. Dá por si, em lágrimas, nos braços assustados dos pais. Diz: «Pronto. Estraguei a minha vida».

Na maior parte dos casos continua na mediocridade: arranja um emprego: secretária, cabeleireira, massagista, figurante em filmes de publicidade. «Pousa» para retratos que nunca serão publicados. O casamento é uma solução, um refúgio, uma libertação — mas também uma fuga.



RENDIÇÃO INCONDICIONAL PARA O CANCRO

Os ácidos nucleicos extraídos dos tecidos leucémicos ou cancerosos provocam tumores malignos nos animais sãos. Esta «pequena» descoberta parece destinar-se a abrir novas perspectivas ao tratamento e cura do cancro.

Para já o problema que preocupa os investigadores é este: qual a natureza exacta, a proveniência e o modo de actuar desses ácidos?

Duas hipóteses fundamentais foram sugeridas.

UM VIRUS?

1) A origem do ácido nucleico estaria num vírus. Esta tese levanta várias dificuldades porque embora seja indiscutível que alguns tumores malignos são provocados por vírus, nunca foi possível demonstrar que o cancro fosse contagioso.

UMA PERTURBAÇÃO CELULAR?

2) É igualmente possível que estes ácidos não provenham de um vírus mas pertençam

à própria célula que guardaria, assim, dentro de si mesma, uma autêntica bomba de acção retardada, uma tara latente hereditária, cujas terríveis consequências seriam desencadeadas por um factor secundário.

A destruição ou a perturbação celular provocada pelo vírus, pelos raios X ou por substâncias químicas, por desequilíbrios hormonais ou por traumatismos, libertariam ácidos nucleicos perigosos que penetrariam então nas células vizinhas e desencadeariam o processo canceroso.

A BIOQUÍMICA ELECTRÓNICA

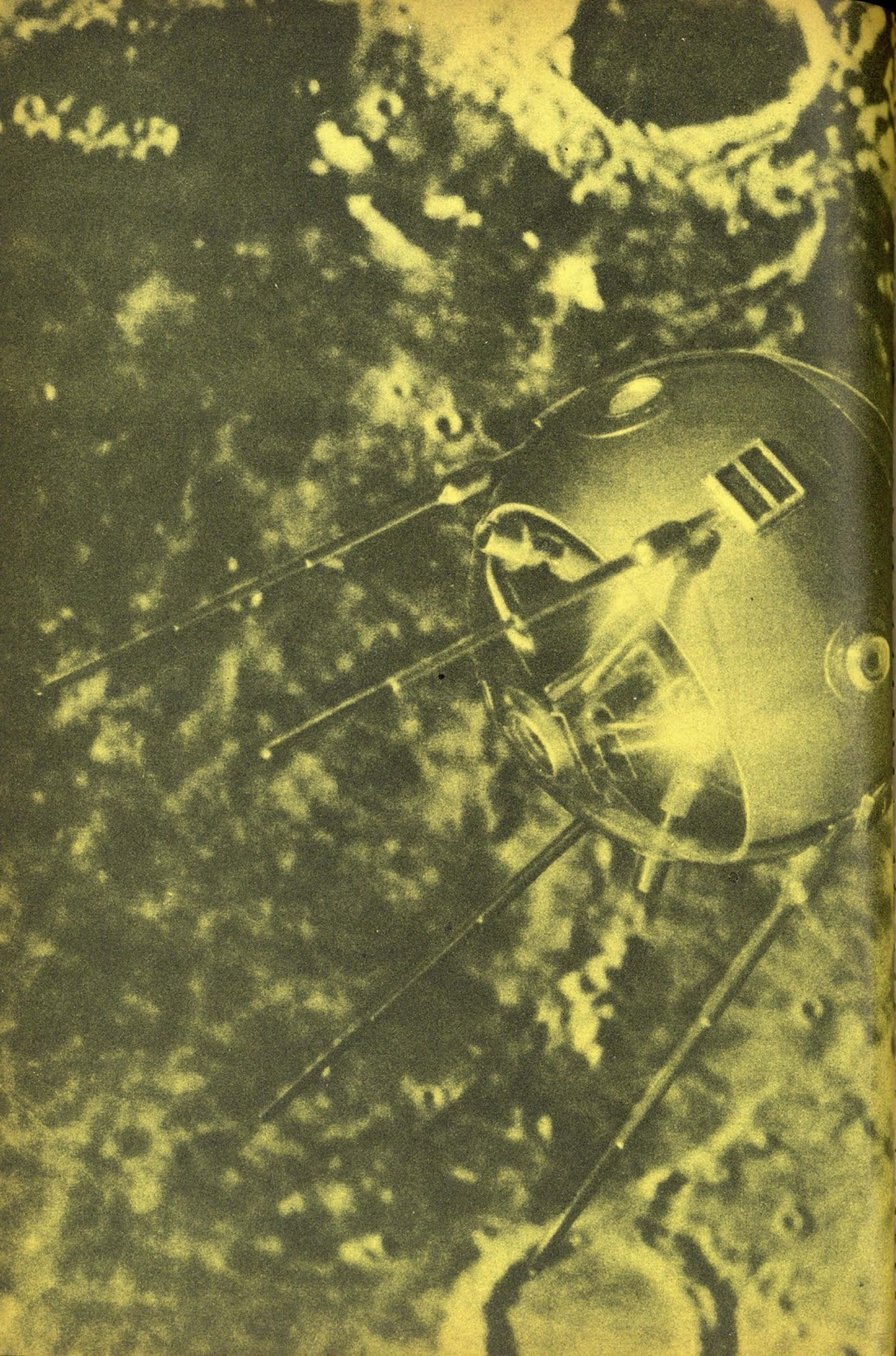
As investigações em curso permitirão, muito possivelmente, escolher uma das duas hipóteses. Com efeito, se a responsabilidade do cancro couber aos vírus será possível criar uma vacina. Se, pelo contrário, a sua origem for de natureza química, isto é, resultar de uma produção de ácidos nucleicos aberrantes, será necessário descobrir substâncias que ponham cobro a tais perturbações.

Até aqui, as probabilidades de isolamento de um corpo químico especificamente anticanceroso eram mínimas, precisamente por as investigações serem feitas ao acaso: 30.000 substâncias foram experimentadas e dessas apenas uma vintena justificou investigações ulteriores!

Pois bem: a **bioquímica electrónica** permite, a partir de agora, graças a métodos puramente teóricos da mecânica ondulatória, imprimir uma nova feição às investigações e estabelecer uma relação entre a estrutura de algumas moléculas e a sua actividade anti-humoral.

Assim, o Prof. Bernard Pullman e M.^{me} Pullman demonstraram que as substâncias capazes de provocar o cancro possuíam necessariamente uma estrutura electrónica que foi definida rigorosamente. Os Pullman estudam neste momento as relações existentes entre essa estrutura electrónica e a actividade anticancerosa.

Ora o interesse destas investigações é enorme. Permitindo a criação de substâncias químicas novas cuja actividade terapêutica pode ser aumentada pela introdução ou acentuação das características electrónicas descobertas pelos Pullman, estas investigações abrem enfim o caminho para uma busca racional — e já não ao acaso — dos medicamentos anticancerosos.



A EUROPA MAIS PERTO DA LUA DO QUE DA AUSTRÁLIA...

Júlio Verne perderá no futuro a sua extraordinária sedução? No ano 2.000 os homens viajarão no espaço, e, graças a novas fontes de energia, terão criado na Lua uma atmosfera artificial que permitirá uma vida fácil no nosso prático — e então mecanizado — satélite. Cidades gigantescas serão construídas, a agricultura desenvolver-se-á, a Lua será uma pedra — uma das muitas pedras — para a solução dos difíceis e até aqui insolúveis problemas, levantados pelo constante crescimento demográfico.

Salvo os historiadores da literatura, quem se lembrará de abrir um livro de Júlio Verne — autor tão ultrapassado pelos acontecimentos, tão «falho» de imaginação...?

Eis as misérias da antecipação romanesca! Quando, finalmente, a realidade dá razão aos adivinhos, o interesse da obra desvanece-se, — pelo menos para as crianças!

Mas o desgosto de perdermos Júlio Verne será compensado por outras alegrias... Disse um dia um político famoso: «Todas as nossas concepções têm uma escala terrestre. Foram criadas na presunção de que o homem nunca ultrapassaria o nosso planeta. Se viermos a estabelecer comunicações interplanetárias teremos de rever todas as nossas ideias filosóficas, sociais e morais. Nesse caso, o potencial técnico ilimitado **porá cobro à violência como meio e como método de progresso**».

Um sociólogo tão inteligente como Georges Friedmann ignora as possibilidades que a Lua nos oferece, quando afirma: «Esta pasmosa corrida à Lua numa época em que a vida moral e material dos terrestres é ainda tão lastimável, parece-me loucura. Há cerca de um bilião e meio de homens com fome e nós divertimo-nos com os foguetões!».

Diz-se que Gladstone visitou de certa vez o laboratório em que Faraday fazia as suas primeiras experiências eléctricas. «Para que serve a electricidade?», perguntou com muito pouca imaginação, o político inglês. Faraday respondeu: «Não sei... Mas sabe V. Ex.^a para que serve uma criança?».

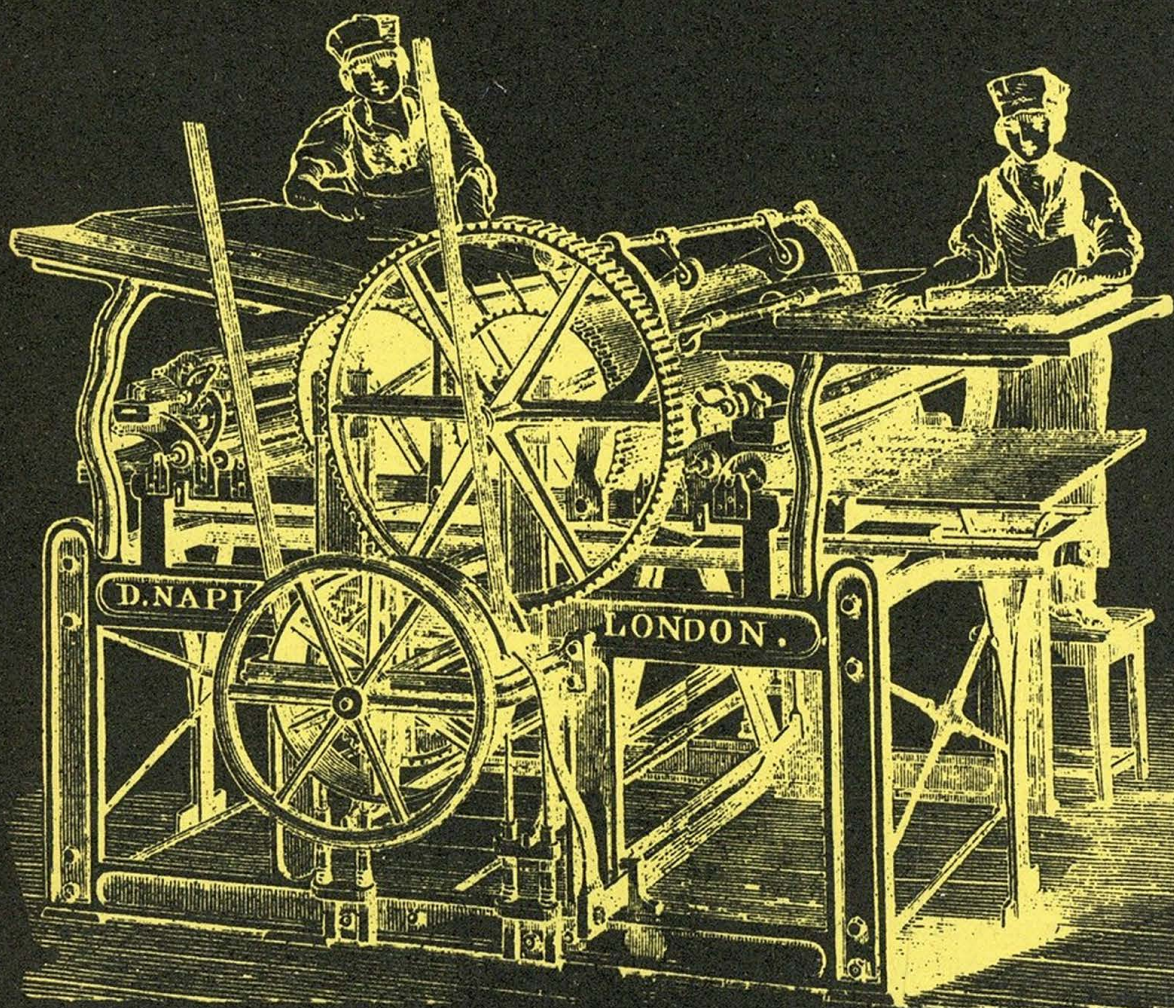
Todos sabemos hoje para que serve a electricidade. O próprio Friedmann deve saber...

Mais avisado parece ser René Huyghe, famoso crítico de arte. Para ele a chegada dos homens à Lua terá consequências enormes, no próprio domínio artístico. Ele pensa que o desenvolvimento das artes esteve sempre intensamente ligado ao desenvolvimento das ciências. O prisma — afirma Huyghe — teve uma considerável influência nos impressionistas. A fotografia desempenhou um grande papel na pintura do século XIX. O universo encarado de um novo ponto de vista — a Lua — modificará certamente a sensibilidade de muitos pintores.

Mas, independentemente das opiniões optimistas ou pessimistas, acerca do grande acontecimento que virá a ser a chegada do homem à Lua, eis aqui algumas vantagens quase imediatas:

- A Lua será um óptimo laboratório para estudar as origens da vida.
- Será a plataforma ideal para se alcançar Vénus (lá para 1970, segundo Khlebzèwitch).
- Poderá ser utilizada pela TV. Como se sabe, as ondas ultracurtas da televisão são interrompidas pelos obstáculos materiais. Uma estação lunar permitiria emitir para toda a superfície terrestre visível da Lua no momento da emissão.
- Uma estação meteorológica fornecer-nos-ia magníficas informações sobre a circulação das nuvens terrestres e sobre as trocas de calor entre a Terra e o Sol.
- O estudo do solo da Lua dar-nos-ia conhecimentos muito importantes sobre a história do universo.

Para terminar, citemos uma frase de Botzarro, velha de muitos e muitos anos: «Há muito tempo que os homens sabem tudo o que importa e tudo o que não importa saber...». E acrescentava com o à-vontade que a ignorância sempre permite: ...e até tudo o que importa não saber!».



**ARMAZÉM
DAS
LETRAS
&
DIVERSOS**



O CONTO DO MÊS

por fernanda botelho

Nasceu no Porto em 1 de Dezembro de 1926 e frequentou Filologia clássica nas Faculdades de Letras de Coimbra e Lisboa. É actualmente secretária do Turismo Belga.

Publicou as suas primeiras poesias na *Távola Redonda*. No dizer de Jorge de Sena «a sua poesia árida, seca, sarcástica, anti-lírica, é notável, como a de uma Emily Dickson, vivendo a sua lucidez na desagregação de uma desassombrada e cínica visão, que usa insólitamente as palavras e os símbolos, numa forma concisa, para sugerir afinal uma personalidade segura de si e da sua perspicácia, intimamente entregue a uma intensidade sentimental que desdenhosamente recusa exhibir-se. É de resto idêntica a orientação das suas obras de ficção». David Mourão-Ferreira, por seu lado, afirma a propósito de *O Ângulo Raso*: «Não faltará quem descortine laivos de indiferentismo, ou mesmo uma atitude cínica perante a vida, onde apenas se patenteia, pelo contrário, a grande honestidade de quem se resigna a ver o mundo com os próprios olhos, e a receá-lo com a própria imaginação!»

Fernanda Botelho, que ocupa um lugar de primeiro plano na moderna literatura portuguesa, publicou as seguintes obras: *As Coordenadas Líricas* (1951) *O Ângulo Raso* (1957) e *Calendário Privado* (1958). Colaborou em *Távola Redonda*, *Graal*, *Europa* e diversas páginas literárias.

Era uma vez um menino de sete anos...! Belo começo para uma história onde se fala de molduras, símbolos, redomas, morte de um pai, patriarcado de um irmão mais velho e emigração para o Brasil. Que o irmão mais velho não era só «mais velho», mas era mais velho vinte e quatro anos! E depois, de ano a ano, tinham-lhe nascido irmãos e irmãs. A última (perdão: a penúltima) chamava-se Rosalina. O último nasceu vinte e quatro anos depois do primeiro e dezanove depois da Rosalina. Façam bem as contas! Vinte e quatro — dezanove! Bons tempos, esses!

Puseram-lhe, ao menino, o nome feio de Lindorfe e chamavam-lhe ternamente Lindòrfinho. O Lindòrfinho, aos sete anos, teria muito que contar. (Hoje, se ainda existe — e existirá? — deve ter uma crônica aventureira onde talvez caibam nomes feios que se relacionam com «trabalhos que a vida tem») Não interessa: aos sete anos, o Lindòrfinho já tinha que contar: os desvelos consagrados

semeadura e as depressões mais exaustivas, espichando por sob o alto muro, fazendo o seu trabalhinho de erosão e sulco, irreprimida e gloriosa, fresca e viva, bra límpida ora lamacenta, cântico da pródiga natureza a que, no seu trabalho mais rasteiro, se dava o nome de «Rego». «Vai lavar os pés ao rego», diziam as mães pobres aos filhos-de-pés-sujos. O REGO!

O rego corria mesmo por debaixo da alta varanda onde o Lindòrfinho passava as suas horas de clausura — vigiado pelos desvelos da mana Rosalina e pelo polegar apontado da mãe idosa. Era vê-los, os outros, lá em baixo: que invejáveis pés sujos a banharem-se no rego! Quanto desejável porcaria naquelas faces brincalhonas e tostadas pelo sol irrepreso!

Na varanda, às vezes, a criada mais velha punha peças de roupa a secar; o Lindòrfinho, um dia, chegou-se, aspirou o cheiro fresco da roupa — tão branca, tão lavada! — e pen-

O LINDÒRFINHO DAS FLORES

ao menino-serôdio pela mana Rosalina (que só casaria muito depois dos trinta) e o polegar apontado com uma doçura transigente pela intransigência contemplativa dos pais já entradotes na idade.

A terra chamava-se — e chama-se ainda — Longa — ali perto de Tabuaço, vila progressiva com hospital e hotel (agora!). Nesse tempo, Tabuaço era simplesmente uma vila e Longa, uma aldeia. A casa, em Longa, era grande e farta.

Uma casa de senhores de terras, com grossas pipas de vinho, azeites para dar e vender, muita fruta, muita batata... Também não interessa: o Lindòrfinho era menino de redoma. A casa era grande mas, lá fora, havia espaços maiores; o sol entrava a jorros, mas peneirado pelas molduras das janelas; e os desenhos que estampava pelo soalho fora já Lindòrfinho desde que nascera os sabia de memória.

E lá onde o sol caía em profusão, indetido e vigoroso, onde o sol não encontrava molduras que o reprimissem nem paredes que o eliminassem — todas as crianças de Longa brincavam, pés nus e sujos, refrescados pela água que já vinha da quinta, jorrando pedra-aqui, pedra-acolá, contornando as terras de

sou: «Que pena!». Porque, cinco segundos depois, uma das peças chafurdava, atirada por ele, no rego subjacente.

Procurou a mãe e, na sua voz sibilante, arrastada, tão terna quão insinuante, propôs-lhe: «Minha mãe, a s-senhora dá licença que eu vá lá bai-xo ao r-rego bus-car uma peça de r-roupa que caiu, arras-s-tada pelo vento?».

E o Lindòrfinho aproveitou para também lavar no rego, com a rapaziada cúmplice e entusiasta, uns pés onde o sol não desenhara nenhuma meia-lua de bronze nem a porcaria o mínimo sulco de pele gretada.

Foi um escândalo em casa. Adiante.

O menino continuou a ver o rego lá em baixo, continuou a contar os pés sujos que nele descarregavam a lama de uma liberdade que reencontrariam dez passos mais abaixo.

A sua segunda irreverência teve o mesmo fundamento: a rapaziada livre do rego. Decorou um poema. «Lis-s-boa! Eu s-sou a vos-sa irmã mais-s velha...», declamava ele da mesma varanda. A rapaziada não arredava pé, presa ao sortilégio daquela vòzinha sibilante, arrastada... Em vão! A segunda irreverência também teve o mesmo desfecho: foi um escândalo em casa. Adiante.

Ah! Lindòrfinho! Quando um dia, não encontrando roupa a secar e sendo terrivelmente operante o teu desejo de descer ao rego, foste à cozinha e vieste de lá com um banco!... «Minha mãe, a s'senhora dá li-cen-ça que eu vá lá bai-xo ao r-rego bus-s-car um banco...». (Terceira irreverência).

Não foi o fim, Lindòrfinho! Não foi ainda o fim, Lindòrfinho! O mano mais velho, casado no Porto, saíra, vivo e unificante, das molduras-símbolos onde se aprisionavam, eternamente sérios e reverenciáveis, os avoengos de saudosa memória e crónica exemplar (?). A moldura-símbolo esperava a sua hora de intervir.

Que ela não tardou, a hora, Lindòrfinho! Foi pena que um dia descobrisses a beleza que as flores têm, Lindòrfinho! Se tinhas alma de poeta (sejamos exactos: a tua alma não era bem de poeta; chamar-te poeta é demasiado simples: em aparência, tudo fica dito, mas nada clarificado. Tu eras criança, tinhas uma inteligência inocente e uma sensibilidade virgem que aos poucos iam descobrindo quanta astúcia é necessária para se chegar às coisas belas. Poesia, isto? Não sou eu quem o negue!...). Se tinhas alma de poeta, revelaste-a nesse dia, nessa hora, nesse momento — quando descobriste a beleza das flores; mas foi um mau serviço que elas te prestaram, Lindòrfinho! Que isto de poesia com flores não é coisa que se tome em consideração. Nem a poesia dos pés-sujos ou da água barrenta.

O teu pai estava tão lindo: deitado, hirto, perfeito, majestoso! E tantas flores em volta dele, em cima dele! E tanta gente no grande salão de vidros coloridos!

Mas as flores! Ai, as flores! Como conseguiram transformar o rosto pálido e magro, encarquilhado e feio do pai idoso e silente! Como era belo aquele sono!

A mana Rosalina, a mana dilecta, a segunda mãezinha, estava tão recolhida na sua dor! E os restantes senhores manos e senhoras manas tão ocupados! Ninguém pensava no Lindòrfinho e na sua clausura.

Que bom! Desçamos ao rego, mas não nos descalcemos nem detenhamos. O objectivo é outro. É um objectivo que não tem nada a ver com o fato negro de calças compridas estreado nesse dia. O rego não é cor, não é

nada. Um fato negro, porquê? Infiltrremo-nos pelo caminho proibido que vai dar sabe-se lá aonde.

Não foi difícil ver flores à distância. Que deslumbramento, ao longe! Um fato negro, porquê?

Que deslumbramento, ao perto! Um fato negro, porquê? Ele não lhes sabia os nomes mas conhecia-lhes as cores: vermelhas como os lábios da mana Rosalina, roxas como os saiotes da criada velha, amarelas como a blusa dominical da criada nova, castanhas como os olhos da senhora mãe... Tanta coisa nova, acabadinha de descobrir!

Não, Lindòrfinho! Larga esse prego ferrugento! Podes ferir-te, Lindòrfinho-menino-redoma; e os teus dedos frágeis e bem tratados não foram feitos para asperezas. Não, Lindòrfinho, não insistas! Estragas tudo, além do fato!

Um furo, dois furos, três furos... quatro, cinco, seis... dez...! Que loucura te possui, Lindorfe? Estragaste, com furos, o teu lindo fato preto e, ao mesmo tempo, o teu direito a uma moldura-símbolo. Pobre Lindòrfinho-menino-redoma! Mais tarde saberás que os fatos negros não são para ser esburacados por pregos ferrugentos. Sorri, durante os momentos que te restam, essa perversão de menino-redoma-que-descobriu-flores.

Mira-te, Lindòrfinho! Pareces contente com a tua obra. Pareces uma jarra com duas pernas: saem-te flores de todos os buracos (foste tu que as puseste lá!). Saem-te flores vermelhas, roxas, castanhas, amarelas... da botoeira à dobra das calças, de um braço a outro, de alto a baixo, de lado a lado. Todo tu és uma floreira. Que lindo estás!

Talvez tenhas razão. Talvez tudo esteja errado e seja tua a suma sabedoria. Um fato negro, porquê?

Mas tu sorris?! Que alegria é essa em teu rosto de menino-poeta (perdão: em teu rosto de menino-menino?).

Desces a correr a ribanceira; as flores vacilam, amachucam-te com a força da corrida a face animada de um rosa-novo, vindo lá muito de dentro, de um coração ainda puro que bate aceleradamente num ritmo desconhecido.

Ah! Cá está o rego! A rapaziada-de-pés-sujos contempla-te espantada, não-esclarecida. «Vede, vede!», gritas, exaltado — o rosa-novo cada vez mais vivo em tua face de menino. «Vinde, vinde comigo! Vinde ver o meu

pai què está tão lindo! Mais-s lindo ainda que eu!». E a rapaziada lá foi.

No salão de vidros coloridos onde o teu pai repousa rodeado de flores, penetra, irreverente, esse estranho cortejo de pés-sujos conduzido por um menino-floreira.

Os rostos contristados e submersos na poeira das janelas fechadas, tão solenes e frios, tão ríspidos e disfarçados, são agora medusas mergulhadas em serpentes de escândalo.

Prepara-te, Lindòrfinho! A mana Rosalina, exânime e emudecida, agarrar-te-á pelos ombros donde brotam papoulas dispostas a murchar. «Repare, mana Rosalina, es-stou quase tão lindo como o nosso pai». E, numa euforia que transporta os rostos presentes do escândalo para a vergonha, concluirás: «Eu s-sou o Lindòrfinho das-s Flores! Eu s-sou o Lindòrfinho das-s Flores!».

O «Fora!» violento com que o teu mano mais velho vinte e quatro anos enxotará os pés-sujos que trouxeste do rego, não te deu já um primeiro alarme?

O fato negro (negro, porquê?), esburacado e cheio de flores que iniciam, elas também, a marcha fúnebre da decadência, vai custar-te caro. A solenidade do dia não permite castigos de rigor, mas os rostos são de pau e, para ti, nenhum sorriso abre um pequeno sol doméstico, mesmo cortado de molduras ou grades. Só a mana Rosalina te envolve num olhar defensivo — mas ela, coitada, já não pode muito: é agora mulher sem pai, e o novo patriarca (o mano mais velho vinte e quatro anos) saiu, vivíssimo e unificante, das molduras-símbolos...

Alguns anos mais, Lindòrfinho! Não ganhaste juízo e continuaste um caminho de

irreverências que não ia dar a parte alguma que não fosse campo de papoulas!

Um dia, menino-floreira ainda criança, pôr-te-ão na mão a mala dos desesperados. A sugestão vem do mano mais velho — e é, a bem dizer, uma ordem.

O pretexto tem um valor considerável: urge fazer uma expurgação familiar. No Brasil, o osso é duro de roer e quem não quiser trabalhar... Meu Deus! Que frio é o beijo que te depositam na face ainda imberbe! Que importa? **Urge expurgar a família dos elementos...** porque as idiosincrasias têm de meter água onde as molduras-símbolos ficam pé.

Lá na terra, a mana Rosalina e a tua mãe cada vez mais idosa continuarão a chorar uma despedida — que é (nessa altura elas ainda não o sabem) definitiva. E quem poderá censurar-te que, morta a tua mãe, nunca mais tenhas dado novas de ti, Lindòrfinho?

Alguém ainda ficou para te lembrar: a mana Rosalina, que Deus já lá tem, contava sempre enlevada as tuas gracinhas de menino-deus. E eu ouvi-as, não dela (que não a conheci) mas de uma sua filha — filha da mana Rosalina.

Não há mistificação: a mana Rosalina casou tarde; teve uma filha. E netas, também. E dessas amáveis crianças — de que eu faço parte — também muito haveria que contar. Ninguém, porém, pensou em fazer entre elas uma expurgação familiar. Talvez porque sempre eram meninas... e as meninas não se podem mandar com mala de desesperados para um Brasil onde elas se arranjam com a ajuda de Deus.

FERNANDA BOTELHO

O
FALCÃO

UMA REVISTA
PARA OS JOVENS
DOS 8 AOS 80 ANOS



O que imediatamente impressiona o leitor de **A Jeira de Deus** é a inocência das suas personagens. A inocência, a pureza! E no entanto, não há em Ty Ty Walden um único ideal superior, não se vê nele qualquer preocupação moral! Em boa verdade o que se passa em sua casa é de pôr os cabelos em pé! É de pôr... mas não põe!

Ty Ty é um primitivo, um bom selvagem acabado de nascer, um pagão (embora estas palavras «cultas» lhe sejam inadequadas).

De facto, ninguém ousaria dizer das personagens de Caldwell que são cruéis, cínicas, ou viciosas! Pelo contrário: sentimo-las boas e humanas, simpatizamos com elas. E esta é uma das características do grande romanista: a simpatia por esses desgraçados que vivem sujeitos a duas forças: a fome e a carne.

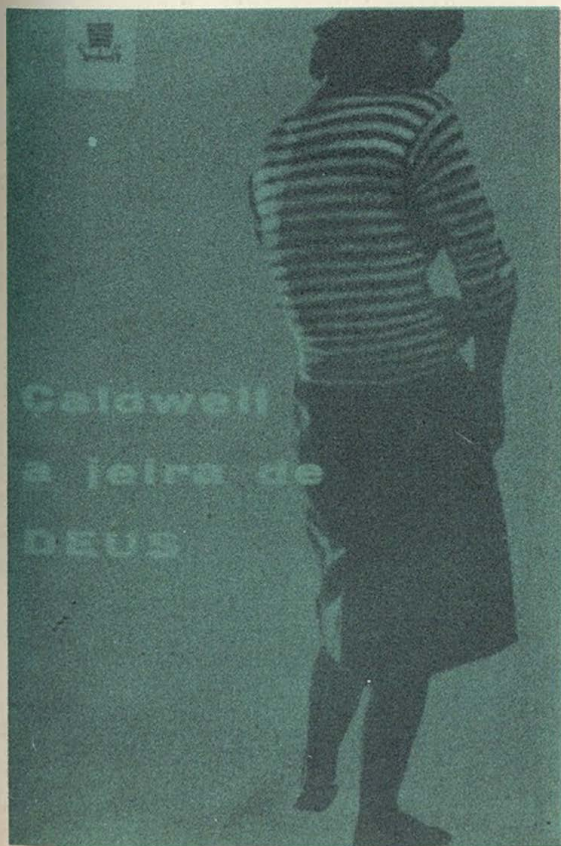
A Jeira de Deus é provavelmente, a obra-prima de Caldwell. Neste livro prodigioso, onde o burlesco e o trágico se cruzam, assistimos às várias aventuras dos diferentes mem-

O LIVRO

do mês

bros de uma família: Ty Ty, o velho patriarca que arruína a sua casa para procurar um ouro inexistente, Will Thompson, o genro de Ty Ty que ao amor por Griselda (um amor proibido) alia o desejo de ajudar os seus colegas desempregados.

Erskine Caldwell que nasceu em White Oak, na Geórgia, esteve recentemente em Portugal, tendo assistido a uma recepção na Sociedade Portuguesa de Escritores. Em nome da Sociedade disse-lhe o poeta Monteiro Grilo: «Caldwell vem dando a sua colaboração para um mundo onde caibam a tolerância, o respeito mútuo e a dignidade humana». Na sua resposta, disse o autor de **A Jeira de Deus**. «Se acaso fosse possível que o mundo pudesse ser governado pelos homens de letras e não pelos políticos, ele seria certamente melhor e mais justo». Neste ponto revela Caldwell o seu magnífico e generoso optimismo. De facto, será a República das Letras um mundo de paz, exemplo e espelho da tranquilidade e da bonança? Há quem duvide...





publicações recentes

**CIVILIZAÇÃO: «COMO SÃO
ADMIRÁVEIS OS PROGRESSOS
DO NOSSO SÉCULO!»**

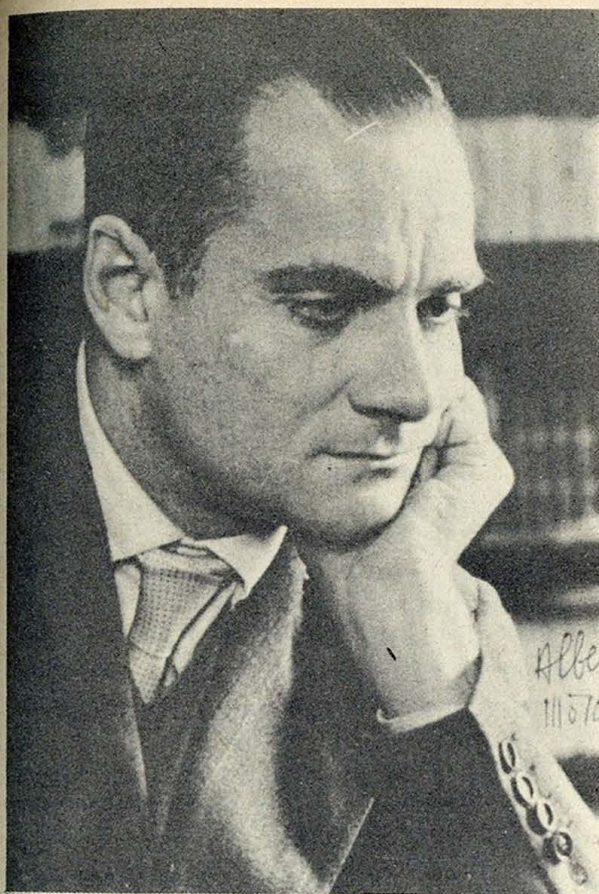
Não é difícil ler um livro de Aquilino; basta comprá-lo. Não é difícil ver o próprio Aquilino porque, por volta das cinco horas, aparece ele pelo Chiado. E conversar com ele?

Isso já não será tão fácil. Em todo o caso, e à falta duma conversa autêntica, temos agora a possibilidade de o ouvir em nossas próprias casas, graças ao disco. Ah, se pudéssemos também ouvir o Eça, que tanto ridicularizou o fonógrafo! Pois não é verdade que

foram maravilhosos, de facto, os progressos do nosso século?

Até aqui, as casas de disco haviam votado apenas nos poetas. Não admira: as grandes literaturas começaram sempre pela poesia antes de descobrirem o valor da prosa, talvez porque a prosa estivesse demasiado perto dos homens. Pois não sucedeu o mesmo com a ciência? O bicho-homem começou por estudar as estrelas e só depois se descobriu a si mesmo!

A voz de Aquilino juntaram já as edições Orfeu a voz de José Rodrigues Miguéis. Que outras vozes se lhe juntem e que o coro da literatura contemporânea fique bem afinado!



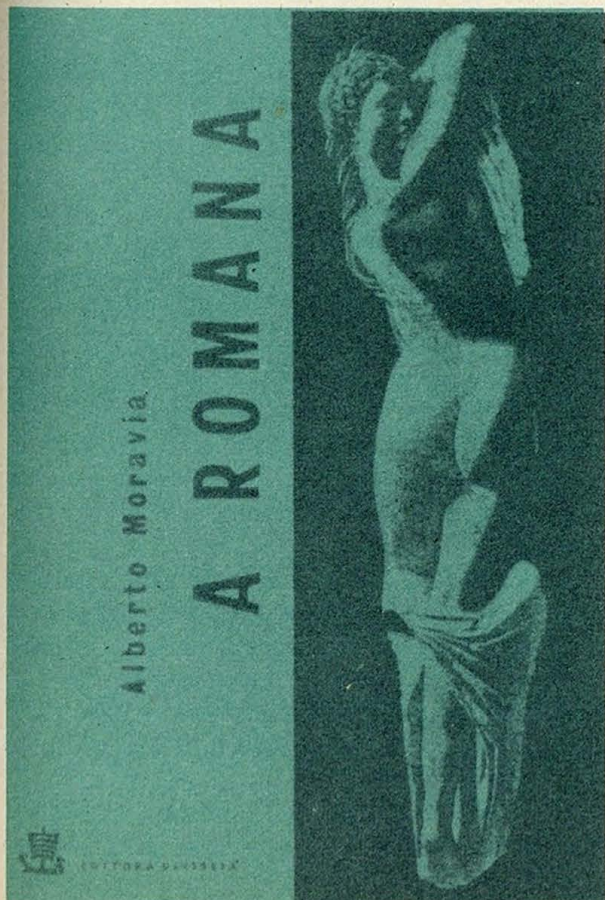
Alberto Pincherle, literariamente conhecido pelo nome de Alberto Moravia, nasceu em 1907, na cidade de Roma.

Aos 22 anos publica o seu primeiro romance, **Gli Indiferenti**, escrito num sanatório de Cortina d'Ampezzo. O livro inicialmente recusado por vários editores esgotou-se rapidamente. A partir de então, a obra de Moravia foi-se desenvolvendo num crescente ataque aos valores da classe média. A dignidade com que durante os anos de fascismo Moravia defendeu a sua posição de escritor, valêu-lhe a aversão do regime que, em 1942, com a publicação da corrosiva sátira política **La Mascherata** se transformou em aberta perseguição.

A ROMANA

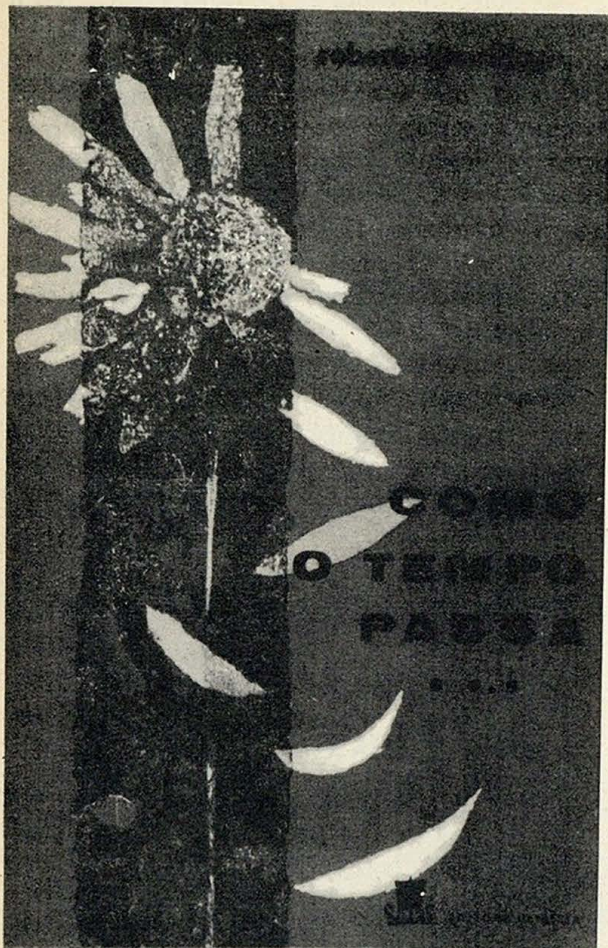
por

ALBERTO MORÁVIA



A tradução portuguesa de **Il Disprezzo** (**O Desprezo**) chamara a atenção do público português para o nome de Moravia. Neste livro criticava-se violentamente uma sociedade em que o amor é posse egoísta, fruição solitária, troca de desesperos.

A Romana, o romance que a **Ulisseia** acaba de publicar, conta a história duma prostituta que encontra a salvação no amor pelo filho. Obra-prima da literatura moderna, «**A Romana** não demonstra apenas que Moravia é um romancista prodigioso, mas significa também que a Itália tem finalmente um romance perfeitamente estruturado» — afirma Giancarlo Vigorelli. E François-Régis Bastide: «O poder de fascinação das criações moravianas, ao qual se soma a lucidez do seu pensamento, designam-no — e já o designaram officiosamente — para receber num próximo futuro o prémio Nobel».



COMO O TEMPO PASSA

por
Robert Brasillac

A 6 de Fevereiro de 1945, após longos meses de detenção na prisão de Fresnes, Robert Brasillach foi fuzilado, às 9 e 33 da manhã, no forte de Montrouge. Condenado à morte por colaborar com os ocupantes alemães durante a guerra, a sentença foi confirmada em todas as instâncias e mesmo uma petição de graça dirigida ao general de Gaulle foi indeferida.

A actividade de Brasillach nos anos trágicos que mediaram entre a queda da França e a libertação de Paris, actividade literária e política que a nenhuma cupidez se pode assacar, foi de molde a provocar depois a sua prisão e, dentro das leis francesas, a sua condenação. E se hoje nos impressiona o desaparecimento súbito de um poeta de 35 anos — não podemos esquecer que não foi por ser poeta, por ser um homem de espírito que o condenaram. Como para Lavoisier e André Chenier. A vida dos homens é múltipla e uma coisa não desculpa nem compensa outras.

O ponto que na execução de Robert Brasillach nos pode mais chocar é independente do próprio Brasillach.

O general De Gaulle indeferiu o pedido de clemência que lhe foi enviado (e era assinado por homens como Paul Valéry e François Mauriac entre muitos outros) porque lhe foi mostrada uma fotografia onde Brasillach estava fardado de oficial alemão. O general considerou este procedimento excessivo e recusou-se a interceder.

Simplesmente quem na fotografia aparece fardado de oficial alemão não é Brasillach mas um político francês. Brasillach encontra-se ao lado, à paisana, no desempenho das suas funções de jornalista do «Je suis partout». Uma certa semelhança física induziu o general em erro.

Não está em causa aqui a justiça ou injustiça da pena — mas os pequenos factores de que depende, entre duas fumaças de charuto de um homem, a vida de outro.



OS SEQUESTRADOS DE JEAN-PAUL SARTRE

Depois de quatro anos de silêncio Jean-Paul Sartre reapareceu na cena francesa com uma peça que se estende ao longo de quatro horas. Os cenários são péssimos, a encenação

é incrivelmente má, a interpretação deixa muito a desejar (se exceptuarmos Serge Reggiani).

Mas que importa? O espectáculo é surpreendente e *Les Séquestrés d'Altona* conta-se desde já entre as grandes peças do nosso tempo. Porque não tenha defeitos? De modo nenhum: a peça podia ser mais concentrada, o diálogo mais fácil... Mas os defeitos também são importantes numa obra que pretende ser actual. O nosso tempo é rico de excessos, uma guerra terrível e bem recente demonstra esta verdade. Ora bem: nesta peça teatral de dimensões excessivas, Jean-Paul Sartre debruça-se sobre alguns problemas levantados por uma guerra em que todos os excessos foram cometidos...

UM PROBLEMA DE CONSCIÊNCIA

Franz von Gerlach, herói de várias frentes, encerra-se no seu quarto quando a guerra acaba. Sairá 13 anos mais tarde para se suicidar.

As razões dessa clausura voluntária e desse despecho violento?

Franz, quando jovem, havia tentado salvar um rabino fugido de um campo de concentração. Falhara. O judeu fora assassinado...

Mas a atitude de Franz tornara-o suspeito aos olhos dos nazis e só a poderosa influência do pai conseguiu salvá-lo. Assim, esta terrível experiência marcava Franz com o ferrete de uma dupla impotência: não conseguira salvar uma vítima e não pudera ser vítima, expiando assim a sua falta de coragem, ou, pelo menos, a sua falta de eficiência.

A guerra fez de Franz um herói, mas comprometeu-o definitivamente amarrando-o a algumas atrocidades.

Assinada a rendição da Alemanha, Franz tem um novo rebate de consciência. Percebe que os outros combatentes alemães não foram melhores ou piores do que ele. Sentindo-se culpado, refugia-se então num quarto para aí viver a sua culpa e expiar as culpas de todos os alemães...

Suicidando-se, depois, Franz leva até às últimas consequências este protesto que se sintetiza em meia dúzia de palavras: como é possível que a vida continue depois de tantos crimes?

VISITAS GUIADAS

«Os Bombeiros Voluntários da Cultura», e os que generosamente dão o seu sangue por uma ideia e acorrem pressurosos aonde quer que saibam que elas, de uma maneira ou de outra, eclodiram — fardaram-se todos ao toque da sineta e foram contribuir alacrememente para a felicidade dos homens, nas recentes visitas guiadas à exposição de artes plásticas, que teve lugar durante a primeira quinzena de Junho na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Na grande sala ornamentada de cinquenta universos diferentes, despídos como mancebos na inspecção militar e oferecendo-se como raparigas alinhadas e compostas contra a parede num lupanar de bairro, pequenos grupos, atentos e curiosos, apinhavam-se à volta de monitores que discreateavam de seu alvedrio sobre as artes e os artistas, salientando os pontos que mais lhes parecia de salientar, indicando directrizes, inferindo princípios, explicando por palavras suas o que se alinhava, mudo, nas paredes e nos plintos.

Assim, nesta tocante intimidade e nesta tocante liberdade, se ia fazendo a comunhão dos espíritos em volta das obras laboriosa e amorosamente criadas. Assim a empatia penetrava os cérebros, as linhas invisíveis da comunicação pessoal se estendiam, os olhos se apercebiam — ainda que para isso fosse necessário de vez em quando, um hábil toque de pelotiqueiro — **do que era para ver.**

Como quem vai de propósito, sem circunstância nem romance prévio, satisfazer o corpo — os visitantes dirigem os seus passos às exposições de pintura viver um pouco de sétimo céu sem responsabilidades nem consequências. Nas exposições colectivas, além

deste aspecto geral, há interferência, com separação de meio metro de parede, dos vários mundos privados dos expositores, solicitações diversas, impossibilidades de sossego e de paz no espírito. Quando a isto se acrescenta um intermediário que indica os vícios secretos e as virtudes despercebidas — e cada um torce os olhos da alma até ao estrabismo vigente, por boa fé e cordura — as exposições, como categoria, passam de más a calamitosas.

O que está em jogo aqui não é defender ou não defender a expansão e divulgação das formas de cultura. É a maneira como essa expansão e essa divulgação se fazem. Visitas de crianças da escola, orientadas por pedagogos; visitas e discussões entre peritos, sobre matérias que a sua investigação já tenha abordado, são, entre outras, formas aceitáveis de visitas guiadas.

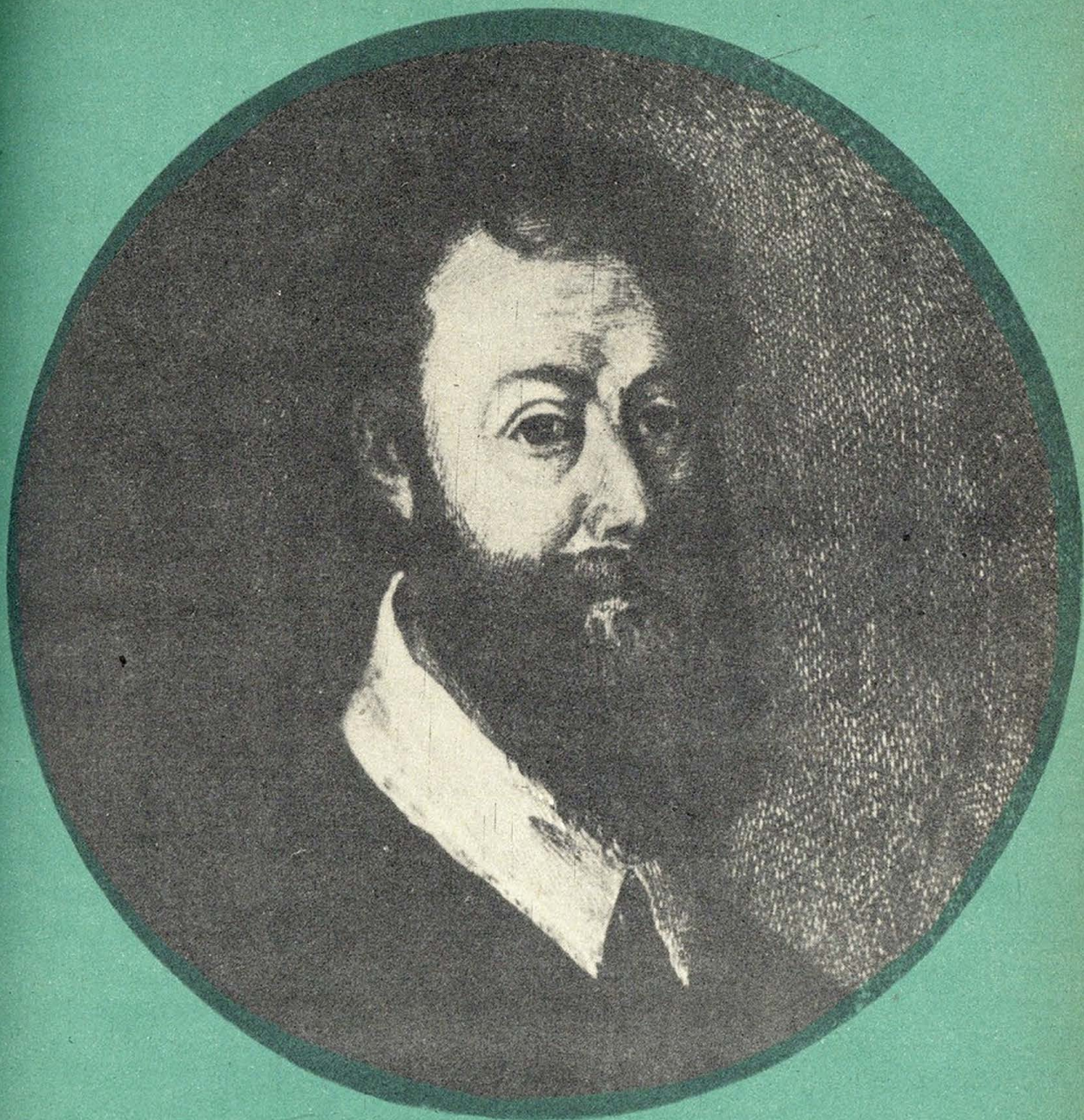
Mas na livre discussão estabelecida entre os Bombeiros Voluntários da Cultura haverá muito mais do que uma necessidadezinha de afirmação, um gosto, meio supersticioso meio curioso, de abordar os mistérios (ah os mistérios) da arte, e o desejo de passar a tarde de uma maneira in-te-li-gen-te? ⁽¹⁾

Georges Bernard Shaw escreveu um dia, que sempre que se tenta converter um selvagem ao cristianismo se acaba, na melhor hipótese, por converter o cristianismo ao selvagem. O que se lembra aqui, para seu governo, aos missionários da arte moderna.

Decerto que a alternativa: ou ouvir Mozart num palácio barroco ou não ouvir Mozart de todo, é estúpida. Mas talvez seja oportuno recordar em que condições o diálogo artista — público decorre por vezes hoje em dia.

(1) A palavra inteligente emprega-se aqui no seu sentido mais pejorativo.





**BENEVENUTO
CELLINI**

I

Em Florença nasceu, a 2 de Novembro de 1500, uma criança do sexo masculino, filha de Giovanni Cellini e de Elisabeta Grenaccia, a quem, por ser o primeiro rapaz na família depois de várias raparigas, foi posto o nome de Benevenuto, em italiano «benvindo». Conta Cellini, nas suas memórias, ser descendente do aristocrata romano que fora um dos fundadores de Florença e atribui a vários membros da sua família numerosos feitos heróicos através da história da cidade. Onde acaba a verdade e onde começa a imaginação sempre ardente e inesgotável de Benevenuto é aqui, como em muitos outros pontos, difícil de destringir. O que se sabe ao certo é que, como toda a gente, descende das mais variadas cepas — burgueses, guerreiros e artistas. Estas três facetas aliás encontram-se bem marcadas no carácter de Cellini — sempre brigão, comerciante e apaixonado.

Seu pai, excelente homem e artífice aplicado de várias artes, tinha particular predilecção pela música — o seu desejo maior era o de ver o filho fazer-se um grande músico com lugar de destaque assegurado na excelente corte de Médicis, sempre tão magnífica na protecção aos artistas, ainda que, por essa altura, caminhando já para a decadência.

Mas o jovem Benevenuto apenas por filial obediência se dedica às lições de música que o pai lhe ministra, de flauta e de instrumentos de corda; consegue atingir mesmo neles uma certa proficiência, mas todo o seu pendor vai para os trabalhos de modelagem, entalhe e ourivesaria, onde desde muito novo o seu talento encontra uma forma mais própria de expressão. Com uma notável compreensão do pai — notável nele, que foi depois tão violento e por vezes intratável — chegou com ele ao seguinte acordo: estudará as lições de música mas em compensação o pai deixá-lo-á entrar como aprendiz de ourives.

Assim foi: Benevenuto começa a trabalhar com Antonio del Sandro e nesta arte ganhou em pouco tempo notável mestria; o cuidado com que estudava as técnicas mais difíceis, a imaginação que punha na criação dos temas tratados, a invulgar habilidade manual de que dispunha, fizeram com que progredisse em pouco tempo — mas isso atrastou-lhe não poucas invejas e ódios e, após uma violenta rixa de rua, ele e um irmão têm que fugir

da cidade aonde, porém, regressam pouco depois.

O pai, todavia, insistiu em aproveitar os talentos musicais de Benevenuto e conseguiu enviá-lo a Bolonha para aprender aquela arte. Em Bolonha fastidiou-se Benevenuto terrivelmente — as grandes cidades da Itália de então eram Roma e Florença, centros de política e de cultura onde, sob o patrocínio dos Papas ou dos Médicis, as artes atingiram cumes raras vezes igualados na história; todas as outras cidades eram mais provincianas e pouco propícias, aos jovens ambiciosos e dotados como Benevenuto.

Assim, passados alguns meses em Bolonha, regressou a Florença e conseguiu convencer o pai a deixá-lo dedicar-se à ourivesaria. Preparava-se para o fazer em Florença mas uma questão com um irmão leva-o a dirigir-se para Pisa.

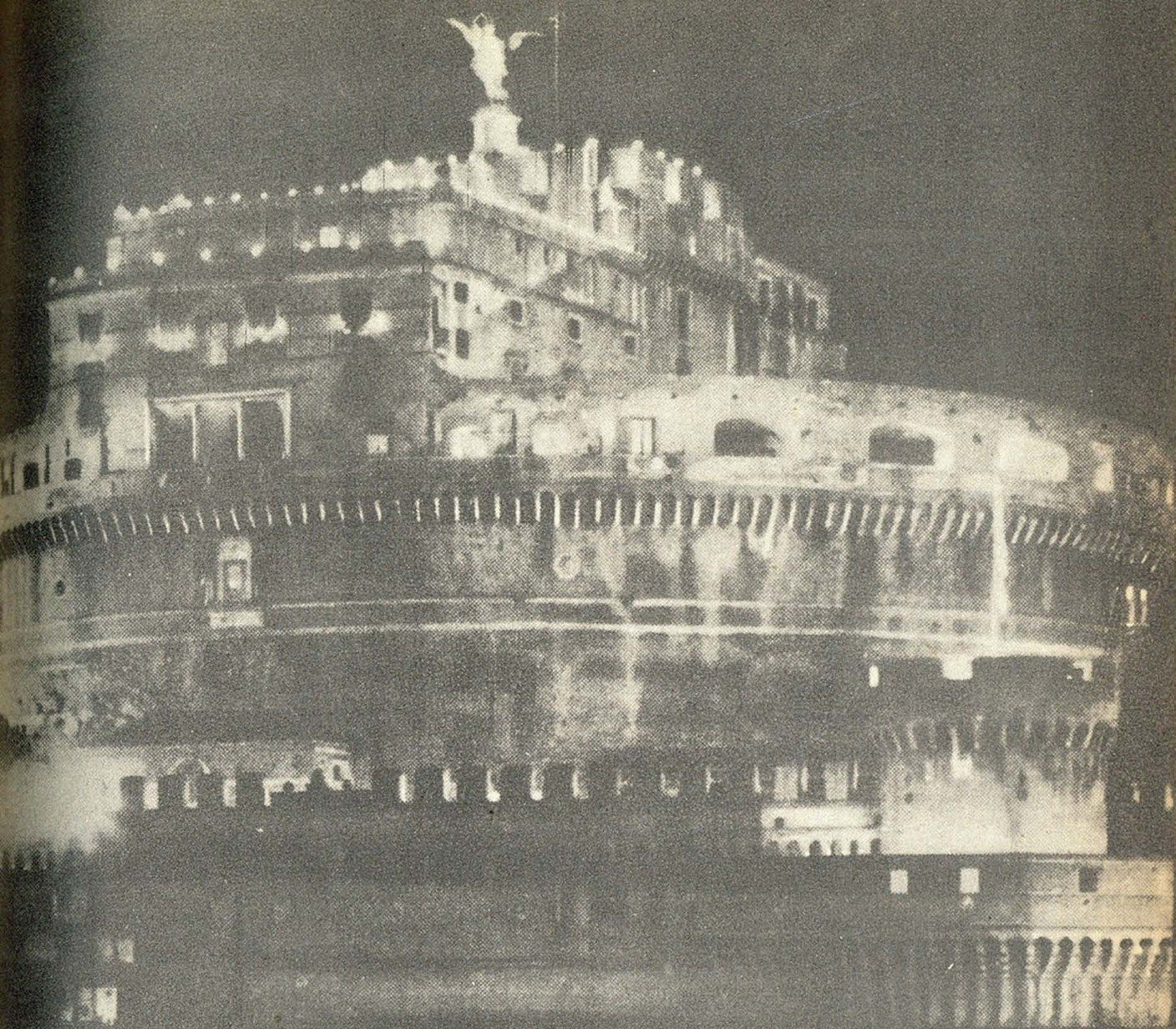
Em Pisa, trabalhou e foi recebido em casa do mestre Ulivieri della Chiostra. Este convenceu-o a escrever ao pai dizendo-lhe onde estava, o que Benevenuto faz. Da carta de resposta do pai transcreve Benevenuto na sua autobiografia as linhas seguintes:

«Meu filho, o amor que tenho por ti é tão grande que a não ser para salvaguardar a honra da nossa família que acima de tudo respeito, ter-te-ia imediatamente mandado procurar, pois parece-me ter perdido a luz dos meus olhos quando passo os dias sem te ver. Terei sempre em vista a virtuosa honestidade da nossa casa; que tu não percas do sentido o desejo de atingir excelências na tua arte; apenas quero recordar-te meia dúzia de palavras que não deves deixar fugir da memória:

«Sempre onde estejas presente
Não roubes e vive honestamente».

II

De regresso a Florença, Benevenuto, na oficina de um amigo, vai tomar conhecimento com um escultor célebre na época, Torrigiano, que trabalhava em Inglaterra e viera a Itália procurar um jovem artista que pudesse levar como colaborador. Impressionado pelas qualidades de Benevenuto, chegou a convidá-lo e este dispunha-se a ir, quando Torrigiano se tornou para ele um personagem insuportável ao demonstrar grande animosidade por Miguel



Ângelo, contando até que há anos lhe partira uma vez o nariz.

Benevenuto, pela admiração que dispensava a Miguel Ângelo, ídolo vivo desde a sua infância, a custo se conteve para não agredir Torrigiano e votou-lhe, desde então, um ódio mortal.

Em 1518 partiu para Roma acompanhado por um amigo, para tentar fortuna como ourives, mas esta primeira tentativa falhou e, regressado a Florença, o seu feitio violento trouxe-lhe novas atribulações. Questões antigas com vizinhos e rivais levam-no a uma violenta agressão à paulada e à punhalada. O caso não consegue ser abafado apesar dos conhecimentos do pai e o conselho ducal manda-o prender. Socorrido por um frade, sai de Florença, disfarçado com o hábito deste e, por Siena, dirige-se para Roma.

A sorte, contra o que esperava, começou a sorrir-lhe. O bispo de Salamanca encomendou-lhe um par de candelabros, outras encomendas se seguiram de medalhas e jóias e em pouco tempo conseguiu estabelecer uma loja própria, o que era difícil na Roma de então pela muita concorrência que havia.

A intriga e a corrupção reinavam mas Cellini era perigoso como inimigo: recorria sem aviso às armas brancas ou pretas e era odiado mas temido. Através de questões e rixas foi prosperando num ritmo sempre crescente de encomendas, e levando vida forra com outros artistas e patrícios de Florença.

Em 1527 o exército de Bourbon, cerca, toma e saqueia Roma. Benevenuto descobre então uma nova vocação — a de guerreiro. Refugiado no castelo de Santa Ângela, onde se encontrava o Papa, colabora activamente na defesa da praça e conta-nos nas suas memórias o prazer com que liquida com acertados tiros de peça numerosos inimigos entre os quais um oficial que inspeccionava as linhas avançadas, oficiais que se reuniam numa casa que lhes servia de quartel general, a guarda que ia render a sentinela. Durante o mês que durou o cerco, Cellini foi incansável com a sua peça de artilharia mas o zelo que punha nessa missão não o impedia de ter também questões com os italianos do castelo.

Quando o cerco termina, a 5 de Junho, Cellini regressa a Florença convencido de que fará vida de soldado.

O pai, todavia, consegue dissuadi-lo e Benevenuto vai para Mântua onde faz um relicário e um selo de cardeal. De regresso a Flo-

rença cai sobre êle o encargo de sustentar as irmãs, pois o pai morrera de peste. Recomeça a trabalhar como ourives e passa-se então um episódio importante para o orgulho com que Cellini encarava a sua arte. Miguel Ângelo vem visitá-lo ao «atelier» e para uma obra que fora encomendada resolvem fazer cada um seu modelo. O de Cellini era indubitavelmente o melhor — o próprio Miguel Ângelo o reconheceu, mas pôs Cellini de sobreaviso para que nunca tentasse esculturas de grande tamanho, pois a sua habilidade era muito mais para os pequenos trabalhos de modelação do que para o cuidado estudo de proporções a que uma obra de grande porte obriga.

Cellini acatou o conselho, de momento, mas intimamente decidiu-se a tentar a sua sorte logo que a oportunidade surgisse.

A sua fama entretanto aumentava e o Papa Clemente chama-o a Roma onde, em competição com outros artistas, Benevenuto executa uma jóia e modelos de moedas que agradam plenamente, parecendo a sua tranquilidade financeira adequada.

Mas logo em 1530 as dificuldades recomeçam: numa rixa matam-lhe o irmão. Benevenuto procura imediatamente o assassino e mata-o também. A protecção papal defende-o de complicações imediatas mas recusa-lhe a seguir um cargo que pedira. Violento e palavroso deixa a corte pontificia e fala contra o Papa. Os seus inimigos manobram à vontade: por duas vezes é ameaçado de prisão, mete-se a nigromante, por fim, numa rixa, julga ter morto um homem e foge para Nápoles donde regressa quando sabe serem as suas suspeitas infundadas. Reconciliou-se com o Papa nos últimos tempos da vida deste. O seu sucessor Paulo III, protegeu Benevenuto — e a palavra proteger tinha neste caso real sentido pois teve que lhe perdoar morte de homem.

Paulo III, de resto, tomou atitude clara e afirmou que quem como Cellini possuía tantos e tão altos dotes não podia ser julgado pela bitola comum. Mas apesar da protecção papal surgiam dificuldades: tentaram assassiná-lo, tentaram prendê-lo, fizeram-lhe a vida de tal maneira negra, que Cellini fugiu para Bolonha, Ferrara, Veneza e finalmente Florença. Ai, por vingança, arrasa uma hospedaria, mas os seus méritos de novo lhe valem e deixam-no em paz, modelando moedas para o duque. Mas Florença é pequena para ele e



e de novo demanda Roma. À chegada querem prendê-lo e é o favor de Paulo III que lhe vale — completamente perdoado de tudo pode voltar ao seu trabalho.

Mas a violência que Cellini punha na vida, punha-a também a vida contra Cellini: adoece de mal estranho, os médicos não dão com o tratamento mas as resistências naturais debelam a enfermidade e Benevenuto vem convalescer a Florença. Aí Vasari, o grande teórico de arte de então, faz correr boatos que o difamam. Já restabelecido volta a Roma, porém, após alguns meses de tranquilidade as complicações recomeçam: Paulo II, levado pela opinião dos seus íntimos, começa a detestar Cellini e este prudentemente abandona Roma, passa por algumas cidades italianas, cruza a Suíça e dirige-se a Paris. Em Fontainebleau Francisco I recebe-o com muitas honrarias mas Cellini roído de saudades volta a Itália. Abre loja em Roma e a vida parecia começar a recompor-se, quando os seus inimigos o fazem encarcerar no castelo de Santa Angela, onde chegam a tentar assassiná-lo.

III

Para um homem do temperamento de Cellini a prisão era o maior dos suplícios. Por isso, assim que pôde, tramou um plano de evasão. Com uma corda de lençóis atados uns aos outros deixou-se descair pela muralha do torreão onde o tinham encerrado. As sentinelas não deram por ele e, a coberto da noite, foi-se aproximando da cerca.

Ao pular o muro desta, porém, caiu e fracturou uma perna. Com resistência sobre-humana, pois ia também ferido nas mãos e na cabeça, foi-se arrastando e, depois de ter percorrido grande distância, encontrou um criado do cardeal Cornari que o reconheceu e o levou a casa do seu amo onde foi acolhido e tratado. O príncipe da Igreja, passado pouco tempo entregou-o ao Papa pedindo-lhe benevolência. Mas os rogos foram inúteis. Cellini foi de novo preso, mas em condições ainda piores. Num cárcere subterrâneo, sem luz, com água até aos joelhos, aranhas, lacraus e sanguessugas que lhe dilaceram a carne, durante meses sem esperança de melhoria. Como Wilde, como Verla ne fariam mais tarde, Cellini lê a Bíblia e vai-se fortalecendo com resignação.

O cardeal de Ferrara, a pedido de Francisco I, intercede junto do Papa e Cellini é



finalmente libertado. Logo que se apanha solto faz os preparativos necessários e parte para França. Francisco I recebe-o principescamente — paga-lhe o mesmo que pagara a Leonardo da Vinci, instala-o na torre de Nesle; nem toda a corte de Fontainebleau recebe bem estas decisões mas Cellini indiferente às opiniões, vai trabalhando e executa então duas das suas obras mais célebres: um par de candelabros e um saleiro que se encontram no museu de Viena.

Mas a vida de Cellini estava destinada a não ter parança. Em 1544 uma amante de Francisco I, M.^{me} d'Etampe, despeitada talvez por não ter despertado em Cellini o interesse que desejava, consegue de tal modo intrigar junto do rei, que este começa a tornar a vida do artista difícil e Benevenuto regressa a Itália.

A recepção que teve foi melhor — mesmo da parte dos seus inimigos. Fixado por fim em Florença, recebeu a encomenda de uma estátua de Perseu de dimensões já grandes — sonho antigo da sua faceta de escultor. A encomenda vinha do duque que governava a cidade e Cellini, ainda que a braços com problemas familiares, aceitou-a prontamente. As intrigas dos inimigos recomeçaram, as dificuldades técnicas foram-se acumulando; a estátua era grande demais, receava-se a dificuldade na passagem para bronze; na noite em que finalmente se fez a fundição, chovia

e trovejava, o forno a certa altura abriu-se, o bronze começou a escapar-se: Benevenuto deitou para a fornalha a sua baixela de estanho, reparou a brecha e por fim o Perseu saiu impecável nas suas magníficas proporções.

Levar a cabo esta obra fora um terrível esforço: doente, cansado, perseguido, muitas vezes chegara a desanimar. Mas a partir daí a sorte modificou-se um pouco. A estátua conhece o êxito que merece e favorece-o no conceito do duque; em 1552 volta a Roma onde se encontra com Miguel Ângelo, que lhe reconhece o génio. Em 1554 é feito membro da nobreza florentina e, apesar das intrigas não cessarem à sua volta, de o terem de novo tentado assassinar, a sua situação é mais estável e mais próspera.

Em 1558 uma crise mística fá-lo tomar ordens menores, mas sete anos depois abandona os votos e casa-se com uma governanta, Mona Piera de Parigi, legitimando 3 filhos. Em 1571, célebre e respeitado, morreu em Florença Benevenuto Cellini.

Ns suas memórias, publicadas póstumamente, estão registados numerosos episódios de que só relatámos uns quantos: conta através da sua longa vida, entre outras coisas ter assassinado cerca de uma dezena de inimigos e ter deixado filhos a várias mulheres.

Destas memórias dizia Stendhal serem o mais precioso livro para compreender a alma italiana.



surprise

PARTY



A-P-E-R-I-T-I-V-O

A leitora não sabe preparar mais do que dois ou três «hors d'œuvres» e quando tem alguém a jantar passa pela vergonha de lhe oferecer sempre a mesma coisa... A história repete-se: não tinha pensado nisso mas, de repente, olhando para o seu hóspede sente-se súbitamente assaltada pela lembrança terrível: «Que pouca sorte... Sempre que você cá vem a casa sirvo-lhe a mesma coisa...» O seu hóspede é amável e mente: «Não, não... Da outra vez foi diferente...» ou então: «Ainda bem. Está delicioso...!» Quem sabe? O seu hóspede é amável quando está diante de si, porque nas costas... Apenas isto: «Fui ontem jantar a casa de X. Devem ter uma ementa especial para as visitas: come-se sempre o mesmo!».

Aqui lhe damos algumas sugestões muito simples:

PRIMEIRA SUGESTÃO:

Com duas colheres de mostarda, um copinho de azeite que, sem parar de mexer, se deita a pouco e pouco e uma colher de sumo de limão, prepare um molho. Ponha sal e pimenta, descasque um aipo e corte-o em bastonetes delgados que lentamente irá mergulhando no molho.

SEGUNDA SUGESTÃO:

Prepare com duas ou três horas de antecedência uma **vinaigrette**. Com esse molho regue depois uma couve roxa, cortada em delgadas lamelas e deixe-a ficar mergulhada nesse molho durante algum tempo.

TERCEIRA SUGESTÃO:

Retire os pés a uns cogumelos pequenos. Disponha as cabeças dos cogumelos sobre rodelas de ovo cozido. Em cada um dos cogumelos ponha uma azeitona sem caroço. Recheie a azeitona com concentrado de tomate ou com manteiga de anchovas.

QUARTA SUGESTÃO:

Coza uns ovos e corte-os ao meio no sentido do comprimento. Esmague as gemas com 200 grs de camarões cinzentos descascados (para 6 ovos). recheie as claras e iguale a superfície com o auxílio de uma colher de sopa.

Guarneça cada ovo com um grande camarão cor-de-rosa.

QUINTA SUGESTÃO:

Coza uns ovos e corte-os ao meio no sentido do comprimento. Esmague as gemas com uma boa fatia de fiambre pisado.

Junte um pouco de manteiga e recheie as claras com a mistura obtida. Enfeite cada metade dos ovos com dois ramos de estragão dispostos em cruz.

E, já agora, mais três sugestões que não têm nada a ver com aperitivos, mas que vêm a propósito porque o leite está na moda e já temos todas as manhãs, em Lisboa, à nossa disposição, à entrada da porta, aquelas garrafinhas brancas que eram dantes a nossa inveja, quando íamos ao cinema (sobretudo se o filme era americano — porque os americanos, que se pelam pelo álcool, gostam de mostrar nas fitas que bebem leite).

SEXTA SUGESTÃO:

Esmague no seu passador de legumes duas rodela de ananás; junte duas colheres de açúcar em pó e uma colher de gelo partido. Sacuda em seguida com força num misturador e sirva em copos.

SÉTIMA SUGESTÃO:

Ponha ao mesmo tempo no seu misturador uma banana bastante madura, uma colher de sopa com açúcar, um copo de leite, um pedaço de gelo, uma colher de sopa de nata fresca; ligue o motor do **mixer** (caso o tenha) durante vinte minutos e sirva logo a seguir.

OITAVA SUGESTÃO:

Ponha em cada copo um pedaço de gelo, uma colher de sopa com açúcar em pó e encha os copos de leite. Espere alguns minutos para que o leite fique bem gelado. Junte meio sumo de limão a cada copo.

NONA SUGESTÃO:

Os aperitivos e os batidos não constituem, só por si, uma refeição completa. Aconselha-se, portanto, à leitora, que não se esqueça do resto, porque, bem vistas as coisas, o resto (o peixe, a carne) é que tem importância. Se o «resto» for bom, pode a leitora prescindir das sugestões que aí deixamos.

AUSTIN**A
55**

Verdadeiramente elegante este novo modelo Austin, desenhado por Farina, oferece a tradicional qualidade Austin aliada a amplo espaço e conforto interiores. O carro familiar de preço médio que corresponde às actuais necessidades do público



DISTRIBUIDORES GERAIS: **J. J. GONÇALVES SUCRS.**
LISBOA • ÉVORA • PORTO • AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS



MARILYN MONROE

leitora de Descartes

Durante muito tempo, Marilyn Monroe foi considerada uma garota adorável (manda a verdade dizer que nem todos eram desta opinião, havia quem a considerasse excessivamente sofisticada e por isso mesmo não lhe achasse interesse). Adorável, mas estúpida... tal era o consenso geral (ou quase).

De repente Artur Miller, o grande dramaturgo americano, apaixonou-se por ela e ela apaixonou-se por ele. Seria possível? Aqueles que defendem a tese de que as mulheres se querem estúpidas (e quanto mais estúpidas melhor) embandeiraram em arco. Miller, que se distinguia pela inteligência, elegendo-a como a mulher dos seus sonhos, dava-lhes razão.

Daria?

Os meses passaram. Surgiram fotografias que mostravam a bela Marilyn com um livro nas mãos e óculos... Publicidade!, disseram os cépticos. Marilyn é analfabeta.

Seria?

E se por acaso não fosse? Se por acaso Artur Miller tivesse descoberto o que havia de profundo no íntimo da intérprete do «**Pecado mora ao lado?**». Se por acaso ele tivesse demonstrado não que as mulheres se querem estúpidas, mas, que não há mulheres estúpidas e que o amor pode iluminar os espíritos menos esclarecidos?

Por outro lado não é manifesto que o próprio rosto de Marilyn se transformou? Não é manifesto que o seu sorriso ganhou o calor humano que lhe faltava, e o seu olhar é outro, completamente outro?

Inteligente ou não, Marilyn Monroe? Um dia destes os jornalistas dispararam-lhe meia dúzia de perguntas à queima-roupa. Com admirável presença de espírito (diremos inteligência?) Marilyn Monroe respondeu.

— Pensa que a sexualidade tem alguma importância? — começaram por lhe perguntar.

— Penso que sim, como tantas outras coisas, afinal... Mas quem pensará o contrário?

— Em alguns estados americanos foram proibidas as fitas da Brigitte Bardot. Concorda?

— Porque não? É indiscutível que Brigitte Bardot é prejudicial..., pelo menos aos censores. Mas não seria possível proibi-los a eles de a verem e não proibi-la a ela de ser vista por todos os outros, por todos os homens normais, afinal? Depois de uma hesitação acrescentou: — já dizia Pascal... — Riu-se e hesitou de novo. — Não era Pascal, era Descartes... Não era Descartes que dizia: «a falta de senso é a coisa mais bem distribuída deste mundo?».

— Descartes? — perguntou um dos jornalistas que por não conhecer exactamente a frase citada por Marilyn não compreendera a graça. — Quem era Descartes? — insistiu, supondo pregar uma partida à intérprete da «**Paragem do autocarro**».

Marilyn não se deu por achada:

— Um jornalista do século XVII que em vez de pôr em dúvida o saber dos outros tinha a modéstia de pôr em dúvida o seu próprio saber, o que nem sempre hoje em dia sucede.

Billy Wilder o realizador de «**O pecado mora ao lado**» e da última fita de Marilyn considera-a a actriz mais inteligente que já mais conheceu. E no entanto ele dirigiu já actrizes como Glória Swanson «**O Crepúsculo dos Deuses**» e Audrey Hepburn «**Sabrina**». Será preciso dizer mais alguma coisa? Para já, contente-ro-nos com esperar esse novo filme que é a história de uma cançonetista que se apaixonou invariavelmente pelo tocador de saxofone na orquestra em que trabalha. Para cortar o mal pela raiz resolve empregar-se numa orquestra feminina, mas é precisamente nesse momento que começam as complicações: a tocadora de saxofone é um homem disfarçado de mulher para fugir à perseguição dos «gangsters»... O resto... Diremos apenas que se trata de uma farsa prodigiosa e não de uma fita policial.



que pensa sinatra de gina lollobrigida?

Ao contrário do que se julga, vivemos num mundo onde nada sucede. A maioria dos grandes acontecimentos referidos nos jornais nunca existiram (salvo na imaginação dos jornalistas). E é caso de perguntar: terá havido conferência de Genebra? Existirá Tóquio? Talvez não... Mas se a conferência de Genebra se realizou e Tóquio existe, os amores Sinatra-Lollobrigida foram pura fantasia.

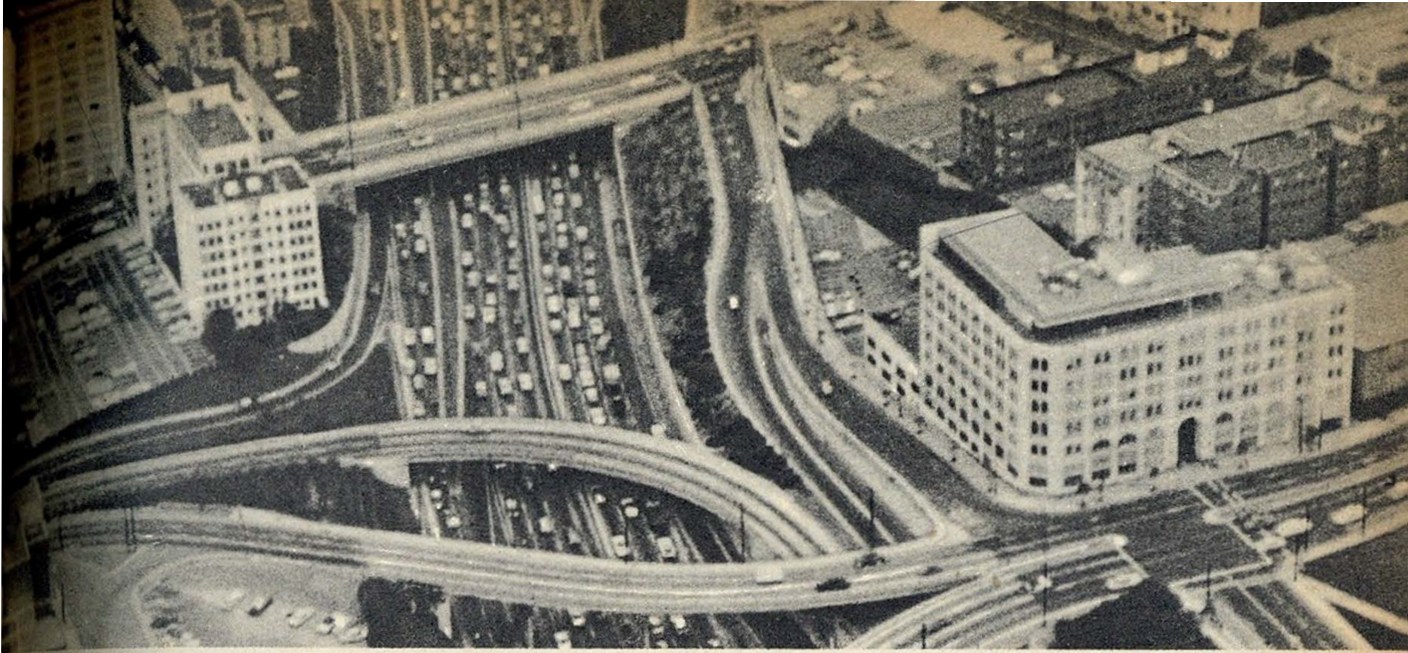
Publicamos uma resposta de Sinatra à pergunta: «que pensa de Gina?». Por aí se vê que entre eles houve apenas camaradagem e amizade. A não ser que a resposta seja falsa, que a resposta seja pura invenção jornalística... Quem sabe?

Diz Frank Sinatra:

«Gina é a mais inteligente das actrizes com quem tenho trabalhado. Inteligente e camarada, está sempre disposta a colaborar, sem-

pre disposta a repetir uma cena mesmo quando a culpa do malogro não é dela. É a companheira ideal; dotada de uma intuição perfeitíssima, sabe como se comportar em todas as situações e da maneira mais senhoril. Actriz notabilíssima, sempre disposta a aceitar um conselho, Gina é a companheira ideal para um actor como eu, nervoso e impaciente. A sua permanente serenidade facilitou muitíssimo as filmagens de «Never so Few».

A convivência com o Dr. Skofic foi também muito agradável. É um conversador brilhante, um homem inteligente e muito culto. Gina e o Dr. Skofic são um casal encantador e foi para mim uma grande satisfação conhecer pessoas tão simpáticas. Espero que esta nossa amizade continue por muitos anos e tenho a intenção de aceitar o convite que me fizeram de os visitar na Itália. Nunca tive hóspedes mais simpáticos».



ORSON WELLES contra HOLLYWOOD escolhi a liberdade!

O grande realizador do «**Citizen Kane**» queixou-se recentemente não só de Hollywood como de todo o mecanismo financeiro que entrava a produção dos bons filmes. Disse ele: «Guardo vinte e cinco projectos cinematográficos nas minhas malas. Nenhum deles virá a ser realizado. Quem ousaria fornecer-me os fundos? Porque quando chega o momento de obter o dinheiro eu sou uma autêntica criança. Entrevisto-me com os capitalistas, conto-lhes o meu projecto, dou-lhes uma ideia do que será o filme e de quanto custará. Mas, como sou um homem honesto, acrescento sempre: «Podeis ganhar muito, ou tudo perder...». Ditas estas palavras, eles desinteressam-se...».

Orson Welles poderia realizar hoje a sua obra-prima, o **Citizen Kane (O mundo a seus pés)**? Ele duvida.

«Hoje ninguém financiaria aquele filme. Ficaria em 2.500.000 dólares e nenhum produtor estaria disposto a arriscar-se com uma história barroca, um realizador louco e actores desconhecidos».

Quanto a Hollywood... «É fácil odiar essa cidade. Não me envergonho por isso. De resto, já não vivo lá e não me limito a dizer mal, junto os actos às palavras. Escolhi a liberdade! Quando passo por Hollywood levo sempre o bilhete de regresso. De resto, tenho sempre muito cuidado quando me sento. Nesse clima tão especial todos vivem com

esta ideia: quem se senta nunca mais terá coragem para se levantar!

Hollywood é uma cidade em que ninguém se deve arriscar a dormir uma sesta. Porque pode acordar muitos anos depois com sessenta e cinco anos e sem aspirações artísticas!».

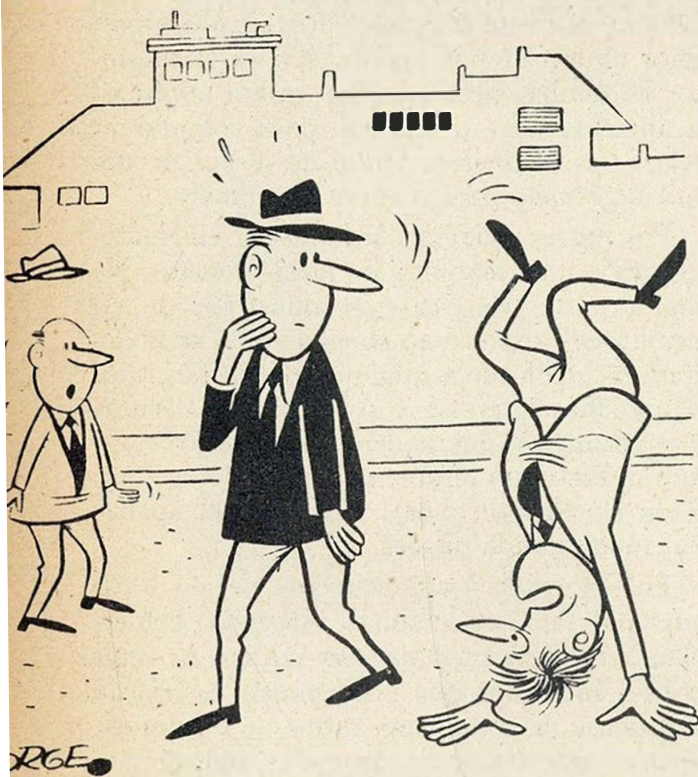
As restantes afirmações de Orson Welles afinam por este diapasão. Revelam a amargura de um grande artista. «Se eu fosse pintor as minhas preocupações seriam mínimas: a alimentação e o dinheiro para comprar as telas. Como cineasta tenho de dispor de um milhão e meio para realizar um filme!».

Por outras palavras: a indústria cinematográfica é uma máquina de fazer dinheiro. Na maior parte dos casos os industriais do cinema dedicaram-se ao cinema como se poderiam ter dedicado a qualquer outra indústria; o que lhes interessa é o lucro. Mas, nestas circunstâncias, que poderão fazer os artistas? Um músico, um pintor, pode escolher a liberdade (melhor ou pior). Um cineasta apenas vai mudando de prisões.

Por isto tudo o aparecimento de um filme em que, aos mesquinhos interesses comerciais ou de propaganda, se juntem os mais nobres interesses que condicionam a criação artística é extremamente raro — e é possível, apenas, por acaso, no meio da produção incessantemente mediocre, dos estúdios de todos os países.



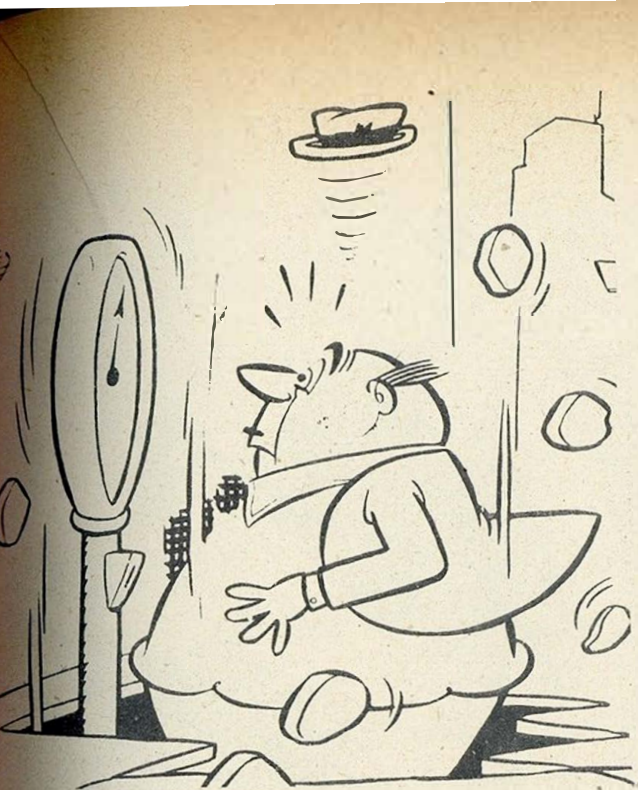
— Não olhem assim para mim! Juro que não tenho nada a ver com o incêndio!...



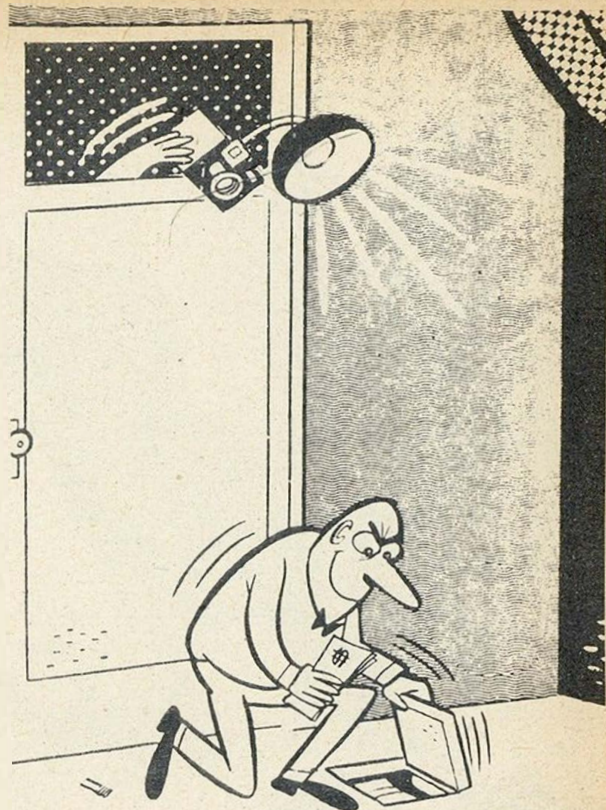
— Só havia uma condição no testamento: para receber a herança tínhamos que andar assim



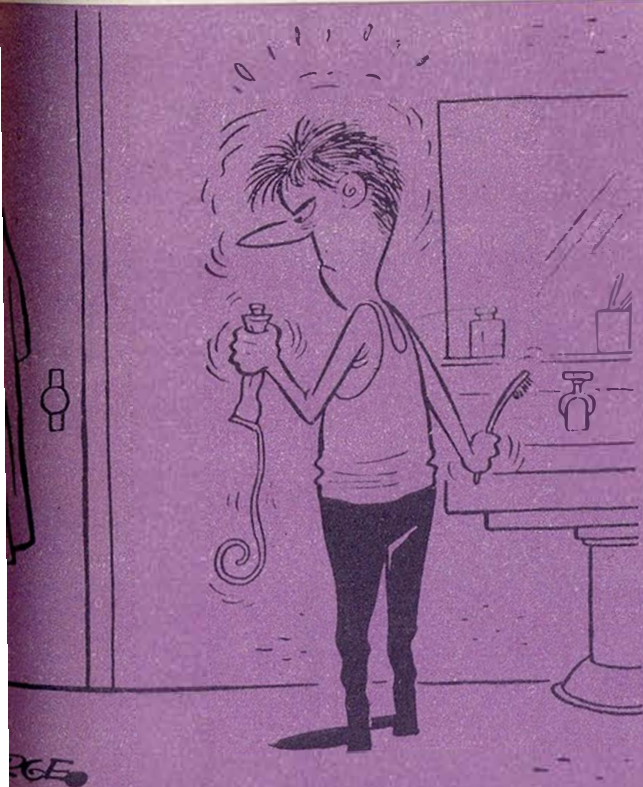
— Não sabem ler?



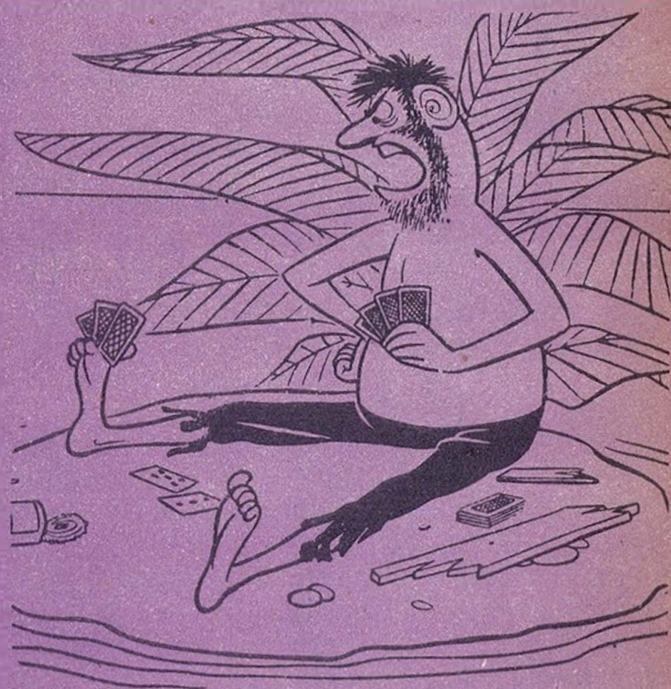
— Gordíssimo!



Esconderijo de marido e esposa astuta!



Sem palavras



— Ganhas sempre, porque fazes batota!



la dolce vita

FELLINI SEM GIULIETA MASSINA
OU O CASAMENTO PERFEITO

Dois ou três anos bastaram para que o casal Giulietta Massina-Federico Fellini se tornasse famoso. Mas quem era o responsável pelo êxito? O marido? A esposa?

Pode talvez dizer-se que se a G. Massina se devia o segredo do triunfo comercial, Fellini era o artífice do êxito artístico. E desse modo o casal Fellini revelava-se um casal perfeito. A arte suprema do grande realizador italiano era defendida perante o grande público pelo poder histriônico da esposa amantíssima. Com esta ou aquela boa atriz A Estrada seria sempre uma obra-prima. Mas foi graças a Giulietta que o mundo descobriu essa obra-prima.

MUSA INSPIRADORA

Pois bem. Realizador famoso, Federico Fellini lançou-se agora na realização de um novo filme. Pensara naturalmente num filme com a mulher. Esposa amantíssima, G. Massina negou o seu concurso. «O teu próximo filme — disse-lhe — tem de triunfar por si mesmo, para que não se diga que é a mim que deves o triunfo». «A chave do meu triunfo és tu», respondeu o autor das *Noites de Cábria*. «Pois não sou eu a tua musa inspiradora?», retorquiu-lhe Giulietta. «As musas não precisam de entrar nos poemas que inspiram».

Uma dificuldade não prevista: os produtores hesitavam. Fellini sem Massina? Não tinham dúvidas acerca do talento do grande realizador, mas o problema era outro: um filme não é apenas uma obra de arte é também uma mercadoria que se vende e que se compra. Vender-se-ia um filme de Fellini sem a Massina?

Os produtores não contavam com a inco-mável vontade de Giulietta. As palavras de-la não admitiam resposta: «Ou Federico realiza sem mim o seu filme ou então não contem mais comigo».

A PRINCESA PALLAVICINI CONTRA FELLINI

«De que actores precisa?», perguntou-lhe Angelo Rizzoli, o capitalista. Com a sua habitual modéstia de homem corpulento, Fellini respondeu: «Apenas Anita Ekberg, Anouk Aimé, Luise Rainer e Marcelo Mastroianni. Além disso preciso de numerosos figurantes, e quero-os de sangue-azul... O meu filme durará pelo menos três horas e será preciso

construir na Cinecittá uma réplica exacta da Via Veneto (o Chiado de Roma)». Rizzoli achou graça: «Só?», perguntou. «Só», respondeu Fellini.

«Aristocratas precisam-se, para o papel de figurantes numa fita em que se descreve (entre outras coisas) a decadência da própria aristocracia...».

Como um relâmpago a princesa Maria Camilla Pallavicini decretou o exílio do seu palácio e da sua convivência a quantos aceitassem a proposta de Fellini. Excomunhão terrível, porque a princesa Pallavicini é a rainha incontestada da alta sociedade romana. E no entanto... Ah, a jovem aristocracia italiana parece querer dar razão ao autor do *Conto do Vigário!* Aceitou a proposta (para o que contribuiu não apenas o espírito desempoeirado da dita, mas também a grossa maquia com que Fellini lhe acenava).

HISTÓRIA AUTOBIOGRÁFICA

Mas que vem a ser o novo filme de Fellini? Em duas palavras, é a história de um moço que vai para Roma com a intenção de ser um grande escritor. Ingressa no jornalismo e passa a escrever crónicas mundanas... A sua existência perde-se no ambiente ameno da vida inútil, da «dolce vita» que nada de profundo pode oferecer a um jovem que tivera ilusões. Conhece várias mulheres, naturalmente, tem uma vida agradável, mas falha...

«Todas as atrizes se apaixonam pe'lo jovem e falhado jornalista, não?» perguntou um jornalista a Fellini. «Claro», respondeu o realizador. E acrescentou:

«La Dolce Vita é um filme autobiográfico. Marcelo Mastroianni que ouviu a resposta comentou: «Autobiográfico? Sem dúvida... La Dolce Vita é a história de tudo quanto Fellini teria gostado de fazer, mas não fez...».

Com um pouco de boa vontade Fellini poderia ter terminado a filmagem a tempo de concorrer à Bienal de Veneza, mas desinteressou-se. «Teve medo», disseram alguns jornais. «Medo de quê? De não ganhar o prémio? Têm sido tantas as vezes que o tenho perdido que esse facto não pode perturbar-me...».

O filme será estreado em Roma no mês de Outubro. Fellini sem Massina... E que pensa ela, a esposa? «O melhor filme de Federico. Mas para mim, cada novo filme é sempre o melhor filme de Federico!».

saber

inutil

SINALIZAÇÃO DO TRANSITO

Está para breve um novo progresso técnico que melhora consideravelmente a sinalização do trânsito.

Os sistemas actuais de sinalização eléctrica substituíram já, em certos casos, os agentes da polícia. Mas a actual sinalização automática tem graves inconvenientes. Os sinais vermelhos, verdes ou cor-de-laranja, acendem-se muitas vezes fora do tempo, obrigando a parar os veículos que estavam quase a ultrapassar a encruzilhada, sem que nenhum outro se aproximasse de um dos lados.

O recente dispositivo regula os sinais luminosos, não segundo um mecanismo cego, como até aqui, mas, em função de células foto-eléctricas.

Estas reagem à passagem dos veículos.

AS «PHYTONCIDAS»

Os biólogos e os químicos, descobrindo as espantosas virtualidades das «phytoncidas», criaram as condições para um novo e espectacular avanço no domínio da medicina.

Substâncias químicas libertas pelos vegetais, as «phytoncidas» têm o poder de destruir certos organismos. (Phytoncida é na palavra composta de «phuton»: planta, e de «caedere»: matar).

As phytoncidas de certos organismos inferiores (bactérias e fungos) eram já muito conhecidas e utilizadas sob o nome de antibióticos. Quem nunca ouviu falar da penicilina ou da estreptomina?

Depois da descoberta dos antibióticos os químicos compreenderam que todos os vegetais contêm phytoncidas e que se devem a elas certos efeitos que durante muito tempo não puderam ser convenientemente explicados.

Sabe-se hoje que é devido às phytoncidas que o alho é um poderoso desinfectante intestinal e que o pinheiro purifica o ar.

PROFESSORES PARA TURISTAS

Surgiu uma nova profissão nos grandes navios transatlânticos: Professor para turistas.

Verificara-se que faltava a muitos dos americanos que visitam a velha Europa um mínimo de conhecimentos que lhes permitissem tirar todo o partido, todo o prazer da viagem.

Os novos professores têm a missão de remediar tal inconveniente. Durante a travessia do Atlântico regem verdadeiros cursos em que ministram (aos interessados, claro...) um certo número de conhecimentos acerca da vida cultural e dos problemas políticos, económicos e sociais dos países aonde se destinam.

Esperemos pelos resultados.

sabe agradar aos outros?

Saber agradar não significa apenas adular o próximo ou curvar-se, sorridente, às suas exigências. É mais do que isso. É saber fazer surgir, no momento oportuno, uma pequena chama de simpatia para com os outros, nascida de uma resposta amável, da maneira atenta com que se ouvem os amigos expor as suas decepções, as suas pequenas misérias. Numa palavra. Saber ser humano.

Está seguro de que sabe agradar? Pode verificá-lo facilmente. Responda sinceramente às dez perguntas que seguem e marque, sempre que responder SIM a uma pergunta, o número de pontos que a essa pergunta correspondem:

- 1) Gosta de atrapalhar amigos ou parentes com observações irónicas sobre as suas atitudes em qualquer situação embaraçosa para eles? (5 pontos);
- 2) Sente necessidade de falar muito sempre que lhe apresentam uma pessoa que não conhece? (3 pontos);
- 3) Gosta de se manter um pouco afastado das pessoas a quem se considera superior? (4 pontos);
- 4) Prefere as anedotas em que as pessoas das suas relações apareçam em situações embaraçosas, àque'as em que estas pessoas se prestigiem? (5 pontos);
- 5) Pertence ao grupo daqueles que, entre amigos ou famílias, dizem de repente: «Ouçam esta que é das melhores que me têm contado...» (4 pontos);
- 6) Seria capaz de recusar um prato que

não lhe agrade, durante um jantar, salvo se este lhe tivesse sido expressamente contraindicado pelo médico? (2 pontos);

- 7) Costuma contar os seus aborrecimentos a pessoas que conhece recentemente? (2 pontos);
- 8) Fica muito contrariado quando um amigo o vem visitar e chega estando ainda a sua família à mesa? (4 pontos);
- 9) Faria reparar um defeito de locução, um erro de pronúncia, cometido por alguém que conheça mal num círculo de pessoas suas conhecidas? (3 pontos);
- 10) Costuma ser eternamente reservado e distante com as pessoas a quem acabou de ser apresentado? (4 pontos).

Some agora os pontos que obteve:

Se tem 23 pontos ou mais, releia atentamente cada uma das perguntas a que respondeu afirmativamente. Corrigindo-se de maneira a responder negativamente a cada uma delas ao fim de alguns meses, conseguiu afastar-se do pouco invejável caminho que percorria.

De 8 a 23 pontos, não deixa de ter defeitos, mas não deixa também de ter qualidades. Com um pequeno esforço acabará por saber agradar.

Por último com menos de 8 pontos não tem necessidade de conselhos — sabe fazer-se apreciar por aqueles com quem é obrigado a estabelecer relações.

DISCOS



«NEL BLU, DIPINTU DI BLU» PODE SER OUVIDO EM 22 IDIOMAS DIFERENTES (INCLUINDO O ESPERANTO)

É possível que Homero não soubesse ler nem escrever. É possível até que nem tivesse existido... Mas, se existiu, era cego e outra coisa não se lhe pediu além de cantar os seus poemas pelas cortes por onde passava. É certo que se pode dizer, ainda hoje, de muitos escritores, que são analfabetos (sem a desculpa de serem cegos numa época para mais, que já conhece o método Braille).

Quem ignora que no século passado muitos dos grandes cantores de ópera não conheciam uma linha de música? Em todo o caso, nunca passou pela cabeça de ninguém imaginar um compositor musicalmente analfabeto. E no entanto ele existe, todos o conhecemos... Chama-se Domenico Modugno e as emissoras atiram para o ar, todos os dias, a sua voz: «nel blu, dipintu di blu, felice di stare...». Pois é verdade: compositor famoso, cantor que apaixona as mulheres, Domenico Modugno (o Senhor Volare — como dizem os americanos) não sabe ler nem escrever música. Cantá e os outros escrevem-na. E podem cantá-la também, desde que paguem os respectivos direitos — que entram em grande parte na algibeira de Modugno.

Nota importante: — A quantos suponham que basta não saber música, para compor música, informa-se que Modugno compensa essa falta com esta virtude: saber pintar. Acrescenta-se que a sua famosa «No Azul Pintado de Azul» se inspira num quadro de Marc Chagall onde uma figura azul voa para o céu...

TAB HUNTER: NINGUÉM BEIJA MELHOR EM HOLLYWOOD — IRÁ ELE DESTRONAR O REI ELVIS?

A busca dos ídolos não acaba no mundo de hoje. O herói da véspera amanhece esquecido como uma flor sem água. Elvis Presley, no exército parte para a Alemanha e logo outros nomes são lançados pelos produtores de Hollywood. A máquina não pode parar, é necessário destruir as multidões, aumentar os dividendos, dar trabalho a milhares de homens.

Tab Hunter tem 28 anos e é um dos jovens galãs favoritos das cinéfilas americanas.



Filho de um lar infeliz e destruído correu vários colégios e teve vários empregos até que, como muitos, veio arribar ao Eldorado de Hollywood. Com papéis secundários nos seus primeiros filmes foi lançado como galã na **Esquadrilha Lafayette** filme que conta a história de um soldado americano em França durante a outra guerra. Os beijos que dá no filme fizeram-no rapidamente célebre.

E este ano, na busca de cançonetistas de «Rock'n and Roll», o produtor Howard Miller lembrou-se de experimentar Tab. E o sucesso foi imediato: as fãs de «Roll» passaram a ter um novo timbre para acompanhar os seus entusiasmos.

Tab é católico, alto louro de olhos cinzentos, não fuma, não bebe, e tem como ambição vir a ser realizador cinematográfico.

Pratica o «ski» aquático, «ski», hipismo e é contratado da Warner Brothers.

A sua vida sentimental tem sido rica em episódios. Muitas das «Starlets» de Hollywood foram vistas com ele mas o seu mais permanente «firt» até ao ano passado foi Natalie Wood. Conheceu porém nessa altura a actriz francesa Etchieka Choureau e dizem as boas e más línguas que é muito capaz de se ficar por aí.

TRÊS DISCOS DE JAZZ

Thelonious Monk. Solos de piano, acompanhados por Percy Heath ou Gary Mapp (contrabaixo), Max Roach ou Art Blakey.

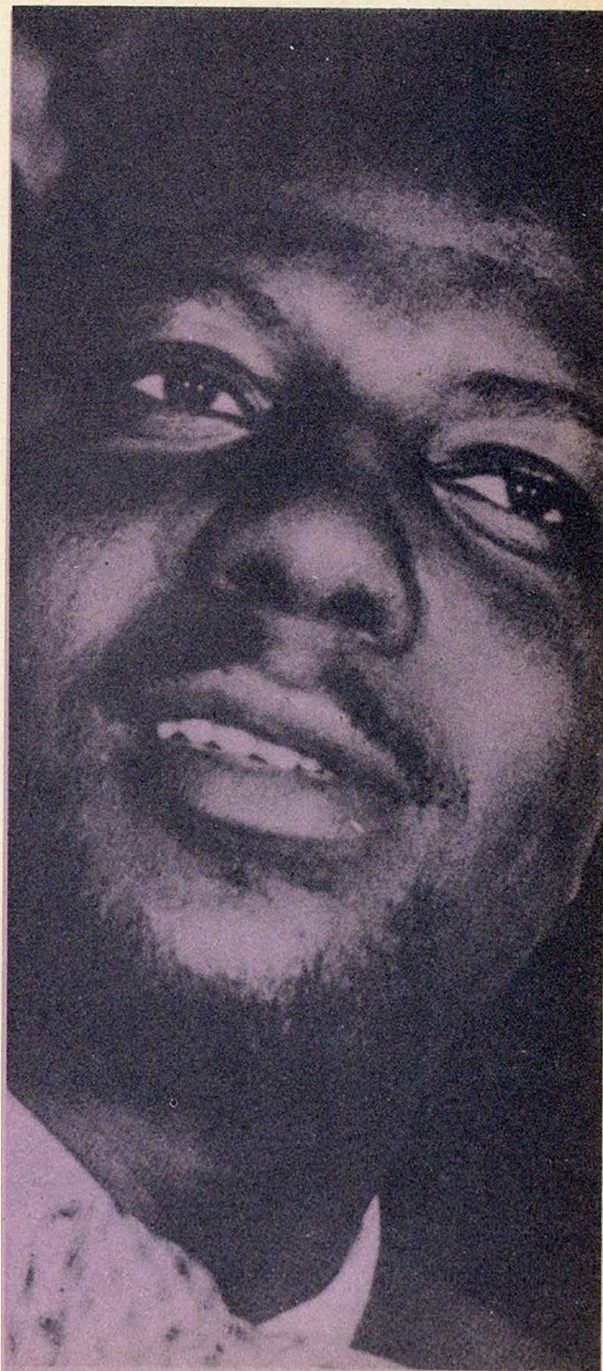
Pegar num velho tema, um tema muito cansado e rejuvenescê-lo, eis o dom, verdadeiramente excepcional de Monk. Sob os seus dedos a música torna-se simultaneamente simples e profunda, espontânea e rebuscada. (Barclay 84.058).

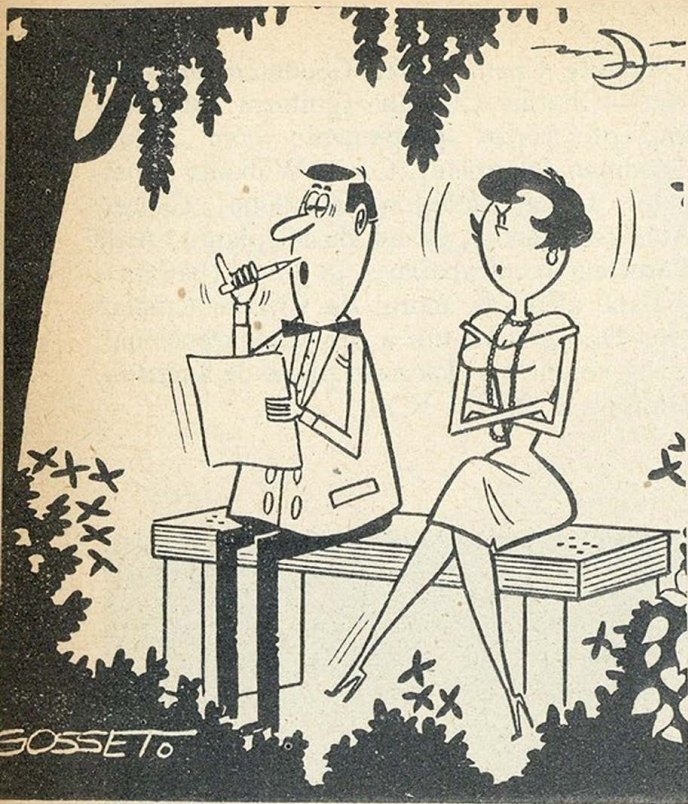
Duke Ellington e Jimmy Blanton — Conversation entre Duke (piano) e Blanton (contrabaixo).

1940. Chicago. Jimmy Blanton, o mais notável dos contrabaixos da história do jazz dialoga com Ellington. Este em forma magnífica, prefigura já (na justa afirmação de Lucien Malson) a atmosfera insólita e perturbadora da arte de Monk. Quanto a Jimmy Blanton ele revela bem todas as qualidades que o levaram a revolucionar as concepções do seu tempo. (R. C. A. 75.489).

Charlie Cristian avec Goodman en 1940-41 — Charlie Cristian (guitarra eléctrica) um pequeno agrupamento com Benny Goodman (clarinete), Cootie Williams (trompete), Lionel Hampton (vibrafone), Georgie Auld (sax-tenor), Count Basie (piano), Artie Bernstein (contrabaixo), Jo Jones (bateria).

Para além da morte de Charlie Cristian este disco garante-nos a sua arte excepcional, a sua «maneira» dolorosa, plena de angústia. (Philips P. 07.931 R.).

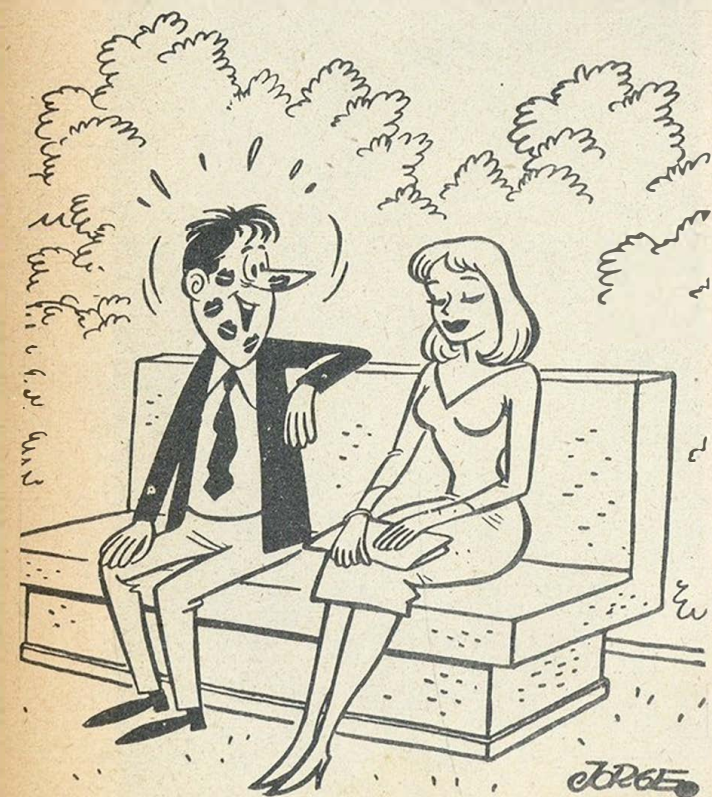




— Deixa-me concentrar e verás a bonita declaração de amor que te faço.



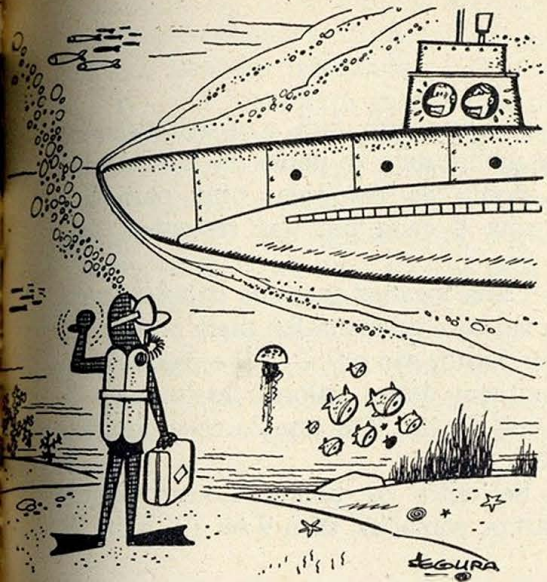
— Enfim! Agora já posso engordar à vontade.



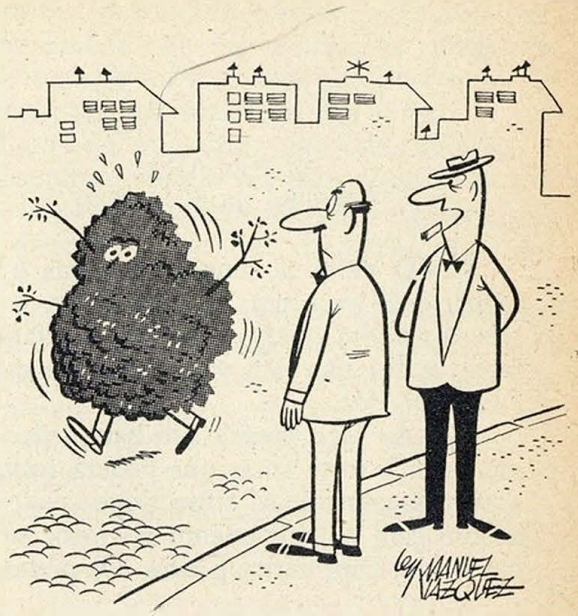
— Não acha que nos podíamos tratar por tu?



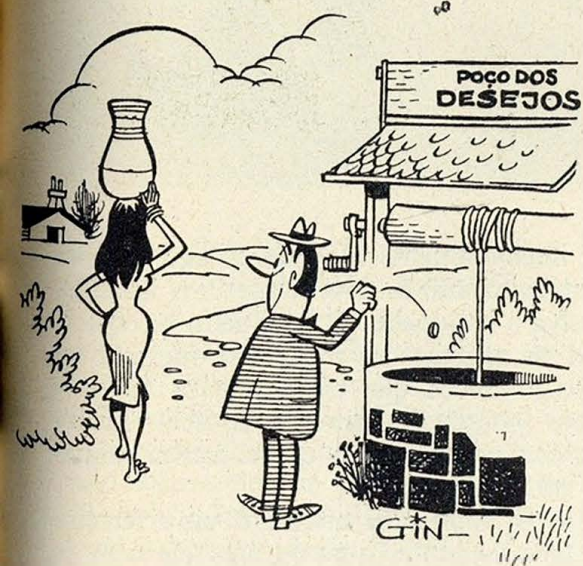
— É você que diz ter ganho um campeonato de «bridge»?



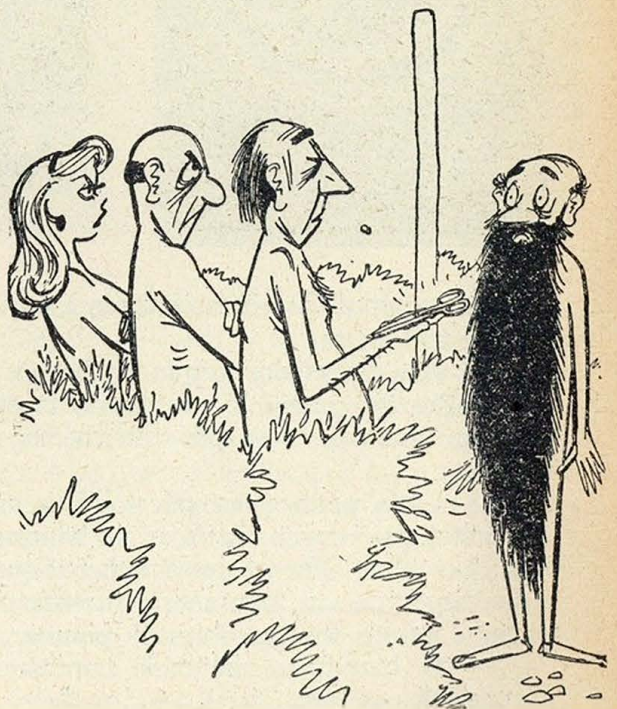
Submarino — Stop



— É o Pedro. Os credores são tantos que tem de sair à rua camuflado.



POÇO DOS DESEJOS



Sem legenda

JOGOS INOCENTES

O BACARÁ (Baralho de 52 cartas)

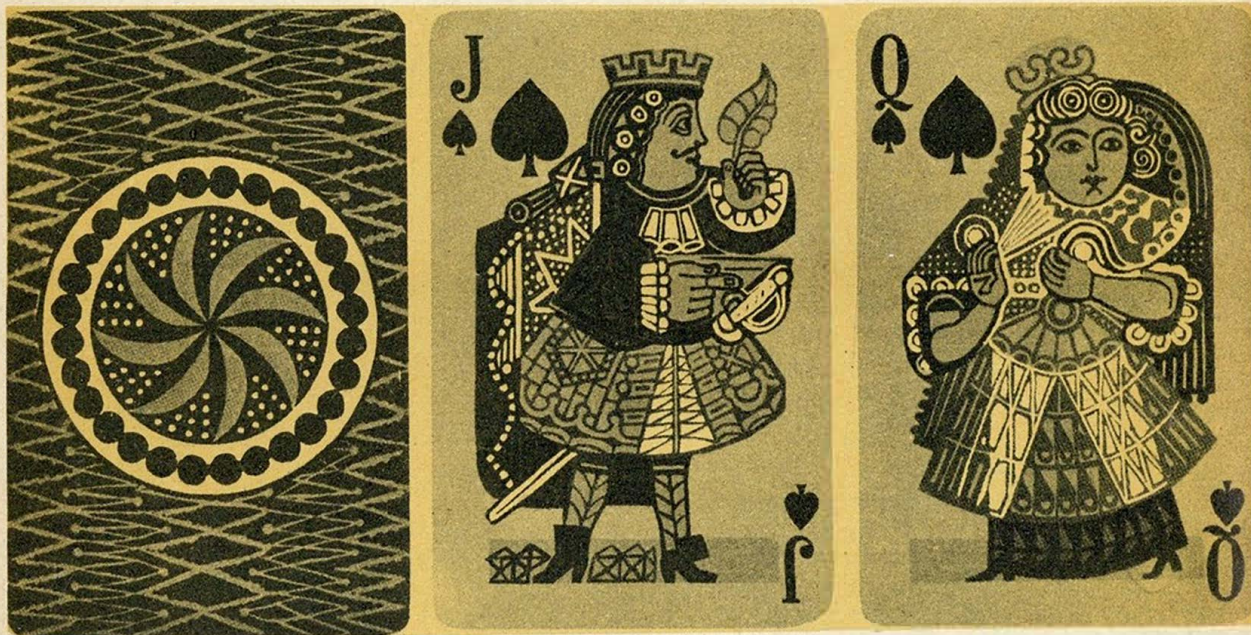
1 — O valor nominal das cartas é como segue: o ás vale um, o duque dois, o terno três, a quadra quatro e assim por diante até nove; o dez não tem valor algum e cada figura vale dez.

2 — Ao jogo preside um **banqueiro** que é escolhido à sorte (mas que poderá recusar-se a sê-lo escolhendo-se outro neste caso) e, de acordo com o regulamento do jogo, só deve haver um, com vários pontos. Os pontos sen-

6 — O banqueiro fará a distribuição do seguinte modo; uma ao **ponto** da direita, uma a cada **ponto** da esquerda, uma para si e depois uma a cada um dos restantes jogadores.

7 — Cada jogador examina depois a carta que lhe coube e adiciona-lhe mais pontos. Os melhores pontos são o 9 e o 19 e os que mais se aproximem destes valores: assim uma figura e um 9, um 7 e um 2, uma figura e um 8, etc.

8 — Se entre os **pontos** houver algum cujas cartas, somadas, dêem 9 ou 19, 8 ou 18,



tar-se-ão, metade à direita, metade à esquerda, do banqueiro.

3 — Aos espectadores, que recebem a denominação de **galeria**, é consentido fazerem também apostas, mas por intermédio dos **pontos**.

4 — Cada **ponto** deve pôr sobre a mesa a quantia que tenciona arriscar e o **banqueiro** terá que cobrir. Por isso mesmo o banqueiro deve dispor de um montante suficiente para pagar o ganho dos jogadores ou **pontos**.

5 — O banqueiro mandará baralhar as cartas pelos **pontos**, baralha-as também por seu turno e devolve-as de novo aos **pontos**, de face para baixo, para que estes cortem. Depois distribue-as.

deve imediatamente mostrar o jogo e todos os outros jogadores devem também imitá-lo, inclusive o **banqueiro**. O banqueiro recolherá, então, as apostas dos jogadores que tenham pontos a menos que ele e pagará aos que tenham pontuação superior à sua. Ficará quite com aqueles com quem estiver empatado em pontuação.

9 — O **banqueiro** oferecerá uma terceira carta aos jogadores quando nem ele nem os **pontos** tiverem feito 9 ou 19, ou 8 ou 18, à primeira voz. Esta terceira carta é sempre tapada, isto é, voltada com a face para baixo. Aqueles que a rejeitarem dirão: **fico-me**.

Feita a distribuição, os que aceitaram a terceira carta mostram o jogo. Nesta altura

a melhor pontuação é o 29, a seguir o 28 depois o 27, o 26, etc. Os que fizerem mais de 29 **rebutam** e perdem, mesmo que a banca tenha também rebutado.

10 — O banqueiro ganhará os **pontos** que tiverem menos um valor do que ele e perde com os que tiverem valores superiores aos seus. Com a **galeria** perderá sempre que faça mais de 29. Isto significa que a galeria pode fazer também as suas apostas sem entrar na distribuição das cartas.

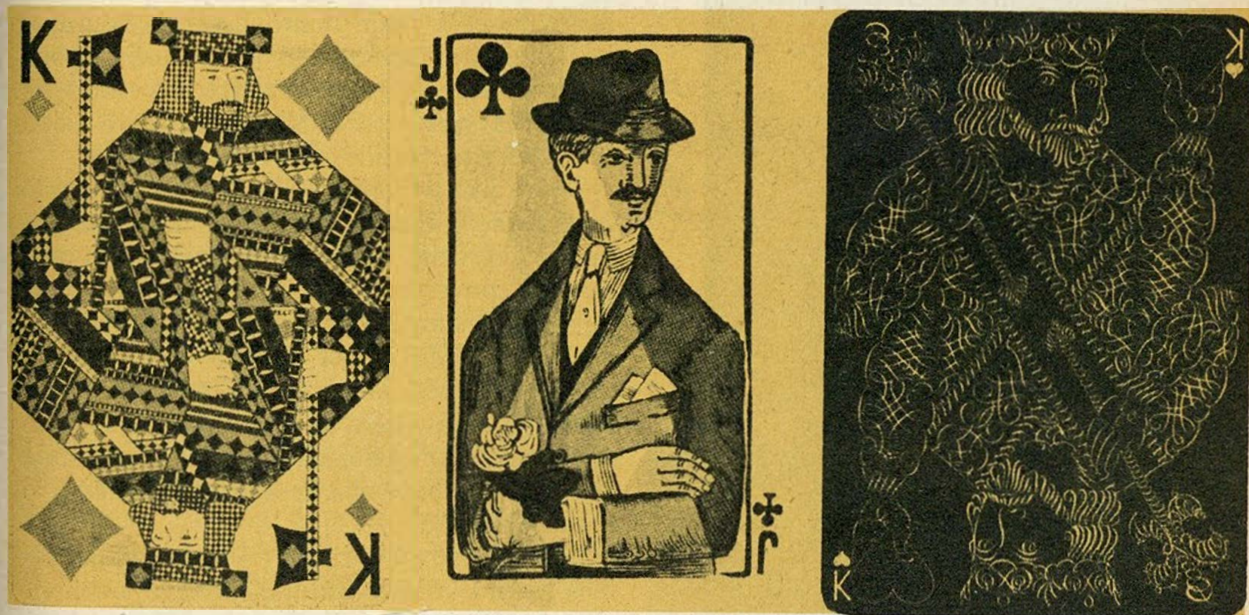
11 — Neste jogo convém saber avaliar se há vantagem ou não em aceitar a terceira carta. Quase sempre, aceita-se quando se tem menos de 4 ou 14 e recusa-se quando se tem 6 ou 16.

as cartas em séries crescentes ou decrescentes, aproveitando para as famílias as cartas que nela tenham cabimento e que porventura se descobrirem na formação das séries.

Escusado será dizer que estas últimas se transportam para as famílias, quando a carta de cima tenha cabimento nelas e a série seja no mesmo sentido das jerarquias dessa família.

Paralisado o movimento, tira-se pela direita uma carta de cada maço, até sete, para formar um décimo-quarto maço, e depois seis cartas até ao décimo-terceiro para formar um décimo-quinto, se algum não houver desaparecido.

Com as cartas nesta nova disposição repe-



PACIÊNCIA DO ARCO (dois baralhos completos)

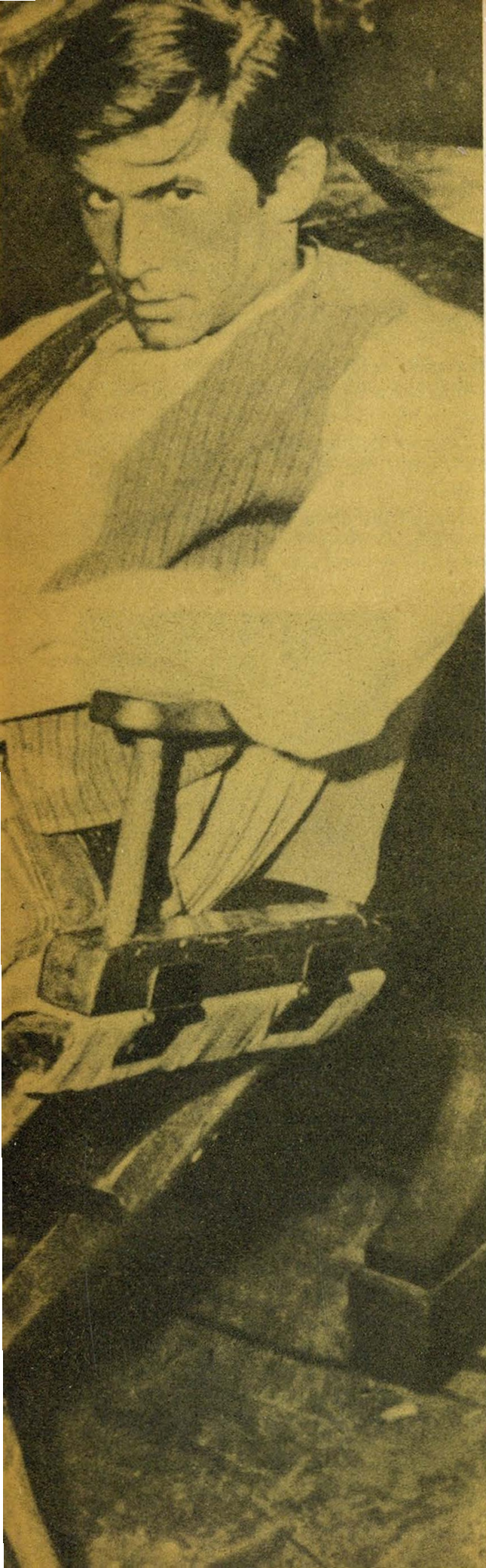
Baralhadas e partidas as cartas, dividem-se em 13 maços de 8 cartas cada um, que se colocam descobertos, formando um arco.

Se nesses maços aparecem ases ou reis, que não sejam, uns ou outros, de naipes iguais, tiram-se para duas fiadas, que se estabelecem na concavidade do arco. Na fiada superior ficam os ases, na inferior os reis. Por cima dos ases, formam-se as famílias de ordem directa; por cima dos reis, as famílias em ordem inversa.

Não se podendo caminhar no enaipamento, podem transferir-se de uns para outros maços

tem-se os movimentos acima descritos e, paralisando de novo o movimento, formam-se maços de cinco cartas, tirando para isso uma carta de cada um dos maços existentes, podendo o último ficar incompleto. Repetem-se depois os deslocamentos e, a nova passagem, juntam-se os maços por sua ordem e distribuem-se as cartas por novos maços de quatro cartas cada. Repete-se ainda o movimento primitivo, e, findo este, como último recurso, formam-se outros maços de quatro cartas tirando uma de cada maço.

Para se fazer a paciência, as fiadas cujas famílias começaram por ases devem terminar em reis e aquelas que começaram em reis devem terminar em ases.



TONY PERKINS

À PROCURA DO TEMPO PERDIDO

Com Tony Perkins tudo é de esperar. Melhor: podemos ter sempre a certeza de que alguma coisa acontecerá. Por exemplo: numa noite de gala pode muito bem suceder que se apresente envergando um blusão; pode mesmo suceder que ele apareça vestido de cerimónia; quem sabe? Mas adivinhar o modo como surgirá vestido, ah, isso é de mais!

Pobre Tony Perkins! Escravo de um mito (**self-made enigma** assim lhe chamam) a sua inicial liberdade de se vestir como muito bem queira, converteu-se numa escravatura. Perkins é hoje um homem enigmático por obrigação, excêntrico por dever. E quando o vemos — depois da projecção do **Balão Vermelho** — atravessar as ruas de Hollywood segurando um balãozinho como se fosse uma criança, que havemos de pensar? Tomamo-lo a sério ou não?

Afinal, Tony Perkins — o sucessor de James Dean — simboliza uma juventude americana para a qual o inconformismo é uma bandeira, é um objectivo?

Leitor de Mauriac, de Proust, e de Saint-Exupéry, apaixonado de Mozart (mas também do «Rock and Roll»), o intérprete de «Desejo sob os Ulmeiros» procura dar nas vistas, porque é um menino mimado. Uma criança que não teve na infância todos os carinhos que ambicionava e que deseja receber agora esse quantitativo de amor que o pai (morto quando tinha cinco anos) não lhe pôde dar.

O balão com que ele atravessa as ruas, a bicicleta que ele usa em vez de automóvel, não são uma revolta contra o mundo e as convenções, mas uma tentativa de reencontrar a infância perdida, essa infância carinhosa que a vida não lhe deu.

É SUSCEPTÍVEL?

Muita gente, sem se dar conta disso, é presa fácil de certos personagens galhofeiros que gostam de imitar cada um desde que para isso tenham oportunidade.

Talvez estes engraçados tenham também os seus defeitos — é certo mesmo que os têm. Mas os que, por um sim ou por um não se exaltam, respondem com azedume, reagem vivamente a graças por vezes inteiramente anodinas, são vítimas de uma susceptibilidade doentia que serve só para os prejudicar.

É este o seu caso? Pode sabê-lo facilmente respondendo com franqueza às dez perguntas seguintes e marcando 3 pontos cada vez que registre uma resposta afirmativa:

- 1) Sente-se irritado quando alguém estrofia o seu nome ou o pronuncia mal?
- 2) Tem a impressão de que muita gente lhe quer mal e não o poupa com críticas?
- 3) O facto de se dizer bem de um dos seus amigos na sua presença incita-o a deduzir que não pensam bem de si?
- 4) Fica perturbado a ponto de se descontrolar quando, durante um jogo, o seu parceiro faz observações sobre a sua maneira de jogar?
- 5) O facto de perder deixa-o de mau humor?
- 6) Sente necessidade de se vingar quando sabe que alguém fez correr a seu respeito um rumor desagradável mas, em certa medida, justificado?
- 7) Irrita-se quando, em sociedade, alguém comenta com humorismo a sua vida pública ou privada?
- 8) Fica profundamente mortificado quando alguém cita, mesmo por graça, um defeito seu que, indiscutivelmente, lhe pese?
- 9) Mostra-se sentido quando em determinadas circunstâncias não é prestada me-

recida homenagem aos seus méritos?

- 10) É incapaz de suportar a ideia de que se estão a divertir à sua custa?

Se somou entre 21 e 30 pontos é eminentemente susceptível. Não se espante portanto se os seus amigos, mesmo os mais íntimos se divertirem por vezes a «fazê-lo afinar». Experimente passar a estar mais seguro de si ou a ser o primeiro a rir-se das graças que dizem a seu respeito. Reparará que irão deixando de se meter consigo.

Entre 6 e 18 pontos é bastante melhor. Mas, por vezes, um orgulho injustificado põe-no fora de si — o que de resto vai ao encontro das intenções de quem o conhece bem. Com um pouco mais de calma tudo passará a correr satisfatoriamente.

Menos de 6 pontos indicam que sabe controlar bastante razoavelmente as suas reacções e a só se emocionar com o que realmente o justifica. É, moralmente, um ser maduro.

AUTOMÓVEIS

SOC. COM.

ANTÓNIO CASQUILHO

S. A. R. L.

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 14 - A, B, C



A MAIS COMPLETA ORGANIZAÇÃO
DE AUTOMÓVEIS USADOS

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

DE 200 UNIDADES
AGENTE OFICIAL FIAT

O CRIME AO ALCANCE DE TODOS

O mistério das jóias desaparecidas

«Que noite terrível!» murmura o leitor enquanto guia o seu automóvel, sob uma chuva ininterrupta, em direcção à casa de Howard Huntington. Mal transpõe a porta vê no amplo living-room os hóspedes de Huntington com um ar de ansiedade estampado nos rostos. Os donos da casa aproximam-se do leitor.

— As minhas jóias desapareceram! — grita a Sr.^a Huntington. — O ladrão entrou quando estávamos todos reunidos aqui e roubou-me as jóias, protegido pelo barulho que fazíamos!

— Conseguimos descobrir como entrou — diz o Sr. Huntington; e conduz imediatamente o leitor ao jardim e leva-o, por cima da relva, até junto do quarto de dormir da esposa.

— Quem fez isto? — pergunta o leitor, apontando para numerosas pegadas que se vêem na relva humedecida.

— Oh, tanto eu como os meus amigos viemos aqui logo que a minha mulher deu pelo roubo e isto já estava assim.

O leitor acende a sua lanterna de bolso para o sítio apontado pelo Sr. Huntington e vê uma escada encostada à parede, dando acesso à janela da dona da casa. É evidente que se trata de uma escada nova, por pintar, e os degraus muito brancos brilham sob a luz da lanterna.

— Comprámos ontem esta escada — informa o Sr. Huntington. — O ladrão foi buscá-la à garagem.

O leitor e Huntington regressam à porta da entrada, limpam os sapatos no tapete e no «hall», onde o leitor pergunta de novo à Sr.^a Huntington:

— Como descobriu o roubo, minha senhora?

— Subi ao meu quarto para me arranjar. A primeira coisa que vi foi o guarda-jóias aberto no chão... e vazio!

— Alguém saiu durante a festa?

— Não. Estamos cá todos, ninguém se foi embora.

— Bom — diz o leitor. — Nesse caso as jóias continuam em casa.

— Porque diz isso?

SOLUÇÃO

Chovia muito e o leitor teve de limpar os sapatos, no tapete, antes de entrar em casa. Isso significa que se alguém tivesse subido as escadas não poderia impedir-se de as sujar, por muitos cuidados que tivesse. Ora, como se sabe, os degraus brilhavam muito brancos à luz da lanterna.

A morte de J. Harrison Doyle

O leitor está a investigar a morte do milionário J. Harrison Doyle, morto com um tiro e roubado na sua própria casa em Chicago, às 11.30 do dia 12 de Abril.

Foram presos quatro suspeitos tendo todos prestado declarações. Ei-las:

Richards: «Na noite do dia 12 de Abril eu estava na Florida. Não fui eu. Quem matou Harrison Doyle foi Sedgwick. Nunca matei ninguém».

Sedgwick: «Eu não fui. Nem Sherman. Na noite do crime estava na Califórnia. Batts estava comigo».

Batts: «O assassino foi Sherman. Sedgwick está inocente. Não sei nada acerca do crime. Richard estava em Chicago na noite de 12 de Abril».

Sherman: «Batts mentiu se disse que fui eu o assassino. Eu estava em San Louis na

noite de 12 de Abril. Não usei armas. Richard diz a verdade quando afirma que está inocente».

Sabe-se que uma das quatro afirmações de cada um dos suspeitos é sempre falsa.

Servindo-se apenas do raciocínio será o leitor capaz de determinar qual dos quatro é o assassino?

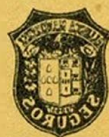
SOLUÇÃO

O assassino é Sherman. Richards está inocente pois que das duas afirmações concordam nesse ponto e, por hipótese, ele não pode mentir duas vezes. As suas restantes afirmações são «Quem matou Hartson foi Sedgwick» e «Na noite do dia 12 de Abril eu estava na Florida». Sedgwick está inocente porque duas das suas afirmações claramente o dão a entender, o que demonstra que a acusação de Richards é falsa, ficando deste modo provado que Richards esteve, de facto, na Florida. A frase de Batts: «Richards estava em Chicago na noite de 12 de Abril» é portanto falsa, o que significa, por exclusão de partes que a sua afirmação de que «O assassino foi Sherman» é necessariamente verdadeira.

MENUHIN E OISTRAKH CONTRA A «GUERRA FRIA»

Cada século, cada década, têm a sua versão interpretativa de uma obra musical. Que pena não termos um disco com a *Nona* dirigida por Wagner ou por Mahler para as podermos comparar com as actuais: as de Toscanini, de Klemperer, de Furtwängler, de Bruno Walter!

Os anos 30 deram uma versão famosa do *Duplo Concerto para Violino e Orquestra* de Bach. Lembram-se? Enesco e Menuhin eram os heróis da festa... Mas o tempo passou, a técnica do disco atingiu apuros tais que era preciso gravar de novo o famoso concerto. Menuhin continuava vivo, mas Enesco morrera e era preciso substituí-lo. Por quem? Naturalmente, por David Oistrakh... E assim a música, o amor pe'la música e pelo velho Kantor, contribuiu para desfazer a «guerra fria»... Menuhin, o maior violinista americano; Oistrakh o maior violinista soviético... Ambos dando uma interpretação insuperável de uma das mais belas obras de Bach... Será preciso dizer que este diálogo entre os dois violinos enche de paz quem os ouvir?



COMPANHIA DE SEGUROS

ALLIANÇA MADEIRENSE

seguros
em todos
os ramos

a pista dos animais

Se vos encantam as maravilhas da Natureza, da vida livre nos campos e nos bosques, se gostais de estudar os hábitos dos animais surpreendendo-lhes os segredos da sua existência selvagem, poderemos talvez iniciar-vos num apaixonante passatempo onde encontrareis uma inesgotável fonte de prazeres.

A leitura das pistas é o primeiro passo para o estudo da vida dos animais. A ela se dedicaram homens como Lineu. Cuvier e Protopopof, que tão notáveis trabalhos nos legaram.

A pista que nos conduz ao encontro dum animal, é uma página aberta ao alcance de quem a quiser ler.

Muitas vezes, não será fácil de obter, nós, porém, poderemos dar um grito preparando aquilo a que os caçadores chamam «album de lama.»

Para isso bastará procurarmos nos campos um local um pouco afastado das habitações humanas, tão longe quanto possível de estradas e caminhos e em cujas proximidades haja água.

Uma lagoa, uma nascente, um rio ou um riacho, tudo poderá servir às mil maravilhas.

Se os arredores forem despidos de vegetação, arenosos ou lamacentos, o álbum está de antemão pronto para ser ilustrado.

Se assim não for, poderemos nós mesmas prepará-lo em qualquer local que nos pareça frequentado por animais selvagens.

Para isso deveremos limpar o solo de toda a vegetação deixando um pedaço de terreno nu descendo para a água.

Há todas as probabilidades de que os animais da região venham ali beber durante a noite ou mesmo de madrugada.

Se mantivermos o solo húmido, os seus pés ficarão aí marcados e nada mais teremos a fazer do que ler no dia seguinte as belas páginas do nosso album, aprendendo a conhecer a assinatura de todos os visitantes.

Se os animais se fizerem esquivos, poderemos levá-los até lá com o simples emprego de quaisquer iscos, tais como pedaços de peixes ou moluscos, grãos, sementes, pão, etc. As preferências dos visitantes nocturnos dar-

-nos-ão logo uma primeira indicação da sua identidade.

Muito provavelmente serão os pássaros os visitantes mais numerosos.

Trata-se então de saber distinguir as pequenas marcas em grupos de duas dos **pardais** e da maior parte das espécies de bico duro que caminham aos saltinhos com os dois pés ao mesmo tempo (fig. 1), das do mestre **corvo** por exemplo, que em grandes e solenes passadas parece deslocar-se sempre em passo de parada, e cujo dedo colocado para trás deixa uma marca bem reconhecível (fig. 2).

Quer o gaio, quer a pega arranham o solo atrás quando caminham, mas o gaio torna-se facilmente assinalável pelas seus dedos de trepador aproximados uns dos outros e cuja marca é «sui generis» (fig. 3). Independentemente disso as suas pegadas são também em séries de duas como as dos **pardais**. Uma espécie de triângulo largo e chato, onde os três dedos parecem ligados por uma zona contínua, acusa nitidamente a passagem de um palmípede como o pato ou a cerceta, que apenas se distinguem pelas suas dimensões mais ou menos avantajadas (fig. 4).

Se os dedos não são espalmados mas apenas alargados nas bordas, trata-se com certeza de uma galinha de água, (fig. 5), ou de qualquer outra espécie da mesma família.

Quanto às galinhas, narcejas e pequenos pernaltas mais ou menos semelhantes, poderemos reconhecê-los pela ausência do dedo de trás que toca muito pouco ou não chega mesmo a tocar no solo (fig. 6).

Mas esperemos que não sejam apenas os pássaros e as aves os visitantes do nosso album e que outros animais aproveitem também o caminho que torna mais fácil o acesso ao apetecível bebedouro. Os menos raros serão sem dúvida os numerosos componentes da família «ratôna» largamente representada por mussoranhos, ratos, arganazes, ratas de água e ratazanas.

No seu conjunto, estas pegadas, que diferem umas das outras pelas dimensões, têm um pouco a aparência de uma mão humana, com os cinco dedos nitidamente visíveis, sendo unicamente mais alongados em pro-



porção à palma do que os do homem (fig. 7). Frequentemente as marcas mostram uma série de patas divididas em dois grupos por uma linha central contínua, que outra coisa não é senão a pista deixada pelo rabo que se arrasta pelo solo (fig. 8). Reconhece-se facilmente a passagem de um ouriço pelos seus passos curtos, os seus cinco dedos ovais larga e regularmente afastados e pelas longas unhas que os terminam (fig. 9).

Neste rasto deveras peculiar distinguem-se também as calosidades da planta do pé.

A pegada de uma lontra será provavelmente das mais raras, pois é um animal prudente que escolhe os seus próprios caminhos e não gosta de seguir os alheios.

Além disso como se desloca sobretudo a nado, teremos sempre de contar com a discricção da água que ao contrário da terra não é pródiga em denunciar os segredos que lhe são confiados.

Se no entanto a lontra se deslocar por terra, a forma das suas patas posteriores com o calcanhar muito marcado e excessivamente alongado não vos deixará qualquer dúvida sobre a identidade do seu proprietário (fig. 10).

Quando se trata dum texugo, mesmo os

leitores de pistas já experimentados ficam por vees impressionados com a semelhança das marcas dos seus pés com as pegadas humanas. Claro que se trata apenas de semelhança relativa pois a pegada do texugo é mais larga à frente e os dedos de tamanhos mais regulares são munidos de garras (figura 11) independentemente disso os passos são curtos, não havendo entre eles mais de vinte centímetros de intervalo.

Não esqueçamos também a possível vinda duma raposa.

A sua pegada lembra a de um cão pequeno, mas os dedos são consideravelmente mais afastados uns dos outros, além de que a planta do pé é peluda e não nua como a do cão, o que se nota à primeira vista (fig. 12). Em Portugal continental serão estes os ilustradores com cuja colaboração mais facilmente podereis contar, isto claro está que de mistura com coelhos, lebres, doninhas, perdizes, codornizes, pombos, aves de arribação, cegonhas, toupeiras, furão, e quando Deus quer, lá de muito em muito longe, com algum distraído lobo, ou quase lendário javali.

Convém, no entanto, não esquecer que a colaboração de alguns destes animais se torna mais difícil porquanto alguns deles

também só muito raramente se acercam da água.

Noutras paragens os albens poderão ser impressos por personagens bem mais avantajados que lhe darão uma beleza gráfica de grande efeito. Aconselho-vos, porém, nessas regiões a usarem de certas cautelas não vos «aconteça» algum mau encontro com os nossos perigosos colaboradores.

O conhecimento da leitura das pistas tanto pode ser útil a caçadores como a simples entusiastas das maravilhas da natureza, e a sua prática pode levar-nos a conclusões de veras curiosas.

Vejam algumas passagens da descrição do conhecido naturalista G. Protopopov que um dia seguiu na estepe siberiana, um pequeno mamífero carnívoro de que queria conhecer detalhadamente todos os costumes, e vejamos quanto pode descobrir quem sabe ver onde os outros não vêem nada.

Conta este cientista que ao atravessar um pequeno ribeiro que cruzava uma região pantanosa, reconheceu a certa altura junto à margem os sinais de um furão; o que exige já uma certa prática e conhecimento dos animais pois um furão pouco maior é do que uma doninha.

Ao princípio a pista ia aos saltos conforme é hábito nos animais daquela espécie. Depressa, porém, a direcção mudou.

Farejando com certeza alguma presa o animalzinho ficara algum tempo pisando o mesmo local.

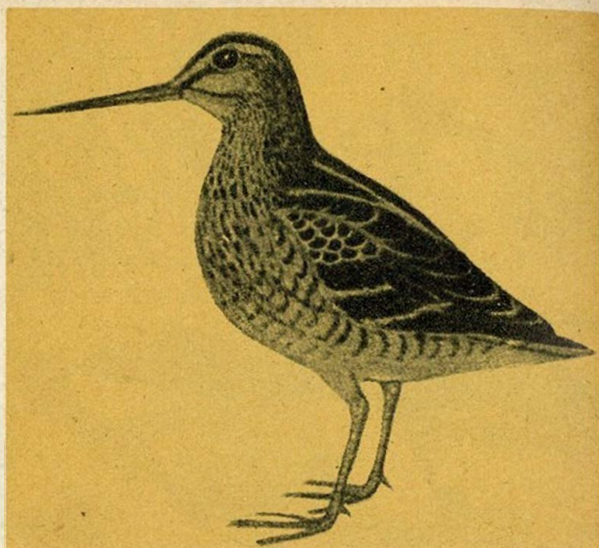
Depois, sem bem se saber ao certo porquê, avançara até uma pequena cabana de há muito desabitada. À entrada numerosas marcas irradiavam para todos os lados.

Era evidente que o furão entrara várias vezes na cabana, cuja porta estava entreaberta, e não saíra senão depois de ter revisitado tudo minuciosamente.

Nesse local via-se que escavara cuidadosamente o solo e um pouco mais longe o observador notou pelos de rato de campo (bicharoco que servira talvez ao furão para uma primeira refeição).

Mas a pista continuava ao longo duma parede, saía para o exterior e depois subia para o telhado.

O animal dera aí uma ou duas voltas, e desceza pelo outro lado da cabana para ir de seguida explorar um barracão onde havia palha e após algumas voltas por aqui e por ali, tornara a sair.



Neste ponto da narrativa, Protopopov, reconhece que se o bicho não tivesse passado várias vezes pelos mesmos sítios ter-lhe-ia perdido a pista, pois guiava-se apenas por «marcas de garras muito pouco visíveis.»

Qualquer outro ter-se-ia certamente perdido, mas ele encontrou-a de novo e recomeçou a segui-la...

Depois de ter percorrido cerca de meio quilómetro, o animal voltou para trás, direitinho à cabana. Seguidamente por capricho, ou por não ter encontrado o que queria, partiu em direcção ao ribeiro para um local onde uma acumulação, de ramos formava uma espécie de ponte. Nesse sítio o observador cientista notou com os seus olhos de práctico que os pardais deviam passar habitualmente a noite ali. Fora certamente isso que atraíra o furão, que parece no entanto ter perdido bastante tempo para nada, pois voltou de novo a por-se a caminho do pântano onde segundo o autor «há muitas doninhas e arminhos».

Nessa altura a maior parte dos «pisteiros», talvez se tivesse perdido nesse medonho labirinto.

Mas o nosso homem conserva-se na pista e encontra os sinais do seu furão que seguem por um carreiro muito frequentado, e aberto por outros animais.

Em certo local nota que o animal se achapou e de seguida começou a dar grandes saltos a toda a velocidade, seguidos de bruscas paragens. Para um profano isto nada significaria. Protopopov, porém, estava longe de ser um profano por isso observou: «tenho a impressão de que o furão esteve muito tempo neste sítio tentando caçar».

Com efeito não se enganou, pois um pouco mais longe encontrou o corpo bastante maltratado de um musaranho, morto com uma dentada no pescoço.

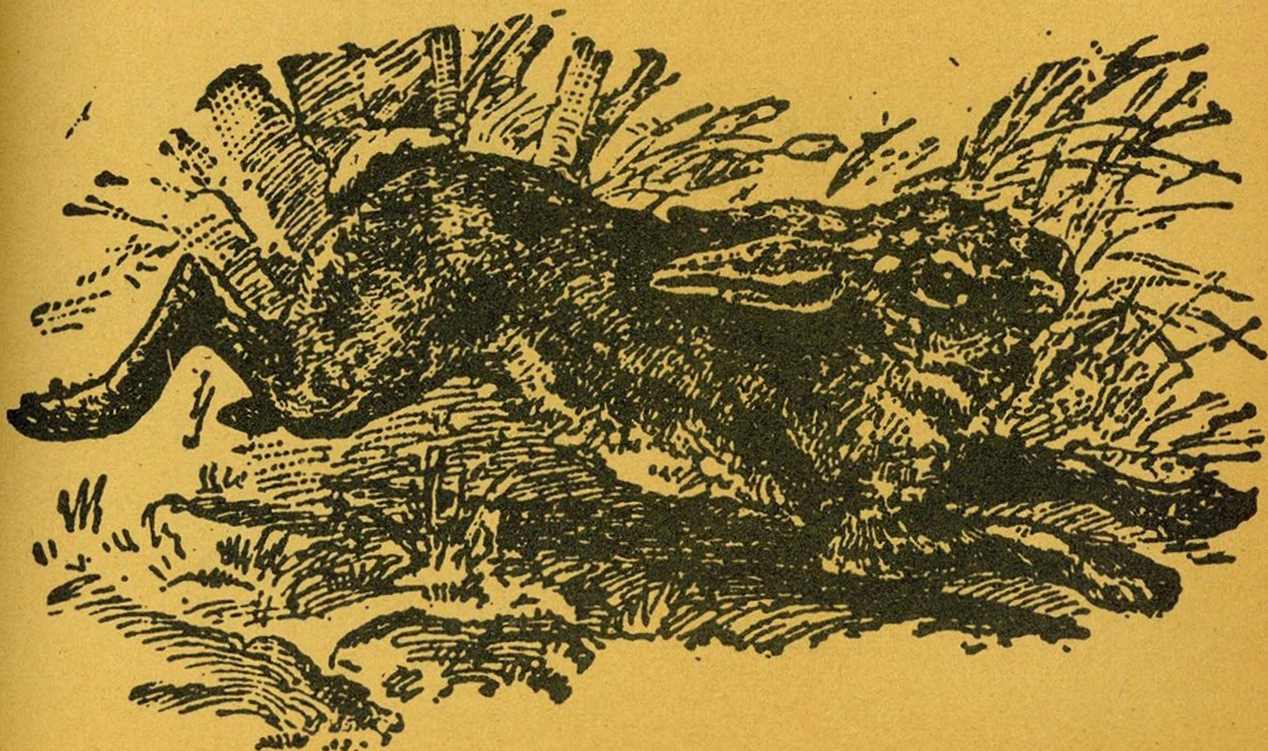
E se o furão não comeu o musaranho, foi porque esse pequeno insectívoro, de cheiro bastante desagradável, não era do seu agrado.

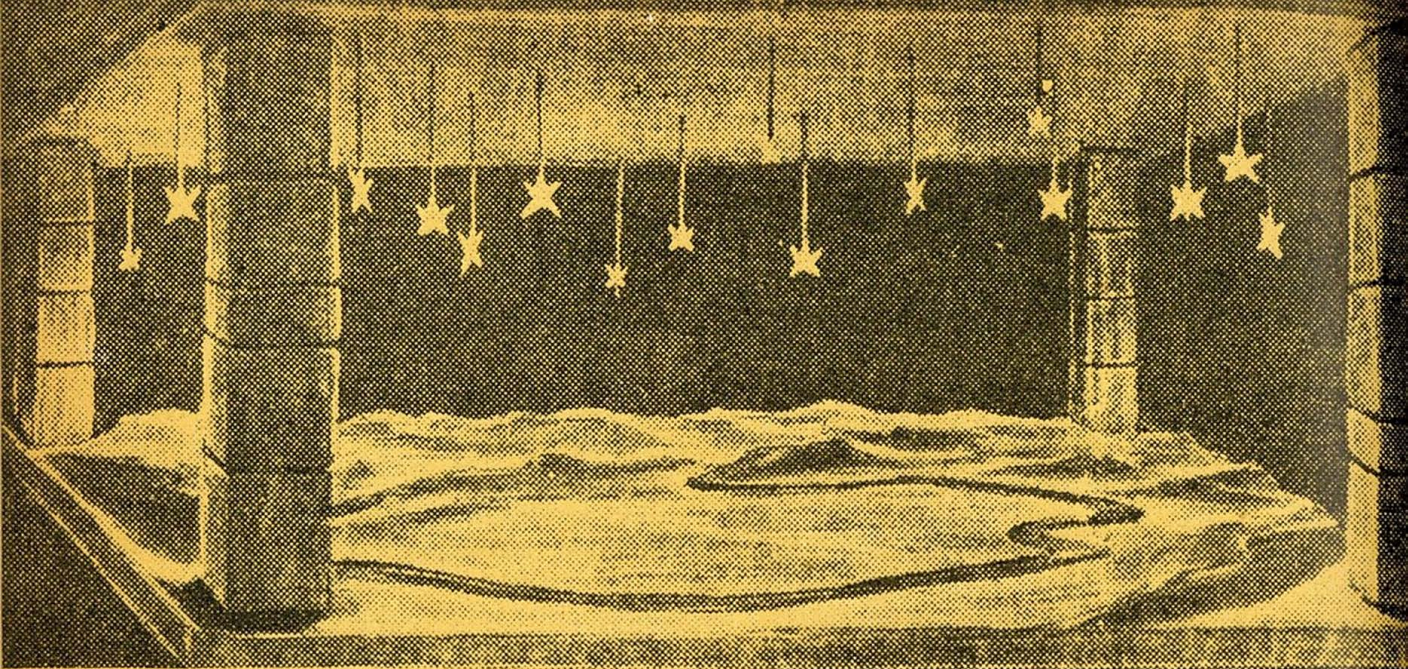
Os nossos gatos domésticos são da mesma opinião, o que os não impede, como ao furão, de brincarem com as suas vítimas atirando-as ao ar e voltando a agarrá-las.

Terminado o entretenimento, o furão retomou a sua viagem e o observador fez o mesmo. Ao sair do pântano, o animal seguiu um estreito carreiro e chegando junto a uma meda de feno, contornou-a examinando o que havia a examinar e dirigindo-se depois para uma colina de onde voltou para o ribeiro, para um local onde havia algumas moitas e onde fez esta impressionante descoberta: a pista duma lebre! Como é de calcular começou a segui-la cheio de interesse.

E o seu seguidor humano a seguiu-lo ainda com mais.

A situação era, portanto, a seguinte: uma lebre deixou uma pista que conduz a parte incerta. Um furão segue a pista da lebre. Um homem segue a pista da lebre e do furão. E nós em pensamento seguimos a pista do homem, do furão e da lebre, para saber onde nos conduzirão. Após uma longa perseguição através de toda a espécie de obstáculos e peripécias, com idas e vindas, pista da lebre perdida pelo furão, pista da lebre reencontrada pelo homem o que leva à pista do furão, já quase ao entardecer o maior dos caçadores chega a um bosque onde, entre altas ervas, está a toca de uma lebre e onde o furão entrou. Mas a toca estava abandonada havia já a gum tempo. Então o furão desencorajado, após ter andado ainda alguns minutos de um lado para o outro, cavou um buraco e foi dormir... E o homem satisfeito com o desfecho da aventura resolveu não lhe interromper o sono.

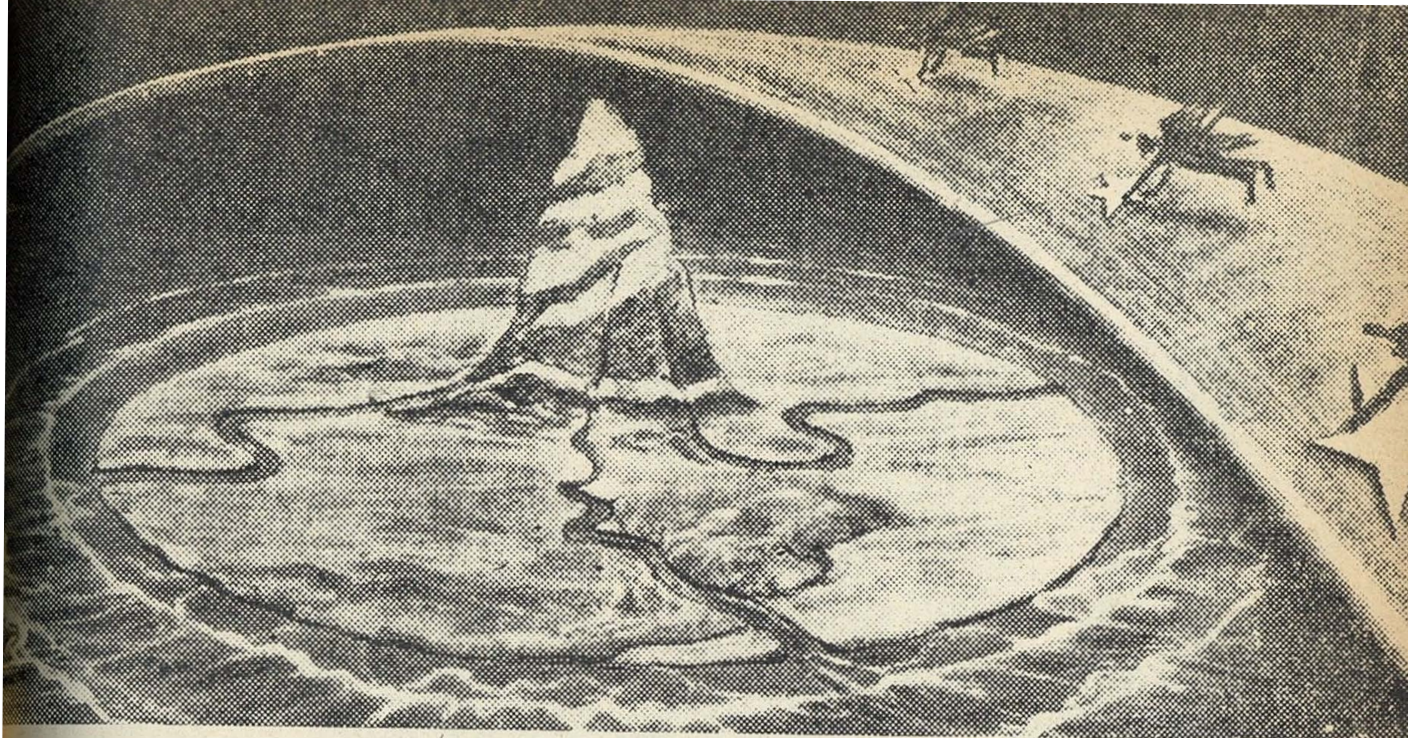




4.000 anos a. c. QUANDO O CÉU ERA UM TECTO...

No velho Egito a Terra era representada como um campo rectangular e plano. O céu era um tecto donde as estrelas pendiam, como lâmpadas.

O UNIVERSO ao longo dos tempos



2.000 anos a. c.

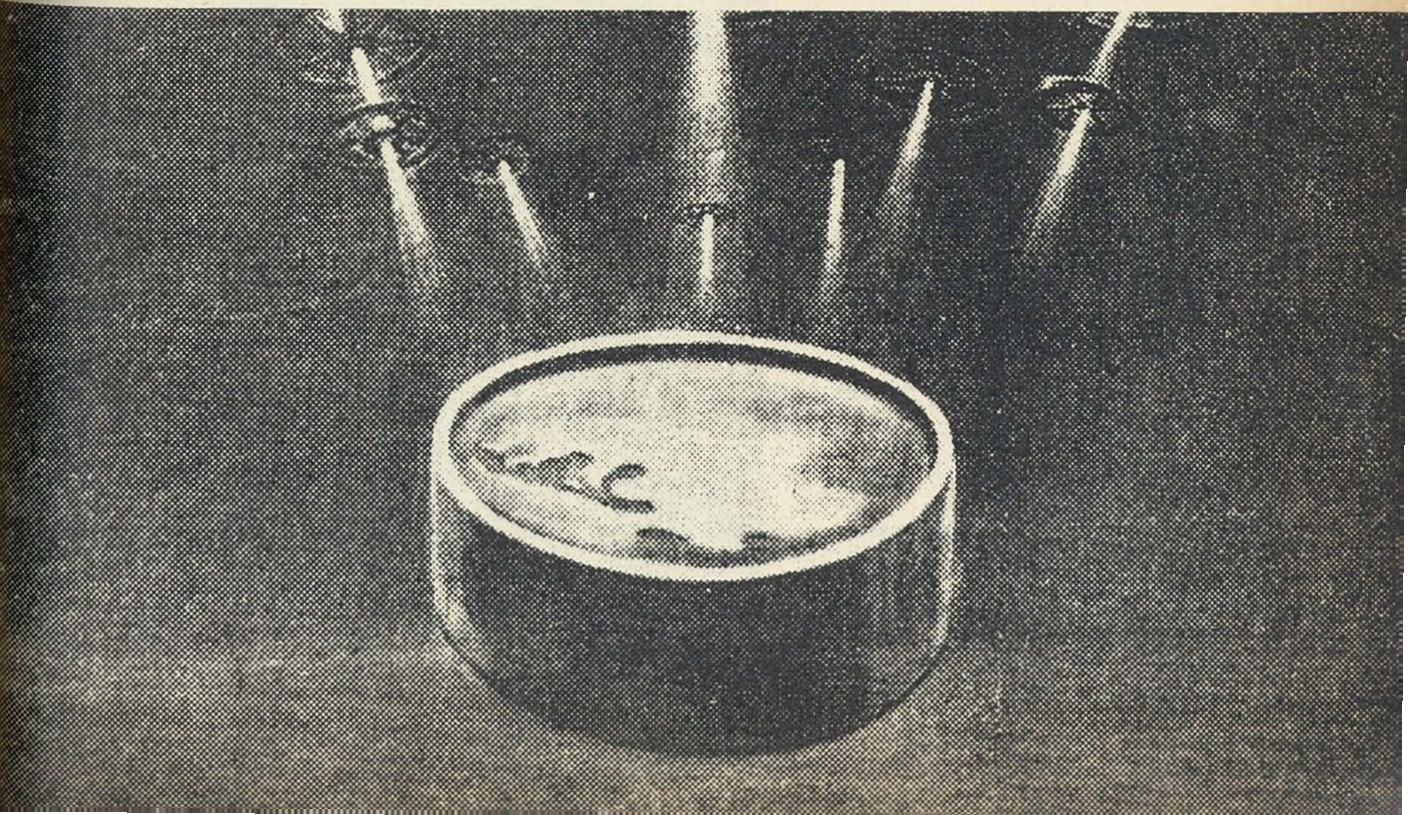
QUANDO O MUNDO ERA UMA MONTANHA...

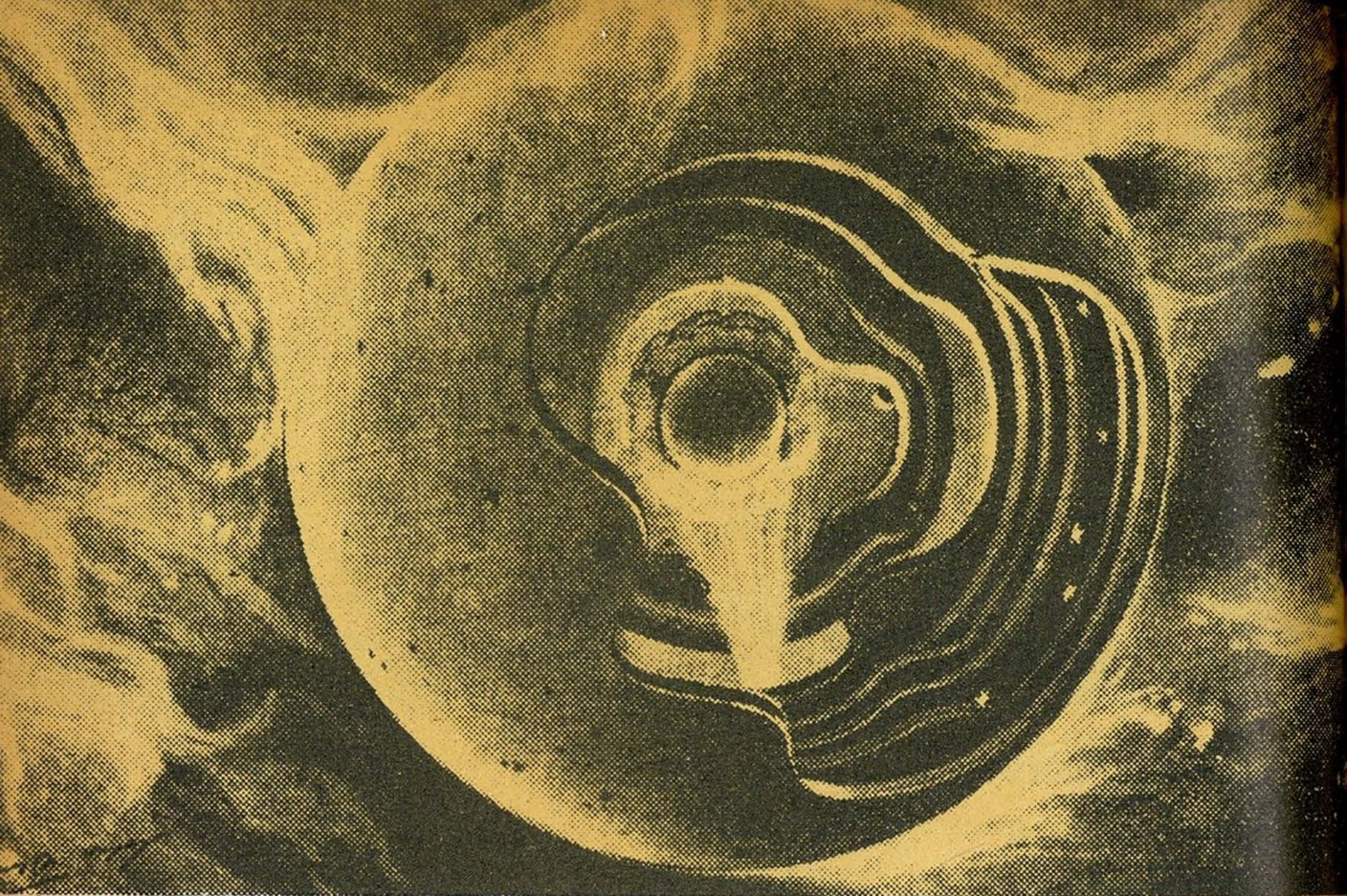
Para os babilónios a terra era plana e a meio erguia-se a «Montanha do mundo». Da vertente do monte desciam os rios que atravessavam as terras e se lançavam no mar que envolvia as superfícies habitadas. Em cima erguia-se a cúpula celeste com as suas 5.000 estrelas movidas pelos deuses.

600 anos a. c.

QUANDO A TERRA ERA O CENTRO DO UNIVERSO

Os gregos imaginavam a Terra com o aspecto de um disco gigantesco de bordos salientes. O Sol, a Lua e as estrelas giravam em torno de si mesmos como grandes rodas do eixo das quais se escapava o fogo do céu. Quando os eixos se entupiam provocavam os eclipses.



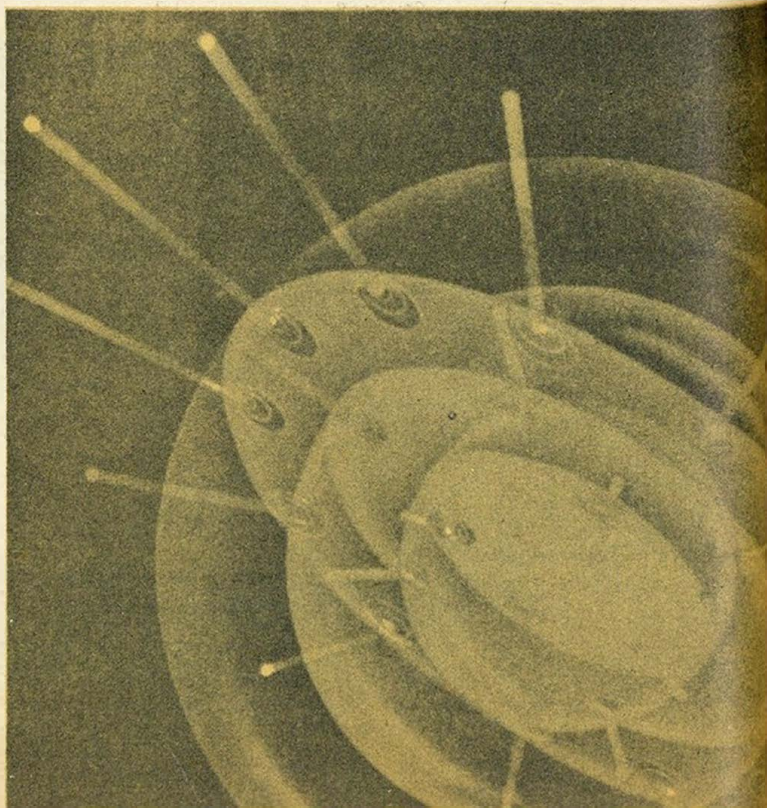


350 anos a. c. QUANDO COSMOS ERA UMA CEBOLA

Os filósofos gregos já sabiam que a Terra era esférica. Para eles o Universo comparava-se a uma cebola em cujas sucessivas camadas estavam fixos os planetas e as estrelas. A esfera central era a Terra. A casa da «cebola» estava em contacto com o fogo do caos. Ptolomeu (150 a.C.) colocou a terra no centro do Universo até ao dia em que Copérnico a tirou de lá...

HOJE O UNIVERSO ESTÁ EM EXPANSÃO

O universo tal-qual o concebem os cientistas actuais. O esquema representa o universo visível que se expande em todas as direcções até uma distância de 2 biliões de anos-luz. Cada círculo branco representa milhões de galáxias que se afastam umas das outras. Cada círculo ocupa duas posições unidas por uma linha: uma posição interior de onde é emitida a luz que vemos actualmente e uma posição exterior que representa a posição onde a galáxia provavelmente se encontra.



a

TV

facilita a educação das crianças?

Os jornais não se cansam de dizer que a TV é uma janela aberta para o mundo. Somente: num mundo de correntes de ar, é preciso fechar as janelas, muitas vezes! E, sobretudo, quando há crianças em casa.

A TV será prejudicial à juventude ou, pelo contrário, contribuirá para o seu desenvolvimento intelectual? Na impossibilidade de resolver rigorosamente este intrincado problema, a TV Independente da Grã-Bretanha procurou realizar um inquérito mais modesto, mas nem por isso desprovido de interesse: «O que pensam os pais da influência da Televisão nos seus filhos? Que lhes revela a experiência?».

Os pais consultados tinham idades que oscilavam entre os 30 e os 49 anos, variando as idades dos seus filhos entre os 15 e os 13.

I — CONTRA OU A FAVOR?

Pensa que a televisão favorece ou prejudica as crianças?

- 50% dos pais respondeu que favorecia;
- 11% respondeu que prejudicava;
- 33% foi de opinião que a influência não era boa nem má;
- 6% não tinha opinião.

Aqueles que se haviam manifestado pelas virtudes da televisão, foi feita a seguinte pergunta:

Porque pensa que a influência da TV é benéfica?

- 54% dos pais respondeu: porque é educativa;
- 22% porque é um meio de alargar o espírito;
- 11% porque distrai.

Aqueles que se haviam manifestado pelos malefícios da TV, perguntou-se:

Porque pensa que a influência da televisão é prejudicial?

Respostas:

- As crianças são obrigadas a seroar até muito tarde (8 pais);
- A televisão faz mal aos olhos (7 pais);
- A televisão impede as crianças de reflectir (10 pais);
- A televisão afasta as crianças do ar livre (6 pais);
- Sem opinião precisa (12 pais).

II — A INFLUÊNCIA DA TV

| A TV torna os filhos (em %) | Sim | Não | Sem opinião |
|-------------------------------------|-----|-----|-------------|
| ● Mais sociáveis | 52 | 32 | 16 |
| ● Mais sabedores e cultos | 92 | 6 | 2 |
| ● Mentalmente preguiçosos | 20 | 73 | 7 |
| ● Mais estudiosos .. | 49 | 31 | 20 |
| ● Desobedientes e barulhentos | 10 | 84 | 6 |
| ● Mais ajuizados ... | 38 | 45 | 17 |
| ● Mais violentos e cruéis | 6 | 89 | 5 |

O que surpreende nestas respostas é a proporção de pais com ideias definidas acerca destes problemas (apenas 10% declararam não ter opinião).

Outro ponto a notar: a grande maioria dos pais pensam que a TV torna os filhos mais cultos e recusam-se a admitir que a TV tenha uma influência nefasta. Um número elevado de pais acredita também que a TV favorece a sociabilidade e os progressos escolares das crianças.

III — QUAIS AS DISTRACÇÕES ACONSELHÁVEIS?

Os pais ingleses, apaixonados da TV consideram-na preferível ao ar livre!

À pergunta «como deseja que o seu filho empregue os momentos de ócio»: 31%, inclina-se para a TV e apenas 24%, prefere ver os filhos a brincar nos jardins; 13% dos pais deseja que eles leiam; 12%, que pintem ou escrevam; 10%, que se entretendam com o jornal; 4%, que trabalhem; 4%, que brinquem dentro de casa; 1%, prefere que os filhos vão ao cinema e 8% não tem opinião.

Por outras palavras: preferindo que os filhos vejam a TV ou leiam o jornal, o que a maioria destes pais deseja é o sossego! É pena que não tenha sido feita a seguinte pergunta: «Quando prefere que o seu filho se entretenha com a TV está a pensar nele ou na sua própria comodidade?». A pergunta teria o mérito de fazer o papá pensar duas vezes...

IV — A TV E A VIDA FAMILIAR

Pensa que a televisão torna a sua vida familiar mais interessante e mais feliz? Pensa que foi prejudicial? Pensa que não teve qualquer influência?

- 54% respondeu: mais interessante e mais feliz;
- 7%: influência prejudicial;
- 8%: influência nula;
- 1%: sem opinião.

Resumindo: 8 pessoas contra 1 pessoa pensam que a TV tem efeitos benéficos.

A televisão ajuda-o a educar os filhos, com-

plica-lhe a tarefa ou não tem qualquer influência?

- Ajuda-o a educar os filhos: 26%;
- Complica a tarefa: 10%;
- Não tem influência: 63%;
- Sem opinião: 19%.

Resumindo: a maior parte dos pais pensa que a TV não tem influência na educação dos filhos.

Os seus filhos ficam mais tempo em casa desde que há televisão?

- Fica mais tempo: 30%;
- Menos: 1%;
- Não se produziu qualquer diferença: 69%.

Note-se: as respostas afirmativas referem-se na sua maioria às famílias de operários.

Desde que comprou um televisor passa mais tempo em casa?

- Mais: 47%;
- Menos: 2%;
- A mesma coisa: 51%.

A importância deste inquérito não pode ser exagerada. Em primeiro lugar não deve esquecer-se que os pais consultados são todos proprietários de aparelhos de televisão. As respostas dos outros, os que não têm televisores em casa, seriam muito diferentes. Por exemplo: a resposta dos que já tiveram televisor e acabaram com ele...

Conta-se a história de que, certa noite, como o televisor se tivesse escangalhado, um ilustre chefe de família resolveu olhar para a mulher e os filhos. Há quantos anos não procedia assim? Há muitos... Surpreendido, verificou que os filhos haviam crescido e que já não tinham o aspecto com que os deixara, quando havia comprado o aparelho... Então, o dito papá teria atirado o televisor pela janela fora. A moralidade da história era esta: a TV acaba com a vida familiar.

Uma nota final: as respostas aqui publicadas exprimem a opinião dos pais, não a opinião dos especialistas de pedagogia. É evidente, portanto, que o valor deste inquérito é bastante restrito.

MAZO DE LA ROCHE

OS IRMÃOS WHITEOAK



ALMANAQUE

MANO DE LA ROCHE

OS IRMAOS WHITEOAK

ALMANAQUE

a conversar amigavelmente e não quis interromper aquela boa camaradagem.

Da cavalaria espalhava-se uma ténue claridade. Wright, o chefe dos moços da cavalaria, abriu-lhes a porta.

- Ouvi-o chegar, senhor. Que noite está a preparar-se!

- Está tudo bem, Wright?

- Esplêndido, senhor. Sempre comprou a poldra?

- Não, venderam-na ontem.

- Pouca sorte! Era um animal que prometia.

- Pois era.

Na cavalaria havia quinze cavalos - cavalos de concurso, *ponies* de pólo, criados e treinados ali, e cavalos de lavoura. Já estavam prontos para passar a noite - bem alimentados e com cama de palha fresca. Alguns já se tinham deitado, mas outros estavam de pé, a observar, com olhos brilhantes, a aproximação dos três homens. Renny passou pelas amplas manjedouras, falando a cada um e acariciando os predilectos. Ao ouvir a voz amada, a égua *Cora* - animal de sela preferido - levantou-se, com grande estrondo de cascos, e relinchou alegremente. Renny entrou na manjedoura e passou-lhe o braço pelo pescoço e ela moveu a cabeça bem modelada para lhe tocar com o focinho.

Eden, sentindo nas narinas o cheiro da palha fresca e dos animais bem tratados, observou o quadro formado pelo homem e pelo cavalo, achando entre ambos uma curiosa semelhança - as linhas da cabeça de um mesmo desenho arrojado e puro, a mesma expressão de prudência e de sensibilidade para com o mundo físico. Enquanto Renny falava com Wright, Eden viu como se consolavam um ao outro do seu desapontamento e, depois de desejar as boas-noites, Renny, já bem disposto, saiu com o irmão.

A atmosfera estava impregnada dos capitosos aromas da terra, a casa toda iluminada, parecia maior do que era na realidade. Ao passarem pelo pór-tico, as folhas encharcadas da trepadeira, sacudidas pelo vento, despejaram-lhes na cabeça um pequeno dilúvio.

- Olá, rapazes! Estou tão contente por terem chegado - exclamou a irmã ao vê-los aparecer à porta do salão - Que noite se está a preparar!

- E frio extraordinário para a época - acrescentou Ernest.

- Um verdadeiro alívio, depois do calor - apoiou Nicholas - Estava sentado ao piano e acabara de tocar uma *Canção sem Palavras* de Mendelssohn.

Finch, sentado junto da janela, escutava de cabeça inclinada. Piers aproximou-se de Renny:

- Compraste a poldra?

- Não, já a tinham vendido.

- Oh, diabo!

A avó olhou-o com severidade:

- Diabo? - repetiu como que a saborear a palavra. *Diabo?* Foi o que ouvi?

Piers resmungou, a concordar.

- Bom, não quero isso aqui. Não quero que usem em casa essa linguagem de pragas e blasfémias. É demais. Ainda não há cinco minutos ouvi alguém empregar essa fraca linguagem. Quem foi?

- Bonney - respondeu Piers, rindo com satisfação.

- Ele pragueja em hindustânico. É diferente.

Renny, inclinando-se, beijou-a.

- Passou bem o dia? - perguntou, pndo-se a brincar com as rendas da touca.

- Muito bem, obrigada. Mas estou com fome. Porque é que Wragge ainda não tocou o gongo?

- Porque ainda não são horas.

Ela estendeu a mão para Eden, que se sentou no banquinho, a seus pés. Ao acariciar-lhe o cabelo, sentiu-o húmido.

- Estive à chuva, avó.

- Quanto dariam muitas raparigas para terem um cabelo assim? Mesmo molhado, conserva a ondulação.

- Onde está Wakefield? - perguntou Renny.

Meg aproximou-se rapidamente e, pegando-lhe na manga do casaco, disse-lhe em voz baixa:

- Quero falar-te a respeito dele. Preveni-o de que o faria.

- Aquele velhaco ferrou-lhe - exclamou a avó, com subita energia. - Precisa de ser castigado.

Ernest observou que vícios daquela natureza deviam ser jugulados no começo e Nicholas, fosse à ideia da façanha, ou à perspectiva do castigo, soltou uma risada trocista e carregou no pedal.

Meg levou Renny para o vestíbulo, onde os cães, que tinham subido da cave, disputavam uns aos outros a atenção do dono, que lhes dava pequenas palmadas.

- Porque te ferrou ele? Onde foi?

Meg, indicando a porta fechada da biblioteca, murmurou:

- Fala baixo, ele está ali. Esteve insuportável todo o dia, mau e desobediente. Tentei pô-lo em qualquer parte - já não me lembro onde - e ele sempre a teimar: não quero, não quero e depois mordeu-me.

- Porque não o castigaste logo?

- Era muito grave. Disse-lhe que te ia fazer queixa - respondeu Meg, franzindo as sobrancelhas de indignação.

- Mostra-me onde te mordeu.

- Oh!... não pode ser - disse Renny a rir.

- Oh!... não pode ser.

- Deixa-te de tolices - disse Renny a rir.

Meg ergueu a saia, a combinação, as calças e pôs-se a examinar a coxa, branca e gorducha.

- Já desapareceu a marca. A princípio estava horrível.

Renny inclinou-se para as marcas, quase invisíveis.

- Fez sangue?

- Não, mas isso não tem importância. O que importa é ter-me *mordido*. E deixou cair a saia.

Renny abriu a porta da biblioteca. Na escuridão percebia-se apenas a restea de claridade sob a porta de comunicação com a sala de jantar, mas a luz do vestíbulo iluminou uma pequena figura, sentada numa cadeira de braços, ao lado do fogão de sala, limpo e varrido, onde Meg tinha colocado um grande feto, como fazia sempre no Verão.

- Wake, vem cá - ordenou Renny, com voz severa.

Wakefield levantou-se imediatamente e dirigiu-se para o vestíbulo. Os seus olhos castanhos, de compridos cílios, pestanejavam à luz.

- Soube que mordeste a tua irmã.

- Sim - respondeu Wakefield, baixando a cabeça.

- Muito bem. Vem comigo - Estendeu a mão, onde Wakefield pôs a sua, dócilmente.

Subiram a escada, enquanto Meg os olhava, já meio arrependida.

- Fizeste uma coisa muito feia - disse Renny, depois de ter fechado a porta do quarto, para os cães não entrarem.

- Sim.

- Sabes o que pensamos de um cavalo que morde !
- Sim.
- E dum cão?
- Sim.
- Sabes o que acontece a um cão que morde?
- Deixam-no morder duas vezes antes de o matarem. Eu só morde uma vez.
- Mas sabes que deves ser castigado?
- Sim - respondeu Wakefield, com os lábios trémulos e os olhos cheios de lágrimas.

Renny desapertou o casaco e tirou o cinto, perguntando alegremente:

- Nunca ouviste falar do rapaz do chicote que tomava o lugar do principe quando este merecia ser castigado?

- Não - respondeu o culpado, apreensivo com este novo método de castigar.

Renny chicoteou, com o cinto de couro, a coluna da cama.

- Pronto, cá está um. Isto é o teu rapaz do chicote.

- Não, Renny. Por favor!

- Sim. A coluna vai receber o castigo em teu lugar. Assim - e chicoteou com força a coluna da cama. - Ela é que vai apanhar pancada e tu gritas, em lugar dela. Compreendes? - E ria-se para o irmão.

- Queres dizer que *bates* na coluna e eu *grito* ?

- Exactamente.

- Muito alto ?

- Pois. De maneira que te oiçam lá em baixo.

- Que engraçado! Deixa-me respirar fundo.

- Seis chicotadas, seis gritos.

- Pronto! - E Wakefield pôs-se a pular de contentamento.

Por seis vezes Renny bateu na coluna e por seis vezes Wakefield atroou o ar com os seus gritos penetrantes. Ao sexto ouviram Meg correr pela escada acima. Os cães ladravam, desesperados, e Wakefield, em passos vacilantes e a choramingar, correu para a irmã, quando ela abriu a porta.

- Meggie!

Com um terrível olhar de censura para Renny, Meg ergueu o irmãozito nos braços, estreitou-o ao peito e levou-o, pelo corredor, até ao quarto dela, seguida pelos cães.

Meia hora mais tarde, com ar desconcertado, foi ter com Renny.

- Afinal, ele não tem marca nenhuma!

E Renny, com ar inocente:

- Desapareceram. Como as da tua perna...

A PROCURAÇÃO

Eden tinha a impressão de que decorria um tempo infinito antes de conseguir estar a sós com a avó para assinar a procuração. Tinha-a guardado no bolso, com a caneta de tinta permanente, mas logo que estavam juntos entrava alguém no quarto ou batia à porta. A própria Adeline parecia ter esquecido o negócio e Eden, por vezes chegava a pensar se não seria melhor esquecê-lo também. Imaginava até que Bonney, o papagaio o observava com ar trocista. Dependurado no poleiro, de cabeça para baixo, olhava para Eden como se, naquela posição, descobrisse melhor as suas maquinações.

A perturbação das suas ideias tornava-o impaciente. Um poema meio escrito jazia por acabar em cima da secretária. Em lugar de regozijar-se nos seus passeios solitários, durante o dia, ou na quietude do seu quarto, à noite, por não ser obrigado a estudar, meditava sombriamente no negócio do lago Índigo, mergulhado na leitura do último relatório de Kronk. "Estou a tornar-me um vil financeiro", dizia a si próprio - "E preciso acabar com isto". Tirou a procuração do bolso e rasgá-la-ia imediatamente se a irmã de chapéu na cabeça e uma cestinha no braço, não tivesse aparecido. Voltou a guardar a procuração no bolso.

- Eden, queres ficar com a avó, como um bom rapazinho, enquanto levo estas framboesas a Miss Pink? Tem tido tantos aborrecimentos com os carpinteiros que trabalham lá em casa que suponho que gostaria de algumas framboesas maduras.

- Onde estão os tios? - perguntou Eden, como de má vontade.

- O tio Nicholas foi tirar um dente e o tio Ernest acompanhou-o. Claro que ele disse que não precisava de ninguém, mas bem sabes o que é isto de dentes.

- Onde está Finch? Não podia ficar com ela?

- Estás a tornar-te egoísta - censurou Meg. - Eras tão amigo da avó!

- E ainda sou. Era só para saber. Onde está ela?

- Onde costuma estar sempre de manhã - no quarto.

- Está bem, vou já ter com ela. Onde disseste que estavam Renny e Finch?

- Onde costumam; não em casa. Não dês nada de comer à avó. Já almoçou bem.

Eden foi encontrar a avó a tentar arrumar uma gaveta. Sentada diante do toucador de tampo de mármore, com os seus paninhos de *crochet* remexia a miscelânea de fitas, rendas amareladas, luvas, leques, frascos de sais e mais trapalhadas que enchiam a gaveta. Bonney empoleirado no seu ombro, remirava-se ao espelho, voltando-se de vez em quando, para bicar as rendas de Adeline, ou esfregar o bico pela curva delicada do seu nariz.

- Bons-dias, meu neto - saudou ela, com voz forte e alegre, que reflectia a sua boa disposição. - Vem dar-me um beijo.

Acautelando-se prudentemente do papagaio, Eden pousou os lábios macios

no velho rosto.

- Bons-dias, vovó.

- Senta-te aqui. Estou ocupada, como vês, mas podes falar. Diz-me alguns dos teus versos. Gosto de poesia. Costumava recitar poesias de Tom Moore. Mas já esqueci tudo.

- Lembro-me eu, vovó.

- Então diz algumas.

Quando a manhã brilhava, eu vi, da praia,
Uma barca vogar, majestosamente, sobre as ondas;
Voltei quando o sol sobre a praia já declinava,
A barca ainda lá estava, mas as águas tinham fugido.

Com os olhos marejados de lágrimas, Adeline exclamou:

- Bom rapaz! Como gostava de poder recitar ainda. Mas a memória está a fugir-me. Vou fazer noventa e oito anos. Achas que chegarei aos cem?

- Tenho a certeza.

Com súbita piedade, Eden acariciou-lhe a mão. Como se sentiria quando fosse velho e o que faria durante os longos anos que se estendiam à sua frente? Para dissipar a tristeza que se apossara de ambos, pôs-se a falar:

- Ainda sei outro poema.

- Qual? - perguntou a avó com vivacidade.

Balançando docemente a mão que segurava entre as suas, Eden cantou:

Tenho uma pequena corça da terra de Aden,
Criada com rebentos e bagas tenras;
E poderás dar-lhe de comer à mão,
Ainda que a princípio, ela tenha medo.
Levar-te-ei aonde ela está,
Abrigada do calor do meio-dia;
E tocarás os seus olhos adormecidos
E os seus pequenos pés prateados.

- Lembra-se deste, vovó?

- Sim, sim. Aprendeste-o comigo, não foi?

- Foi. Tenho boa memória.

- É uma coisa esplêndida.

- Lembra-se do que falámos no outro dia? Acerca de um investimento?

- Não.

- Claro que lembra. A mina de ouro, sabe? Lucros enormes. A mina do lago Indigo. Um magnífico filão de ouro. Disse que gostava de fazer um investimento.

A palavra *ouro*, Bonney sacudiu-se tanto que as penas vibraram. Pôs-se a gritar:

"Ouro! Ouro! Peças de oito!"

A voz do papagaio fez recordar a Adeline a conversa, o que as palavras de Eden não tinham conseguido e, de olhos brilhantes, batendo as palmas, exclamou:

- Já me lembro! Vou comprar ouro. É isso. Ouro!

O papagaio soltou-se do ombro e gritou:

"Ouro! Ouro brilhante! *Shaitan! Shaitan ka batka! Iah Kutr!*"

Eden tirou a procuração do bolso.

- Não pode vender os seus títulos de Estado, sem assinar isto. A não ser que chame o seu procurador.

- Não, não mo consentiria. É um bota-de-elástico. Nunca arrisca coisa alguma. A mulher nunca se arriscou a ter um filho. Minha mãe teve onze.

Com as mãos um pouco trémulas, Eden estendeu-lhe o papel.

- É isto que tem de assinar. . . se quiser comprar as acções da mina de ouro. "Ouro! Ouro!", gritou Bonney. "Ouro brilhante!"

Adeline pôs-se a examinar o papel. Parecendo não gostar do seu aspecto, recuou.

- A nada renunciarei se assinar isto?

- Não, não. Apenas me autoriza a vender os seus títulos do Estado.

- De nada quero desfazer-me. Quero conservar o pouco que tenho.

Eden dobrou o papel.

- Está bem, vovó. Deixarei que outra pessoa compre as acções.

- "Ouro!", gritou Bonney, arrancando uma pena que caiu no regaço de Adeline. "Ouro. . . seu diabo velho!"

Adeline pegou na pena, que era de um amarelo brilhante, e sacudiu-a.

- É um sinal. Um bom presságio. Dá-me a minha pena. Vou assinar.

Febrilmente, Eden procurou a pena e acabou por encontrá-la atrás do comedouro de Bonney. Estendeu a procuração sobre a pasta de couro, já muito coçada, e viu que não havia tinta

- Quer escrever com a minha caneta, vovó?

- Não. Não gosto dessas invenções modernas. Meu pai usou sempre uma pena de pato. E quando ele as aguçava. . .

- Vovó - interrompeu Eden. - Vou procurar a tinta. É um instantinho, volto já. - E saiu do quarto, como uma flecha.

Quando voltou, dois minutos mais tarde, com o frasco de tinta na mão, encontrou Wakefield junto da avó, a mostrar-lhe o joelho amorenado.

- Esmurrou o joelho e veio ter comigo para o consolar. Abençoado seja!

Eden, ansioso por agarrar o pequeno pelo pescoço e pô-lo fora do quarto, inclinou-se para ver. Dando-lhe uma palmada nas costas, comentou:

- É uma pequena esmurradela. És capaz de andar até à loja da senhora Brawn, para comprar chocolates? - Deu-lhe o dinheiro necessário, que tirou do bolso

- É melhor ires a correr, senão chegas tarde para o almoço.

- Obrigado - murmurou Wakefield. - Mas parece-me que vou logo à tarde. Agora quero ficar com a avó.

- E a menina dos meus olhos - gritou Adeline.

A procuração caiu ao chão. O rapazito pegou-lhe e começou a ler: "Saibam quantos, pela presente. . ." mas Eden arrancou-lha da mão.

- Que é este papel, avó?

- Não presta. Deita-o no cesto dos papéis.

Bonney, a sacudir as asas, gritou: "Iflatoon! Haranzada!"

- Agora ouve - disse Eden, com severidade, levando o irmão até à porta. - Vais lá para fora e ficas lá. Ouviste? Estou a ler para a avó.

- Mas. . .

- Mais uma palavra e tiro-te o dinheiro. - E levou-o até ao vestibulo, fechando depois a porta do quarto. Voltou-se, então, para a avó, com ar alegre, mas autoritário.

- Agora, vovó, vamos acabar a nossa tarefa.

- Que tarefa? Estava a arrumar a minha gaveta.

Eden pôs-lhe o papel à frente e a pena na mão.

- Agora assine aqui. . . para ser bonita.

- Onde? Nada quero assinar que me prive do meu dinheiro.

Desesperado, Eden gritou:

- Meu Deus! Ninguém vai tirar-lhe nada. É só para...

- Não me fales assim, rapazote. Não to consinto.

- Desculpe, vovó. Mas lembra-se - não lembra? - das acções que quer comprar? As acções da mina de ouro?

"Ouro! Ouro!", gritou Bonney. "Peças de oito!"

- Claro que lembro - respondeu Adeline, bruscamente e com firmeza - Dá-me a pena.

Eden molhou a pena na tinta, indicando-lhe o lugar onde devia assinar. Ela pegou na pena, fez um traço em falso e depois assinou o nome - Adeline Whiteoak - com toda a clareza.

Finalmente, estava tudo pronto!

- Não diga nada a ninguém - recomendou Eden - A família ficaria toda em sobressalto, se o soubesse. Não se esqueça. E o *nosso* segredo, não é?

- E eu ganharei uma gamelada de dinheiro, não é?

- Vai dobrar o seu capital.

- Está bem. É o que gosto de ouvir.

Meg encontrou-os a arrumar a gaveta, a mais bela touca de Adeline na loura cabeça de Eden e Bonney muito ocupado a dar bicadas numa torrada.

- Então, como se entenderam? Parecem contentes.

Bonney levantou o bico da sua torrada.

"Peças de oito! Ouro! Ouro brilhante! Seu diabo velho!"

VI

CAMPO LIVRE

Ah! Respirar livremente... Longe daquele quarto... longe de todos! Eden arremessou-se pelo caminho sinuoso que atravessava para o campo e cuja terra arenosa sentia sob os seus pés, dura, seca e ardente. Entre as luzidas hastes do restolho saltavam grilos negros. Uma tipula, sem uma das patas, caminhava aos zigue-zagues. O vento, fresco à sombra e quente ao sol, soprava contra o corpo de Eden e provocava-lhe no espírito uma agitação semelhante.

Mas, mesmo sentindo a ansia dessa liberdade, Eden pensava: "Todas estas experiências por que estou a passar fazem de mim o ser em que me tornarei mais tarde. São-me necessárias". Remotas imagens da sua infância surgiam no seu espírito - o pai a atirá-lo ao ar e a apanhá-lo de novo nas mãos; levado aos ombros por Renny, a cuja cabeleira ruiva se agarrava com força; e, de súbito, a imagem daquela mulher que o cativara, quatro anos antes, não porque a amasse, mas por ser amado por ela. Riu-se ao pensar naquela aventura que lhe parecia agora tão longínqua como a sua infância. O esplendor do sol, a extensão resplandecente dos campos entusiasmavam-no como um poema e desejou escrever qualquer coisa de melhor, de muito melhor do que tinha feito até então. Pela centésima vez pensou nos versos que mandara para uma

revista americana, há mais de um mês, e de que ainda não recebera qualquer resposta. O tempo não tinha valor para esses editores, mas a sua impaciência tornava-se insuportável, pois estava convencido de que nunca escrevera nada melhor do que esses versos. E os que ia escrever nessa noite já excitavam a sua imaginação.

O caminho levou-o até ao pinheiral, onde se erguiam as velhas árvores da floresta primitiva, com os seus troncos maciços e ramos pesados carregados de agulhas ponteadas. Aqui e ali via-se um ramo caído e, num recanto, uma árvore inteira, não derrubada pela ventania, mas pelo apodrecimento interior, como se tivesse deslizado docemente para juntar-se à terra. A sua volta cresciam cogumelos de um vermelho vivo e alguns caniços esverdeados.

Eden sentou-se no tronco caído e, acendendo um cigarro, pôs-se a debruar. Esqueceu por completo a mina do Lago Indigo ao surgirem-lhe no espírito os primeiros versos de um poema. As aves não gostavam daquele lugar sombrio, mas nesse momento um pequeno pássaro invisível, que lá se perdera, entoou uma melodia tristonha de que repetia incessantemente os primeiros acordes enquanto Eden continuava a compor o seu poema.

Ao ouvir passos que se aproximavam, voltou-se com expressão hostil e viu Finch avançando vagarosamente pelo tapete de agulhas de pinheiro. A vista do rosto do irmão, a expressão defensiva da sua cara transformou-se em interesse. Como parecia velho o seu irmão mais novo! Tinha um rosto comprido e melancólico, mas belos olhos e nariz bem modelado. Sentiu-se apiedado dele ao lembrar-se que era obrigado a partilhar o quarto com Piers, que muitas vezes o tratava com rudeza.

Finch, erguendo os olhos, viu Eden e apressou o passo o mais rápido possível.

- Olá! - gritou Eden, sentindo-se hospitaleiro, como se o pinhal fosse o seu domínio particular e o tronco, a sua poltrona. - Senta-te.

Finch deixou-se cair no tronco, ao lado do irmão, mas, calculando mal a largura, quase ia caindo para trás.

- Então - observou Eden, atávelmente - as férias estão quase passadas. Parece-me que faltam os dias que faltam para a abertura das aulas. Agradável ideia, não é?

- Hum... resmungou Finch - E acrescentou, como um velho: - Como o tempo passa!

- Que queres ser, Finch?

- Não sei. Nunca pensei nisso.

- Criador de cavalos, como Kenny?

- Meu Deus, não!

- Agricultor, como Piers?

- Meu Deus, não!

- Advogado, como eu?

- Meu Deus, não!

- Olha lá, irmão Finch, não es capaz de dizer outra coisa, senão - Meu Deus?

- Meu Deus... quero dizer... não sei o que quero ser. Quero dizer, não faço a mais pequena ideia.

- Mas sabes o que não queres ser.

- E é quase tudo o que sei. Parece-me que não tenho inclinação para coisa alguma.

- Lembro-me de que querias ser engenheiro dos Caminhos de Ferro.

- Meu Deus, agora detesto isso... Eden, gostas de ser advogado?

- De maneira nenhuma!

- Então, porque...
- Sabes... parece que é uma vida fácil. Além disso, como possivelmente não terei muitos clientes, o tempo sobra-me para outras coisas.
- Fazer versos?
- Sem dúvida.
- Aposto que hás-de vir a ser um poeta famoso.
- Eu! Nunca. Mas gosto de te ouvir dizer isso.

Depois de uma pausa um pouco embaraçosa, Finch continuou:

- Há qualquer coisa de misterioso nas palavras.
- Sim? - E Eden, divertido, fitou-o com atenção.
- Transformam as coisas que conhecemos em algo diferente. Quero dizer, tornam-nas mais belas e melhores.
- Sentes, dentro de ti, uma força a palpitar, não é, Finch?

Embaraçado, Finch corou e atalhou imediatamente:

- Não sou como tu. Não tenho talento. Nunca serei alguém. - E levantou-se.
- Tenho de me ir embora. Vou a um recado da Meg.
- Quem os não tem? Nunca vi pessoa que ocupasse tanta gente. Que recado é?
- Vou dizer a Noah Binns que Meg precisa dele. Está a cortar umas árvores de Mr. Warden.
- Quais?
- Aquelas bétulas prateadas.

Eden levantou-se de um salto.

- Não! Não pode fazer isso. Porque quer ele cortá-las?
- Não sei.
- Vou contigo.

Os dois irmãos, tão activos agora como indolentes há pouco, meteram-se a lóngas passadas pelo caminho reservado aos cavalos. Deixaram o bosque, atravessaram o campo e, depois de transporem uma barreira, passaram para a estrada. De um lado e de outro espalhavam-se casas de jardins bem tratados que pertenciam a antigos agricultores ou a homens de negócios retirados da vida citadina. Defronte da mais pretensiosa de todas havia duas bétulas, ainda não completamente desenvolvidas, e cujos belos troncos claros, reduzidos agora a duas ridículas estacas, se erguiam diante deles. Apoiado no seu machado, Noah Binns, um trabalhador de meia idade, deixando ver os dentes brancos pelos lábios entreabertos, sorria com ar de triunfo, mas um pouco ofegante.

Eden, saltando por cima da cancela, na cerca de estacas brancas, perguntou imediatamente:

- Por que diabo fez isso?
- Pagaram-me. Foi por isso - E Noah ria-se - Pagou-me o próprio dono.
- Deve estar doido. Não havia bétulas mais belas em toda a região.
- Agora vão servir para lenha e é muito bem feito. Chupavam tudo o que a terra tinha de bom.
- É um crime - verberou Eden, fitando os dois belos troncos, com a sua folhagem estival.

Finch aproximou-se.

- Ainda não sabem o que lhes aconteceu.

Noah deu uma gargalhada trocista.

- Mas vão saber, quando o sol ardente as queimar. Que as leve o diabo.

A porta da casa abriu-se e Warden, o proprietário, saiu. Era um homem corpulento, de ar benévolo, com um tom de pele acinzentado, quase doentio. Era viúvo. Conhecia os dois irmãos e cumprimentou-os com amabilidade.

- Parece que não gostaram do que Noah fez, mas estas árvores tinham um inconveniente: não deixavam crescer a relva. Semeei-a uma porção de vezes, mas, mal despontava, morria logo. E se há alguma coisa que eu aprecie é um belo relvado verdejante.

- Mas qualquer pessoa pode ter um relvado - gritou Eden - ao passo que estas bétulas... Olhe-as, Mr. Warden... daria um ano de vida, para vê-las de pé novamente!

- Oh! Não! Não faria isso. Isso são apenas palavras meu rapaz. Quanto à vida, fiz um novo contrato com ela ao vê-las abater.

Ergueu a cabeça, como se respirasse mais livremente e, endireitando os óculos, dirigiu-se para casa com toda a dignidade.

Noah Binns comentou:

- O que ele precisa é de campo livre.

Finch riu com desdém, o que levou Noah a repetir com mais firmeza:

- Campo livre, é do que ele precisa - E começou a desbastar, com fúria, os delicados ramos da árvore mais próxima.

Os dois irmãos afastaram-se. De repente Eden começou a rir.

- Julgo que é o que todos desejamos: campo livre.

Durante alguns momentos, caminharam em silêncio, gozando o livre movimento das suas longas pernas que pisavam, com passo igual, a estrada.

Finch, profundamente satisfeito por Eden se sentir bem na sua companhia, aproximou-se dele, como se quisesse tocá-lo. Por fim Edem falou:

- Já sabes que a tia Augusta vem para cá e traz uma prima em quadragésimo - segundo grau - Dilly Warkworth?

- Sei, sim - resmungou Finch - Preferia que ela não viesse.

- Meu Deus, eu também! Não a tia... mas essa horrível rapariga. Teve um desgosto de amor, ou qualquer coisa assim.

Finch riu com gosto.

- Uma menina doente de amor, em casa, não? Diabo, que perspectiva! - E subitamente grave - Já viste alguma?

- Não me lembro. Fugi ao perceber que a doença se desenvolvia. - E Eden falava num tom pomposo e afectado.

- O amor é sempre uma maçada, não é?

Logo Eden, como amoroso experimentado, com dúzias de aventuras;

- Só te aconselho que o cortes.

- Nunca amarei.

- Meu pobre Finch - atalhou Eden, com um sorriso de piedade. - Para que estou eu a desperdiçar conselhos contigo? Não terás qualquer defesa, vítima da primeira fêmea que te ataque com unhas e dentes. Quanto a essa Dillg, esquecerá o rapaz que a abandonou logo que ponha os olhos no nosso irmão Ruço. Fixa bem as minhas palavras.

O SEGREDO

Assinada a procuração, tudo decorreu facilmente para Eden, com a competente ajuda de Kronk. Depois de vendidos os Títulos do Estado de Adeline, no total de cinco mil dólares, investiram o produto na mina do lago Índigo. Eden tencionava depositar todas as suas comissões numa conta corrente e vê-la aumentar, pouco a pouco, até atingir o suficiente para a sua viagem ao estrangeiro. Uma vez longe quem sabia o que podia acontecer? Mas com o investimento da avó a sua conta atingiu tais proporções que, ingénua-mente se vangloriou a Kronk, que lhe deu a entender, mais pela maneira como falava do que pelo que dizia, como o considerava imprevidente. Procedia como os camponeses que guardam o seu ouro numa peúga. Eden, que gozava um sereno prazer ao observar o aumento do seu pequeno monte e olhava para a caderneta pelo menos cinco vezes por dia, retirou tudo do banco e entregou-o a Kronk, para investir no lago Índigo. Kronk não pôde resistir a fazer-lhe notar quanto tinha perdido por não tê-lo feito mais cedo. Quando as primeiras folhas começaram a cair as acções do lago Índigo tiveram uma alta ainda mais espectacular. Com intervalos regulares, chegavam relatórios dactilografados dando essa entusiástica "informação financeira". Eden, Piers, os tios e a avó andavam nas nuvens - se tal pode dizer-se de uma mulher quase centenária. Piers, ansioso por ganhar dinheiro para investir, estava pronto a trabalhar por dois na quinta. Renny, inquieto com tal paixão pelo trabalho, aliada a igual parcimónia, um dia perguntou-lhe abruptamente:

- Que fazes de todo esse dinheiro?

Piers, que nunca fora comunicativo, recuou, com expressão desconfiada nos olhos azuis e salientes.

- Que faço? Guardo-o, claro.

- Quanto economizaste já?

A expressão desconfiada de Renny tornou-se ameaçadora e ele resmungou:

- Quase tudo.

- Para que estás tu a juntar? Tens algum fim especial?

- Não, apenas para juntar.

- As aulas abrem na próxima semana. Passas a trabalhar com o cérebro, para variar.

- Arranjarei tempo para trabalhar também na quinta. Tencionava falar-te nisso. Posso trabalhar uma hora antes de sair, de manhã, e outra, à tarde. E grande parte do sábado. Está bem?

Renny concordou, embora o comportamento de Piers lhe parecesse ainda menos natural.

Quanto a Eden, desejava muitas vezes não ter falado à avó naquela especulação secreta. Longe de esquecer o investimento dos seus cinco mil dólares, como ele esperava, parecia estar constantemente a recordá-lo. Nas ocasiões mais inoportunas, fitava-o com o seu olhar, ainda autoritário, e sorria-lhe

de uma maneira tão comprometedora que ele sentia-se invadir por uma forte onda de calor. Chegava mesmo a interpelá-lo: "Sabemos umas certas coisas, não sabemos, minha beleza?" ou, "Não nascemos ontem, pois não, meu maroto?"

Os dois filhos andavam sériamente preocupados com esses sinais de um laço secreto entre ela e Eden, não desejavam que ninguém se intrometesse entre eles e a fortuna da mãe. Ninguém podia negar que fossem filhos devotados, mas, com o seu fim tão próximo, era natural que a protegessem das maquinações dos membros mais novos da família. Ninguém a não ser Patton, o procurador, conhecia o teor do seu testamento, embora ela tivesse dado a entender que deixaria a fortuna a um único herdeiro. "Não quero que o pouco que deixo seja partido aos bocados como um bolo".

Depois de uma das suas imprudências, Eden aproveitou a primeira oportunidade de falar-lhe a sós. Inclinando-se sobre a cadeira, murmurou com ar violento:

- Ouça, vovó, não deve falar do nosso segredo diante dos outros. E gato escondido com o rabo de fora... e depois, que fazíamos?

Respirando com dificuldade, a avó olhou-o a direito.

- És como a tua pobre mãe, sempre com medo das pessoas. Eu não tenho medo.

- Não é uma questão de coragem. Trata-se de querer ou não que os tios tenham conhecimento do seu investimento no Lago Índigo.

- Nada têm com isso

- Eles não pensarão assim.

- Está bem, devemos guardar segredo. Ah! Como gosto de enganá-los. Quanto valho agora?

- Quanto vale? Quer dizer, quanto subiram as acções?

- Sim, sim. Quanto valho?

- O preço das acções duplicou.

- Então dupliquei o meu dinheiro. - Deu uma gargalhada de satisfação. - Investi dez mil dólares; não foi? Agora, tenho o dobro. São vinte mil.

- Meu Deus! Não fale tão alto, vovó!

Ela fitou-o com um olhar súbitamente penetrante.

- Tens a certeza de que tudo isso é sério e seguro?

- Nunca tive tanto a certeza de qualquer coisa.

- Também ganhas alguma coisa?

- Um pouco.

- Que vais fazer com esse dinheiro?

- Vou ao estrangeiro. França, Itália, Grécia...

- À Irlanda, também. Não esqueças a Irlanda.

- Sim. Irei também à Irlanda.

Ela estendeu os seus longos braços e estreitou-o contra si.

- Ah! Como tudo isto é engraçado. Sinto-me dez anos mais nova. Com quantos anos ficaria?

Eden, apiedado, hesitou:

- Com pouco mais de oitenta.

- Ainda não é bastante. Sinto-me mais nova vinte anos.

- Promete não ser indiscreta?

- Prometo.

Mas não podia manter a sua promessa. Era de mais para ela. A tomar o chá, a jogar o gamão, aquela sensação de bem-estar, de aventura era mais forte e então proferia observações tão misteriosas, fazia tão estranhas pro-

fecias que os filhos se assustavam. E ainda ficariam mais ansiosos se o seu estado de saúde não fosse tão bom. Andava menos curvada e o seu apetite, sempre bom, tornou-se de tal maneira exigente que, por vezes, Ernest chegava a recear, e quando a mãe pedia mais molho nas batatas assadas observava:

- Mamã, acha que isso é prudente ?

- Se , com a minha idade, ainda não tivesse aprendido a ser prudente nunca o seria. Mais molho, Renny. - E procurava os olhos de Eden que, com os seus lhe recomendava cautela. - Nós sabemos manter a boca fechada quando queremos, não é? E abri-la também quando queremos.

E de facto abriu a sua e encheu-a com uma garfada de batatas, o que a fez calar, por alguns instantes, que Eden aproveitou imediatamente para mudar de assunto. Foi uma das ocasiões em que conseguiu escapar por pouco. Contudo a tentação de deixar Adeline aumentar o seu investimento no lago Indigo tornava-se mais irresistível à medida que as cotações subiam. Que vantagem para ela e para o seu herdeiro (fosse quem fosse) depois da sua morte! E que vantagem para ele próprio imediatamente! De facto a febre da especulação ardia dentro dele, como em Nicholas, Ernest e Adeline. Os dois tios já tinham aplicado a sua primeira compra. Ernest, que nascera especulador, não descansava, enquanto Eden não lhe arranjasse um encontro com Kronk. Mas Eden não se apressava a fazê-lo, pois preferia continuar a servir de intermediário e duvidava do sucesso de tal entrevista. Afinal era desnecessário preocupar-se. A Sr. ^a Kronk, que também assistiu, usou de maneiras absolutamente dignas e adequadas à situação e Kronk mostrou-se ainda mais sociável e confiante do que habitualmente. Ernest, que se considerava um bom psicólogo, confessou depois a Eden como a sua impressão de segurança tinha aumentado com aquele encontro. E vendo os três juntos, em grave e sincera conversa, Eden sentiu também acentuar-se a sua confiança no negócio do lago Indigo. Embolsou a sua comissão e foi convencer a avó a passar-lhe nova procuração, para outra venda de títulos do Estado.

A enredada trama das suas maquinações complicava-lhe de tal maneira a vida que encarava quase com alívio o regresso às aulas de Direito, no Outono. Para ele a família dividia-se agora em duas partes: os que eram accionistas do lago Indigo e os que não eram. De um lado, ele próprio, Meg, Piers, os tios e a avó; do outro, Renny e os dois rapazes mais novos. Sabendo que Renny andava quase sempre sem dinheiro, desejava ingenuamente atraí-lo para aquela rede dourada, mas qualquer referência a especulações, a não ser sobre cavalos, apenas provocava no irmão mais velho um recuo nervoso, como se receasse que lhe esvaziassem as algibeiras.

Eden tinha conferências continuas, como lhes chamava Kronk, com os seus co-accionistas, à porta fechada com os mais velhos, ao ar livre com Piers. Quanto a este, tratava-se sobretudo de deslumbrá-lo. Seguiam ao longo do caminho que atravessava o bosque, parando aqui e ali para comer amoras silvestres, ou fumar um cigarro, sempre fornecido por Eden, que era tão mãos largas, quanto Piers era agarrado. Eden gabava-se do dinheiro ganho de comissões, tendo o cuidado de não se referir aos outros membros da família, mas a "nebulosos clientes" que literalmente se atropelavam uns aos outros na sua pressa de fazer investimentos no lago Indigo. Falava da França e da Itália, e da Grécia, sabendo, quase com a aproximação de uma semana, a data da sua partida e qual o barco que escolheria. Mas não tencionava passar o resto da sua vida na Europa; sempre desejaria visitar Jalna.

Levado, em parte pela insistência da avó e, em parte, pelo desejo de aumentar as comissões, Eden acabou por consentir-lhe que investisse mais dois

mil dólares. Depois desta transacção, resolveu moderar o seu ardor especulativo, não se referindo à subida das cotações, mas o único efeito que obteve foi levá-la a perguntar, em todas as oportunidades:

- Subiram ou desceram?

Havia ocasiões em que Eden chegava a desejar não lhe ter falado na mina do lago Índigo. Por duas vezes, respondera-lhe: "Estão estacionárias", mas isso apenas excitou ainda mais o seu interesse. Então, num momento de irritação disse-lhe: - Baixaram um pouco - Ao ouvi-lo, ela bateu com o punho fechado na outra mão e exclamou: - Vou vender! Vou vender imediatamente.

Eden pensou que mais valia vender, dado o lucro que já fizera, e acabar com a tensão nervosa de manter segredo. Foi ter com Kronk, para o encarregar da venda e aquele, imediatamente lhe afirmou que tinha clientes prontos a comprar quaisquer acções que aparecessem no mercado. Contudo, nesse mesmo dia, tinha havido uma forte subida de cotação e previa outra, verdadeiramente espectacular, num futuro próximo.

- Diga à senhora sua avó - aconselhou ele, sorrindo - que conserve as acções um pouco mais. Que compre mais algumas, se o desejar. Ganharia bastante em pouco tempo.

Era irresistível. Com o experimentado auxílio de Kronk, Adeline, Nicholas, Ernest investiram ainda mais capital na mina de ouro e Edena maior parte das comissões que recebeu dessa transacção. Piers quase chorava, ao pensar que não tinha mais para investir. Kronk era de opinião que tinham sido todos muito previdentes, pois os americanos estavam a arrebanhar todas as acções do mercado. Mostrou a Edena cartas de clientes dos Estados Unidos cujos investimentos faziam parecer insignificantes os dos Whiteoaks.

Eden fez então sérias recomendações a Adeline:

- Olhe, vovó. Deve acabar com essas misteriosas alusões aos nossos negócios. Hoje, ao jantar, disse que Índigo era a sua cor predilecta e depois olhou para mim, a perguntar-me qual era a minha. Por favor, *por favor* não descubra a nossa história.

- E eu vou ganhar uma porção de dinheiro, não vou?

- Claro que vai.

Bonney empertigou-se, fechou um olho e murmurou, em voz rouca: "Peças de oito, montes de dinheiro, seu diabo velho!"

- Prometa, vovó. - Edena apertou-lhe as mãos nas dele - Prometa.

- Prometo.

E durante alguns dias cumpriu a sua palavra. Mas o esforço de dominar-se era demasiadamente duro para ela e Adeline tornou-se impertinente e caprichosa, o que não preocupava Edena, logo que o segredo se mantivesse. Vivia como num sonho em que cálculos materialistas de lucro se transformavam em românticas visões do futuro. No combóio que o levava e a Piers e Finch para as respectivas escolas imaginava-se transportado, através dos campos da França Meridional, à Itália. O seu espírito não estava na sala de aula, mas vagueava pelo teatro grego de Taormina. Na sua imaginação, os ricos campos de trigo de Jalna transformavam-se nas encostas escarpadas da Sicília e as ceifeiras derreadas em alegres raparigas de olhos negros carregando feixes à cabeça. Como Midas, Kronk embelezava, apenas com um toque, o seu mundo. E, para cúmulo de felicidade, recebeu uma carta dos editores na qual comunicavam aceitar o seu último poema.

Alvorçado de alegria e orgulho, não podia ficar deitado. Pôs-se a passear pelo quarto, à luz do luar, ouvindo o último canto das cigarras que o frio bem depressa faria calar. Escreveu um novo poema, maior e mais ambicioso

do que os já compostos e, no dia seguinte, estava com uma forte constipação.

VII

A LIÇÃO DE EQUITAÇÃO

Durante o Verão, Piers estivera sempre tão ocupado - fisicamente, com o trabalho da quinta; mentalmente, com o excitante desenrolar do negócio do lago Índigo - que nem tivera tempo para dedicar a Pheasant Vaughan.

Mas não esquecera o encontro com ela junto do ribeiro e de vez em quando descia a ravina e deixava-se ficar na ponte rústica, olhando, com saudade quase envergonhada, o lugar onde ajoelhara a seu lado. Era apenas uma rapariguita e Piers não queria confessar, nem a si próprio, que ia ali procurá-la. Não podia adivinhar que ela vagueava pela margem do pequeno ribeiro na esperança de vê-lo novamente, e por diversas vezes se contentava em espreitá-lo através das moitas, o coração a bater loucamente, quase receando respirar, com medo de ser descoberta. Contudo, durante todo aquele tempo, Pheasant não pensava senão no dia em que tornariam a encontrar-se. Deitada de costas na sua cama, olhando as estrelas pela janela aberta, imaginava esse encontro e o beijo que então trocariam, despertado, da parte dela, pelo seu desejo e pela sua solidão e, da parte dele, pela sua grande ternura. Pressentia que esse beijo teria qualquer coisa de vivo - qualquer coisa que ela não compreendia, nem tentava compreender, embora para ela fosse tão real como o brilho das estrelas e a sua atracção tão intensa que lhe provocava um frémito nervoso, obrigando-a a voltar-se na cama para esconder o rosto na travesseira. Num alvoroço delicioso, murmurava muito baixo: "Piers... Piers..."

Nunca tinha lido qualquer revista feminina; nada sabia da experiência das raparigas modernas - era tão tímida, tão graciosa, tão inocente, tão impetuosa como um potro. A vida que levava na casa silenciosa, entre o pai e a velha governanta, a Sr.^a Clinch, era a única que conhecia. Tinha dado lições com Miss Pink, a organista da igreja da aldeia - leitura, escrita, aritmética, geografia e história. Aprendera de cor *Deserted Village*, de Goldsmith e *Iarrow Revisited* de Wordsworth, e outros poemas que não lhe interessavam grandemente e que achava difíceis. Na realidade tinha achado complicados todos aqueles assuntos, talvez porque Miss Pink fosse má professora, ou ela própria uma aluna estúpida. Inclina-se mais para a última hipótese, pois nem o pai, nem a Sr.^a Clinch nunca tinham demonstrado ter boa opinião da sua inteligência. Passava grande parte da sua vida a vaguear pela casa ou pelos campos e bosques. O seu único companheiro de brincadeira era o velho *poney* que o pai montara quando rapaz. Cavalgava pelas estradas da aldeia, muitas vezes até ao lago, onde ele inclinava a cabeça hirsuta para beber. Trotava depois alegremente, pelos caminhos que lhe agradavam, levando-a até qualquer vala, onde vira maçãs caídas que ficava a mordiscar, com o suco a escorrer-lhe pelos beiços. Pheasant nunca supusera possível que ele morresse e a deixasse sózinha, mas afinal foi isso precisamente o que sucedeu. Uma manhã morreu súbitamente. Tinha trinta anos, mas apesar do focinho já gri-

salho, era ainda bastante activo. Já passara um ano, mas Pheasant ainda não podia pensar nele sem que o coração se contraísse a ponto de provocar-lhe vertigens, e fora apenas depois do encontro com Piers que o seu desgosto a-brandara um pouco.

A família de Jalna sempre a fascinara - tantos e tão diferentes! A Sr^a. Clinch não tinha em grande conceito a conduta de todos eles e apoiava a sua opinião com os ditos da vizinhança. Na cozinha, aquecida pelo grande fogão, as histórias a respeito dos Whiteoaks tinham ajudado a passar muitas tardes de Inverno tempestuoso. A governanta nunca dissera coisa alguma em desabono de Piers e Pheasant esperava que nunca o fizesse, pois sabia que saltaria logo em sua defesa, o que as levaria a questionar. Mas agora era Verão e Pheasant passava pouco tempo em casa. Quem sabia o que podia acontecer antes de o Inverno chegar novamente?

De todos os Whiteoaks, quem ela conhecia melhor era Renny que vinha muitas vezes até Vaughanlands para conversar com Maurice, quase sempre a respeito de cavalos. Algumas vezes ficava para jantar e, então, que atmosfera diferente criava a sua presença! Maurice animava-se, tornava-se mais espirituoso, havia risos e animação. Se Renny ficava a passar o serão, Maurice abria uma garrafa de Scotch e, na manhã seguinte, ao lavar os copos, a Sr^a. Clinch arvorava o seu ar carrancudo e resmungava: - "Pobre rapaz". - com os mesmos modos que tinha sempre que pensava na tentação a que cederia Maurice e no mal que daí resultara. Esta exclamação acabrunhava Pheasant, que sabia ser, de todo aquele mal, o pior.

Naquele dia da primeira semana de Setembro, Renny viera almoçar. Se tivesse sabido a tempo, Pheasant teria mudado de vestido, mas viu-o apenas ao chegar, de corrida, à mesa, pois receava estar atrasada.

- Desculpe... - começou ela, mas parou ao ver a alta figura, um pouco curvada pelo cavalgar continuado, o rosto magro, quase cor de mogno e os cabelos iluminados pelo sol.

- Olá, Pheasant - Renny aproximou-se e apertou-lhe a mão. - Onde te tens escondido? Não te tenho visto na estrada desde que o teu *poney* morreu.

Pheasant, com a outra mão, escondeu o alfinete de segurança que prendia um rasgão do pullover. Havia qualquer coisa no contacto de Renny que lhe inspirava confiança e, esquecendo logo o alfinete, sorriu-lhe com alegria.

- Pobre *Jock*! - exclamou Maurice. - Morreu de repente, mas já tinha mais de trinta anos. Depois de se sentarem, acrescentou pensativo: - Nunca esquecerei a minha satisfação quando mo deram. Lembras-te Renny? Claro, tu já tinhas um e bem bonito. Mas não me parece que qualquer garoto tenha gostado tanto de um cavalo como eu de *Jock*. Não éramos criadores de cavalos como vocês - Whiteoaks - e *Jock* foi para mim uma enorme surpresa.

Pheasant cerrou as pálpebras, para esconder as lágrimas que lhe assoavam aos olhos. E dizia para si própria: "Gostava tanto dele! Mas se bem me lembro, nunca se preocupou com ele, e quando morreu... E as lágrimas caíam-lhe pelas faces. Nenhum dos homens reparou em tal, ocupados ambos a comer, com apetite, o guizado fumegante que tinham à sua frente.

- Agora é o meu pequeno Wakefield - disse Renny - que reclama um *poney* e tenciono dar-lho quando fizer anos.

- Então - respondeu Maurice - se Wake o apreciar, pelo menos metade do que eu apreciei *Jock*... Meu Deus, como gostei daquele cavalo!

Com as costas da mão Pheasant limpou as lágrimas. Levou um pouco de carne à boca e endireitou-se. Renny, fitando-a com um olhar penetrante declarou:

- Tenho uma ideia.
- Nunca te conheci com falta de ideias. - comentou o amigo.
- Mas esta é boa. Deves lembrar-te daquela pequena égua que comprei, há dois meses. Tenciono apresentá-la no concurso hipico, na categoria de cavalos de sela, para senhoras, mas preciso de alguém para a montar. Claro que Piers podia fazê-lo, mas eu gostava de alguém com mais leveza. Como se fosse uma silfide... Acho que estavas mesmo bem, Pheasant.
- Eu? Mas eu ficaria aterrorizada.
- Ela é mansa como um cordeiro, de maneiras perfeitas.
- Não tenho medo dela, mas da assistência.
- Porquê? Haviam de gostar de ti. Vá, diz que experimentas.
- Pheasant não sabe montar - interveio Maurice.
- Montei, durante toda a minha vida! - exclamou Pheasant, com veemência.
- No velho *Jock!*
- Eu ensino-a e depressa verei se ela é capaz.
- Queres experimentar? - perguntou Maurice.
- Estou com medo... mas gostava de tentar.
- Esplêndido! - exclamou Renny. - Vem comigo depois do almoço e veremos se serás capaz de montar no concurso.

Pheasant já nem sentia apetite, e logo que pôde escapou-se para o quarto. Os dois homens distraídos a beber o café, só o notaram quando ela já ia na escada. Renny gritou:

- Veste depressa o fato de montar, sim? Tenho de me ir embora.
- Sim, vou já.

A correr pela escada acima, Pheasant ia pensando como gostava de ter uns calções novos. Os dela estavam muito usados, já com um rasgão no joelho. Perguntava a si própria se Piers estaria lá e quase não o desejava. Já era bastante ter de montar um cavalo de concurso sob o olhar de Renny Whiteoak e ouvi-lo dizer, como provavelmente aconteceria, que ela apenas servia para montar o velho *poney*.

Enquanto se dirigiam para Jalna, no velho carro salpicado de lama, Renny ia falando da nova égua, como era mansa e da maneira de treinar e montar cavalos de concurso. Raras vezes Pheasant tinha transposto os portões de Jalna, mas sabia - demasiadamente bem - que o seu nascimento fora a causa do rompimento do noivado do pai com Meg Whiteoak. A ideia de que a sua vinda ao mundo tinha ensombrado duas existências dava-lhe uma sensação de triste responsabilidade e simultaneamente de orgulho romanesco. Jalna tinha para ela um ar de mistério, de elegância, de vida extraordinária.

Floss, a cadela *spaniel*, sentada sobre as patas traseiras no banco traseiro e com as dianteiras apoiadas nos ombros de Renny e Pheasant, erguia de vez em quando o focinho, para lambe a orelha do dono. As vezes ele exclamava: "Abaixo, *Floss*." Ela arreganhava os beiços num trejeito amuado, mas, sem se deixar convencer, voltava novamente a acarinhá-lo.

O carro parou diante da porta aberta da cavalaria e Scotchmere, o velho criado de pernas arqueadas, veio ao encontro deles. Tinha na mão um frasco de linimento que agitava com ar distraído e depois levava ao nariz, para cheirar.

- É *Miss Vaughan* - explicou Renny, ao ajudar Pheasant a descer do carro. Vou ensiná-la a montar.

Era a primeira vez na vida que a tratavam por *Miss* e Pheasant esforçou-se por apresentar um ar digno. Mas Scotchmere, arreganhando os dentes, apenas respondeu:

- Oh! Já nos conhecemos. Uma vez tirei uma pedrita do casco do seu poney, não tirei?

Quem quer que tivesse feito alguma coisa por Jock era um amigo para Pheasant.

- É verdade, foi muito amável.

Entraram na cavalaria, muito asseada, fresca e quase vazia, pois os cavalos, excepto três, andavam na tapada e no campo. Um deles era um grande baio castrado, cujas patas Scotchmere estivera a friccionar; o outro, uma égua que devia parir nesse dia, estava numa manjedoura separada, com palha fresca. Impaciente, agitava-se com nervosismo, parecendo que os seus olhos queriam saltar-lhe da cabeça. Ao ver Renny, soltou um relincho ansioso.

- Está bem, velhota. Venho já tratar de ti.

Foi para a outra manjedoura que Renny levou Pheasant.

- Cá está ela, *Silken Lady*. Espero que te apaixones por ela.

A égua olhou-os a direito, com uma espécie de interesse distinto.

- Não sei se me atreva a entrar - disse Pheasant.

- Claro. É um anjo de bondade. Sele-a, sim, Scotchmere?

Pheasant tocou o costado lustroso da égua, que baixou a cabeça como que humildemente, mas conservando orgulhosa a curva do pescoço. Scotchmere pôs-lhe a sela e o freio e levou-a para fora, com as suas magras pernas arqueadas, dentro de pesadas botas, em contraste flagrante com a beleza do animal.

Pheasant esqueceu Piers. Todo o seu ser se concentrava no desejo de poder manter-se na sela. Estavam agora no exterior, pisando o solo arenoso, respirando o ar ensolarado dos últimos dias de Verão. Da tapada, chegava até eles o ruído dos cascos dos cavalos.

- Vamos agora ver o que os rapazes estão a fazer - Propôs Renny - e depois levo-te a dar uma volta.

Na tapada desenrolava-se uma animada cena. Pela primeira vez Pheasant via, juntos, todos os irmãos Whiteoaks - Renny a seu lado, Eden, encostado à palissada, a falar com Wright, o moço das cavalaria. Nunca esquecera o seu encontro com ele, no bosque, quando era uma rapariguinha. Tinha-o achado diferente de todas as pessoas que conhecia e durante meses conservara na memória tudo o que ele lhe dissera e que tanto excitara a sua imaginação. Oh, conhecê-lo melhor, agora que era mais velha! Passear com ele, de mãos dadas, como nesse dia e tentando falar com ele. Mas agora Eden apenas lhe fazia um distraído aceno e voltava logo os olhos para os cavalos que andavam a treinar.

- Dois cavalos muito bons - comentou Renny. - Espero que façam grandes coisas no concurso hípico.

Como eram belos, galopando ao longo da pista e saltando os obstáculos. A égua, *Silken Lady*, parecia observá-los com olhares apreciadores, como se julgasse capaz de fazer melhor logo que tivesse oportunidade. Pheasant viu que um dos cavalos era montado por um moço e o outro por Piers, que, ao vê-la, se tornou carrancudo, como a querer negar a breve intimidade entre ambos. Mas, ao tornar a passar diante dela, fitou-a nos olhos, e Pheasant compreendeu que ele a recordava. Olhou rapidamente para Renny, procurando descobrir se ele vira o olhar de Piers, mas ele apenas fixava o cavalo prestes a saltar, o vigor das patas traseiras, a maneira como dobrava as dianteiras para franquear a barreira. Observava Piers a deslocar-se sobre o cavalo, a ligeireza com que se elevava nos estribos. Riu para Pheasant.

- Um belo par. E um belo salto, não?

- Sim! São maravilhosos!

Esperava que Piers se aproximasse deles, mas desmontou mais longe e, de costas voltadas, pôs-se a arranjar a cilha do cavalo. Trouxeram a Renny o cavalo ruão e Eden juntou-se-lhes, com o pequeno Wakefield, dependurando-se-lhe nos braços, a tentar levá-lo para brincar. Finch, recostado na paliçada, sorriu tímidamente para Pheasant. "Não parece melhor do que um moço das cavalaria", pensou ela, "com a camisa rasgada e uma palha na boca." Ali estavam todos - tantos! - e ela sem um único irmão.

- Agora - disse Renny - vou pôr-te a cavalo.

- Vou eu - E Eden ajudou-a a montar. Ela estava nervosa e montou desastrosamente - Não tenhas medo, é muito mansa. Afinal, de que se trata?

Renny apreciava, com olhar perspicaz, a rapariga e a égua.

- Vão treinar-se para o concurso. Olha como ambas ficam bem! - Montou a cavalo; o ruão começou a andar e a égua seguiu-o com delicada condescendência.

O receio de Pheasant desapareceu. Não sabia que um cavalo pudesse andar assim, com tal graça, tal â-vontade. Avançaram lentamente ao longo do caminho e Pheasant, perguntando a si própria se os outros estavam a observá-la, firmou-se muito direita na sela para compensar a maneira infeliz como montara. Seguiram pelo bosque, onde as amoras sobressaíam das moitas, os fulvos esquilos iam mordiscando as bolotas ainda verdes e as boninas surgiam quando o sol brilhava através dos ramos das árvores.

Por fim Renny pensou que Pheasant já estaria apta para um galope. Sentiu-se tão feliz então que desejava cantar e o ruído surdo dos cascos parecia, aos seus ouvidos, a mais doce melodia. Sentia que Renny a compreendia, que a égua a compreendia como, até aí, nunca fora compreendida. Mas desejava que Piers pudesse vê-la.

- Agora, que tu e *Lady* já se conhecem, podemos acabar a primeira lição. Podes voltar amanhã?

- Posso. Nunca tenho compromissos.

- Isto não vai continuar assim fácil, sabes? Tens de trabalhar a valer.

- Não me importo.

- Com o treino vais tornar-te uma boa amazona - Renny olhou-a vivamente com a aprovação e continuou: - Deves vir todos os dias, logo que o tempo o permita. Se eu não estiver, Wright olha por ti.

Quando regressaram, já não estava ninguém na tapada. A tarde caía lentamente. Wright aproximou-se e, segurando os cavalos, disse em voz baixa, para Renny:

- A égua está a parir.

- Adeus, Pheasant - E, dando-lhe uma palmada no ombro, Renny recomendou: Vem amanhã de manhã. Agora vai-te embora. Foste uma boa menina.

Os dois homens dirigiram-se para as cavalaria.

"Puf... ", murmurou Pheasant. "Isto é que é vida. Aqui, em todos os instantes acontece qualquer coisa. Estou convencida disso."

Wakefield aproximou-se a correr.

- Gostas de pêras? Toma uma. Um pássaro picou-a, mas ainda está boa.

- Obrigada. Onde estão Piers e Finch?

- Finch vem aí!

Finch apareceu detrás da pereira. Um sorriso trocista animava-lhe o rosto ao dizer:

- Piers vem já. Foi mudar de camisa e lavar-se, para fazer desaparecer o cheiro das cavalaria. Quer que esperes por ele.

Por qualquer motivo esta recomendação provocou em Wakefield um ataque de riso. E foi dançando ao longo do caminho, sempre a rir. Pheasant ficou embaraçada.

- Piers disse isso?

- Claro - E Finch ria também. - Quer aparecer-te o mais bonito possível.

Hesitante, Pheasant ficou imóvel, sem saber que pensar, nem que fazer. À sua frente erguia-se a casa, aquela casa em que julgava nunca entrar enquanto Meg Whiteoak vivesse. Meg, que teria casado com o pai se ela não tivesse nascido. A sua direita descia o caminho para a ravina, por onde podia seguir sem encontrar nenhum dos Whiteoaks.

Mas Piers vinha a saír de casa, com camisa e calções brancos.

- Olha para ele, - troçou Finch. - Não está mesmo uma beleza?

Wakefield quase sufocava de tanto rir e repetia:

- Não está uma beleza? Não está uma beleza?

Mas calaram-se ambos quando Piers se aproximou. Com um pequeno sobressalto, como que surpreendido por encontrar ainda Pheasant, perguntou com ar indiferente:

- Como te arranjaste na tua lição?

- Muito bem.

- Vais continuar?

- Acho que sim.

Viu-lhe a pêra na mão.

- Onde arranjaste isso? - E tirou-lha da mão - Não está boa, já picada pelos pássaros. - Atirou-a fora e voltou-se para Finch: - Vai buscar outras melhores.

- Oh! Essa era esplêndida. As nossas não têm nem metade desse tamanho.

- São as melhores da região - respondeu Piers, franzindo a testa. E assim continuou, enquanto Finch, com ridícula vivacidade, se precipitava para a pereira e se punha a colher pêras, como se a sua vida dependesse disso. - Não são precisas tantas, meu tolo!

Wakefield trepou à pereira e dependurou-se dos ramos como um macaco, a gritar:

- Pêras maduras! A tostão cada!

Das que Finch trouxe Piers escolheu uma dúzia.

- Vou levar-tas - E com ar importante, pôs-se a descer a ravina, ao lado de Pheasant.

- Como estão teus tios? - perguntou ela, em tom de conversa.

- Bem, obrigado.

- E a avó?

- Esplêndida para a idade dela.

- Deve ser maravilho ter avó e tios.

- Acho que sim.

- E uma irmã e quatro irmãos!

- Eu passava bem sem os dois mais novos.

- Oh, não digas isso. Pode acontecer-lhes alguma coisa.

- És supersticiosa?

- O destino segue-nos sempre. - E Pheasant falava como a Sr^a. Clinch.

Piers perguntou a si próprio se gostava realmente dela. Já estava aborrecido por ter vestido as calças brancas, e súbitamente sentiu-se furioso contra Finch por causa dos seus olhares trocistas. Achava-se ridiculo, com aquelas pêras na mão. Queria dá-las a Pheasant e acabar com tudo aquilo.

Passaram pela cancela na extremidade do relvado e desceram pelo ca-

minho que levava até à ponte. À entrada ficaram hesitantes, até que Pheasant se decidiu a passar primeiro. O rio ia tão baixo que ficava quase escondido pelas plantas, ávidas da sua humidade. Uma das espadanas tinha rebentado e a sua penugem macia brilhava na sombra da ravina.

- Foi ali que vi a cobra. - disse Pheasant, apontando o lugar.

- Voltaste cá?

- Sim.

- Viste mais alguma?

- Não, mas uma vez vi-te, a ti.

Piers, inexplicavelmente satisfeito, soltou uma risada.

- Que estava eu a fazer?

- Nada... encostado à ponte.

- Parecia um tolo, não?

- Não. Parecias... pensativo.

- Pensativo? Pensamentos demasiadamente profundos para serem traduzidos em palavras, aposto...

- Gostas de poesia?

- Meu Deus, não! E tu, também não?

Pheasant sentiu que devia dizer que não, mas, como era naturalmente franca, respondeu:

- Não gosto de muitos poemas, só dalguns.

- Sim, claro, há alguns bons - concordou Piers. - Como *The Revenge* e *Horatius*.

- Também gosto muito desses - E o seu rosto resplandecia. - Dão-me a sensação de força e de coragem.

Agora Piers sentia que gostava dela.

- Sentamo-nos aqui um pouco? Está agradável e podemos comer as pêras.

Sentaram-se no rebordo da ponte, com as pernas a bambolear. Piers deu-lhe as pêras.

- Agora podes começar a comer.

Fitaram-se nos olhos, sorrindo um para o outro.

- Come uma também.

- Não, são para ti.

- Come. Não como se não comeres. As pessoas têm um ar tão desagradável quando comem fruta - fruta sumarenta.

- Sim? Nunca reparei. - E Piers, tirando a mais pequena, começou a comê-la o dedo mindinho no ar, com exagerada delicadeza. - Tenho um ar desagradável?

Pheasant corou.

- Já estou arrependida de te ter dito isso.

- Tenho um ar desagradável? - insistiu Piers.

Pheasant foi obrigada a confessar:

- Não... tens um bonito aspecto.

Ficaram ambos embaraçados, a comer as pêras em silêncio, até que Piers propôs:

- Vamos comê-las todas. Amanhã dou-te mais.

- Estou esfomeada. Comi pouco ao almoço e... fui tão feliz. Ser feliz faz ter fome, não achas?

- Nunca pensei nisso.

- Eu já, muitas vezes.

- Tu pensas muito, não?

- Sabes... tenho muito tempo para pensar - respondeu Pheasant, serenamente. Não sou como tu.

- Reamente, tenho pouco tempo para pensar. - disse Piers, com vivacidade, como homem de acção. A sua mão queimada pelo sol, procurou a dela.

- Mas tenho pensado muito em ti, desde... tu sabes quando.

Ficaram calados, de mãos dadas. Passados alguns momentos, Piers quis retirar a sua, mas não sabia como. Podia parecer que se queria ir embora. Mas, se a deixasse ficar... Pheasant resolveu tudo, retirando a sua, docemente.

- Eden continua a ler-te os seus versos?

- Não, graças a Deus! Temos outros assuntos para conversar.

- Ah! - Pheasant parecia surpreendida e interessada.

Piers sentiu um irresistível desejo de contar-lhe tudo a respeito do lago Índigo, mas dominou-se e terminou por dizer:

- Eden tem boas ideias. Qualquer dia vamos ganhar uma porção de dinheiro.

- É maravilhoso!

- Não sei. Mas é natural que um rapaz tente melhorar de situação, enquanto é novo.

- Acho que sim. A Sr^a. Clinch diz que é prudente aproveitar as ocasiões.

- Sabes muitos provérbios, não sabes?

- A Sr^a. Clinch diz que haveria menos miséria no mundo se as pessoas os observassem.

Piers olhou-a entre severo e divertido.

- Olha, és muito nova, para estar sempre a citar a Sr^a. Clinch.

- Então quem devo citar? Tu? - respondeu Pheasant, garrida.

- É uma boa ideia. Cita-me a mim.

Como que vinda do ribeiro, envolveu-os uma atmosfera de doce intimidade. Um pouco ofegante, Piers propôs:

- Vamos andando?

Com um aceno, Pheasant concordou e puseram-se a subir o caminho escarpado que levava da ravina até uma pequena alameda e que, depois de atravessar um campo, seguia até casa dos Vaughans. Na alameda Piers enlaçou a cintura de Pheasant. Uma agradável sensação de vigor invadia todo o seu ser. Simulando não reparar, Pheasant perguntou:

- Que vai Eden fazer com o dinheiro?

- Viajar. Quer ir à Itália.

- E tu? - Voltou os olhos para ele, que reparou então como eram belos.

- Tenho outros projectos - E Piers soltou uma pequena gargalhada - Contento-me em ficar aqui, se...

- Se...

- Se souber que há alguém que se importa bastante comigo.

Pheasant não pôde responder. Ele atraçou-a com mais força e beijaram-se uma vez mais, mas rapidamente, tímidamente.

- Voltarás a Jalna amanhã?

- Volto.

Ficaram frente a frente, fitando-se nos olhos.- Olhos que não exprimiam desejo, mas uma radiante surpresa, como se se descobrissem, um no outro.

- Então adeus.

- Adeus.

- Amanhã voltaremos por este caminho.

- Está bem.

- Não te aborreceste, pois não?

- Oh, não!

- Adeus - Tinha ouvido Eden, ao teletone, tratar alguém por "minha pequenina",

e, depois de alguns instantes de hesitação, acrescentou -... minha pequenina.

Quase a correr, afastou-se dela. Continuou até à ravina e, radiante de alegria e vigor, em vez de atravessar a ponte, saltou sobre o ribeiro, como branca silhueta alada. Um pouco ofegante, começou a subir o caminho escarpado.

IX

TIA AUGUSTA E DILLY

Desejo de Piers era proteger Pheasant, pronto a bater-se por ela, se acaso houvesse alguém com quem lutar. Essa sensação de amor, nova para ele, tornava-o agressivo, um pouco como o peru que, no relvado, abria a vistosa cauda com um ruído áspero, sacudia os rubros corais e andava à roda da perua favorita. Mas ninguém o provocava. Imóvel, no verdejante relvado diante da casa, que combates imaginaria ele? A perua de plumagem luzidia soltava, para si própria, suaves glus-glus.

Piers ficou a observá-los, sem saber que fazer. Todo vestido de branco, nesse dia já não podia voltar a trabalhar, mas bem merecia algum descanso quem, como ele, labutara todo o Verão. Ao ver Finch, a flunar pelo pátio, lembrou-se da sua ridícula conduta quando colhia as pêras, do que ele tinha dito com ar tão trocista e irritante e sentiu que devia fazer qualquer coisa. Atravessou o relvado, enquanto o peru, com grande dignidade, se afastava para o deixar passar. Finch sorriu, desconfiado, ao reparar na expressão dos olhos de Piers.

- Estavas a julgar-te engraçado, não?
- *Engraçado?* Quando?
- Sabes muito bem. Tenho bom ouvido e ouvi-te dizer que estava uma beleza.
- E então? Não estavas?
- Mesmo nada.
- Mas...-gaguejou Finch - Não quis ofender-te... nada disso.
- Julgas que gosto que me chames beleza?
- Julguei que não te importasses.
- Então porque te calaste quando me aproximei?
- Eu... não sei. Sinceramente, Piers.

Piers aproximou-se mais e empurrou o irmão contra a parede. Finch fazendo trejeitos de aflição, ia aguentando o peso do corpo musculoso de Piers, que o fitava, a rir-se. Finch não falava, não gemia, resolvido a não dar ao irmão a satisfação de ouvi-lo, fizesse ele o que fizesse. Mas, apesar do seu desejo, soltou um suspiro ansioso, como se lhe faltasse o ar.

A porta da casa abriu-se e apareceu o irmão mais velho, que ergueu as sobrancelhas ao ver o aspecto de Finch.

- Que é isso?
- Nada - respondeu Piers, afastando-se de Finch, que ficou colado à parede.

Renny, ao olhar para o rosto corado de Finch, percebeu que este se tinha magoado.

- Não sois ambos da mesma força. Quanto a ti, Piers, se queres lutar com alguém, experimenta comigo.

Os dois rapazes fitaram-no, calados. A sua autoridade, quase militar, impunha-se.

- Lembrem-se que estão cá a tia Augusta e *Miss Warkworth* e a tia não gosta de brutalidades.

- Gosta a avó - replicou Finch, com voz belicosa. - Endireitou-se e pôs-se a esfregar o ombro dorido.

- A avó gosta - riu Renny - mas a tia não.

- Porque trouxe ela aquela rapariga? - perguntou Finch.

- Sei lá.

- Sei eu. - interveio Piers.

- Então, porquê?

- Tu não gostas se eu disser.

- Não me importo.

- Para casar contigo. E rica.

Renny deu uma pequena gargalhada e voltou-se para entrar em casa. Finch perguntou:

- Que estão elas a fazer agora?

- A tomar chá. Vocês já estão atrasados. Vai arranjar-te, Finch. Tu estás muito elegante, Piers.

- Pensei que devia agradar à tia.

Apesar do ombro magoado, Finch deu uma gargalhada trocista. Renny voltou-se para ele.

- Levanta o braço, para eu ver.

Com um trejeito de dor, Finch ergueu o braço. Um ligeiro sorriso cavou duas covinhas nas faces tostadas de Piers. Renny observou-lhe:

- Não voltes a fazer isto. - Empurrou levemente Finch: - Vai lá acima arranjar-te - E seguiu-o para o vestíbulo.

- Não me apetece tomar chá. - resmungou Finch.

- Piers magoou-te muito?

- Não, mas... é por causa daquela rapariga.

- Vai pentear-te. A rapariga nem repara em ti.

- Quanto tempo se demora?

- Um mês ou mais. É ainda nossa parente. A mãe dela era uma *Whiteoak*.

- Meg disse que ela esteve doente.

- Nada de cuidado; um desgosto de amor.

- Meu Deus! Já teve tempo de melhorar. Quantos anos tem?

- Vinte e cinco.

- Com essa idade já devia ter juízo.

O chá fora servido no salão, a mesa guarnecida de torradas, compota de morango, biscoitos e tostas com passas, pastéis folhados de gengibre e um bolo, coberto de *glacé*. Assenhoras, com a presença das duas visitas, eram em maior número do que habitualmente. A mais velha, única filha de *Adeline Whiteoak*, era *Lady Buckley*, cujo marido, já falecido, herdara uma baronia. O seu título fora sempre um motivo mais de irritação do que de orgulho para a mãe que, como neta de um marquês irlandês empobrecido, considerava insignificante uma baronia inglesa que tinha apenas duas gerações; e dizia muitas vezes não concordar com títulos. Contudo, nunca deixava de mencionar o nome do avó aos novos conhecimentos e, apesar de desmemoriada e de avançada idade, não esquecia tal facto.

Lady Buckley, com mais de setenta anos, tinha uma figura imponente.

tão alta e magestosa quanto a mãe, curvada pelo peso da idade, se tornara vacilante. Usava ainda o cabelo, espesso e castanho arruivado, com trança, à rainha Alexandra, e os vestidos também à moda daquela época. Tinha a pele um pouco macilenta e os olhos salientes e escuros, davam a impressão de que viam sempre tudo desagradável. Contudo, era de indole bondosa e, para toda a família, de uma dedicação incansável. Passara toda a sua vida de casada em Devonshire, mas visitava Jalna com frequência. Durante essas visitas, a velha Adeline tornava-se irascível ou, como Meg dizia, presumida. Era o que acontecia nesse momento em que estava a comer mais bolos do que devia e a beber chá, com grandes gorgolejos.

A rapariga que acompanhava *Lady Buckley* era Dilly Warkworth, uma prima afastada que vivia em Yorkshire. Estivera doente, embora o seu rosto redondo não mostrasse qualquer indicio, mas o médico aconselhara-lhe uma viagem por mar. Como se encontrava de visita a *Lady Buckley*, esta convidou-a a ir a Jalna. Os cabelos encaracolados de um tom castanho-escuro, os olhos claros de uma cor indecisa e a tez tão delicada, pareciam tornar insignificantes as suas feições.

Quando Finch entrou na sala, a tia exclamou:

- Como este rapaz cresceu nestes dois anos! E está mais bonito.
- Gosto de ouvi-la dizer isso. - disse Meg. - O pobre rapaz está numa idade ingrata e é bom que saiba que está a melhorar. - Levantou a voz, como se Finch fosse surdo. - A tia Augusta acha que estás com muito melhor aspecto.

Wakefield interrompeu-a:

- A tia não disse *muito melhor*. Disse só *melhor*.

Augusta acariciou-lhe o cabelo.

- Neste não há falta de beleza, mas é tão frágil!

E Meg, com tristeza:

- É verdade. A sua saúde dá-nos tantos cuidados! O coração, sabe...

Renny franziu as sobrancelhas.

- Não falem disso à frente dele.

Miss Warkworth pôs Wakefield na cadeira, ao lado dela.

- Não te importes, também sou pouco saudável.

Wakefield ergueu os olhos para ela.

- Acho que é boa e bonita.

Dilly riu e abraçou-o.

- Porque está ela a rir-se? - perguntou a avó a Ernest. - Quero saber o gracejo.

- Chut, mamã. Não é um gracejo.

- Quero mais bolo, do escuro e pegajoso. - Ernest deu-lho - Diz a Eden que quero falar com ele.

Eden, ao ouvi-la, aproximou-se e sentou-se-lhe ao lado, recomendando-lhe, em voz baixa:

- Lembre-se vóvó, nada de palavras indiscretas.

Adeline riu.

- Nem uma palavra. Mas ouve. Esta rapariga tem muito dinheiro.

- Por amor de Deus, cale-se!

- Convince-a a meter-se no negócio. Porque não? - teimou Adeline.

- Está bem, mas não podemos falar nisso agora. Tome mais chá.

- Pois sim, obrigada. - Voltou para a rapariga o rosto aquilino emoldurado pela touca cheia de laços: - Esta terra é maravilhosa, não é? Um rico país, com minas de ouro.

- Sim, já ouvi falar nisso.

- Ouviu mencionar alguma mina em especial?
- Não, apenas que era uma grande terra para especuladores.

Nicholas e Ernest divertiam-se com o súbito interesse da mãe por aquele assunto. Nenhum deles sabia que o outro, ou ela, tinham colocado dinheiro no lago Índigo. Eden sentia-se quase apavorado.

A avó continuou:

- O que deve fazer, minha filha, é casar aqui. Tem por onde escolher, mesmo cá em casa. Faça investimentos num marido e numa mina de ouro.

Eden, pela centésima vez, desejava nunca ter falado naquele assunto. Em certas ocasiões chegava a pensar que a avó se divertia a apoquentá-lo. Contudo teve o bom senso de não continuar com aquela conversa, mas Eden estava convencido de que qualquer dia a avó não resistiria à tentação de falar abertamente. Esperava que nessa altura já tivesse dinheiro suficiente para passar um mês, ou mesmo dois, na Europa. O total das suas economias perpassava-lhe constantemente pelo espirito, em algarismos dourados. Mas, pensando na tia e na visita, perguntava a si próprio porque não lhes daria a oportunidade de aumentar os seus rendimentos. Na sua estadia anterior, ouvira *Lady Buckley* dizer que depois da guerra alguns dos seus investimentos não rendiam tanto como anteriormente. Era até para lamentar que toda a família não colocasse tudo o que possuía na mina de ouro. Especialmente Renny, que andava sempre preocupado por causa do dinheiro. Mas era inútil tentar convencê-lo.

Lady Buckley perguntou a *Wakefield*:

- Ainda dás lições com *Miss Pink*?
- Não, tia *Augusta*. Agora é minha irmã *Meg* quem me ensina.
- E gostas de estudar?
- Sim, tia.

"Que bonitas maneiras!" pensou *Meg*, toda orgulhosa. Mas *Finch* olhou para o irmão mais novo com ar desdenhoso. Presunçoso hipócrita, sempre a preguiçar com os deveres e a estadear a sua fragilidade!

- E ainda recitas versos? - E, ao inclinar-se para o sobrinho, *Lady Buckley* fez tilintar os diversos colares de azeviche e de âmbar que lhe guarneciam o peito, sólidamente apertado no corpete.

- Sim, tia. Sei alguns novos.
- Ah, sim? E se recitasses agora, para *Miss Warkworth* te ouvir?

Wakefield desceu imediatamente da cadeira e, tirando do bolso um lenço todo amarrotado, limpou os lábios.

- Que sejam pequenos - resmungou *Finch*, em voz baixa. Recebeu logo, em paga, um discreto mas bem apontado pontapé na canela.

Wakefield, magro mas bonito, com os seus cabelos encaracolados e grandes olhos escuros, muito direito, começou a recitar sem hesitações, na sua vozita aflautada:

A Água

Firmando-se no rochedo com as fortes garras,
 Quase junto do sol, nas regiões desertas,
 Está só, rodeada pela imensidade azul.
 Lá em baixo rola o mar encapelado.
 No píncaro da montanha ela vigia
 E, qual raio veloz, lança-se sobre a presa.

- Obrigada. Muito, muito bem recitado! - exclamou Lady Buckley.
- Oh! Que engraçado! - acrescentou Dilly. - Era o estribilho da moda em Londres, e que ela empregava, a torto e a direito. Contudo, Meg não achou que fosse expressão apropriada para elogiar a habilidade do irmãozito e o seu belo rosto exprimiu o seu desapontamento.
- Não chamo a isso poesia - comentou a avó. - "Lançou-se como um bolo velho!" Quando se ouviu tal coisa? Porque é que Meg não lhe ensina coisas mais sensatas?
- Não é bolo, é raio - corrigiram diversas vozes. Mas ela preferia a sua versão e, repetindo a palavra diversas vezes, acrescentou: - Há muito tempo que não como uma fatia de bolo de passas. Manda fazer um, Meggie. Gosto muito.
- Espero que não ache a sua estadia aqui muito maçadora - disse Eden a Dilly.
- Depois de Londres...
- Oh, é muito engraçado! - E riu alegremente.
- Não acha minha avó extraordinária para a idade?
- Oh, é extremamente engraçada!

Eden, fitando-a nos olhos, perguntou a si próprio que haveria naquela cabeça. Se tinha tido um desgosto de amor, suportava-o muito bem. Dilly olhou para Wakefield, sentado nos joelhos de Renny, e perguntou:

- Não é saudável? Não parece muito forte.
- Não é, não. Renny levou-o, há poucos meses, a um especialista que lhe encontrou uma afecção cardíaca. Receamos não o poder curar, mas é provável que passe quando crescer.
- Que lindos olhos tem! Aliás, como toda a família, embora sejam muito diferentes uns dos outros.
- Não acha Piers parecido com Meg?
- Ah, ele sim. Que engraçado!

As janelas estavam abertas e as cortinas agitavam-se brandamente. A luz do sol, que os ramos das velhas árvores, ao balouçar espalhavam em manchas douradas, brilhava no tabuleiro de prata, no pesado bule de louça azul e dourada, no mogno polido do contador que encerrava curiosidades da Índia, nos anéis da avó, cujas mãos, acabado o chá, descansavam no regaço. Fazia realçar também os pontos mais gastos do tapete, os rasgos do estofado da cadeira de Ernest, feitos pelas unhas aguçadas de Sasha (como os cabelos de Ernest estavam a rarear nas temporadas!), um arranhão no dedo de Renny, duas-borbulhas no queixo de Finch, o estranho tom arruivado do cabelo de Lady Buckley.

Aproximando-se de Eden, Dilly Warkworth murmurou:

- Fale-me de seu irmão mais velho. Estou tão contente por ter vindo!

NOVOS ACCIONISTAS

ma sensação de riqueza, como há muitos anos não se sentia em Jalna, emanava de todos os felizes accionistas do lago Indigo. Adeline Whiteoak, pouco inclinada a gastos supérfluos, mudara de hábitos a tal ponto que chegava a alarmar os filhos. Augusta apenas desejava uma recordação da mãe, depois da sua morte, mas esperava ardentemente que Ernest - o irmão predilecto - fosse o principal herdeiro e as grandes despesas que a velha senhora estava a fazer pareciam-lhe absurdas. Depois de alguns anos de gastos mínimos, pois tinha vestuário suficiente para o tempo que ainda viveria, decidira súbitamente comprar um novo casaco de peles.

- Mas, mamã - observou a filha, - Meg disse-me que o seu casaco de lontra ainda está em bom estado. Não lhe parece que ainda pode usá-lo?

- Está fora de moda. Quero outro mais moderno.

- Já não veste esse casaco, há uns cinco anos. - Interveio Nicholas. - Bem sabe que nunca sai no Inverno.

- Mas este ano quero sair.

- E se ganhar uma constipação?

- Não apanharei se tiver um casaco novo, bem quente. - De súbito lembrou-se de qualquer coisa - Onde está a minha velha jaqueta de marta e o regalo? Quero vê-los.

- Já não se lembra - disse Ernest - que os deu a mãe dos pequenos? Era fraca e ressentia-se com o frio dos nossos Invernos.

- Ah, já me lembro! Mas ela morreu. Onde está a jaqueta?

- Usei-a durante algum tempo - respondeu Meg. - Mas já estava antiquada e roída das traças.

- A pele de marta está outra vez na moda. - disse a avó, com súbita manha. - Talvez seja melhor comprar um casaco de marta.

- Mas o seu casaco não é de lontra de Hudson, é lontra verdadeira. Deve contentar-se com ele. - gritou Meg.

- Porquê?

- As peles são muito caras.

- Tenho muito dinheiro. E estou a ganhar mais, digo-te eu.

Ainda de nada suspeitavam, mas não podiam deixar de reparar como o seu espírito estava mais vivo, mais lúcido do que habitualmente. Além de exigir que lhe enviassem vários casacos para escolher, começou a falar noutras despesas - um tapete novo para o quarto, pratear algumas antigas peças de casquinha (Que importa que o cobre apareça, mamã isso só prova que são autênticas Sheffield!), estofos novos para as cadeiras da sala de jantar, almofadas novas para os bancos da Igreja. Claro que tudo isso era apenas falar, mas não deixava de ser grave e bastante assustador.

Eden, de tantos sustos que apanhava pelas continuas referências da avó aos seus ganhos, terminou por não se importar com as consequências. De facto

mal podia refrear o riso ao ver a avó abrir as asas, como antigamente, e os receios da família. Quando se encontrou a sós com ela, abraçou-a com vivacidade.

- Não nascemos ontem, pois não, vovó?

E ela, encantada com a juventude e frescura do neto, acariciou-lhe o cabelo claro e beijou-o nas faces macias.

Nicholas e Ernest sentiam-se tentados a revelar um ao outro as suas actividades financeiras, mas tinham apregoado tantas vezes a sua resolução de não voltar a especular, que ambos retardavam a confissão, até terem acumulado quantias mais substanciais. Mas Ernest não pôde resistir a confiar o segredo à irmã. *Lady Buckley* lamentava-se do enorme aumento do imposto de rendimento, e ele, no tom afectuoso que ela tanto apreciava, replicou: - Querida Gussie, parece-me disparate que te apoquentes com isso, quando tens ao teu alcance, os meios de tudo remediar.

Augusta ergueu as sobrancelhas negras e arqueadas, com ar interrogador.

- Acções mineiras. Lago Indigo. Ouro.

- Mas, Ernest...

- Não pretendo forçar-te, mas deixa-me contar a minha pequena história. E lembra-te que é confidencial. Soube desta mina pelo Eden, que encontrou, por mero e feliz acaso, um corretor que tinha acções para vender. Por intermédio de Eden fiz um investimento de cinco mil dólares e - devo confessar-te que praticamente, já dupliquei o capital! - Os seus olhos azuis brilhavam de prazer.

- Nicholas sabe disso?

- Só eu e Eden. Os americanos compram tantas acções que duvido ainda haja algumas, mas - se houver - acho que o melhor que tens a fazer é...

Com toda a sensatez, Augusta atalhou:

- O que devias fazer, Ernest, era vender, enquanto as cotações estão altas e guardar os lucros.

Ernest não pôde deixar de sorrir à ideia de Augusta o aconselhar.

- Não, não. Pelo menos, enquanto não tiver feito um bom negócio.

- Mas já fizeste.

- Ora. Quero dizer um negócio *realmente* bom. Gussie, é uma oportunidade esplêndida. Permite que Eden venha explicar-te tudo!

Augusta concordou. Eden, que já adquirira o tom profissional de um corretor experimentado, ficou encantado por poder mostrar à tia as brochuras, brilhantemente coloridas, que representavam a mina do lago Indigo, em exploração.

Augusta não pôde resistir à persuasão conjunta de Ernest, Eden e das brochuras. Possuía algumas acções de uma companhia de caminhos de ferro canadiana que vendeu, por intermédio de Eden. Quis ter uma conversa com Kronk, para julgar por si mesma que espécie de homem seria e saber por ele próprio todos os pormenores. Eden não hesitou em arranjar essa entrevista, convencido de que Kronk era capaz de despertar a mais absoluta confiança no espírito de qualquer especulador. E não se enganava.

Ostensivamente, Augusta pediu a Eden que a acompanhasse ao dentista e, formando um par singularmente harmónico, dirigiram-se para a cidade, no velho carro familiar. Augusta era demasiadamente sincera para mentir e foi de facto ao dentista, mas a consulta limitou-se a limar a dentadura, que a magoava um pouco. Ao dirigir-se para o escritório de Kronk sentia-se animada por uma agradável sensação de aventura.

Nas traseiras de um edificio bastante antiquado, Kronk tinha instalado

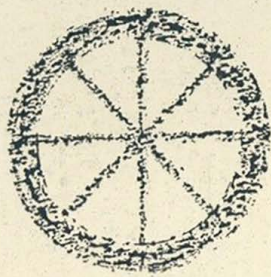
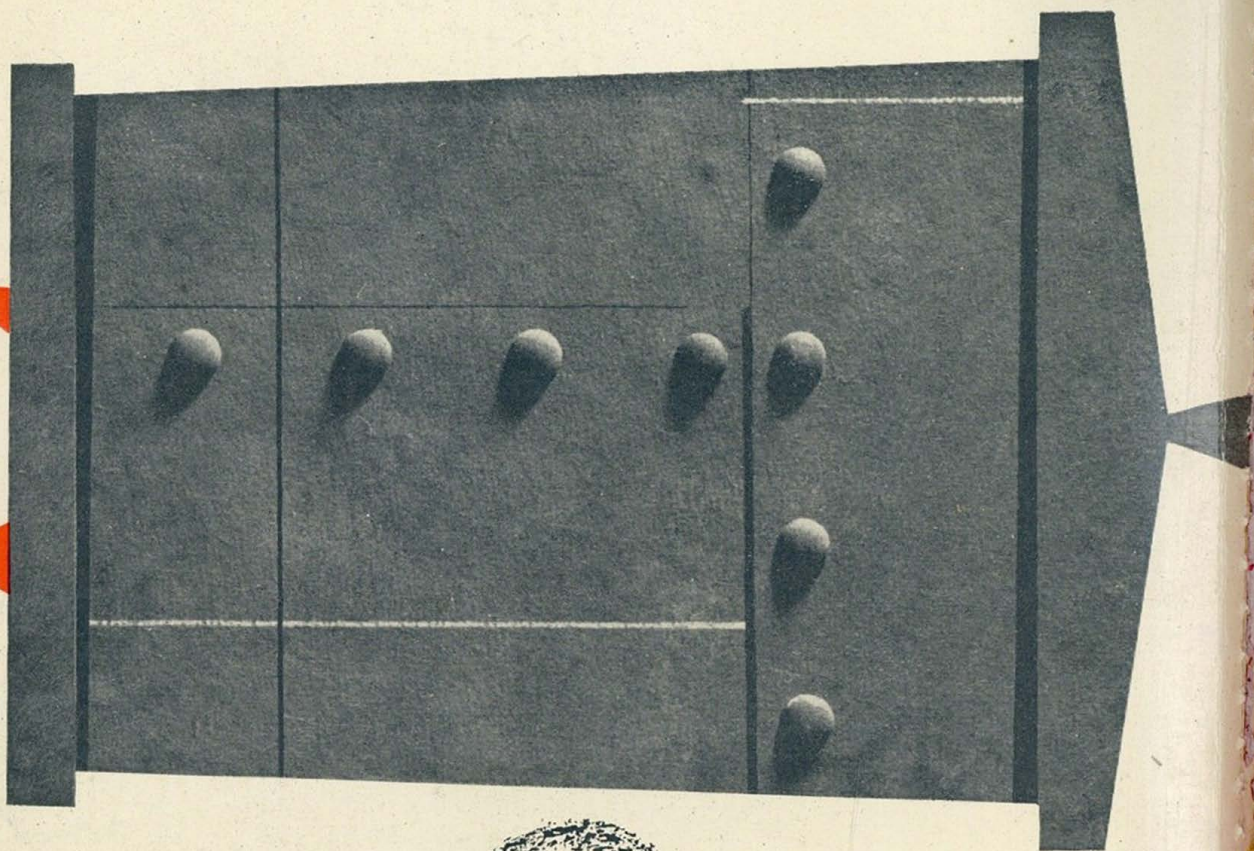




casa

artes
gráficas

ortuguesa



Em 1953, um grupo constituído pelas maiores personalidades do Pensamento europeu discutiu em Roma as bases essenciais da unidade cultural, as realidades e os mitos, que enformam uma ideia da Europa. De Gasperi, Dennis de Rougemont, Kleffens, Toynbee, Friedlander, Gabriel Marcel, Hans Raupach, Kowarski, Robert Schuman, e tantos e tantos outros especialistas de primeiro plano nos domínios da arte, da filosofia, da política e da ciência, analisaram sob os mais curiosos aspectos o que vem a ser a «Realidade Europa» no mundo actual, qual a sua definição e as tarefas que se lhe propõem.

EUROPA E EUROPEUS é o balanço dessa discussão, organizado por uma das maiores autoridades no campo do Pensamento contemporâneo, **MAX BELOFF** e por alguns dos seus colegas de Oxford. Essa circunstância basta para que a obra seja considerada como um documento de máxima importância para a compreensão da nossa actualidade histórica e constitua, em muitas questões, uma prevenção aos homens que estão construindo o nosso futuro. **EDITORA ULISSEIA**